

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL  
DIRECÇÃO-GERAL DO ENSINO SUPERIOR E DAS BELAS-ARTES  
MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

# O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS

SÉRIE III

VOL. I

LISBOA

1 9 6 7

O ARQUEÓLOGO  
PORTUGUÊS

O ARQUEÓLOGO  
PORTUGUÊS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL  
DIRECÇÃO-GERAL DO ENSINO SUPERIOR E DAS BELAS-ARTES  
MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

# O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS

SÉRIE III

VOL. I

LISBOA

1967



## SUMÁRIO

G. ZBYSZEWSKY e O. DA VEIGA FERREIRA	
Acerca duma «Tholos» encontrada em Castro Marim ... ..	11
ABBÉ J. ROCHE e O. DA VEIGA FERREIRA	
Les fouilles récentes dans les amas coquilliers mésolithiques de Muge, 1952-1965 ...	19
J. R. MARINHO	
Um dinar inédito de Tamim batido em Málaga em 476 H. ... ..	43
MARGARIDA RIBEIRO	
Eiras — Elementos para o estudo tipológico da construção rural ... ..	49
D. FERNANDO DE ALMEIDA e O. DA VEIGA FERREIRA	
Um poço lusitano-romano descoberto em Idanha-a-Velha ... ..	57
G. ZBYSZEWSKY e O. DA VEIGA FERREIRA	
La station paléolithique de Tojeira (Cós) ... ..	65
D. FERNANDO DE ALMEIDA e O. DA VEIGA FERREIRA	
Fechos e placas de cinturão, hallstáticos, encontrados em Portugal ... ..	81
A. A. TAVARES	
Ofiolatria ... ..	97
NOTÍCIAS ... ..	107
BIBLIOGRAFIA ... ..	121
SCARLAT LAMBRINO	
Catalogue des inscriptions latines du Musée Leite de Vasconcelos ( <i>Continuation</i> )	123
MARGARIDA RIBEIRO e FERNANDO PORTUGAL	
Índices (Onomástico, Geográfico, Assuntos, Gravuras, Errata) ... ..	219



## ACERCA DUMA «THOLOS», ENCONTRADA EM CASTRO MARIM

Por

G. ZBYSZEWSKI

e

O. DA VEIGA FERREIRA

### I — INTRODUÇÃO

Nos apontamentos antigos arquivados no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, encontrámos indicações referentes a uma «tholos» inédita situada a 800 m para NW da Igreja de Castro Marim.

A descrição, muito sumária, parece ter sido feita pelo antigo colector dos Serviços Geológicos, António Mendes, ajudante de campo de Carlos Ribeiro. É a conclusão a que chegámos depois de comparar o tipo de letra dos apontamentos referidos com os outros relatórios daquele colector relativos às escavações das grutas de Palmela (1).

Numa folha de papel encontrámos desenhados a planta e dois cortes dos esteios maiores da câmara.

A planta apresenta doze esteios, sendo dois de grande tamanho e os outros pequenos e mais ou menos iguais na forma, em planta.

A jazida do material encontrado está localizada no lado direito da câmara quando se entra. O corredor está esboçado para SE. Pensamos que nunca foi explorado tal qual sucedeu nas escavações realizadas por A. Mendes nas grutas artificiais de Palmela, como Marques da Costa (2) referiu quando retomou as escavações.

(1) V. Leisner, G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, «Les grotte artificielles du Casal do Pardo (Palmela) et la culture du vase campaniforme. *Mem. Serv. Geol. de Portugal*, n. 8, N. S. 60 p., 4 fig., 10 est. de desenhos, 22 est. Lisboa, 1961.

(2) A. I. Marques da Costa, «Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. *O Archeologo Português*, vol. VII e vol. VIII, 9 est. Lisboa, 1902-1903.

A descrição de A. Mendes (?) para a «tholos» de Castro Marim é a seguinte: «Este monumento mede mais ou menos uma circunferência de 12 m <sup>(2)</sup>. As pedras assentam sobre a superfície da terra e o entulho que cobria os objectos era só uns 0,30 m. Nenhuma destas pedras tem aparelho (sic) pertencem à localidade sendo só duas lagens (sic) e as mais quási ponteagudas.»

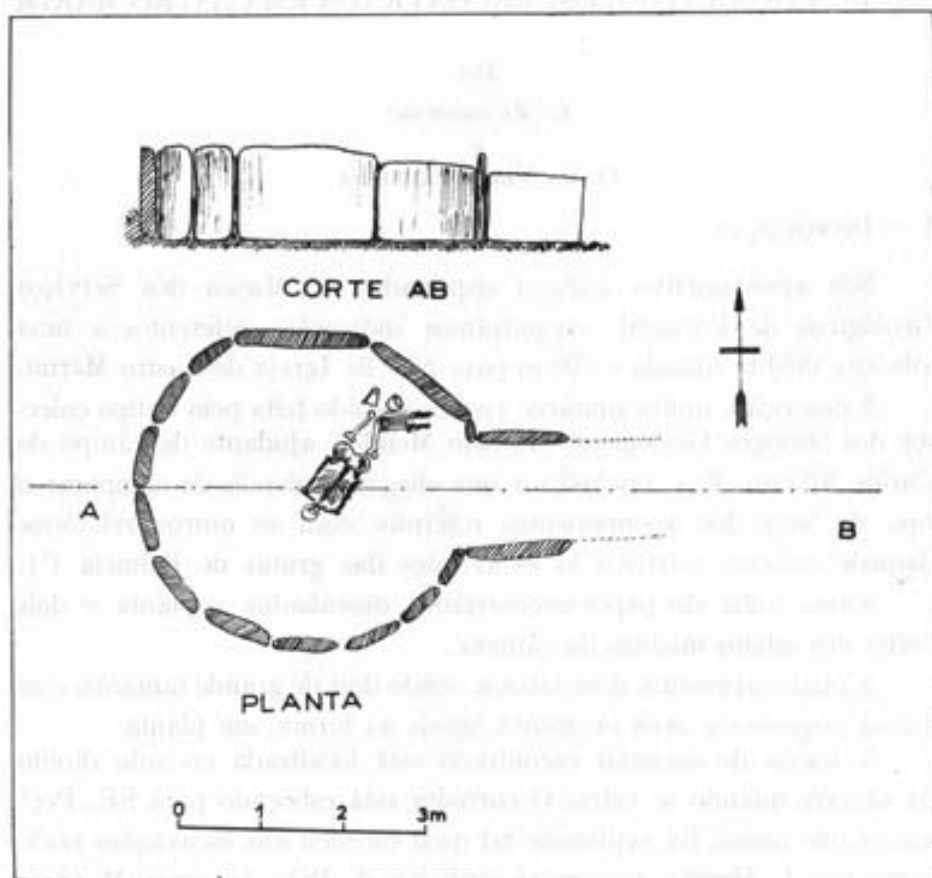


Fig. 1

Planta e corte da «Tholos» de Castro Marim com a indicação do único esqueleto encontrado apenas pela posição das duas tibias. O pouco material encontrado estaria aos pés do inumado.

(2) A circunferência quer dizer o perímetro. O diâmetro deve andar à volta dos 3 metros como é habitual neste tipo de «tholos».

Ficamos sem saber qual a natureza dos esteios mas, pela situação geográfica que ocupa Castro Marim e por comparação com os monumentos do Baixo Alentejo, deve tratar-se de xisto ou de grauvaque.

A referência aos esteios assentes na terra, faz-nos pensar no tipo de «tholos» exploradas no Baixo Alentejo, por exemplo, no Monte do Outeiro (Aljustrel) (\*) onde os esteios da câmara constituíam, por assim dizer, o revestimento do hipogeu escavado no terreno.

A. Mendes diz que «as duas grandes lagens» (sic) eram a cabeceira da câmara, mas isso não pode ser, pois as «tholoi» não tinham cabeceira como, os monumentos megalíticos da Cultura dolménica do Alto Alentejo, por exemplo.

## II — ESPÓLIO RECOLHIDO

### A) *Indústrias*

#### a) INSTRUMENTOS DE QUARTZO.

— lâmina ligeiramente encurvada. Comprimento 125 mm; largura: 23 mm;

— cinco lascas de diversos tamanhos sem retoques.

#### b) PEÇA DE GRAUVAQUE.

— pequena mó que tem de um e outro lado uma concavidade que serviu de bigorna. 90 × 80 mm; espessura 28 mm.

#### c) INSTRUMENTOS DE COBRE (\*).

— pequena lâmina não retocada. Comprimento: 33 mm; largura: 13 mm; espessura: 5 mm;

— 4 fragmentos diversos.

---

(\*) A. Viana, R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira, «Um túmulo de «tipo alcalarense» nos arredores de Aljustrel». *Revista de Guimarães*, vol. LXI, fasc. 3-4, 10 p., 1 fig., 6 est. Guimarães, 1961.

(\*) Na colecção dos Serviços Geológicos não encontramos este material.



Construções funerárias do tipo «Tholos» exploradas em Portugal, a sul do rio Tejo.

B) *Placas de xisto*

— dois fragmentos de uma placa de xisto com moldura à volta.

C) *Cerâmica lisa*

— parte de um grande vaso semi-esférico, completado no laboratório revelando uma urna de bordo direito.

Abertura: 20 mm; altura: 122 mm.

D) *Osos humanos*

— duas tíbias humanas que pela sua posição no túmulo, nos deram a indicação da tumulação.

O material encontrado por A. Mendes e conservado numa das vitrinas da sala de arqueologia do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, não é de forma alguma típico de qualquer idade com a excepção do vaso cerâmico conhecido nas «tholoi» do Baixo Alentejo, como por exemplo, no monumento da Herdade do Montenegro (\*).

No entanto a construção do monumento é típica das grandes «tholoi» do Sudeste espanhol que se estenderam até o Alto Alentejo.

As últimas descobertas deste tipo de monumentos situam-se perto do Escoural (Montemor-o-Novo) (†).

Nos mapas junto situámos todas as indicações de «tholoi» exploradas ou a explorar de que temos conhecimento até o presente. Vê-se que, em relação a alguns anos atrás, onde apenas se conhecia o monumento de Vale de Rodrigo, as descobertas se multiplicaram numa maneira impressionante dando agora a certeza que a cultura do Sudeste espanhol teve uma larga dispersão no nosso Alentejo.

---

(\*) A. Viana, G. Zbysewski, R. Freire de Andrade, A. Serralheiro e O. da Veiga Ferreira, «Contribuição para o conhecimento da arqueologia megalítica do Baixo Alentejo», *I Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, Lisboa, 1959.

(†) O Dr. Farinha dos Santos explorou uma «tholos» nesta região onde encontrou muitos elementos de tipo almeriense incluindo vasos ornamentados com tatuagem facial. Muito agradecemos a este amigo e colega as suas generosas informações.

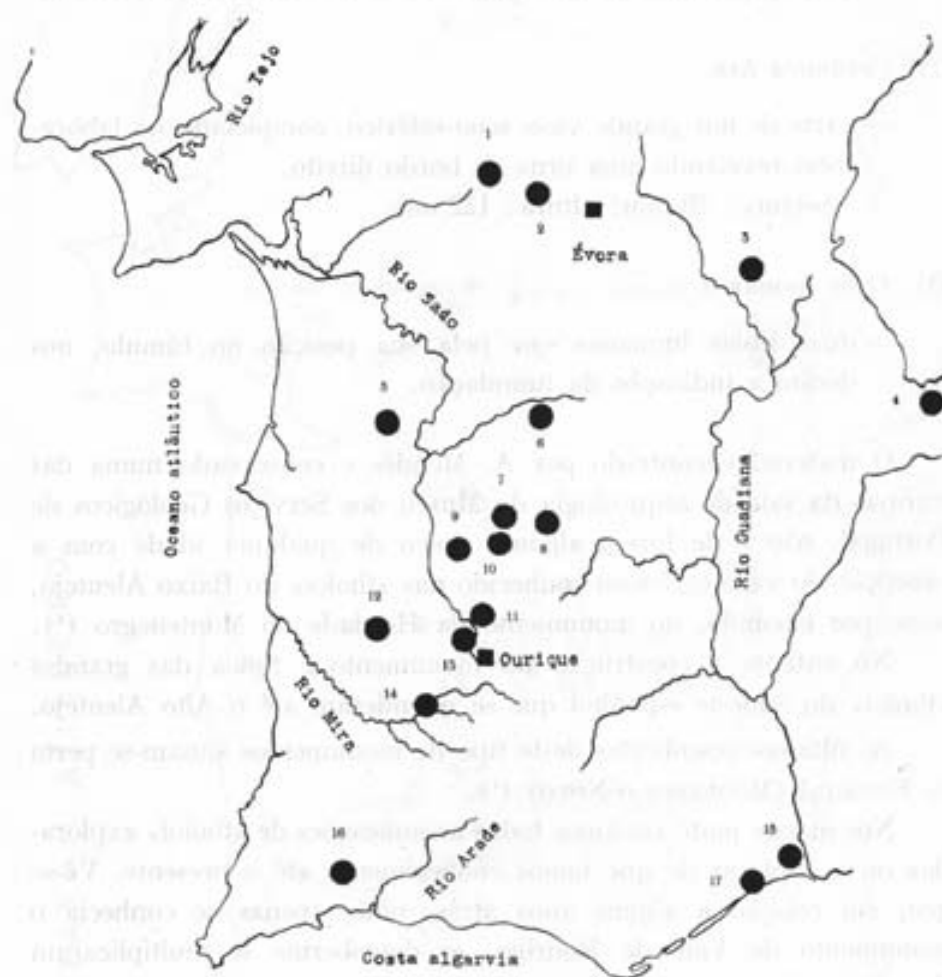


Fig. 2

Mapa do Sul de Portugal com indicação dos monumentos de falsa cúpula descobertos até o presente: 1 — «Tholos» do Escoural; 2 — Monumento de Vale de Rodrigo; 3 — «Tholoi» da Comenda e da Farisoa; 4 — Monumentos de Barrancos; 5 — Monumentos do Lousal; 6 — «Tholos» de Odiveias; 7 — «Tholos» do Monte do Outeiro; 8 — «Tholos» do Monte das Pereiras; 9 — «Tholos» do Malha Ferro; 10 — Monumentos de Messejana; 11 — «Tholoi» do Monte Velho e do Cerro do Gatão; 12 — «Tholos» de Colos; 13 — «Tholos» de A-dos-Tassos; 14 — «Tholos» da Nora Velha; 15 — «Tholos» de Castro Marim; 16 — Monumentos de falsa cúpula de Alcalar e Monte Velho; 17 — «Tholos» de Marcela.

Como já dissemos mais duma vez (\*) a importância das jazidas mineiras de cobre, de ouro e de prata será talvez responsável pela vinda dos povos mineiros da região de Almeria-Almizaraque.

A descoberta recente de «tholoi» na região de Barrancos (†) e a escavação já antiga de Castro Marim, perto da foz do Rio Guadiana, parecem vir confirmar a nossa opinião.

Desde longa data o Guadiana deveria ter constituído uma via de comunicação segura que atravessava a árida planície alentejana e que seria para os mineiros de então duma importância extraordinária na recolha de minérios necessários à sua incipiente indústria mineira.

A situação desta «tholos» em Castro Marim parece vir confirmar esta hipótese .

#### RÉSUMÉ

Les auteurs de la présente note donnent connaissance de la découverte, dans les archives des Services Géologiques du Portugal, d'un manuscrit du collecteur A. Mendes. L'article comprend une énumération des objets recueillis, qui se trouvent actuellement dans les collections des Services Géologiques. Il est accompagné par un plan du monument et par une carte donnant la distribution géographique des tholoi dans le Sud du Portugal.

#### SUMMARY

The authors present an old document from the Geological Survey, which is a study of an eneolithic «tholos» situated in the neighbourhoods of Castro Marim (Algarve). They describe the characteristics of the monument and the implements which have been found, at the end of last century, by the collector António Mendes. A map of Southern Portugal shows the distribution of the «tholos» in that region.

---

(\*) Vidé trabalhos dos autores sobre monumentos megalíticos do Baixo Alentejo e ainda de O. da Veiga Ferreira, «La Culture du Vase campaniforme au Portugal». (Tese de doutoramento) *Mem. Serv. Geol. de Portugal* n.º 12, Lisboa, 1966.

(†) Devemos esta informação ao Dr. Jacinto Perdigão, geólogo dos Serviços Geológicos de Portugal, que descobriu algumas «tholoi» nesta região durante os trabalhos de levantamento geológico. Estas sepulturas ainda não foram exploradas. Muito agradecemos a este amigo as preciosas informações que nos servirão numa próxima publicação.



## LES FOUILLES RÉCENTES DANS LES AMAS COQUILLIERS MÉSOLITHIQUES DE MUGE (1952-1965)

Par

J. ROCHE

et

O. DA VEIGA FERREIRA

Le village de Muge est situé dans la basse vallée du Tage, à environ 60 km au Nord-Est de Lisbonne en plein coeur de la province du Ribatejo. Il est bordé par la rivière de Muge qui se jette dans le Tage un kilomètre plus loin environ.

Les amas coquilliers mésolithiques (*concheiros*) sont situés de chaque côté de la rivière en amont du village. Ils étaient anciennement au nombre de quatre: Moita do Sebastião, Cabeço da Amoreira, Cabeço da Arruda et Fonte de Padre Pedro.

Moita do Sebastião se trouve sur la rive gauche, à 4 km du confluent de la rivière et du Tage et à 3 km à l'Est du village de Muge, au lieu dit «Fonte da Burra». Il est situé sur une éminence qui domine de trois côtés la plaine inondable de Muge, étant seulement accessible au Sud par une mince bande de terre. Selon F. DE PAULA E OLIVEIRA, en 1884, le gisement avait une superficie de 300 m<sup>2</sup> et la hauteur des dépôts atteignait 2,50 m. En 1952, le site ayant été arasé, l'amas de coquilles avait la forme d'une ellipse dont le grand axe (Nord-Ouest, Sud-Est) avait 60 mètres de longueur et le petit axe (Nord-Est, Sud-Ouest) 50 mètres de long. L'épaisseur des couches

était très variable: de 0,15 m dans certaines régions centrales du gisement à 0,50 m à l'extrémité de certaines tranchées.

Sur la même rive, en amont de Moita do Sebastião, à 600 m environ de distance, il y a Cabeço da Amoreira. Le gisement est situé sur une butte plongeant au Nord et à l'Est sur le marais mais très accessible à l'Ouest et au Sud. L'amas coquillier a une forme elliptique, le grand axe (Nord-Sud) ayant 90 mètres de longueur et le petit axe (Est-Ouest) 50 mètres de long. La hauteur maximum des dépôts est de 3,25 m.

Sur la rive droite de la rivière de Muge, à 5 km en amont du village se trouve l'amas coquillier de Cabeço da Arruda. En 1863, F. A. PEREIRA DA COSTA le décrit comme ayant la forme d'un cordon long de 95 mètres, large au maximum de 40 mètres et dont la hauteur du remplissage atteignait au moins 5 mètres. Il est situé à 8 mètres au-dessus du niveau moyen de la rivière, parallèlement à la rive. Actuellement, sa largeur est d'une vingtaine de mètres en moyenne mais la hauteur maximum des dépôts est de 5 mètres. Le gisement se prolongeait sur une petite presqu'île en direction de l'Est, où l'on pouvait observer, il y a encore quelques années, les restes d'un atelier de taille de quartzites. L'emplacement du site permet une surveillance facile du marais sur une longueur de plusieurs kilomètres mais sa faible élévation par rapport au niveau de la rivière le rend très vulnérable aux crues exceptionnelles qui peuvent atteindre la moitié de la hauteur du remplissage.

Nous ferons simplement mémoire de l'amas coquillier de Fonte de Padre Pedro qui était également situé sur la rive droite de la rivière de Muge, à 1700 m du village. Il a été détruit en 1880 lors de la plantation d'une vigne.

C. RIBEIRO découvrit en 1863 les amas coquilliers de Muge et fit une première prospection. En 1865, F. A. PEREIRA DA COSTA fouilla à Cabeço da Arruda, en 1880, C. RIBEIRO à Moita do Sebas-

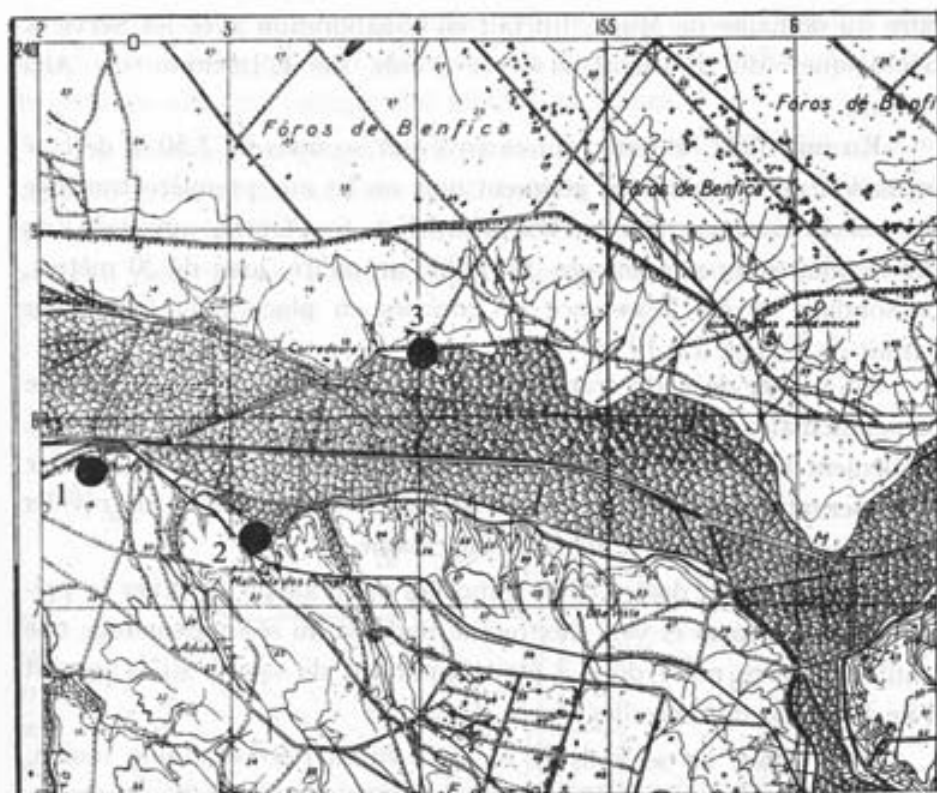


Fig. 1

Carte des environs de Muge avec l'indication de l'emplacement des amas coquilliers.

1 — Moita do Sebastião; 2 — Cabeço da Amoreira; 3 — Cabeço da Arruda

tião, Cabeço da Arruda et à Fonte de Padre Pedro, en 1884-1885 F. DE PAULA E OLIVEIRA à Moita do Sebastião, Cabeço da Arruda et à Cabeço da Amoreira. Quarante cinq ans plus tard, le Professeur MENDES CORREIA et ses collaborateurs de l'Institut d'Anthropologie de l'Université de Porto (R. DE SERPA PINTO, J. R. DOS SANTOS JÚNIOR et A. ATAÍDE) fouillèrent à Cabeço da Amoreira de 1930 à 1933 et à Cabeço da Arruda en 1937.

En 1952, le site de Moita do Sebastião étant menacé de destruction rapide, le Professeur MENDES CORREIA nous demanda d'en assurer la fouille. Ce travail, rendu possible grâce à la générosité et à l'appui bienveillant de Madame la Marquise de CADAVAL, proprié-

taire du domaine de Muge, fut fait en collaboration avec les Services Géologiques du Portugal et avec l'aide de L'Instituto de Alta Cultura.

En juin 1952, le terrain fut carroyé par sections de 2,50 m de côté en raison de l'étendue du gisement puis on fit une première tranchée de reconnaissance selon un axe Nord-Est, Sud-Ouest, qui était l'un des diamètres du remplissage. Large de un mètre, long de 30 mètres, ce sondage révéla l'existence de couches en place dont l'épaisseur variait de 0,11 m à 0,19 m.

Au milieu de cette tranchée de reconnaissance et selon un axe perpendiculaire (Nord-Ouest, Su-Est) on ouvrit un second sondage. Egalement large de 1 mètre, long de 40 mètres, il permit de vérifier les observations déjà faites et eut surtout le grand intérêt de révéler em H. 13 la présence d'un fond de cabane.

Au croisement de ces deux tranchées on avait pu observer la présence de sépultures et vers l'extrémité Sud-Est du second sondage une lentille de terre noire dont il était important de savoir s'il s'agissait d'un foyer ou de nouvelles traces d'habitat.

A cet effet, les sections R-T. II-12 firent l'objet d'une fouille. En cette partie marginale du gisement, le remplissage était plus épais, pouvant atteindre 1,80 m par place. C'est en ce point qu'il convenait donc de conserver un témoin. Cette fouille a permis d'observer l'existence de deux foyers successifs qui ont respectivement 0,90 m et 1,50 m de diamètre.

La seconde campagne eut lieu d'avril à juin 1953. Elle avait pour but de compléter les indications stratigraphiques déjà connues par les fouilles de l'année précédente, de délimiter l'étendue des couches archéologiques, de dégager les sépultures et le fond de cabane.

Le Sud et l'Ouest du gisement furent largement décapés. A l'Est, les sections L-N. 13-15 furent fouillées.

Ces travaux permirent le dégagement des sépultures et d'un ensemble complexe de traces d'habitat (fosses, trous de poteaux, silos...) d'un intérêt exceptionnel.

En fin de campagne, il fut décidé d'effectuer 6 sondages en puits

de 1 mètre de côté pour délimiter approximativement l'étendue des couches archéologiques en place dans la direction Nord-Est. Nous retrouvâmes ainsi les vestiges des fouilles anciennes.

La troisième campagne dura de mai à juin 1954. La région Nord-Est du gisement fut totalement décapée et les limites du remplissage archéologique définitivement délimitées. Le dégagement des sépultures et celui des vestiges d'habitat fut achevé. Un important témoin en S-T . 9-18 fut ménagé.

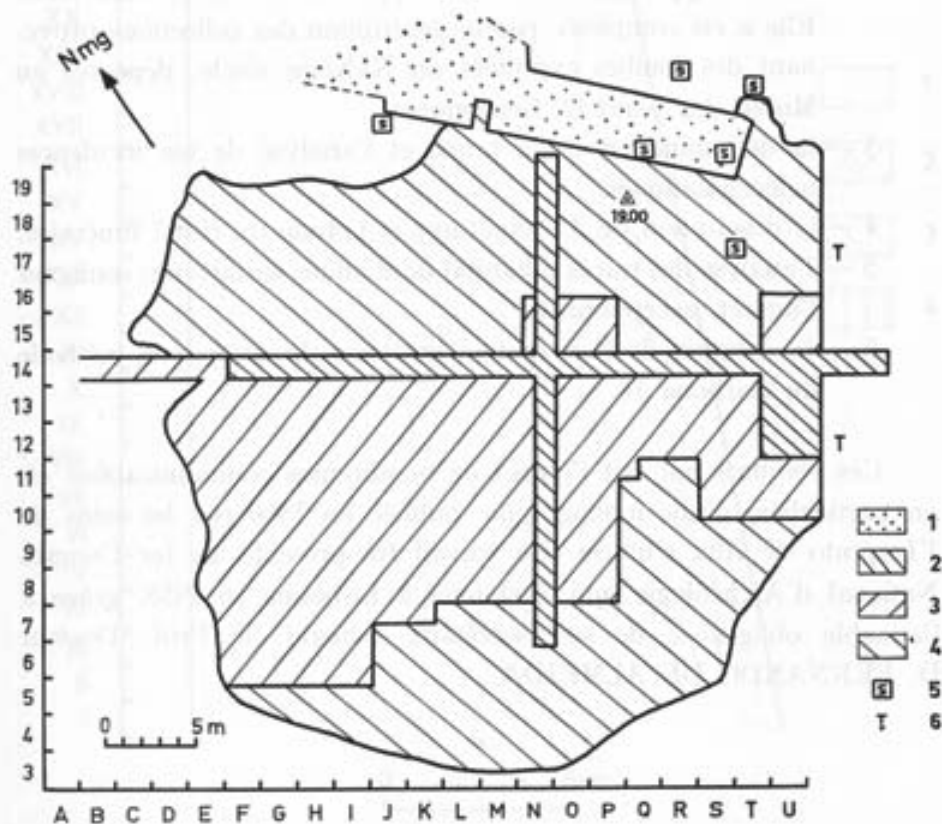


Fig. 2

Moita do Sebastião. Plan des fouilles. 1 — emplacement des fouilles anciennes; 2 — campagne 1952; 3 — campagne 1953; 4 — campagne 1954; 5 — sondage; 6 — témoin.

Grâce à l'obligeance de Madame la Marquise de CADAVAL, nous pûmes entreprendre des travaux de protection. Le témoin fut muré puis recouvert de terre, les restes d'habitat chimiquement consolidés et leur moitié Sud-Ouest recouverte par une construction qui permet de les observer tout en les défendant contre les causes de destruction.

Le bilan de ces trois campagnes de fouilles était tout à fait positif. Nous avons pu établir :

- 1 — une étude de la stratigraphie du site limitée aux couches inférieures, les autres ayant disparu.
- 2 — l'étude typologique et statistique des industries recueillies. Elle a été complétée par la description des collections provenant des fouilles exécutées au XIX<sup>ème</sup> siècle, déposées au Musée des Services Géologiques.
- 3 — la détermination de la faune et l'analyse de ses incidences paléoclimatiques.
- 4 — la description de 33 sépultures et l'étude du rituel funéraire.
- 5 — l'analyse des traces d'habitat dont on ne saurait trop souligner l'intérêt exceptionnel.
- 6 — la datation de l'occupation ancienne du site par la méthode du Carbone 14.

Ces résultats ont fait l'objet de nombreuses communications et, en particulier, d'une monographie publiée en 1960 par les soins de l'Instituto de Alta Cultura. Ce travail fut présenté au I<sup>er</sup> Congrès National d'Archéologie, qui s'est tenu à Lisbonne en 1958, grâce à l'aimable obligeance de son secrétaire Général, le Prof. Docteur D. FERNANDO DE ALMEIDA.

Peu de temps avant sa mort, survenue en janvier 1960, le Professeur MENDES CORREA nous demanda de reprendre des fouilles à Cabeço da Amoreira. Une partie très importante du remplissage

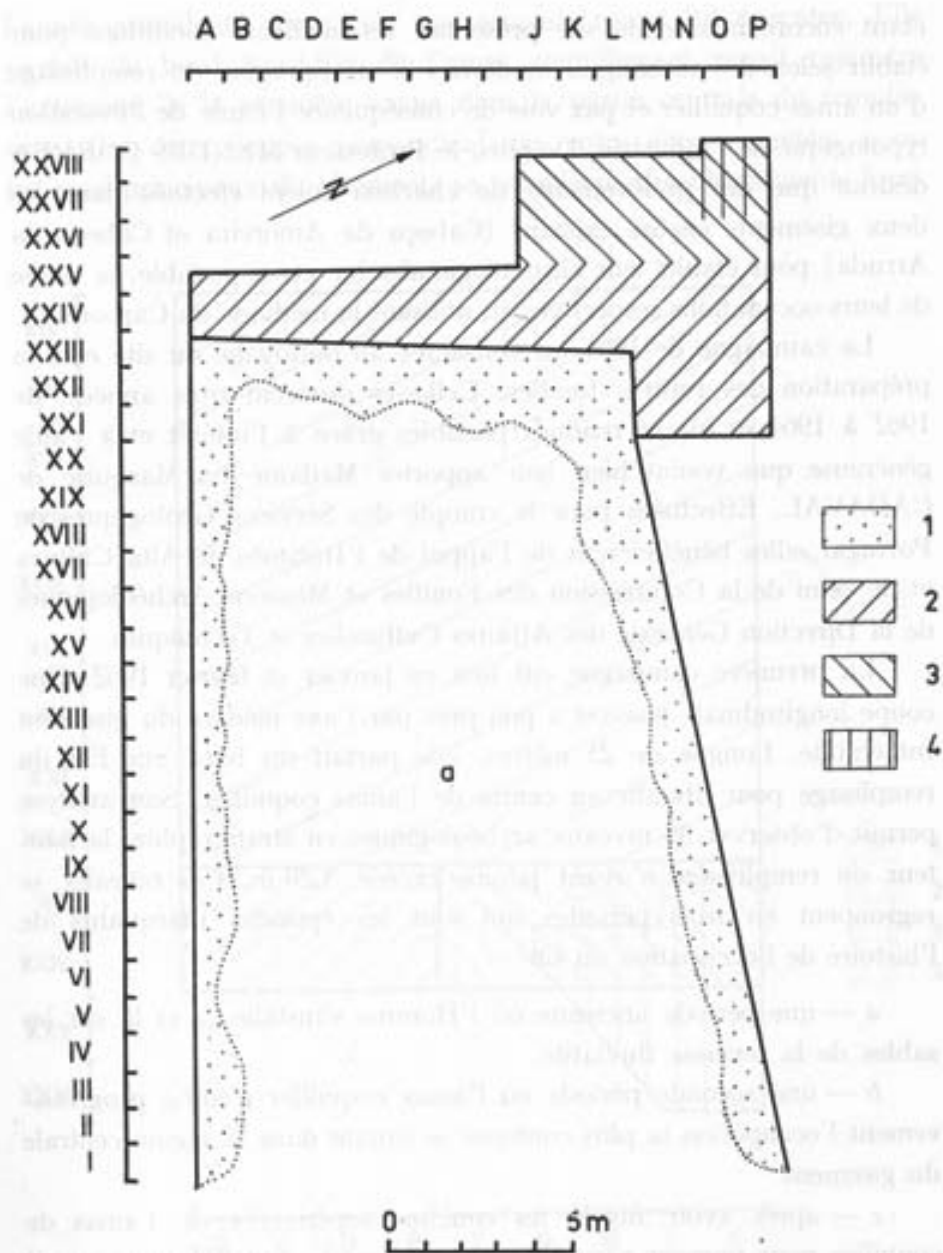


Fig. 3

Cabeçó da Amoreira. *Plan des fouilles*. 1 — campagne 1961; 2 — campagne 1962; 3 — campagne 1963; 4 — campagne 1964; a — ancienne tranchée de fouilles.

étant encore intacte, le site présentait les meilleurs conditions pour établir selon des techniques modernes la stratigraphie du remplissage d'un amas coquillier et par voie de conséquence l'étude de l'évolution typologique de l'industrie. De plus, le Professeur MENDES CORREA désirait que des prélèvements de charbon soient effectués dans les deux gisements encore existant (Cabeço da Amoreira et Cabeço da Arruda) pour établir leur chronologie absolue et, si possible, la durée de leurs occupations respectives en utilisant la méthode du Carbone 14.

La campagne de 1961 fut consacrée au nettoyage du site et à la préparation des futures fouilles. Celles-ci durèrent trois années, de 1962 à 1964 et furent rendues possibles grâce à l'intérêt et à l'aide généreuse que voulut bien leur apporter Madame La Marquise de CADAVAL. Effectuées pour le compte des Services Géologiques du Portugal, elles bénéficièrent de l'appui de l'Instituto de Alta Cultura et de celui de la Commission des Fouilles et Missions Archéologiques de la Direction Générale des Affaires Culturelles et Techniques.

La première campagne eut lieu en janvier et février 1962. Une coupe longitudinale passant à peu près par l'axe médian du gisement fut établie. Longue de 25 mètres, elle partait du bord Sud-Est du remplissage pour aboutir au centre de l'amas coquillier. Son analyse permit d'observer 39 niveaux archéologiques en stratigraphie, la hauteur du remplissage n'ayant jamais excédé 3,20 m. Ces niveaux se regroupent en trois périodes qui sont les épisodes marquants de l'histoire de l'occupation du site.

*a* — une période ancienne où l'Homme s'installe çà et là sur les sables de la terrasse fluviale.

*b* — une seconde période où l'amas coquillier s'édifie progressivement l'occupation la plus continue se situant dans la région centrale du gisement.

*c* — après avoir nivelé les couches supérieures de l'amas de coquilles pour pouvoir s'installer plus commodément l'Homme paraît avoir habité des régions étendues du gisement.

La dernière campagne eut lieu en octobre et novembre 1963. Elle avait pour but de compléter les observations stratigraphiques faites

l'année précédente. Pour cela une seconde coupe fut exécutée. Elle partait du bord Nord-Est de l'amas coquillier et venait rejoindre l'extrémité de la première coupe dans la partie centrale du remplissage. Ces deux coupes perpendiculaires entre elles, orientées selon les axes principaux du gisement, se complétaient mutuellement, four-

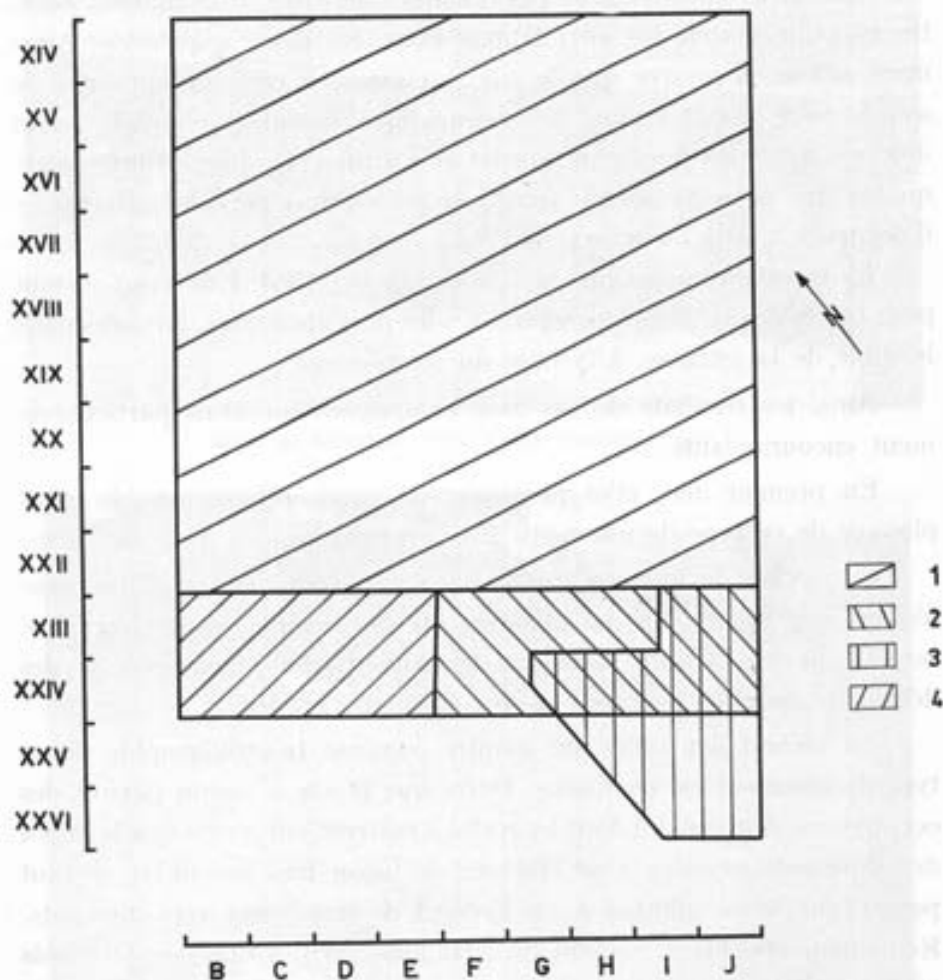


Fig. 4

Cabeço da Arruda. *Plan des fouilles*. 1 — tranchée superficiellement décapée (1964); 2 — campagne (1964) 3 — dégagement de sépultures (1964); 4 — campagne 1965.

nissant les recoupements nécessaires et permettaient de comprendre la genèse du remplissage de l'amas coquillier.

Cette seconde coupe, longue de 16 mètres et haute, en moyenne, de 2,50 m, permit d'observer deux séries stratigraphiques relativement indépendantes l'une de l'autre. La première comprenait 30 niveaux, et la seconde 24 niveaux. Séparées par un espace de 3 à 4 mètres, elles étaient reliées par quelques niveaux suffisamment nombreux pour établir les corrélations entre les deux séquences. Ainsi nous avons la preuve que le site, au moins à certains moments de son histoire, avait connu des occupations simultanées relativement indépendantes les unes par rapport aux autres. De plus, il est remarquable que nous ayons pu retrouver ici les trois périodes principales d'occupation déjà observées en 1962.

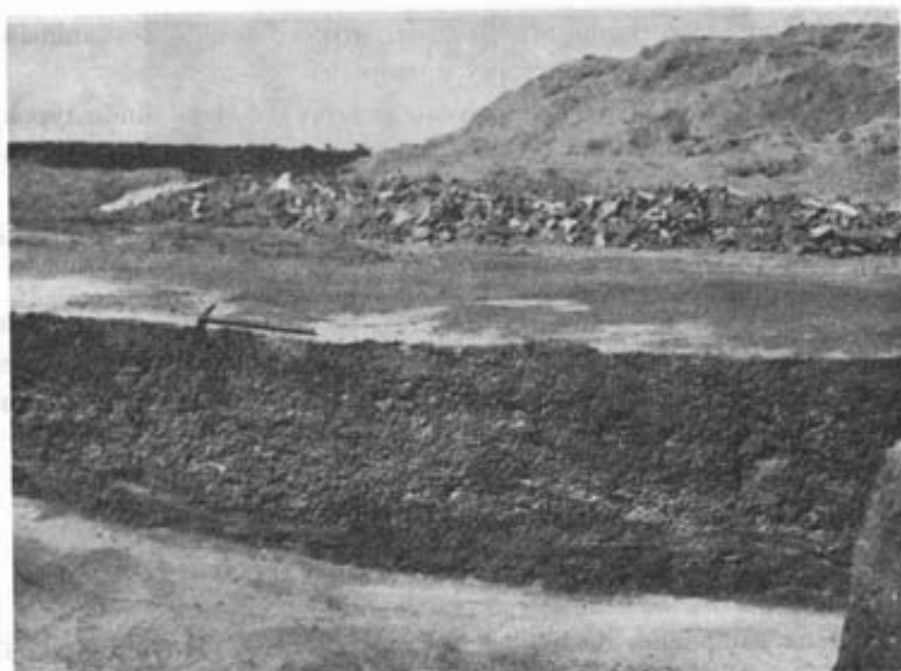
La troisième campagne eut lieu en octobre 1964. Elle avait surtout pour but le dégagement des sépultures les plus anciennes, creusées dans le sable de la terrasse, à la base du remplissage.

Ainsi les résultats de ces trois campagnes furent-ils particulièrement encourageants.

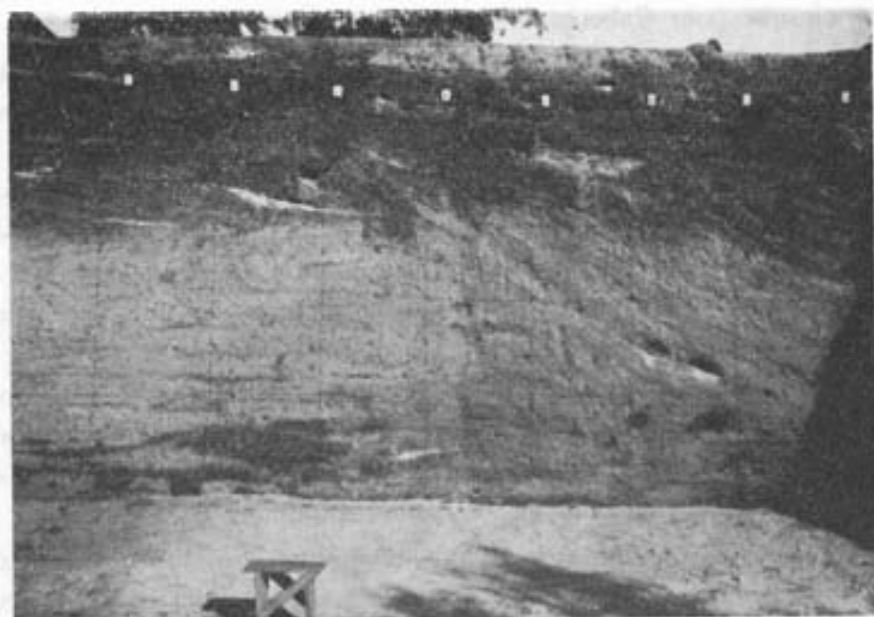
En premier lieu, elles permirent de préciser la nature du remplissage de ce type de gisement. Elle est évidemment très composite :

— couches de terres noires riches en charbons et en débris organiques, couches de brèche grisâtre, lits de coquilles tantôt écrasées, tantôt intactes, foyers, lentilles de sable parfois mélangées à des débris de coquilles, cordons de brèche blanc grisâtre ...

En second lieu, elles ont montré combien la stratigraphie de ce type de gisement est complexe. Outre que le site a connu parfois des occupations simultanées dont les restes s'entremêlent, outre que le dépôt des différents niveaux s'est effectuée de façon très irrégulière, il faut penser que le remplissage a été l'objet de nombreux remaniements. Remaniements dus à l'action de l'Homme préhistorique: rejets, sols piétinés, trous de pieux, fosses-cuisine et fosses funéraires creusés aux dépens des niveaux susjacentes et surtout arasement du remplissage sur de grandes surfaces... Remaniements et altérations datant d'époques plus récentes: fosses creusées pour enterrer les animaux domes-



Moita do Sebastião, 1952. Coupe stratigraphique 1.



Cabeço da Arruda, 1964. Coupe stratigraphique selon l'axe longitudinal du gisement.

tiques, pour planter ou arracher des arbres, action des animaux fouisseurs, dégradations dûes aux intempéries...

L'industrie a été récoltée niveau par niveau. Une étude typologique et statistique, qui est en cours, permettra d'en préciser les caractères et surtout de déterminer son évolution.

Le mode de sépulture et le rituel funéraire ont été analysés et comparés avec ceux déjà décrits à Moita do Sebastião.

Toutes ces observations ont fait l'objet de plusieurs communications soit à des Congrès, soit dans des revues portugaises ou étrangères. La monographie de Cabeço da Amoreira est actuellement en cours de préparation.



Deux campagnes de fouilles ont été faites à Cabeço da Arruda: en Octobre-Novembre 1964 et 1965. Effectuées pour le compte des Services Géologiques du Portugal, elles bénéficièrent des mêmes appuis que pour Cabeço da Amoreira.

Après le nettoyage du site, il fut décidé d'établir une coupe dans la région centrale du gisement, selon l'axe longitudinal de l'amas coquillier (Nord-Ouest, Sud-Est). Cette coupe, longue de 9 mètres et haute de 5 mètres, permit d'observer un remplissage encore beaucoup plus complexe que celui de Cabeço da Amoreira. 88 niveaux superposés ont été relevés. L'histoire de l'occupation du site se subdivise en 5 grandes périodes principales qui sont séparées les unes des autres par des aménagements importants que l'Homme préhistorique a apporté au remplissage, soit par des nivellements étendus, soit par le creusement de fosses très larges et très profondes. Ce travail a permis de confirmer et de compléter les observations faites à Cabeço da Amoreira sur la morphologie des amas coquilliers de Muge.

En outre, 13 sépultures ayant été découvertes, il sera intéressant de comparer le mode d'inhumation et le rituel funéraire avec ceux déjà relevés à Moita do Sebastião et à Cabeço da Amoreira.



Moita do Sebastião, 1953. Fosse — cuisine n.º 86. La coupe axiale indique la stratigraphie du remplissage.



Moita do Sebastião, 1953. Fosse n.º 66 creusée dans le sable de la terrasse.

Selon C. RIBEIRO, les amas coquilliers de Muge dateraient d'une période très ancienne du Néolithique, où l'Homme ne connaissait encore ni la poterie ni la domestication des animaux. Il faut dire que le terme de Mésolithique n'existait pas à cette époque.

La première chronologie relative fut proposée en 1934 par le Professeur MENDES CORREA. Selon sa théorie, Cabeço da Amoreira serait le gisement le plus ancien et daterait de l'optimum climatique post-glaciaire. Son industrie serait de type Sauveterrien. Moita do Sebastião et Cabeço da Arruda seraient plus récents et leurs industries s'apparenteraient au Tardenoisien.

Le Professeur MENDES CORREA désirant obtenir des données plus solides pour établir une chronologie absolue des amas coquilliers nous demanda de faire dater des charbons par la méthode du Carbone 14. Ce travail fut effectué par le Laboratoire d'Electronique Physique du Centre d'Études Nucléaires de Saclay, en France.

En 1957, la première datation fut faite pour le niveau de base de Moita do Sebastião. Il daterait de  $7350 \pm 350$  ans B. P.

En 1964; des datations systématiques furent faites pour Cabeço da Amoreira et Cabeço da Arruda. Les résultats suivants ont été obtenus:

Cabeço da Amoreira. Niveau 39:  $7030 \pm 350$  ans B. P.

Cabeço da Amoreira. Niveau 3-4:  $6050 \pm 300$  ans B. P.

Cabeço da Arruda. Niveaux 41-45:  $6340 \pm 300$  ans B. P.

Cabeço da Arruda. Niveaux 3-6:  $5150 \pm 300$  ans B. P.

Ainsi Moita do Sebastião serait le site le plus ancien, puis viendrait Cabeço da Amoreira et enfin Cabeço da Arruda. Ces deux derniers gisements auraient été fréquentés par l'Homme pendant une durée de 1000 à 1200 ans et auraient connu des occupations simultanées. Ces conclusions ont été confirmées par des séries d'observations d'ordre paléontologiques et archéologiques faites durant les dernières campagnes de fouilles.



Moita do Sebastião. 1953. Groupe de sépultures.



Moita do Sebastião. 1954. Foyer établi sur le sable de la terrasse.

Les gisements de Muge sont contemporains de la période atlantique, à une époque où la température des eaux de l'Océan Atlantique était un peu supérieure à celle de nos jours. Ils ont livré des industries mésolithiques déjà évoluées et l'on peut penser que le plus récent des amas coquilliers, Cabeço da Arruda, était encore habité ou venait seulement d'être déserté lorsque survinrent les premiers Néolithiques.



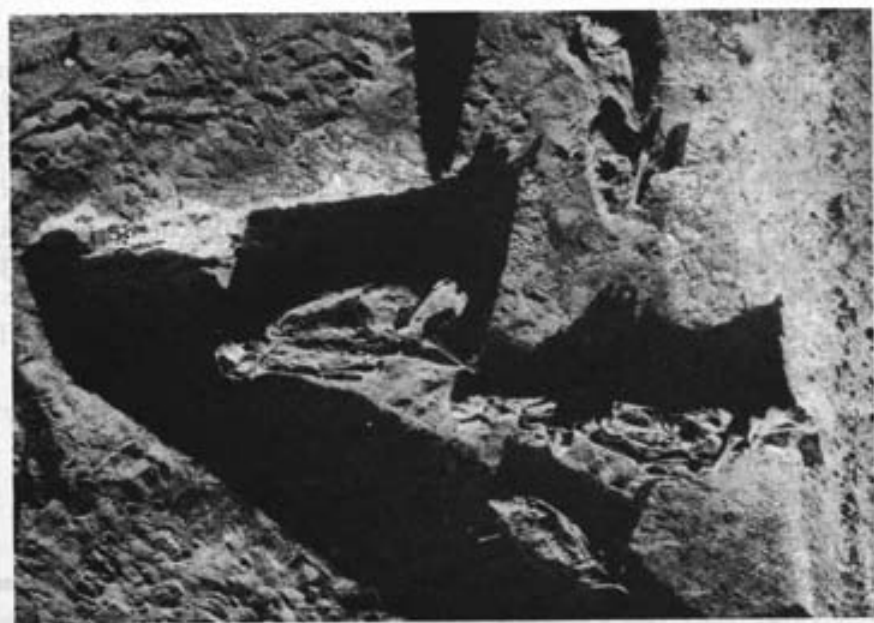
En résumé, les campagnes de fouilles exécutées depuis 1952 ont apporté une contribution fondamentale à nos connaissances sur la culture des amas coquilliers mésolithiques de Muge. Elle peut se résumer sommairement ainsi :

- 1 — études de la genèse du remplissage et analyse de la stratigraphie complexe de ce type de gisement.
- 2 — analyse de la faune et de ses incidences paléoclimatiques.
- 3 — étude anthropologique effectuée par Mademoiselle D. FEREMBACH.
- 4 — analyse de l'outillage en utilisant la méthode statistique et étude de son évolution typologique.
- 5 — études de sociologie et d'économie préhistoriques (types d'habitat, densité de population, sédentarité, échanges commerciaux...).
- 6 — étude sur les modes d'inhumation, le rituel funéraire et, par voie de conséquence, sur la mentalité religieuse de Mésolithiques de Muge.
- 7 — datations absolues des gisements et pour deux d'entre eux détermination de la durée de leur occupation par l'Homme.

Il serait vain d'admettre que tous les problèmes posés par ces gisements ont été résolus. Outre le progrès de la connaissance qu'apporteront dans l'avenir de nouvelles méthodes de recherche, deux séries de questions demeurent encore sans réponse à Muge.



Moita do Sebastião, 1952. Crâne n.º III.



Cabeço da Arruda, 1964. Sépultures.

En premier lieu, certains problèmes devraient être éclaircis par de nouvelles fouilles faites à Muge. Ainsi, nous ignorons encore la typologie exacte et l'évolution de l'outillage de Cabeço da Arruda. Or, ce gisement est d'une grande importance. Il se situe à l'ultime période du Mésolithique côtier portugais, à un moment où les premières vagues des envahisseurs néolithiques atteignent la région. Les occupants de Cabeço da Arruda ont-ils subi ces influences nouvelles ou, au contraire, ont-ils disparu pour laisser la place aux nouveaux venus?

D'autres problèmes débordent le cadre restreint de Muge et ne trouveront leur réponse que dans un contexte plus large. Par exemple, quelle est l'importance et la nature des traditions paléolithiques dans l'industrie des *concheiros* de Muge? Pour pouvoir répondre à cette question il faudrait avoir une vision d'ensemble du Paléolithique supérieur et de l'Épipaléolithique portugais. Or, actuellement nos connaissances en ce domaine sont fragmentaires. Il en est de même pour une autre question tout aussi importante: quelle est la répartition géographique de la culture des *concheiros* de Muge?

Pour résoudre ces questions d'ordre général, des prospections méthodiques accompagnées de fouilles soigneusement exécutées soit dans des gisements déjà connus, soit dans d'autres actuellement ignorés sont indispensables. Elles apporteront les éléments essentiels de solution à des problèmes qui intéressent non seulement les chercheurs portugais mais tous ceux qui étudient le Pleistocène final de l'Europe Occidentale.



Faune trouvée dans le Cabeço da Amoreira:

Faune malacologique: *Cardium norvegicum* SPENGLER, *Cardium edule* LINNÉ, *Cardium echinatum* LINNÉ, *Tapes decussatus* LINNÉ, *Solen marginatus* PULTNEY, *Ostrea angulata* LAMARCK,

*Ostrea edulis* LINNÉ, *Ostrea stentina* PAYRAUDEAU, *Scrobicularia plana* DA COSTA, *Easthonia rugosa* GRAY, *Pecten maximus* LINNÉ, *Natica hebrae* MARTYN, *Cerithium vulgatum* BRUGUIÈRE, *Trivia (Cypraea) europaea* MONTAGU, *Nassa reticulata* LINNÉ var. *nitida* JEFFREYS, *Neritina fluviatilis* LINNÉ, *Bythinia tentaculata* LINNÉ, *Helix acuta* MÜLLER, *Helix barbula* ROSSMASSLER, *Helix inchoata* MORELET, *Helix nemoralis* LINNÉ e *Helix pisanna* MÜLLER.

Crustacés: *Carcinus moenas* PENNANT e *Gelasimus tangeri* EYDOUX.

Poissons: *Sparus auratus* LINNÉ e vertèbres de *Teleostomi*.

Mamifères: *Bos taurus* LINNÉ, *Cervus elaphus* LINNÉ, *Sus scropha* LINNÉ, *Canis vulpes* LINNÉ, *Lutra vulgaris* LINNÉ, *Meles taxus* LINNÉ, *Lepus cuniculus* LINNÉ, *Erinaceus europeus* LINNÉ.

On a trouvé encore *Lacerta ocellata* LINNÉ et restes d'oiseau.

Au Cabeço da Arruda on a trouvé la faune suivante:

Faune malacologique: *Cardium norvegicum* SPENGLER, *Cardium edule* LINNÉ, *Tapes decussatus* LINNÉ, *Solen marginatus* PULTNEY, *Scrobicularia plana* DA COSTA, *Easthonia rugosa* GRAY, *Pecten maximus* LINNÉ, *Mytilus edulis* LINNÉ, *Cassis saburon* BROGUIÈRE, *Trivia (Cypraea) europaea* MONTAGU, *Unio littoralis* DRAP, *Unio pictorum* DRAP, *Helix pisanna* MÜLLER, *Helix aspersa* MÜLLER, *Helix lactea* MÜLLER e *Rumina decollata* LINNÉ.

Crustacés: *Carcinus moenas* PENNANT e *Gelasimus tangeri* EYDOUX.

Poissons: *Myliobatis* sp., *Rhinoptera* sp., *Sparus auratus* LINNÉ, et vertèbres de *Teleostomi*.

Mamifères: *Bos taurus* LINNÉ, *Bos primigenius* BOJANUS, *Cervus capraeolus* LINNÉ, *Equus caballus* LINNÉ, *Sus scropha* LINNÉ, *Canis lupus* LINNÉ, *Canis vulpes* LINNÉ, *Felis pardina* OKEN, *Lutra vulgaris* LINNÉ, *Meles taxus* LINNÉ, *Lepus cuniculus*

LINNÉ, *Lepus timidus* LINNÉ, *Erinaceus europæus* LINNÉ.

Oiseaux: *Cygnus olor*.

Ont été trouvés aussi des restes d'une petite tortue.

A Moita do Sebastião on a signalé la faune suivante:

Faune malacologique: *Cardium norvegicum* SPENGLER, *Cardium edule* LINNÉ, *Tapes decussatus* LINNÉ, *Solen marginatus* PULTNEY, *Schobicularia plana* DA COSTA, *Ostrea edulis* LINNÉ, *Glycimeris glycimeris* LINNÉ, *Unio littoralis* DRAP, *Unio pictorum* DRAP, *Trochacochlea lineata* DA COSTA, *Nassa reticulada* LINNÉ, var. *nitida* JEFFREYS, *Nassa pygmaea* LAMARCK, *Neritina fluvialilis* LINNÉ, *Helix barbula* ROSSMASSLER, *Helix pisanna* MÜLLER, *Helix virgata* DA COSTA, *Helix acuta* MÜLLER, *Helix inchoata* MORELET, *Helix nemoralis* LINNÉ e *Rumina decollata* LINNÉ.

Crustacés: *Carcinus moenas* PENNANT e *Gelasimus tangeri* EYDOUX.

Poissons: *Myliobatis* sp., *Rhinoptera* sp., *Sparus auratus* LINNÉ et restes de vertèbres de *Teleostomi*.

Molusques: *Sepia officinalis* LINNÉ.

Mamifères: *Bos taurus* LINNÉ, *Cervus elaphus* LINNÉ, *Sus scropha* LINNÉ, *Canis vulpes* LINNÉ, *Felis pardina* OKEN, *Lutra vulgaris* LINNÉ, *Meles taxus* LINNÉ, *Lepus cuniculus* LINNÉ, *Lepus timidus* LINNÉ, *Erinaceus europæus* LINNÉ.

Oiseaux: *Cygnus olor*.

#### SUMMARY

The authors are presenting a general view of the excavation placed on the kjoekkenmoeddings of the Mesolithic of Muge. They are presenting a topographic map with the indication of the several sites of the river of Muge, the maps of several excavations, and have studied the material, and are presenting the results of the radiocarbon dating, and at last they had classified the fossil animals founded there.

## PUBLICATIONS

1951

- ROCHE (Abbé J.) — *L'industrie préhistorique de Cabeço da Amoreira (Muge)*. Instituto para a Alta Cultura, Centro de Estudos de Etonologia Peninsular, Porto, un vol., VI-161 p., 18 figs., II tabl., X pl. h. t.

1953

- ROCHE (Abbé J.) — *Les fouilles des amas coquilliers de Muge. Leur importance pour la chronologie du Mésoolithique*. Boletim da Sociedade Geológica de Portugal, vol. X, pp. 145-150, 1 fig., II pl. h. t.
- ROCHE (Abbé J.) — *Note sur les méthodes de fouilles utilisées lors des explorations des amas coquilliers de Muge*. Naturalia, Lisbonne, vol. IV, 2<sup>ème</sup> série, n.° 1, fasc. I, pp. 29-33, 2 fig.

1954

- CORRÊA (A. A. Mendes) — *Note préliminaire sur les squelettes de préhistoriques de Moita do Sebastião*. C. R. IV Congresso Internacional de Ciências Prehistóricas y Protohistóricas, Madrid (Zaragoza, 1956), pp. 133-139.
- Ferreira (O. da Veiga) — *Faune malacologique. Crustacés et Poissons, Muge (Moita do Sebastião)*. Ibid., pp. 339-346, II tabl., V pl. h. t.
- ROCHE (Abbé J.) — *Récents découvertes au gisement de Moita do Sebastião, Muge (Portugal)*. Ibid., pp. 155-161.
- ROCHE (Abbé J.) — *Résultats des dernières campagnes de fouilles exécutées à Moita do Sebastião (Muge)*. Revista da Faculdade de Ciências de Lisboa, 2<sup>ème</sup> série, C, vol. IV, fasc. I, pp. 179-186.
- ROCHE (Abbé J.) — *Les fouilles des amas coquilliers de Muge*. C. R. Séances mensuelles de l'Institut des Hautes Etudes Marocaines, Hesperis, t. XLI, pp. 179-186.
- ZBYSZEWSKI (G.) — *Note sur les restes de Mammifères recueillis dans le «concheiro» de Moita do Sebastião (Muge)*. C. R. IV Congresso Internacional de Ciências Prehistóricas y Protohistóricas, Madrid (Zaragoza, 1956), pp. 333-338.

1957

- ROCHE (Abbé J.) — *Première datation du Mésoolithique portugais par la méthode du Carbone 14*. Boletim da Academia das Ciências de Lisboa, nova série, vol. XXIX, pp. 292-296.
- ROCHE (Abbé J.) — *Les collections mésoolithiques du Musée des Services Géologiques du Portugal, Moita do Sebastião (Muge)*. Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, t. XXXVIII, pp. 305-324, 6 fig., III pl. h. t.
- ROCHE (Abbé J.) et FERREIRA (O. da Veiga) — *Nota sobre a estratigrafia dos concheiros de Muge*. Ibid., pp. 261-268, 3 fig.

1958

- ROCHE (Abbé J.) — *Quelques caractères de l'outillage du concheiro mésoolithique de Moita do Sebastião (Muge)*. Homenagem ao Prof. Dr. José Leite de Vasconcellos, Arqueologia e História, vol. VIII, pp. 31-36.

ROCHE (Abbé J.) — *Détermination de l'âge absolu du gisement mésolithique de Moita do Sebastião (Muge) par la méthode du Carbone 14*. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, t. XVI, pp. 5-7.

1959

ROCHE (Abbé J.) — *Les objets de parure trouvés dans les amas coquilliers de Muge*. Volume de homenagem ao Prof. Dr. Mendes Corrêa, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, t. XVII, pp. 407-411.

1960

ROCHE (Abbé J.) — *Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião. Muge, Portugal. Archéologie*. Instituto de Alta Cultura, Lisbonne, un vol., 183 p., 30 fig., IX pl. h. t.

1963

ROCHE (Abbé J.) — *Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião à Muge (Portugal). Les traces d'habitat et d'organisation sociale*. Bulletin de la Société préhistorique française, t. LX, pp. 68-73, 2 fig.

1964

ROCHE (Abbé J.) — *Note sur la stratigraphie de l'amas coquillier mésolithique de Cabeço da Amoreira (Muge)*. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, t. XLVIII, pp. 191-200, 1 fig.

1965

DELIBRIAS (G.) et ROCHE (J.) — *Chronologie absolue des amas coquilliers mésolithiques de Muge (Portugal)*. C. R. des Séances de l'Académie des Sciences de Paris, t. 260, pp. 2005-2006.

ROCHE (Abbé J.) — *Observations sur la stratigraphie et la chronologie des amas coquilliers de Muge (Portugal)*. Bulletin de la Société préhistorique française, t. LXII, pp. 130-138, 2 fig.

ROCHE (Abbé J.) — *Données récentes sur la stratigraphie et la chronologie des amas coquilliers d'âge mésolithique de Muge (Portugal)*. *Quaternaria*, Rome, t. VII, pp. 155-163, 3 fig.

ROCHE (Abbé J.) — *A propos du centenaire des premières fouilles des amas coquilliers mésolithiques de Muge. Historique des travaux. Problèmes stratigraphiques*, Boletim da Sociedade Geológica de Portugal, vol. XVI, pp. 37-46, 2 fig.

#### A L'IMPRESSION

FEREMBACH (D.) — *Les Crânes épipaléolithiques de Muge (Portugal)*. C. R. VII<sup>ème</sup> Congrès des Anthropologues tchécoslovaques, Piestany, 1963.

FEREMBACH (D.) — *Les brachycrânes épipaléolithiques de Muge (Portugal)*. Volume d'hommage à l'Abbé Breuil. Faculté des Lettres de Lisbonne.

ROCHE (Abbé J.) — *Récentes observations sur la stratigraphie des amas coquilliers de Muge*. Alfred Rust Festschrift, Köln.

- ROCHE (Abbé J.) — *Seconde note sur la stratigraphie de l'amas coquillier mésolithique de Cabeço da Amoreira (Muge)*. Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal.
- ROCHE (Abbé J.) — *Les collections mésolithiques du Musée des Services Géologiques du Portugal, Cabeço da Arruda, Muge*. Ibid.
- ROCHE (Abbé J.) — *L'industrie de l'amas coquillier mésolithique de Cabeço da Amoreira, Muge (Portugal)*. C. R. du VII<sup>ème</sup> Congrès international des Sciences Préhistoriques et Protohistoriques, Prague, 1966.
- ROCHE (Abbé J.) — *Bilan de cent ans de fouilles dans les amas coquilliers mésolithiques de Muge (1865-1965)*. Ampurias, Barcelona.
- ROCHE (Abbé J.) — *Datations par la méthode du Carbone 14 des gisements mésolithiques de Muge (Portugal)*. Palynology in Africa, Bloemfontein, 9th report.



## UM DINAR INÉDITO DE TAMĪM BATIDO EM MÁLAGA EM 476 H.

Por

JOSÉ R. MARINHO

O Conselheiro Manuel Francisco de Vargas, a cuja obra temos necessidade de recorrer nesta comunicação, foi um numismata distinto que à série hispano-árabe dedicou em *O Archeologo Português*, sob o título genérico de *Materiais para o estudo das moedas arábico-hispánicas em Portugal*, um conjunto de três artigos, publicados nos anos de 1907, 1914 e 1915.

Tendo nascido em Mértola em 23 de Novembro de 1849, faleceu no dia 9 de Dezembro de 1921, portanto com 72 anos. Era bacharel em matemáticas e engenheiro civil. Foi ministro das Obras Públicas de 1900 a 1903.

Formou a sua colecção especialmente com moedas batidas na Península Ibérica e, assim, nela tiveram cabimento os exemplares cunhados pelos governantes muçulmanos do *Ándalus*.

São poucos os coleccionadores que em Portugal colocam nos seus medalheiros as moedas com caracteres arábicos, e raros os que as procuram e as têm em certa ordem. Coleccionadores que tenham diligenciado adquirir conhecimentos da escrita árabe para poderem ler os seus exemplares, com vistas a uma classificação histórica e científica, só consigo encontrar o Conselheiro Vargas. Os seus estudos alcançaram um grau tal que lhe permitiram identificar moedas inéditas

e atribuir a governantes peças que ilustres numismatas estrangeiros designaram por incertas.

Como estudo sobre moedas com caracteres arábicos fez ainda a descrição das «moedas arábico-hispânicas» do Museu do Carmo, num total de 10 exemplares, e que foi publicada como *Appendice ao Catálogo das moedas e medalhas do Museu do Carmo*, em 1907.

Por acharmos de muito interesse e a propósito, transcrevemos aqui, para que se não perca, uma pequena nota que pessoa amiga nos deu como sendo do punho do numismata, já falecido, Comandante Vieira de Sá: «Na colecção de Manuel Francisco de Vargas havia 399 moedas árabes, sendo 78 em ouro, 257 de prata e 4 de cobre, isto em 1915, quando me foram mostradas, ao Dr. Leite de Vasconcelos, ao Pompeu de Mirabeau, ao Lamas, ao Ferreira da Silva e ao Conselheiro Martins, e, bem assim, a outros coleccionadores que por ele foram convidados a ir a sua casa.»

O Dr. Leite de Vasconcelos, na sua obra *Da Numismática em Portugal*, insere uma sinopse da Colecção Vargas, onde consta o mesmo número de moedas arábicas, reportando-se também ao ano de 1915.

Como informação final registo ainda que essa colecção se mantém intacta, na posse de um familiar que tem mostrado a intenção de que assim continue.

Entrando, agora, no que constitui o objecto da comunicação: A páginas 193 do volume XIX de *O Archeologo Português*, referente ao ano de 1914, encontramos a abrir o segundo artigo do Conselheiro Vargas, um capítulo intitulado *Moedas de Temim ibn Boloquin ibn Badis, existentes na colecção de M. F. de V.* Referindo-se ao reduzido número de moedas atribuídas a Tamim, que foi senhor de Málaga entre os anos 466 e 483 da Hégira — 1073 a 1090 da era Cristã —, cita os quatro exemplares até então conhecidos, e descritos por Vives y Escudero em 1893, na sua obra *Monedas de las dinastias Árábigo-Españolas*. Observa contudo que estas quatro

moedas de prata estavam porém num grau de conservação tal que nelas era impossível a leitura completa da data e só numa se podia ler o local de cunhagem. Apresenta depois um dinar de Tamim, batido em Málaga e datado de 477, e faz notar que com ele se mostra, documentalmente, que este príncipe, além de se intitular *al-Mustansir bi-llāh al-Mu'izz li-Dīn Allāh* — aquele que pede a assistência de Deus, o feito poderoso pela fé em Deus —, usou, tal como seu irmão 'Abd Allāh, de Granada, o título ou *laqab* de *Sayf al-dawla* — espada do estado —, não mencionado nos *dirhames* referidos por Vives y Escudero.

Ficavam assim conhecidas, em 1914, cinco moedas de Tamim, todas diferentes.

Quando em 1926 Prieto y Vives publicou o seu completíssimo estudo sobre a numismática dos muçulmanos da Península no século V da Hégira, que intitulou *Los Reyes de Taifas*, o capítulo referente a Tamim é representado por cinco moedas, cuja descrição podemos resumir assim: 1 moeda de ouro batida em *Madīna Mālaqa* no ano de 477, única (certamente a de Vargas); 1 moeda de bilhão batida em *Madīna* ... (ano) ..., única; 1 moeda de bilhão batida em ... no ano 47..., única; 1 moeda de bilhão batida em *Madīna Mālaqa* no ano 474, única; e 1 moeda de bilhão batida em *Madīna Mālaqa* (ano) ..., única.

Portanto, destas moedas, só em duas se consegue ler o local de cunhagem e a data, noutra só o local de cunhagem, noutra só a data incompleta, e noutra nem o local de cunhagem nem a data.

Há agora a acrescentar a tão reduzida e imperfeita série numismática mais uma moeda de ouro em excelente estado de conservação, designadamente quanto ao local de cunhagem e à data. Trata-se de outro precioso dinar, batido em *Madīna Mālaqa* no ano 476, por conseguinte no ano anterior ao do dinar de Vargas.

Pertence a um volumoso achado de moedas hispano-árabicas ocorrido há cerca de 12 anos em terras ao sul de Beja, constituído principalmente por exemplares de prata do tipo quirate, mas onde, além de um bom número de dinares dos Abáidas de Sevilha, apa-

receram vários outros, e até um soldo bilingue. Este conjunto, logo de início lamentavelmente disperso, tem-se mostrado, pelas moedas cedidas para estudo, de uma importância extraordinária pelos conhecimentos que possibilita.

Descrição da moeda:

Anverso:	Reverso:
No campo:	No campo:
لا اله الا الله وحده لا شريك له	ابومعبد المستنصر بالله المعز لدين الله
Na margem:	Na margem:
بسم الله ضرب هذا الدينار بمدينة مالقة سنة ست وسبعين واربع مائة	محمد رسول الله ارسله بالهدى ودين الحق ليظهره على الد



A moeda agora apresentada tem as mesmas legendas que o *dirhame* descrito por Vives y Escudero sob o n.º 1028 ou por Prieto y Vives com o n.º 125, abstraindo da data, não legível na moeda de prata. Assim, neste aspecto não é, pois, tipo novo. Mas com ela podemos aventar, sem grande margem de erro, que foi a partir do ano 477, ou talvez nos finais de 476, que Tamim passou a usar o título real de *Sayf al-dawla*, dado que, com a emissão de moeda sempre se procurou, além do mais, mostrar a existência de um poder soberano.

E é muito provável, ainda, que todos os exemplares que não tragam tal título possam atribuir-se ao período anterior a 477. Estarão,

então, nesse caso as moedas acima citadas, e das quais não é possível uma leitura da data.

Com 21 milímetros de diâmetro, pesa este novo dinar 3,74 gramas, muito semelhante ao do dinar da colecção Vargas.

Aproveitamos, finalmente, esta comunicação para rectificar o peso de 2,72 gramas dado, certamente por lapso, pelo Conselheiro Vargas à sua moeda, no artigo de *O Archeologo* atrás citado: ela pesa na verdade 3,78 gramas, como tivemos recentemente oportunidade de verificar.



Estava a imprimir a comunicação que antecede quando, por um coleccionador, nos foi pedida a classificação de quatro moedas arábicas em ouro, adquiridas há cerca de vinte anos numa ourivesaria. Uma delas identificámo-la como de Tamim e, pela semelhança das legendas com as do exemplar que acaba de ser descrito, entendemos ser conveniente este aditamento, para uma apresentação conjunta.

Contudo, esta última moeda não é, a nosso ver, da mesma importância dos dois exemplares áureos referidos anteriormente, pois tem apenas legenda central, já conhecida mas que a seguir repetimos, carecendo de orlas que nos dêem o local e a data da cunhagem.

Eis a sua descrição:

*Anverso*

No campo:

لا اله الا

الله وحده

لا شريك له

*Reverso*

No campo:

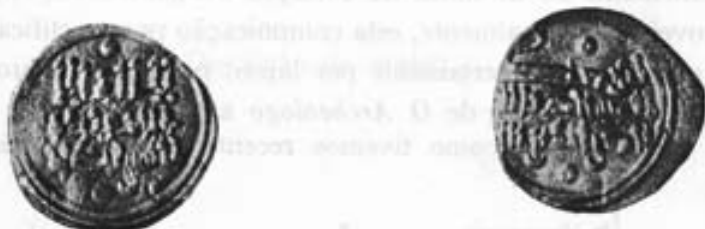
ابومعبد

المستنصر بالله

المعز لدين الله

Pela dupla linha circunferencial que envolve a legenda e pela ausência de vestígios de caracteres na parte que lhe é exterior, cremos que esta fracção foi cunhada tal como está. O seu peso de 1,49 gramas não permite, todavia, fixar esse exemplar como um meio ou um terço de dinar, divisores tradicionais da unidade, e antes mostra um valor

muito aproximado de 2 para 5. Tem o diâmetro entre 14 e 15 milímetros; a sua reprodução fotográfica, a seguir, vai aumentada para o dobro.



#### RESUMO

Neste artigo é dado conhecimento de um dinar cunhado em Málaga no ano 476 da Hégira, por Tamim b. Bulukkin b. Bādis, recapitulando-se o conjunto das raras moedas deste príncipe. É posta a hipótese de Tamim ter passado a usar o título real de *Sayf al-dawla* a partir dos anos 476/477 H.

#### RÉSUMÉ

Dans cet article l'auteur cite un dinar frappé à Málaga en 476 de l'Hégire, par Tamim b. Bulukkin b. Badis, et termine par des considérations générales sur l'ensemble des rares monnaies de ce prince. Il émet l'hypothèse que Tamim aurait usé du titre royal de *Sayf al-dawla* à partir des années 476/477 de l'Hégire.

## EIRAS

### *Elementos para o estudo tipológico da construção rural*

Por

MARGARIDA RIBEIRO

Os trabalhos eruditos de D. Luís de Castro, do Prof. Doutor Herculano de Carvalho e de outros esclarecidos autores, a quem se devem estudos sobre os sistemas de debulha usados em Portugal e de práticas e de costumes a eles associados, sugeriram-nos a ideia de registar os vários tipos de eiras circulares, ainda vivos, como processo prático de fechar e utilizar um espaço totalmente funcional.

Damos conta de tal pesquisa, informando de que nos preocupou anotar, como documento de processos tradicionais, sobreviventes, nesta data, algumas das soluções técnicas já estudadas, relativamente a construção e exploração agrícola, com o objectivo de contribuirmos para o estudo comparativo e evolução dessas mesmas técnicas.

É, sobretudo no Alentejo, no Ribatejo do Sul e na zona norte do Algarve, que se observa maior número destas construções circulares, apresentando, geralmente, uma extensão de 8 a 15 metros de diâmetro.

Praticadas na superfície mais horizontal do solo, as eiras, nas quais se procede à secagem e debulha de cereais e de legumes secos, favorecendo o convívio humano, no aspecto social e lúdico, encontram-se disseminadas pelos latifúndios e por algumas zonas onde o minifúndio se implantou.

Na preparação da sua forma mais simples e de carácter temporário subsiste a técnica antiga, que passamos a descrever:

O terreno é limpo de cardos e de outras ervas, é submetido a uma cava que atinge a profundidade máxima de 20 cm e, depois de alisado com o ancinho, é molhado, abundantemente e por diversas vezes, a fim de se obter uma pasta mole, em toda a superfície, que é comprimida e batida, logo que perca o excesso de humidade.

Na «rega» do terreno, como ouvimos dizer, utiliza-se, ainda, como era comum nos concelhos de Avis e Fronteira, uma pipa mal vedada ou rota, colocada sobre um carro puxado por uma parrelha de mulas, que se deslocam do centro para a periferia, em voltas circulares e contínuas.

Decorrido o tempo necessário para deixar infiltrar a água até certa profundidade do solo, ligando a terra, um rebanho de ovelhas <sup>(1)</sup>



Fig. 1

Eira de Bicada (Espírito Santo — Mértola). Secagem de molhos de palha de centeio, destinados a uma enxerga

(1) A referência desta prática, tão comum no latifúndio alentejano, não exclui, como se deduz, o emprego de rebanhos mistos, de cabras e de ovelhas, e, até, de porcos, como observámos em Almodôvar.

penetra no recinto, realizando, à voz do pastor, sucessivas voltas, num sentido e no oposto, a fim de o comprimirem e alisarem toda a superfície.

Esta operação efectua-se, de um modo geral, em fins de Maio, procedendo-se à «pisa» do terreno, nas últimas horas da tarde, de acordo com a temperatura observada, permitindo que o enxugo se faça, lentamente, durante a noite.



Fig. 2

Eira do Monte do Panaças (S. Lourenço — Estremoz). Notar, à direita, a abertura para facilitar a descarga e entrada no recinto

A experiência aconselhou este procedimento nocturno nas terras mais fortes e argilosas, obstando a que o solo abra fendas, sob a acção do calor solar excessivo e da brusca evaporação da água que contém.

No Ribatejo do Sul, como notámos na aldeia da Glória, é costume transportar para o recinto destinado à eira certa quantidade de solão ou de argila que se espalha em toda a superfície utilizável, obtendo-se, desta forma, a adesão da terra, em virtude de predominarem, ali, os solos arenosos.

Eiras deste tipo são depois varridas, demarcando-se a curva periférica com auxílio de uma enxada sobre o traçado original, obtido com o rasto mais externo do rebanho.

Apesar da generalização da debulhadora mecânica, este tipo de eira, em algumas regiões do Alentejo, pode associar-se ao uso do trilho e da *debulha à rédea*, isto é, com auxílio de um muar que, preso pelo meio ou pelo extremo da rédea, realiza, em torno do homem que o segura e incita, sucessivas marchas sobre o cereal depositado no chão.

Nos lugares onde a eira tem um carácter permanente, mostrando ser, por vezes, um anexo da habitação no qual se executam determinados serviços ligados à vida doméstica, como secagem de lã e de panos, secagem de figos e de outros frutos, preparação de palhas para enxergas e colchões, limpeza de vasilhame, etc., observámos, além de outros casos intermédios, cinco tipos de eiras que revelam certa evolução arquitectónica, determinada, comumente, pelo factor económico



Fig. 3

Calco do Lugar da Cova (Galegos, S. Martinho — Barcelos), praticado numa depressão artificial e junto da habitação

e em consequência do abandono da técnica tradicional. Apresentam as seguintes características:

a) Pavimento natural, demarcado, em parte ou em toda a extensão circular, por uma fieira de pedra seca.

b) Pavimento natural circundado por um pequeno muro de alvenaria.

c) Pavimento natural, rectificado ou planificado, totalmente, utilizando lâminas de xisto, fragmentos naturais de outra rocha, que possua uma superfície plana, ou empregando barro ou cimento. Pavimentos deste tipo vêem-se protegidos, geralmente, em toda a curva, por um muro de alvenaria ou de pedra seca.

d) Pavimento artificial, realizado acima do nível do solo, com emprego de vários materiais ligados e revestidos de cimento, e envolvido, em quase toda a extensão periférica, por um pequeno muro de alvenaria.

e) Pavimento artificial, realizado acima do nível do solo, com emprego de ladrilho, e circundado, na maior parte da zona periférica, por um pequeno muro do mesmo material, como pode notar-se, por exemplo, no concelho de Loulé.

O primeiro destes tipos pode considerar-se como determinante do meio geográfico e em função do minifúndio, nas zonas caracterizadas por rochas dos grupos Carbónico (Vestefaliano, Moscoviano e Dinaciano), Devónico (Superior) e Silúrico (Inferior) <sup>(2)</sup>.

São muito representativos os exemplos que estudámos na Serra de S. Barnabé, no lugar de Pé-de-Boi (Almodôvar), em Mértola e em Monsaraz.

O xisto, pela estrutura laminar que possui, é a rocha ideal para este tipo de eiras, cravando-se, no solo, os respectivos fragmentos naturais, que assinalam, em parte, ou fecham, totalmente, a curva.

Como exemplificação deste tipo elementar do minifúndio e da eira do latifúndio, observem-se as figuras que representam uma eira de Bicada (Espírito Santo — Mértola) (n.º 1) e outra do latifúndio, existente no Monte do Panaças (S. Lourenço — Estremoz) (n.º 2).

(2) *Carta Geológica de Portugal*, escala de 1:1 000 000, 1952.

Construções derivadas ou afins dos tipos mais elementares que indicámos, embora apresentando menores proporções, podem ver-se no Alentejo, no Minho e na Beira Alta, junto das habitações humanas ou no seu interior, nas zonas rústicas, respectivamente, de Alcáçovas, Alvito, Barcelos, Vila Verde e Santa Comba (Vila Nova de Foz Coa), impròpriamente designadas por «eiras» (\*).



Fig. 4

*Calco* do Lugar de Tomadías (Areias, S. Vicente — Barcelos), construído acima do nível do solo

Tais construções encontram-se representadas pelas *locas* (s. f. pl.) alentejanas, pelos *calcos* (s. m. pl.) minhotos e pelas *preseiras* (s. m. pl.) de Santa Comba, aldeia do referido concelho de Vila Nova de Foz Coa.

Com o nome *loca* se refere uma construção elementar do tipo da eira de Bicada, cujo espaço natural e circular é demarcado com lajes cravadas, verticalmente, no solo. Servem para depositar e preservar feixes de ramos secos e lenha grossa.

(\*) Na zona de Alcáçovas, ouvimos dizer: a *loca da lenha*, a par de *eira da lenha*. Em Vila Verde e na área de Cabanelas, registámos, com igual frequência, a designação: *eira do barro*.

O nome *calco* aplica-se para referir o pavimento circular, totalmente revestido de lajes e realizado numa depressão, obtido artificialmente para tal efeito, ou construído acima do nível do solo, como sucede com a construção similar designada por *preseira*. Utilizam-se para esmagar o barro e amassar a pasta, com auxílio de bois (Minho), ou de um burro (Santa Comba), empregada na olaria da região.

Tais construções afins estão associadas, como se nota, à economia do lar e ao exercício de uma indústria, cujos processos técnicos e tradicionais se encontram preservados.

As fotografias que tirámos nos lugares da Cova (n.º 3) e de Tomadias (n.º 4), nas freguesias de Galegos e de Areias, concelho de Barcelos, dão uma ideia dos mencionados *calcos* minhotos, a cujo segundo tipo correspondem as *preseiras* que observámos no concelho de Vila Nova de Foz Coa (\*).

## RESUMÉ

L'auteur registre les divers types de places circulaires où l'on bat les grains, en résultat de l'application, encore vivante, du procès pratique de fermer et utiliser un espace totalement fonctionnel.

Ces emplacements présentent, outre l'avantage du sol mouillé et amollié, comprimé à l'aide de la marche successive d'un troupeau, aussi la forme plus développée, qui se présente d'après les conditions mesologiques, par les expressions suivantes:

Emplacement naturel pourvu d'une enfilade de pierres ou d'un petit mûr, solidifié, ou d'emplacement dallé ou couvert de briques ou ciment, entouré d'un mûr.

---

(\*) Dispensámo-nos de qualquer anotação bibliográfica, em virtude de se encontrar publicada a mais importante bibliografia sobre o assunto, no capítulo respectivo da obra da autoria do Sr. Benjamim Enes Pereira, BIBLIOGRAFIA ANALÍTICA DE ETNOGRAFIA PORTUGUESA, Lisboa, 1965.



## UM POÇO LUSITANO-ROMANO ENCONTRADO EM IDANHA-A-VELHA

Por

D. FERNANDO DE ALMEIDA

•

O. DA VEIGA FERREIRA

### I — PREÂMBULO

Em 1964, no decorrer de mais uma campanha de escavações realizadas na Egitânia (Idanha-a-Velha), tivemos a boa sorte de encontrar, do lado de fora da muralha, a Poente, um poço da época lusitano-romana. A abertura é quadrada, e tem 1 m de lado. O poço foi rasgado nos xistos (que aqui se apresentam quase verticais) antes da construção da dita muralha envolvente da cidade lusitano-romana, pois apareceu entulhado e tapado com grandes lages: e sobre estas assentaram os primeiros silhares da muralha.

O trabalho de desentulhamento do poço deu o seguinte corte, à medida que o trabalho ia prosseguindo:

a) Terras de entulho com restos de *tegulae* e *imbrices* e algumas tijoleiras quadradas (cerca de 5 m).

b) Terra mais fina, de cor anegrada, com cerâmica doméstica.

Foi encontrado um vaso em cerâmica comum do tempo de

Augusto, fragmentos de *terra sigillata* do Séc. I e II e um fundo marcado com ZOILO (3 m).

c) Terra negra, carbonosa e muito húmida, com abundantes restos de toda a espécie incluindo a estatueta em madeira de azinho já dada a conhecer (1 m) e quase todos os objectos, ossos e sementes adiante descritos.

d) Rocha da base (xisto).

## II — OBJECTOS ENCONTRADOS

1 estatueta romana em madeira de azinho.

1 placa delgada de azinho com duas letras gravadas a fogo (F. P.).

1 anel de madeira feito em um nó de um pequeno ramo de azinho.

Restos de uma roda de carro, em azinho.

2 alfinetes de cabelo com cabeças (*Acus crinalis*), feitos em quartzito.

1 anel de cobre com sinete rectangular.

1 *poculus* de cerâmica fina com duas asas.

1 fragmento de um bordo de taça de *terra sigillata* da forma Drag. 25.

1 fundo de um vaso em *terra sigillata* com a marca ZOILO.

Muitos outros fragmentos em *terra sigillata*.

Restos abundantes de *imbrices e tegulae*.

1 *pondus* de rocha básica com cristais de pseudo-morfose de pirite.

*Fauna recolhida:*

*Sparus auratus* (doirada). Alguns dentes: *Lepus cuniculus* (coelho, muito abundante) e *Capra* ou *Ovis* (cabra ou ovelha).

*Sementes*

As sementes encontradas foram determinadas pelo especialista da Estação Agronómica Nacional, Engenheiro Agrónomo A. R. Pinto da Silva e são as seguintes:

*Eoballium elaterium* (L.) A. Rich.

1 semente, apenas o tegumento com cerca de 5,5 mm.

*Juglans regia* (L.) Noz

3 fragmentos de tegumento (casca de noz) da semente.

*Olea europaea* (L.) var. *silvestris* Brot. — Zambujeiro

46 caroços, alguns com fragmentos de polpa e vestígios de pedúnculo,  $7,1 \times 4,2$  mm.

*Pinus pinaster* AIT. — Pinheiro bravo

1 semente (sem a asa)  $7,25 \times 4,5 \times 2,7$  mm.

*Pinus pinea* (L.) — Pinheiro manso

16 fragmentos de tegumento de sementes (casca de pinhões).

Apenas uma semente completa medindo  $19,8 \times 10,3 \times 7,4$  mm.

*Prunus* cfr. *avium* (L.) — Cerejeira

2 caroços. O actual, geralmente maior, é mais bojudo mesmo em igualdade de comprimento.

*Prunus domestica* (L.) BATSCH — Ameixeira

3 caroços. Frágeis. Ao partirem-se exalam um cheiro um tanto penetrante.

*Prunus persica* (L.) BATSCH—Pessegueiro

6 caroços. Não carbonizados. Muito resistentes à serra. Amêndoa destruída.

*Punica granatum* (L.)—Romãzeira

18 fragmentos que têm fractura anegrada e lembram pedaços, mais ou menos mastigados, de casca de romã; um deles com inserção das películas internas.

*Vitis vinifera* (L.) — Videira

24 grainhas de uva, medindo  $6,9 \times 4,2 \times 3,1$  mm em média.

## III — DESCRIÇÃO DOS OBJECTOS ENCONTRADOS

*Estatueta*

Foi já devidamente estudada no trabalho indicado e por nós publicado no *Archivo Español de Arqueologia* (1). É em madeira de azinho, ainda muito abundante na região, e mede 16,3 cm de altura. Representa um jovem togado. A cabeleira pode indicar o tempo de Augusto.

*Alfinetes de cabelo (Acus crinalis)*

Um deles está intacto. A cabeça é globular achatada. Todo o alfinete é trabalhado por mãos de artista num quartzito amarelo de marfim muito duro. Comprimento: 95 mm; diâmetro na sua maior espessura: 4 mm. A cabeça do alfinete mede  $8 \times 6$  mm.

O outro alfinete está partido e tem de cabeça  $6 \times 6$  mm, sendo portanto redonda. O diâmetro, na sua maior espessura, é de 3 mm.

(1) F. de Almeida e O. de V. Ferreira, Escultura romana em madeira, de Idanha-a-Velha, *Arch. Esp. de Arqueologia*, XXXIX, Madrid, 1966, págs. 129-131.

*Poculus*

Era de uso doméstico e tem um desenho simples, grafitado. O motivo apresenta delgadas faixas oblíquas em relação ao bordo. No bojo o desenho é ondulado. Forma e ornamentação do Sec. I. A. D.

*Pondus*

O «pondus» não é marcado e tem as dimensões seguintes: diâmetro: 42 mm; altura: 25 mm.

*Terra sigillata*

Foram encontrados, durante o desentulhamento do poço, muitos fragmentos de *terra sigillata* cujos perfis se podem atribuir às formas Drag.25 e Drag.17.

*Tegulae e imbrices*

Alguns exemplares completos.

*Anéis*

Os anéis encontrados são de trabalho muito simples e mesmo o de cobre era certamente de indivíduo de condição muito baixa.

*Roda de carro*

Os restos da roda de carro são muito incompletos, mas vê-se que seria uma roda de um carro simples talvez como um que vem representado na grande *Encyclopedie Méthodique*, Paris, 1804, vol. II, Pl. 107, n.º 1 ou ainda com o figurado na Pl. 86, n.º 3 da mesma enciclopédia. São carros de seis raios cilíndrico-cónicos, inseridos no aro em entalhe quadrado ou rectangular e no veio, que é simples e de secção cilíndrica, insere-se com chanfro ou entalhe circular. Esta roda

parece-nos ter pertencido a um veículo de trabalho talvez até puxado por escravo e não a um carro de combate ou outro puxado por cavalos.

#### IV—CONCLUSÕES

A descoberta do poço romano em Idanha-a-Velha, nas circunstâncias especiais em que o encontramos, revela-se de uma importância extraordinária para o estudo da vida quotidiana lusitano-romana entre os Séculos I e III A.D. na velha cidade. Algumas conclusões certas se podem tirar com o que se descobriu no fundo deste poço.

A primeira é a confirmação de a construção da muralha que cerca a velha cidade ser do Séc. III/IV A. D. De resto, a sua planta e estrutura indicam-no, sem reticências.

A segunda é que o poço foi entulhado entre os fins do Séc. I e os do Séc. II A. D., isto, pelo estudo da *terra sigillata* encontrada. A terceira, e mais importante, é a descoberta de uma série de sementes e restos de alimentos que nos garantem o que utilizavam como sustento, nessa época, os povos igeditanos: pelo menos de baixa estirpe, pois seriam estes que viriam ao poço tirar a água.

No entanto a descoberta da estatueta dentro do poço, deixa prever a perda de uma obra de algum mérito que nele caíra.

Os alfinetes de cabelo são também de certa raridade e beleza e pensamos que não seriam usados por qualquer pessoa, mas por alguém que vivesse mais abastada e que por qualquer razão tivesse vindo até à beira do poço.

A descoberta da roda incarbonizada, no meio em que se encontrava, é das mais importantes pois revela a estrutura duma viatura simples a que pertenceu e dá-nos a visão de um dos carros utilitários usados na velha cidade de então.

O estudo das sementes demonstrou, pelo menos, quais eram alguns dos alimentos mais comuns. Assim as nozes, as ameixas, os pêssegos, as cerejas, as romãs, a azeitona e os pinhões eram ali consumidos.

É de notar que os caroços de azeitona são de oliveira brava, assim como as cerejas eram duma espécie mais pequena que a actual. As uvas eram abundantes, pelos restos encontrados, mas é impossível saber a variedade; podia ser talvez uma casta mediterrânica pois as de clima mais setentrional ainda não haviam sido introduzidas aqui.

A juntar à diversidade de frutos podemos dizer que comiam o coelho, a cabra ou a ovelha, e uma espécie de peixe do mar, a dourada.

A descoberta dos restos deste peixe não deixa de ser muito importante pois não foi encontrado nas salgas da época (Cetárias) onde apenas peixes da família *Scombridae* aí entravam para o fabrico das salmouras. No entanto a dourada deveria ter chegado à Igeditânia salgada ou seca pois doutra maneira não se podia aguentar do mar até ali; de resto, também as muitas ostras que têm sido encontradas nas escavações do palácio dos bispos egitanenses, lá teriam chegado salgadas.

São estas as conclusões que nos proporcionou a descoberta do poço de Idanha-a-Velha com o seu entulho intacto.

Resta-nos agradecer, muito sensibilizados, ao especialista Sr. Eng.º Pinto da Silva, da Estação Agronómica Nacional, a determinação das espécies de sementes ali encontradas, sem a qual não seria possível termos tirado tantas e tão úteis conclusões.

## RÉSUMÉ

Au cours des excavations réalisées par les auteurs depuis 10 ans à Idanha-a-Velha (Portugal), ces derniers découvrirent un puits romain d'ouverture carrée et d'une profondeur de 10 m. Ils y recueillirent une statuette romaine en bois (chêne vert), un fragment de roue d'un char en bois de chêne vert lui aussi, des fragments de *terra sigillata* des I<sup>o</sup> et II<sup>o</sup> siècles, une céramique romaine commune, des graines dont ils indiquent les variétés, des dents d'animaux domestiques et des restes d'un poisson de mer.



## LA STATION PALÉOLITHIQUE DE TOJEIRA (CÓS)

Par

G. ZBYSZEWSKI

e

O. DA VEIGA FERREIRA

### I — SITUATION

En 1961, au cours des levés géologiques de la feuille de Alcobça au 1/50 000ème, J. Camarate França découvrit un gisement paléolithique situé au milieu des vignes, à quelques centaines de mètres au SW du signal géodésique de Tojeira au NW de Cós (Alcobça).

L'aire de dispersion des industries paléolithiques a pour limite nord le chemin qui descend depuis le signal jusqu'à Rebolim, à l'Ouest la vallée du Rio da Areia, au Sud la vallée du Rio de Lagos et à l'Est un ravin affluent de rive droite du même cours d'eau.

Il s'agit d'une station de surface située entre 110 m et 130 m d'altitude, sur des affleurements de calcaires à silex du Turonien et du Cénomani.

La première récolte fut faite par J. Camarate França. Plus tard après la mort de ce géologue, une récolte complémentaire fut réalisée par les deux signataires du présent travail.

### II — LES INDUSTRIES PALÉOLITHIQUES

L'étude de la typologie et de l'état physique des pièces recueillies a permis de séparer le matériel paléolithique en 6 séries successives.

*Série I — Tayacien ancien — Pièces en silex, brunes, patinées et usées sur les arêtes.*

— Un éclat de silex brun, allongé en forme de lame. Verso ondulé de plan de séparation avec, à la base, un bulbe mutilé par une petite taille secondaire. Recto présentant une plage de cortex qui occupe le bord gauche de la pièce, ainsi que ses deux extrémités. Bord droit creusé par un large négatif d'éclat de première taille. La pièce est retouchée sur tous ses bords. Elle présente de nombreuses traces d'usage comme grattoir et comme racloir (Pl. II, fig. 14). Longueur 57 mm; largeur 35 mm; épaisseur 13 mm.

*Série II — Tayacien moyen — Pièces en silex à forte patine brune ferrugineuse et arêtes pas très usées.*

— Un éclat à verso formé par un plan de frappe lisse, légèrement convexe et un plan de séparation avec petit bulbe peu prononcé, situé du côté droit. Plan de frappe formant avec le plan de séparation un angle de 125°. Recto légèrement concave avec une de ses extrémités retouchée en petit grattoir convexe. Le bord opposé présente des denticulations d'usage comme grattoir concave. Bord latéral droit avec quelques retouches et traces d'usage comme racloir. Partie supérieure dégagée en bec fort et proéminent (Pl. III, fig. 27). Longueur 49 mm; largeur 40 mm; épaisseur 13 mm.

— Un éclat subtriangulaire à verso plan et base épaisse, tronquée verticalement et régularisée par quelques retouches parties du recto. Ce dernier est divisé en deux par une arête longitudinale inclinée de gauche à droite. Bords latéraux denticulés par des retouches secondaires assez soignées. Extrémité supérieure tronquée sur le verso par une petite concavité dégageant un petit bec burinant (Pl. II, fig. 10). Longueur 42 mm; largeur 40 mm; épaisseur 12 mm.

— Un petit fragment de silex allongé, de section transversale subtriangulaire, avec traces d'utilisation comme grattoir museau à son extrémité supérieure étroite. Longueur 67 mm; largeur à la base 31 mm; épaisseur 25 mm.

— Un petit éclat résiduel aplati, avec plan de frappe lisse. Verso de plan de séparation avec petit bulbe à la base. Recto taillé de plu-

sieurs facettes horizontales remontant depuis les bords vers le centre. Longueur 31 mm; largeur 23 mm; épaisseur 17 mm.

— Un autre petit éclat de même type, arrondi et de taille plus petite, a comme longueur 23 mm; largeur 2 mm; épaisseur 8 mm.

*Série III — Acheuléen supérieur — Pièces très peu ou presque pas usées.*

— Un biface cordiforme taillé sur un bloc de quartzite. Verso à tailles subhorizontales, assez mal venues par suite des défauts de la roche. Un grand négatif d'éclat part du bord droit et remonte jusqu'au centre. Il est recoupé à sa partie supérieure par une facette ovale et creusé à sa partie inférieure par quelques retouches destinées à régulariser la base de l'objet. Côté gauche irrégulier à deux facettes principales complétées par quelques retouches du bord. Recto taillé à partir de tous ses bords de facettes remontantes. Côté droit présentant deux négatifs principaux, complétés par des tailles de régularisation de la base. Extrémité supérieure et bord gauche présentant des retouches secondaires ainsi que des écaillures d'usage. L'objet a l'aspect d'un nucleus levalloisien qui aurait été transformé en biface acheuléen (Pl. I, fig. 1). Cet objet semble présenter une très légère usure éolienne et pourrait être légèrement plus ancien que les autres pièces de la même série. Longueur 94 mm; largeur 80 mm; épaisseur 39 mm.

— Un biface cordiforme disymétrique, sur fragment de galet de quartzite, terminé à sa partie supérieure par une sorte de petit couperet convexe. Verso de plan de séparation, dont le bulbe devait se trouver à droite; entaillé sur le bord supérieur, le bord droit et la base, par plusieurs retouches de régularisation frustes et détériorées par des écaillures d'usage. Au recto, le bord droit est de fracture thermique. Une plage triangulaire de surface de galet s'abaisse depuis les deux tiers supérieurs du côté droit jusqu'à la base. Le centre du recto est occupé par un négatif concave de forme losangique. Bord gauche entaillé par deux larges négatifs d'éclat. Un autre négatif de même type et aussi concave, a permis le dégagement d'un tranchant convexe en forme de couperet déjeté vers la gauche. Les deux bords latéraux et le tranchant de pointe, présentent des traces d'utilisation. La base est fortement écail-

lée, montrant que l'objet a aussi été utilisé comme percuteur. Longueur 97 mm; largeur 70 mm; épaisseur 36 mm (Pl. I, fig. 6).

— Un éclat clactonien irrégulier, en jaspe, à verso de cortex. Recto de plan de séparation avec bulbe rabaissé par une taille secondaire. Plan de frappe faisant avec le plan de séparation un angle d'environ  $120^\circ$ . Longueur 87 mm; largeur 100 mm; épaisseur 22 mm (Pl. II, fig. 20).

— Un deuxième éclat de la même roche. Verso de cortex sauf un large négatif de taille sur un des bords qui présente quelques retouches ainsi que des traces d'utilisation. Recto de plan de séparation. Longueur 87 mm; largeur 76 mm; épaisseur 25 mm.

— Un racloir sur éclat clactonien. Verso de plan de séparation avec fort bulbe et plan de percussion lisse, en partie de cortex. Bord droit retouché par quatre tailles qui le transforment en racloir denticulé. Recto avec plage de cortex occupant le bord droit et la base. Le reste de cette face est taillé par sept facettes rayonnantes, diminuant de taille à partir du bord supérieur rectiligne jusqu'à la base. Plan de frappe faisant avec le plan de séparation un angle d'environ  $130^\circ$ . Longueur 98 mm; largeur 59 mm; épaisseur 31 mm (Pl. I, fig. 2).

— Deux éclats en quartzite et un en jaspe, à plans de frappe lisses et bulbes peu visibles. Les deux premiers ont respectivement les dimensions suivantes: longueur 57 mm; largeur 53 mm; épaisseur 23 mm et longueur 53 mm; largeur 33 mm; épaisseur 18 mm. L'éclat en jaspe a comme longueur 60 mm; largeur 55 mm; épaisseur 18 mm.

— Trois éclats à plans de frappe préparés à facettes. L'un d'eux est en silex et les deux autres autres en jaspe, avec bulbes rabaissés par une taille secondaire. La pièce en silex a comme longueur 38 mm; largeur 42 mm; épaisseur 13 mm (Pl. II, fig. 21). Les deux pièces en jaspe ont les dimensions suivantes: longueur 52 mm; largeur 54 mm; épaisseur 15 mm (Pl. II, fig. 11) et longueur 47 mm; largeur 40 mm; épaisseur 18 mm.

— Un éclat résiduel étroit et allongé a comme longueur 53 mm; largeur 32 mm; épaisseur 18 mm.

*Série IV — Moustéro — Tayacien — Pièces en silex avec patine jaunâtre ou brunâtre.*

— Un grand hachereau biface à tranchant rectiligne de tradition acheuléenne sur rognon de silex. Verso de plan de séparation un peu ondulé. Bord supérieur formant tranchant, travaillé de quatre petites facettes, dont une centrale, plus large que les autres. Bord gauche à quatre petites facettes sur sa moitié supérieure. Bord droit et extrémité inférieure de cortex. Recto bombé de cortex, retaillé sur son bord droit par quatre petites facettes remontantes. Extrémité supérieure formant le tranchant du hachereau, taillée d'une série d'éclats courts et inclinés d'avant en arrière. Longueur 125 mm; largeur maximum 80 mm; épaisseur maximum 48 mm (Pl. I, fig. 5).

— Un nucleus irrégulier polyédrique avec un des bords en zigzag, présentant des traces d'écrasement. Une des faces est sensiblement plane et le reste de la pièce est proéminent. Longueur 75 mm; largeur 69 mm; épaisseur 40 mm.

— Un petit disque moustéroïde allongé avec extrémité supérieure terminée par un fort burin. Verso relativement plan avec surface de cortex occupant la base et le bord gauche retouché de plusieurs tailles courtes et presque verticales. Celle de l'extrémité supérieure est inclinée de façon à dégager le burin. Recto présentant des tailles plates, subhorizontales parties des deux bords latéraux. La partie supérieure du bord gauche est creusée par une concavité qui dégage le burin terminal. Longueur 68 mm; largeur 96 mm; épaisseur 20 mm (Pl. II, fig. 15).

— Un petit disque mousterioïde à plans de frappe préparés au verso, dont le centre est de cortex. Un des bords de la pièce est de clivage ancien. Recto taillé de petits négatifs légèrement concaves, remontant depuis quatre de ses bords vers le centre. Longueur 53 mm; largeur 39 mm; épaisseur 24 mm (Pl. III, fig. 22).

— Un disque mousterioïde semi-circulaire en silex brun. Face inférieure taillée de quatre facettes remontant depuis la périphérie vers le centre. Base à fracture naturelle de clivage. Bord droit et bord supérieur avec quelques retouches. Face supérieure avec forte concavité transversale inclinée de droite à gauche. Bords retouchés par des petites

tailles de régularisation masquant quelques préparations de plans de frappe. Longueur 53 mm; largeur 75 mm; épaisseur 23 mm (Pl. III, fig. 28).

— Un éclat trapézoïdal de quartz, aménagé en pointe à l'une de ses extrémités. Verso de plan de séparation avec bulbe et plan de frappe lisse à la base. Recto divisé obliquement en trois facettes, celle du bord droit étant abrupte. Bord gauche denticulé par des retouches. Longueur 40 mm; largeur 33 mm; épaisseur 13 mm (Pl. III, fig. 23).

— Un petit grattoir en silex jaune zoné de brun. Verso plan avec zone caverneuse à droite. Recto bombé à plage de cortex occupant la base. Taillé d'une facette sur le bord droit, d'une autre à la partie inférieure du bord gauche et d'une troisième, remontant d'avant en arrière à partir de l'extrémité supérieure aménagée en petit grattoir par deux ou trois retouches détériorées par des écaillures d'usage. Longueur 45 mm; largeur à l'extrémité 27 mm; épaisseur 17 mm (Pl. II, fig. 18).

— Un éclat épais. Verso de plan de séparation, creusé sur le bord droit par un négatif d'éclat plus récent, formant coche. Bord gauche détérioré par l'usage comme racloir. Recto séparé en deux par une arête centrale mousse. Une plage allongée de cortex occupe tout le côté droit et la base. Un large négatif concave occupe le bord gauche creusé d'une large coche qui s'ouvre sur sa partie supérieure et qui présente des écaillures d'usage comme racloir concave. Longueur 67 mm; largeur 51 mm; épaisseur maximum vers la base 23 mm.

— Un éclat subtrapézoïdal, plus large à sa partie supérieure. Verso plan avec retouches sur le bord droit formant racloir. Base ébréchée concave. Recto convexe de plan de séparation avec vestiges de bulbe à droite. Bord droit rectiligne de fracture naturelle. Bord gauche aménagé en racloir légèrement concave muni d'un bec sur sa droite. Longueur 43 mm; largeur 32 mm; épaisseur 10 mm (Pl. II, fig. 8).

— Un petit éclat allongé à base pointue retouché sur son extrémité supérieure et sur son bord gauche qui a servi comme racloir. Longueur 34 mm; largeur 21 mm; épaisseur 10 mm (Pl. II, fig. 17).

— Une lame de section transversale trapézoïdale, plus large dans sa partie inférieure. Verso de plan de séparation avec vestiges de bulbe

à la base. Recto formé de trois facettes longitudinales. Extrémité supérieure aménagée en une sorte de petit grattoir qui n'a pas servi. Longueur 65 mm; largeur 37 mm; épaisseur 12 mm (Pl. II, fig. 19).

— Deux petites lames épaisses. La plus grande a le verso de plan de séparation avec bulbe et plan de frappe lisse à la base. Moitié droite du recto en cortex. Moitié gauche présentant deux facettes allongées. Longueur 57 mm; largeur 28 mm; épaisseur 13 mm. La deuxième lame, plus petite, a le verso de plan de séparation avec petit bulbe et plan de frappe de cortex à la base. Recto de cortex retaillé sur le bord droit dans le sens de la longueur. Longueur 42 mm; largeur 20 mm; épaisseur 11 mm.

— Une lamelle aplatie à verso plan et recto divisé en trois facettes par une arête centrale bifurquée vers la base. Longueur 33 mm; largeur 22 mm; épaisseur 5 mm.

— Cinq éclats non retouchés de type tayacien à plan de frappe lisse. Le plus grand a comme longueur 38 mm; largeur 43 mm; épaisseur 13 mm et le plus petit: longueur 28 mm; largeur 29 mm; épaisseur 9 mm. Deux de ces éclats sont de première taille. Un autre, plus grand, a le bulbe rabaissé par une taille secondaire. Longueur 44 mm; largeur 38 mm; épaisseur 12 mm.

— Un petit éclat à plan de frappe préparé à deux facettes et verso de cortex, a comme longueur 28 mm; largeur 33 mm; épaisseur 8 mm.

— Un fragment d'éclat avec plan de frappe préparé à deux facettes à sa partie supérieure. Verso de plan de séparation avec bulbe peu distinct. Recto divisé en deux facettes planes, séparées par une arête centrale. Base fracturée accidentellement à une époque récente. Longueur 31 mm; largeur 27 mm; épaisseur 9 mm.

— Un éclat à verso de cortex, taillé d'une large coche sur le bord droit. Recto de plan de séparation avec bulbe large et plan de frappe lisse, un peu ondulé à gauche. Longueur 39 mm; largeur 56 mm; épaisseur 13 mm.

*Série V — Paléolithique supérieur — Pièces à forte patine blanche.*

Un grattoir museau sur extrémité de lame large. Verso de plan de séparation avec vestiges d'un bulbe en bas à gauche. Recto taillé

de cinq facettes dont une grande, occupant tout le côté gauche et la base, une au centre, inclinée de gauche à droite et trois entaillant le bord droit. L'extrémité supérieure de l'objet, retouchée en grattoir museau, est creusée à sa gauche par une petite coche. Les bords de la pièce présentent des traces d'utilisation. Longueur 59 mm; largeur 36 mm; épaisseur 13 mm (Pl. II, fig. 12).

— Un grattoir museau sur éclat triangulaire. Verso plan avec restes d'un bulbe détruit sur l'extrémité supérieure de l'objet. Recto avec surface de cortex occupant la base et remontant jusqu'au centre. Extrémité supérieure épaisse, retouchée en grattoir convexe formant museau. Bord droit concave montrant des traces d'utilisation comme racloir concave. Bord gauche retouché pour servir comme racloir convexe. Les deux extrémités de la base forment des becs très prononcés. Longueur 39 mm; largeur à la base 34 mm; épaisseur 17 mm (Pl. II, fig. 7).

— Un éclat à recto de plan de séparation. Plan de frappe convexe s'étendant à l'un des côtés longs de l'objet et présentant quatre petites retouches l'aménageant en une sorte de grattoir convexe. Verso taillé de plusieurs facettes remontant vers le centre pointu. Longueur 52 mm; largeur 58 mm; épaisseur 13 mm.

— Une lame allongée, incurvée, de section transversale triangulaire, plus large à l'une des extrémités. Verso plan. Recto séparé en deux facettes par une arête longitudinale, bord gauche entaillé par une coche large, obtenue par deux coups successifs. Longueur 60 mm; largeur 26 mm; épaisseur 14 mm (Pl. II, fig. 16).

— Un éclat terminé par une pointe incurvée vers la gauche. Verso de plan de séparation avec bulbe et plan de frappe à la base. Section transversale triangulaire. Bord droit plus abrupt. Bord gauche moins incliné. Recto divisé en deux moitiés irrégulières par une arête longitudinale convexe vers la droite. Longueur 49 mm; largeur 26 mm; épaisseur 12 mm.

— Un petit éclat triangulaire et relativement plan sur ses deux faces, aménagé en fort bec dégagé par des petites retouches de régularisation sur le bord droit. Longueur 58 mm; largeur 67 mm; épaisseur 16 mm.

— Trois éclats non retouchés, montrant des traces d'utilisation comme grattoir. Le plus grand, fortement convexe sur un de ses bords, a comme longueur 44 mm; largeur 49 mm; épaisseur 20 mm.

— Un deuxième plus ou moins carré, présentant des traces d'usage prolongé como grattoir ou racloir sur un de ses bords rectilignes. Longueur 37 mm; largeur 36 mm; épaisseur 9 mm.

— Le troisième, de forme subtriangulaire présente des indices d'utilisation comme petit grattoir, sur un des ses sommets. Longueur 22 mm; largeur 10 mm; épaisseur 9 mm.

— Six éclats à plan de frappe lisse, dont deux portant quelques retouches. L'un de ces derniers a été aménagé en pointe. Il a comme longueur 47 mm; largeur 42 mm; épaisseur 9 mm (Pl. II, fig. 13). Un autre a servi comme racloir. Il a comme longueur 39 mm; largeur 25 mm; épaisseur 11 mm. Parmi les autres, le plus grand a comme longueur 55 mm; largeur 38 mm; épaisseur 13 mm. Le plus petit a comme longueur 34 mm; largeur 28 mm; épaisseur 8 mm.

— Un éclat résiduel possède un plan de frappe préparé à facettes et bulbe rabaissé par des tailles secondaires. Longueur 31 mm; largeur 29 mm; épaisseur 8 mm.

— Un autre éclat résiduel est muni d'un bec sur un de ses bords convexes. Il a comme longueur 34 mm; largeur 32 mm; épaisseur 11 mm.

*Série VI — Néo-Enéolithique — Pièces lustrées laissant voir la couleur primitive du silex.*

Une calotte de silex, dont le verso est taillé de quatre larges négatifs d'éclats remontant des quatre bords vers le centre légèrement surélevé. L'une de ces tailles, tirée du bord supérieur est d'âge plus récent. Recto de cortex bombé au centre. Extrémité supérieure aménagée en pointe par deux tailles remontantes sur la partie supérieure du bord gauche et cinq tailles plus petites sur la moitié supérieure du bord droit. Tous les autres bords de la même face ont été régularisés par de très fines retouches. L'objet a l'aspect d'un nucleus moustéroïde qui aurait été aménagé en une espèce de biface piriforme. Longueur 92 mm; largeur 70 mm; épaisseur 37 mm (Pl. III, fig. 31).

— Un nucleus polyédrique irrégulier. Face inférieure plane de cortex, sauf une mince bande en silex zoné. Face supérieure proéminente occupée presque entièrement par le cortex, sauf sur le côté gauche occupé par une large plage en silex zoné violacé, creusée de deux facettes remontant du bord vers le centre surélevé. Longueur 77 mm; largeur 72 mm; hauteur 47 mm.

— Un petit polyèdre en jaspe. Face inférieure taillée de trois négatifs d'éclat remontant depuis les bords vers le centre. Face supérieure avec plage de cortex au centre et sur deux de ses bords. Le reste de cette face est occupé par quatre facettes dont deux semblent dûes à des fractures thermiques. Longueur 50 mm; largeur 46 mm; épaisseur 31 mm.

— Un nucleus irrégulier à verso plan. Recto occupé sur sa base ainsi qu'au centre, par une plage de cortex. Bord opposé aménagé en une sorte de grattoir nucléiforme, par des tailles subverticales parties des deux bords vers le centre surélevé. Longueur 50 mm; largeur 64 mm; épaisseur 36 mm (Pl. III, fig. 24).

— Un nucleus subpyramidal à base concave irrégulière. Les faces supérieures sont taillées au moyen d'éclats partis de tous les bords et remontant vers le centre surélevé. L'un des bords de la base est aménagé en une sorte de grattoir nucléiforme. Figuré renversé (Pl. III, fig. 26). Longueur de la base 43 mm; largeur de la base 29 mm; hauteur de l'exemplaire 41 mm.

— Un autre nucleus de même style, bien que plus irrégulier est aménagé sur le bords gauche de la base en grattoir nucléiforme présentant des écaillures d'usage. Le bord voisin de ce dernier présente une sorte de museau, limité à droite par une coche, suivie d'un bec. Longueur 48 mm; largeur 30 mm; hauteur 36 mm (Pl. III, fig. 29).

— Un quatrième nucleus de même type a pour longueur 54 mm; largeur 43 mm; hauteur 36 mm.

— Un nucleus hexagonal terminé à sa partie supérieure par une sorte de bec burinant. Verso avec deux facettes et une concavité naturelle revêtue de cortex. Recto avec plage de cortex occupant toute la base. Le reste du recto est taillé de quatre facettes irrégulières remontant des bords vers le centre surélevé. Longueur 79 mm; largeur 58 mm; épaisseur 31 mm (Pl. III, fig. 33).

— Un bloc de silex allongé et dissymétrique. Verso à surface de cortex occupant le centre et les bords qui sont entaillés par des négatifs d'éclats allongés. Recto avec bord gauche couvert par une plage de cortex. Bord droit aménagé en racloir convexe par trois tailles remontant vers le centre et complétées par cinq petites retouches sur la partie la plus convexe du même bord. Longueur 72 mm; largeur 45 mm; épaisseur 29 mm.

— Un petit nucleus de silex à cortex conservé au recto sur la moitié inférieure et au verso sur la base, le centre et la moitié du bord droit. Verso taillé de trois négatifs d'éclats: deux à gauche et un à l'extrémité supérieure du côté droit. Recto taillé à sa partie supérieure par trois facettes remontant d'avant en arrière, transformant l'objet en une sorte de petit grattoir caréné très fruste. Longueur 41 mm; largeur 40 mm; épaisseur 18 mm (Pl. I, fig. 4).

— Un petit prisme de silex de section triangulaire. Base de cortex, verso de plan de séparation. Recto divisé en deux par une arête centrale. Extrémité supérieure formant un petit grattoir qui présente des traces d'utilisation. Longueur 49 mm; largeur 28 mm; épaisseur 22 mm.

— Un bloc, de forme losangique, à verso de plan de séparation avec bulbe à la base. Recto séparé en deux par une arête longitudinale zigzagüée. Côté gauche à deux facettes de taille. Côté droit avec une large facette centrale, inclinée de droite à gauche et quatre autres facettes inclinées remontant à partir des bords. Extrémité supérieure avec traces d'usage comme grattoir. Longueur 62 mm; largeur 36 mm; épaisseur 19 mm.

— Un éclat triangulaire arrondi à verso de plan de séparation avec vestiges de bulbe à son angle supérieur. Recto divisé en trois parties inégales. Base formée par une facette rectiligne très inclinée. Bord droit légèrement convexe, bord gauche ondulé. Quelques retouches sur le bord opposé à la base le transforment en grattoir convexe. Longueur 43 mm; largeur 55 mm; épaisseur 17 mm.

— Un petit éclat irrégulier allongé. Verso de plan de séparation avec petit bulbe et plan de frappe lisse à la base. Bord opposé rectiligne et utilisé comme petit grattoir. Bords latéraux avec traces de régula-

risation et quelques retouches. Longueur 37 mm; largeur 20 mm; épaisseur 17 mm (Pl. III, fig. 32).

— Un éclat épais de la série IV de technique tayacienne avec verso de plan de séparation, bulbe et plan de frappe lisse sur un des côtés. Bord opposé au bulbe, taillé d'un négatif d'éclat de la série VI. Recto irrégulier avec zone de cortex en bas à droite. Bord gauche profondément creusé par une large coche verticale utilisée comme racloir concave. Bord supérieur de la pièce aménagé en grattoir rectiligne de la série VI ou plus récente. Traces d'usage. Longueur 44 mm; largeur 40 mm; épaisseur 13 mm (Pl. II, fig. 9).

— Un éclat de silex gris. Verso de plan de séparation avec bulbe et plan de frappe lisse sur l'un des côtés. Plan de frappe formant avec le plan de séparation un angle d'environ 120°. Recto presque entièrement occupé par une plage de cortex, sauf à sa partie supérieure terminée par une pointe large, ogivale, obtenue par une facette longitudinale qui a tronqué le bord gauche et par deux négatifs d'éclats qui forment, à la droite, deux coches et transforment l'objet en une sorte de racloir. Longueur 77 mm; largeur 68 mm; épaisseur 21 mm (Pl. III, fig. 30).

— Un éclat pentagonal avec sur l'un de ses bords, une forte coche dégageant une pointe incurvée de droite à gauche. Cet objet a servi comme racloir concave. Verso à quatre tailles irrégulières et retouches sur son extrémité large, la transformant en grattoir convexe. Longueur 42 mm; largeur 35 mm; épaisseur 12 mm (Pl. III, fig. 25).

— Un éclat de silex gris-brun. Verso de plan de séparation avec bulbe et plan de frappe lisse à la base. Extrémité opposée fracturée secondairement et formant un bec burinant. Longueur 61 mm; largeur 43 mm; épaisseur 14 mm.

— Un petit éclat allongé en jaspe. Verso à deux facettes. Celle de gauche, de plan de percussion lisse. Celle de droite de plan de séparation avec petit bulbe central. Recto de plan de séparation avec bulbe à la partie supérieure du bord droit; bord gauche retouché sur sa moitié supérieure en un racloir légèrement denticulé. Extrémité supérieure terminée par un bec dégagé sur la droite. par une troncation longitu-

dinale du bord droit. Longueur 43 mm; largeur 28 mm; épaisseur 10 mm.

— Un petit éclat allongé arrondi. Verso de plan de séparation légèrement convexe, avec petit bulbe et plan de frappe lisse à droite. Recto à trois tailles dont la plus grande occupe toute la moitié droite et la base de l'objet. Longueur 45 mm; largeur 35 mm; épaisseur 12 mm (Pl. I, fig. 3).

— Un éclat de première taille. Verso convexe en cortex. Recto de plan de séparation avec bulbe et plan de frappe lisse sur le bord supérieur. Longueur 71 mm; largeur 59 mm; épaisseur 20 mm.

— Quatre petits éclats résiduels à plan de frappe lisse et petit bulbe sur le plan de séparation. Dimensions du plus grand: longueur 42 mm; largeur 41 mm; épaisseur 12 mm. Dimensions du plus petit: longueur 32 mm; largeur 16 mm; épaisseur 5 mm. De légères retouches sont observées sur le plan de frappe et sur une partie du bord droit.

— Quatre autres fragment de silex résiduels, dont un avec denticulations d'usage sur un bord. Dimensions du plus grand: longueur 53 mm; largeur 33 mm; épaisseur 8 mm. Dimensions du plus petit: longueur 30 mm; largeur 18 mm; épaisseur 5 mm.

*Série VII — Postérieure au Néo-Enéolithique — Pièces non usées avec arêtes vives.*

Cette série se compose de quatre éclats résiduels dont le plus grand a comme dimensions: longueur 84 mm; largeur 50 mm; épaisseur 16 mm; et le plus petit: longueur 27 mm; largeur 16 mm; épaisseur 6 mm.

### *Conclusions*

Du point de vue typologique, les pièces qui viennent d'être étudiées sont distribuées de la façon suivante:

Série I — Tayacien ancien: un éclat retouché en silex, allongé en forme de lame, utilisé comme grattoir et racloir.

Série II — Tayacien moyen: un éclat retouché à plan de frappe lisse et usage multiple comme grattoir, racloir et bec; un éclat retouché avec bec burinant; un fragment de silex utilisé comme grattoir museau; et deux éclats résiduels à plans de frappe lisses.

Toutes les pièces de cette série sont en silex.

Série III — Acheuléen supérieur et Moustérien: deux bifaces cor-diformes en quartzite; un racloir sur éclat clactonien en jaspe; un éclat retouché en jaspe; un éclat clactonien non retouché en jaspe; trois éclats à plan de frappe lisse dont un en jaspe et deux en quartzite; trois éclats non retouchés à plan de frappe préparés à facettes dont deux en jaspe et un en silex; un éclat résiduel.

Série IV — Moustéro-Tayacien: un hachereau de tradition acheuléenne, un nucleus polyédrique et trois disques moustériens; un éclat de quartz retouché en pointe; un grattoir; trois éclats aménagés en grattoirs concaves dont un avec bec; une lame aménagée en grattoir à une extrémité; deux petites lames et une lamelle; six éclats non retouchés de type tayacien, dont un avec coche et deux éclats à plan de frappe préparé à facettes. Toutes ces pièces sont en silex.

Série V — Paléolithique supérieur: un grattoir museau sur extrémité de lame; un éclat retouché à usages multiples comme grattoir museau, racloir convexe, racloir concave et bec; un éclat retouché en grattoir; une lame incurvée avec coche sur un bord; un éclat terminé en pointe incurvée, un autre avec bec; trois éclats non retouchés, utilisés comme grattoirs; six éclats à plan de frappe lisse dont un aménagé en pointe et un utilisé comme racloir; un éclat résiduel muni d'un bec et un autre éclat avec plan de frappe préparé à facettes.

Série VI — Néo-Enéolithique: un calotte de silex ovale, aménagée en pointe à une extrémité; deux polyèdres, dont un en silex et l'autre en jaspe; cinq nucleus utilisés comme grattoirs nucléiformes; un nucleus aménagé en grattoir caréné; trois fragments de silex aménagés en grattoirs; deux éclats aménagés en racloirs; un éclat de technique tayacienne de la série IV repris au VI et ayant servi de racloir concave et

de grattoir rectiligne; un éclat à pointe incurvée ayant servi de grattoir et de racloir concave; un autre avec bec burinant et un troisième en jaspe, à racloir denticulé et bec; dix éclats à plan de frappe lisse.

Série VII — Post-Enéolithique; quatre éclats résiduels.

#### SUMMARY

The present notice is a study of Tojeira's Paleolithic station, at the North West of Cós, near Alcobaça, found in 1961 by J. Camarate França. The Paleolithic implements was divided by the authors in 7 series: I — Old Tayacian, II — Middle Tayacian, III — Upper Acheulean, IV — Moustierian and Upper Tayacian, V — Upper Paleolithic, VI — Neo-Eneolithic and VII — Post Neo-Eneolithic.

#### BIBLIOGRAPHIE

- CAMARATE FRANÇA, J. & ZBYSZEWSKI, G. (1963) — *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Noticia explicativa da folha 26-B (Alcobaça). Publicação dos Serviços Geológicos de Portugal, 51 p.*
- ZBYSZEWSKI, G. (1964) — *Levantamentos geológicos na região de Alcobaça. Comunicação apresentada à Classe de Ciências em sessão de 7 de Maio de 1964. Boletim da Academia das Ciências de Lisboa, vol. XXXVI (1964), p. 228-247.*





1



2



3



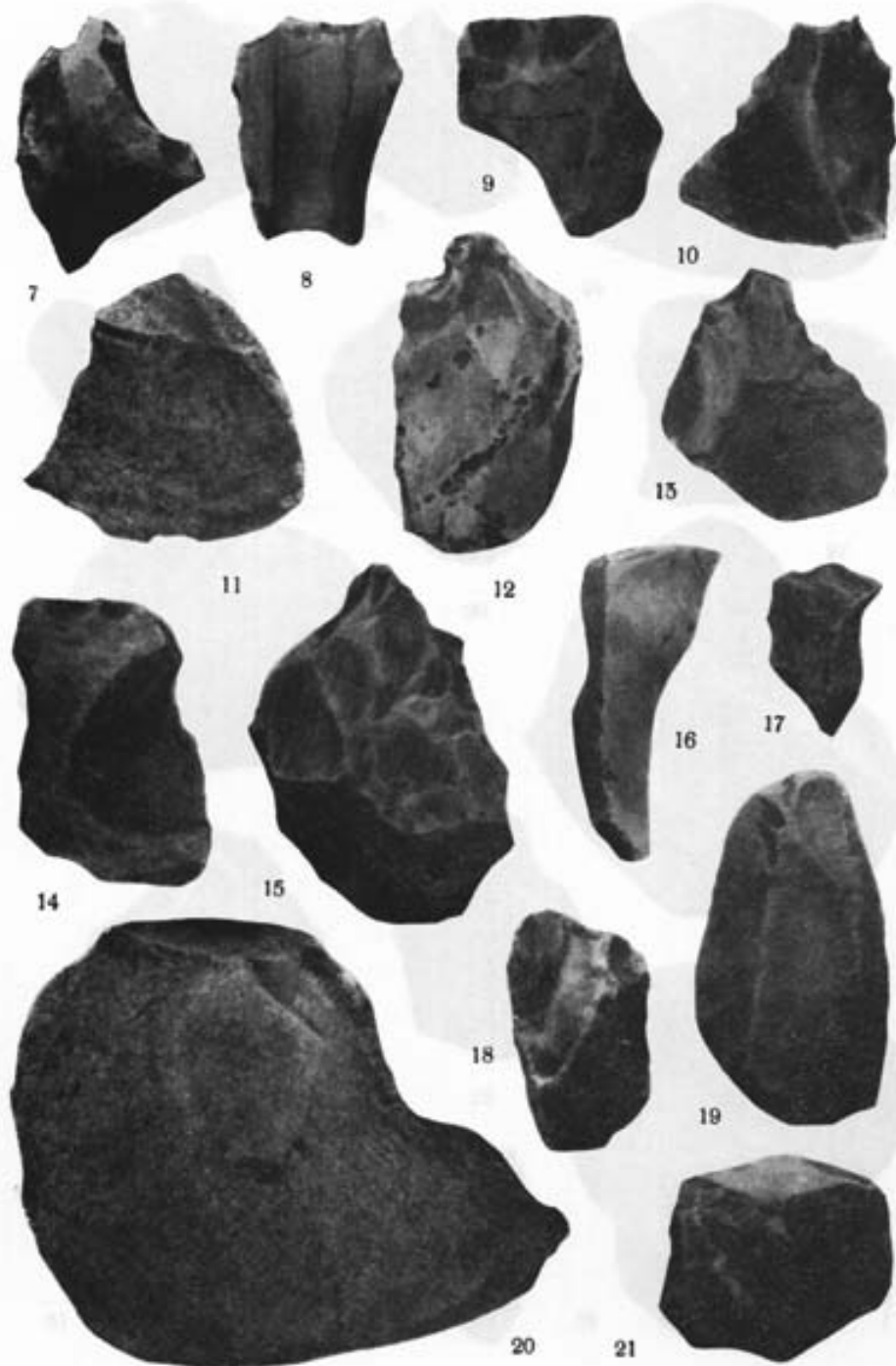
4

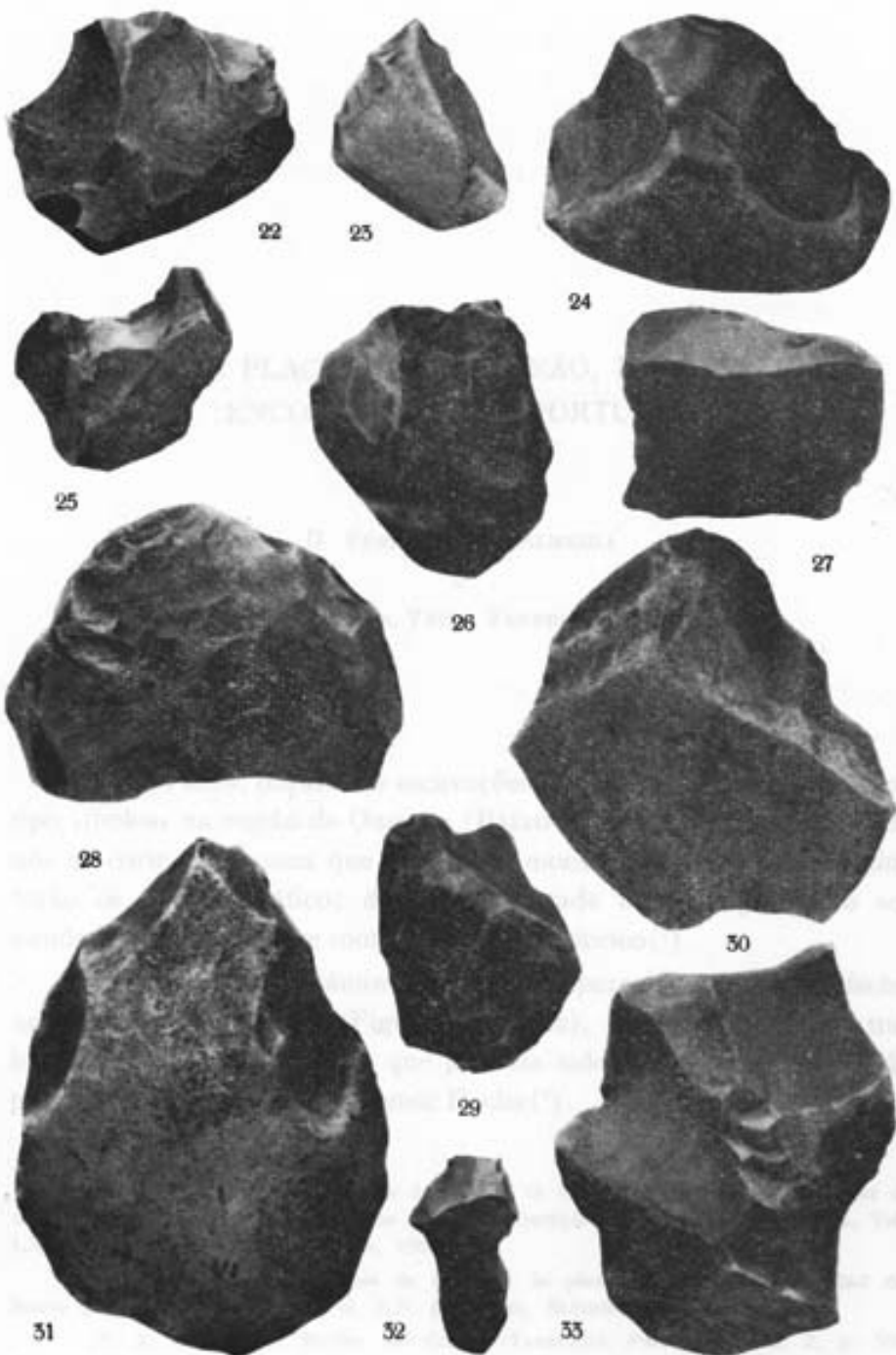


5



6





## FECHOS E PLACAS DE CINTURÃO, HALLSTÁTICOS, ENCONTRADOS EM PORTUGAL

Por

D. FERNANDO DE ALMEIDA

e

O. DA VEIGA FERREIRA

### I — PREÂMBULO

Há uns anos, durante as escavações de um monumento megalítico tipo «tholos» na região de Ourique (Baixo Alentejo), encontrou um de nós no corte da mamoa que protegia o monumento, um fecho de cinturão de tipo hallstático; dele foi publicada uma fotografia ao ser estudado o espólio desse monumento pré-histórico<sup>(1)</sup>.

Mais tarde verificámos que havia aparecido um outro fecho no Crasto de Tavarede (Figueira da Foz), ao estudarmos um trabalho de E. Quadrado,<sup>(2)</sup> e que já tinha sido encontrado e estudado pelo ilustre arqueólogo figueirense Rocha<sup>(3)</sup>.

---

(1) Abel Viana, R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira, «Descoberta de dois monumentos de falsa cúpula na região de Ourique», *Revista de Guimarães*, Vol. LXXI, n.º 1-2, p. 5-12, Guimarães, 1961.

(2) E. Quadrado, «Broches de cinturón de placa romboidal en la Edad del hierro peninsular», *Zephyrus*, Vol. XII, p. 208 sq. Salamanca, 1961.

(3) A. dos Santos Rocha, «O Crasto (Tavarede)», *Portugália*, vol. 2, p. 502, Porto, 1905-1960.

Ao iniciarmos agora os trabalhos no Museu Nacional de Arqueologia, tivemos possibilidade de fazer a revisão dos fechos e placas de cinturão provenientes da necrópole de Alcácer do Sal<sup>(\*)</sup>.

Devido à sua enorme importância, como elemento de cronologia para a época do Ferro, período de Hallstat, decidimos iniciar um estudo pormenorizado e comparativo desses elementos encontrados em Portugal.

## II — DESCRIÇÃO DOS FECHOS

### a) *Cerro do Gatão* (Ourique)

Fecho romboidal, em cobre, com um só gancho e duas grandes aberturas laterais, em hemicírculo. Toda a superfície é circundada por duas caneluras incisadas e paralelas. O interior é ornamentado por pequenos pontos em baixo relevo. Dois grandes botões redondos ornamentam o fecho, um de cada lado dos hemicírculos. Comp. 82 mm, larg. na parte superior — 17 mm, larg. na base — 50 mm.

*Material que o acompanhava:* apenas uma garra em ferro fixada numa placa de bronze.

### b) *Craсто de Tavadede*

Fecho da mesma forma e tipo da do Cerro do Gatão (Ourique). A ornamentação é exactamente igual com a diferença de em vez de dois sulcos, ter três e um grande botão em vez de dois; é ainda ornamentado simplesmente por traços e covinhas. Tem cravado, pela face oposta, um gancho ou colchete em ferro. Comp. 92 mm, larg. na parte superior — 15 mm, larg. na base — 62 mm.

(\*) As escavações continuam sob a égide do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Nas escavações de Vaiamonte foi encontrado um outro fecho, tipo Tavadede. Não o estudámos pois está inédito e pertence à colecção do Prof. Manuel Heleno.

*Material que acompanhava o fecho:**Cobre, bronze e ferro*

- Fíbulas de arco e mola
- Fíbulas anulares hispânicas
- Punhais com nervura central
- Argolas
- Pendentes em forma de sanguessugas (xorca)
- Braceletes
- Arrecadas
- Aneis espiralados
- Restos de torques (botões terminais)
- Lanças de alvado
- Facas ou adagas, etc.

*Osso*

- Alfinetes de cabelo (*Acus crinalis*)
- Agulhas
- Furadores

*Pasta de vidro*

- Contas de colar policromas
- Pingentes
- Vasilhas de vidro de influência púnico-fenícia

*Cerâmica*

- Vasos de tipo ibérico, pintados
- Vasos de tipo púnico-fenício
- Fusaiolas (*verticelli*) ornamentadas
- Pêsos de rêde
- Pêsos de tear, etc..

c) *Alcácer do Sal*

São dois os fechos do cemitério de Alcácer do Sal que ainda estão inéditos<sup>(\*)</sup>. O primeiro tem dois olhais rematados do lado exterior por duas rodelaas com ornamentação interna circular e rebordo com incisões curvas, formando corôa. Por baixo dos olhais existe uma cercadura com o mesmo motivo ornamental do rebordo das rodelaas. Na parte superior dos ditos olhais há uma moldura sub-triangular; leva o mesmo desenho a ornamentá-la. A ponta termina por três ganchos ou colchetes.

Comp. 110 mm, larg. na parte superior — 40 mm, larg. na base — 88 mm, Comp. do gancho maior — 27 mm. Diâmetro das rodelaas: da maior, 15 mm x 14 mm; da menor, 11 mm x 11 mm. Dimensões de um dos olhais — 30 mm x 33 mm.

O segundo fecho tem também dois olhais, mas a forma é sub-retangular. No fecho há dois corpos: um, com os olhais e os rebites quadrados na base; o outro, recuado dos dois lados, tem na ponta três ganchos ou colchetes. É um fecho de cinturão muito simples e pobre em relação ao primeiro que demonstra obra mais apurada de artista, quer na forma, quer nos ornatos. Ambos os fechos são em bronze. Comp. 76 mm; larg. na base — 56 mm; larg. do corpo recuado que tem os ganchos — 27 mm. Dimensões do olhal — 14 mm x 16 mm.

---

(\*) Os fechos que agora estudamos são diferentes do mencionado por Vergílio Correia. Este investigador dá o desenho de um fecho de três ganchos com respectiva fêmea proveniente da sepultura n.º 42 que não é nenhum dos que nós encontramos na vitrine do Museu de Belém. Este fecho está em Coimbra juntamente com outro espólio de Alcácer. Vergílio Correia indica as datas de 1874 ou 1875 e 1895 para as primeiras descobertas em Alcácer do Sal. Ele retomou as escavações em 1925. Segundo ainda Vergílio Correia os materiais estavam distribuídos pelos seguintes locais: Museu de Alcácer do Sal, os espólios provenientes de 1875 e 1895 (pensamos que estes materiais desapareceram). A maior parte da colecção, embora desfalcada por várias vicissitudes, encontra-se no Museu Nacional de Arqueologia, em Belém; a outra foi levada para Coimbra. Vergílio Correia estudou, além do fecho acima indicado, três placas que seriam para ligar aos fechos. Portanto, a organização dum cinturão nesta época era a seguinte: cabedal — placa — fecho macho — fêmea (normalmente em forma serpentiforme) — cabedal. Para o estudos dos trabalhos deste arqueólogo, vidé: Vergílio Correia, «Fechos de cinturão da necrópole de Alcácer do Sal». *Biblos*, Vol. I, págs. 319-326, Coimbra, 1925.

Vergílio Correia, «Uma conferência sobre a necrópole de Alcácer do Sal». *Biblos*, Vol. I, págs. 347-363, Coimbra, 1925.

*Material que acompanhava os fechos e placas:**Bronze*

- Argolas
- Fíbulas anulares hispánicas
- Fíbulas de pé
- Pendentes em forma de uma sanguessuga (elemento de uma xorca)
- Um anel com escaravelho de tipo egípcio

*Ferro*

- Falcatas
- Espadas de antenas
- Punhais-adagas
- Enxadas
- Machados
- Picos e Picões
- Freios de cavalo
- Correntes
- Restos de um escudo de combate
- Lanças de alvado
- Lanças com nervura central
- Uma roda de carro (possivelmente de um carro de combate)

*Cerâmica*

- Vasos e urnas de tipo ibérico
- Vasos de tipo grego, tardio, com cenas pintadas
- Vasos de barro negro, campaniense «tipo oxybaphon» etc.

## III — COMPARAÇÃO E CRONOLOGIA

Os fechos de cinturão de Ourique e do Crasto (Tavarede) per-

tencem, segundo E. Quadrado<sup>(\*)</sup>, ao tipo chamado de Acebuchal. Segundo Cabré<sup>(†)</sup> podem genèricamente, ser descritos assim: sobreposição numa placa de bronze, recortada em várias folhas desse metal; estas, paralelamente entre si, ocupam todo o perímetro do exemplar em círculos concêntricos ou soltos, semicírculos e espirais, etc, fixados à dita placa com soldadura forte.

A distribuição deste tipo de fecho na Península Ibérica, que é em número bastante reduzido, é a seguinte: ao Sul do Tejo apenas são conhecidos os de Acebuchal (Carmona, Sevilha), o de Illora (Granada) e os restantes na bacia do Douro (Navarra, Aragão, Catalunha e Valência). Juntamos agora os nossos de Tavarede, na bacia do Mondego e Ourique, na bacia do Sado e ainda o de Vaiamonté.

Os materiais de Tavarede, com excepção das influências púnico-fenícias, podem situar-se na primeira Idade do Ferro do centro da Europa, na Cultura de Hallstat. O de Ourique, do mesmo tipo, não era acompanhado de material atípico.

E. Quadrado localiza a fivela do Crasto que é, segundo ele, como a de Griegos com gancho ou colchete alargado; talvez isso seja de maior antiguidade, no entanto contemporânea dos de Acebuchal e Tosal Redó que podem ser datadas do Sec. V a. C. O fecho de Ourique deverá pois ser da mesma época. Aproveitamos a ocasião para rectificar um lapso quando um de nós apresentou o fecho de Ourique pela primeira vez<sup>(\*)</sup>. Disse-se então que era de tipo dos de Agullana quando, como se viu, é do tipo dos de Acebuchal e muito comparável ao do Crasto de Tavarede, bem datado.

No Languedoc vamos encontrar fechados de cinturão romboidais do mesmo tipo dos de Tavarede e de Ourique, embora com algumas pequenas diferenças na forma e nos ornatos. Podemos citar os de Cayla, de Maillac; necrópole de Grand Bassin II (Maillac-Aude);

(\*) E. Quadrado, «Broches de cinturón... op... cit...?»

(†) J. Cabré, «El thymiaterion céltico de calaceite. *Arch. Esp. de Arq.*, n.º 48, Madrid, 1942.

(\*) Abel Viana, R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira, «Descoberta de jóis monumentos», op. cit.

necrópole de la Pave (Angeles) e necrópole de Fleury (Aude) que poderão ser datados entre 450-475 a. C. (\*).

Os fechos de cinturão de dois ganchos ainda não são conhecidos em Portugal mas, como se deve tratar de um fecho contemporâneo dos de um gancho, citamos aqui os aparecidos na necrópole de Muralla a NE de Ampúrias e na necrópole céltica de Griegos. Aparecem também em Atalaya, em Crasto de Lara e em Grand Bassin II, nos túmulos franceses. Na Meseta e nas Astúrias existem fechos de cinturão duplos e justapostos de quatro e seis ganchos (Castro de Lara de los Infantes, Valdenovillos, Mercadera, Carabias etc.) e em Griegos (Teruel) Canizares (Cuenca) etc. (10).

Os fechos de Alcácer do Sal são de um tipo completamente diferente. Dataremos a primeira peça descrita, pois implicitamente a segunda ficará também datada uma vez que são da mesma época.

Estes tipos de fechos de Alcácer do Sal são bastante raros até ao presente, na Península Ibérica. Vemo-los citados na bibliografia hispânica nas necrópoles da Idade do Ferro de Buenache de Alarcón (Cuenca) (11), de Griegos (12), de Can Canys (Prov. de Tarragona) (13), etc.

Os fechos de três ganchos pertencem ao tipo B, segundo Bosch Gimpera, e este arqueólogo pensa que seriam próprios dos Castros e necrópoles castelhanas pos-hallstáticas dos fins do século IV, primeira metade do século III a. C. Apareceram em Anguillar de Anguita, Higes, Olmeda, Monteaguio de las Vicarias (Soria), Lara de los Infantes (Burgos). Seu raio de expansão assinalaria a influência de aquela

(\*) M. Louis e O. e J. Taffanel, «Le premier âge du Fer languedocien», Bordighera, s. d.

(10) S. Vilaseca Anguera, J. M.ª Solé Caseles y Mané Güell, La Necropolis de Can Canys (Banyeres, Prov. de Tarragona) *Trabajos de prehistoria*, Madrid, 1936, pág. 31.

(11) Helena Losada Gomez, «La necrópolis de la Edad del Hierro de Buenache de Alarcón (Cuenca)», *Trab. de Prehistoria del Seminario de Historia Primitiva del Hombre*, Madrid, 1966, págs. 1-61.

(12) Martín Almargo, «La necrópolis céltica de Griegos», *Archivo Español de Arqueología*, Vol. 7, págs. 103-113, 9 fig., Madrid, 1942.

(13) S. Vilaseca Auguera, J. M.ª Solé Caselles y Mañé Güel, La necrópolis de Can Canys, op. cit., pág. 31.

cultura da Meseta na qual se conhecem exemplares de outras jazidas como os de Griegos (Teruel). La Atalaya de Cortes de Navarra e mais ao NO. (Palência).

No bordo oriental da Meseta há exemplares procedentes de sepulturas exploradas por Francisco Martinez, em Parajón, Fuente Lasespina, Santa Cruz de Moya e na necrópole de Canizares e, nesta mesma província, um exemplar de quatro ganchos.

Do litoral de Alicante citamos as de El Molar e Altea. Na Catalunha apontamos uma boa série de Gessera (Caseres), Cabrera de Mataró, Coll del Moro de Serra d'Almore, Parelada, Ullastret, Muralla, NE de Ampúrias, Can Canys ets.

Este género de fechos de cinturão tem paralelo idêntico com os de Corno de Lauzo que é incluído no tipo de fechos romboidais fora da Península com três ganchos ou colchetes. Podemos-lo de igual modo comparar com os da necrópole de Grand Bassin II (sepultura 14) que se podem datar, pela cerâmica grega que os acompanhava', um calix ático com figuras a negro de cerâmica negra (500-540 a. C.). Teríamos pois, para as peças de Alcácer, uma data que anda à volta do Séc. VI A. C.

A cerâmica que acompanha as peças de Alcácer pode ser datada entre os Séculos VI a IV a. C. Temos vasos de tipo grego com figuras a vermelho sobre fundo negro e cerâmica de verniz negro de «tipo campaniense». Por outro lado as fíbulas anulares hispânicas, as falcatas e as espadas de antenas são em grande abundância.

Em resumo os fechos de tipo hallstático de Portugal podem ser datados desde o século V a. C. (Tavarede e Ourique) ao século VI a. C. (Alcácer do Sal).

Este tipo de fecho nasceu em Hallstat e Sul da Baviera<sup>3</sup> desenvolveu-se durante o ferro hallstático (600-500 a. C.) chegando imediatamente ao Sul da França e Península Ibérica.

Tanto no Languedoc, como na Península se desenvolve o tipo alargado de um só gancho ou colchete que adquire dois ou três ganchos rapidamente.

Em relação a Portugal parece-nos lícito frisar que a vinda deste tipo de fecho teria sido por via marítima pois os achados feitos situam-se justamente, nas bacias do Sado e do Mondego..

Quando um dia se fizer o estudo pormenorizado dos espólios riquíssimos de Alcácer do Sal estamos certos que outros elementos de cronologia surgirão para confirmar as conclusões apresentadas nesta nota<sup>(14)</sup>.

*ALGUNS TRABALHOS FUNDAMENTAIS PARA O ESTUDO DESTES TIPO  
DE FECHOS DE CINTURÃO*

A. Blanco Freijeiro, «Orientália» II, datos complementários para la cronología, secuencia de materiales en el Alto Guadalquivir, *Arch. Esp. de Arqueología*, vol. XXXIII, 1960.

M. Pellicer, «Un enterramiento posthallstático en Granada. VI Congreso Nacional de Arqueología, Oviedo, 1959.

J. Cabré Aguiló, «Broches de cinturón de bronce damasquinados con oro y plata», *Arch. Esp. de Arqueología*, Vol. 38, Madrid, 1937.

Marqués de Cerralbo, «La necrópolis ibéricas», *Asociación Española para el Progreso de las Ciencias*, T. II, Madrid, 1916.

George Bonsor, «Les colonies agricoles pré-romaines de la Vallée du Betis. *Rev. Archéologique*, T. XXXV, 1898.

Guilherme Schüle, «Las más antiguas figuras con pie alto y ballesta», *Trabajos de Prehistoria del Seminario de Historia primitiva del Hombre*, Madrid, 1961.

S. Vilaseca, «Coll. del Moro de Seara d'Almors (yacimiento posthallstática). *Inst. Est. Ibér.* I, Valencia, 1953, lam. IV, fig. 1 y 2 y fig. 15.

(14) O. e J. Traffanel, «Deux tombes de chefs à Maillac. *Galia* T. XVIII, Paris, 1960, págs. 1-37.

G. Kossack, «Subdayern Während der Hallstattzeit. Berlin, 1958.

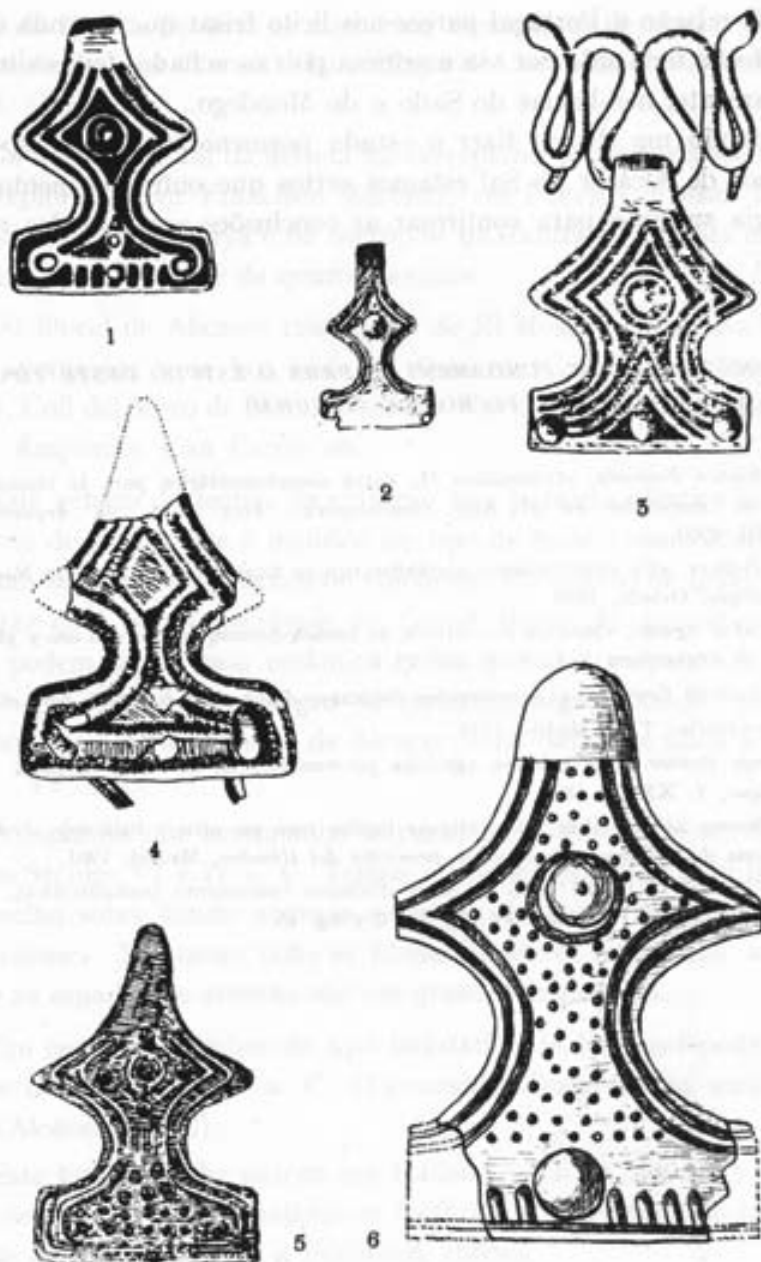


FIG. 1 — 1 - Clares (Guadalajara); 2 - San Antonio (Calaceite, Teruel); 3 - Acebuchal (Carmona, Sevilha); 4 - Griegos (Teruel); 5 - O Crasto (Tavarede-Figueira da Foz); 6 - Cérro do Gatião (Ourique-Baixo Alentejo). Todas as figuras estão em metade do tamanho, com excepção da n.º 6, que vai em tamanho natural.

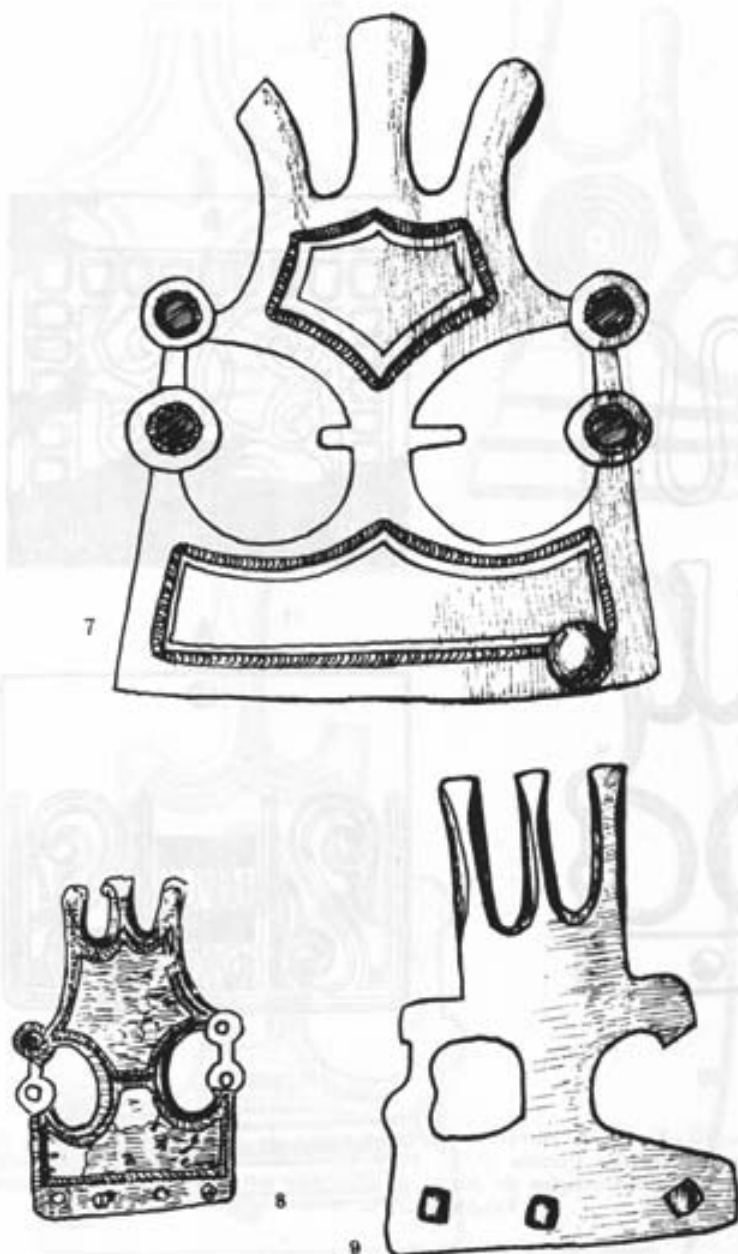


FIG. 2 — 7 e 9 - Necrópole de Alcácer do Sal (Museu Nacional de Arqueologia Dr. Leite de Vasconcellos) (1:1); - Corno Lauzo (Aude-Languedoc), 1:2 do tamanho natural.

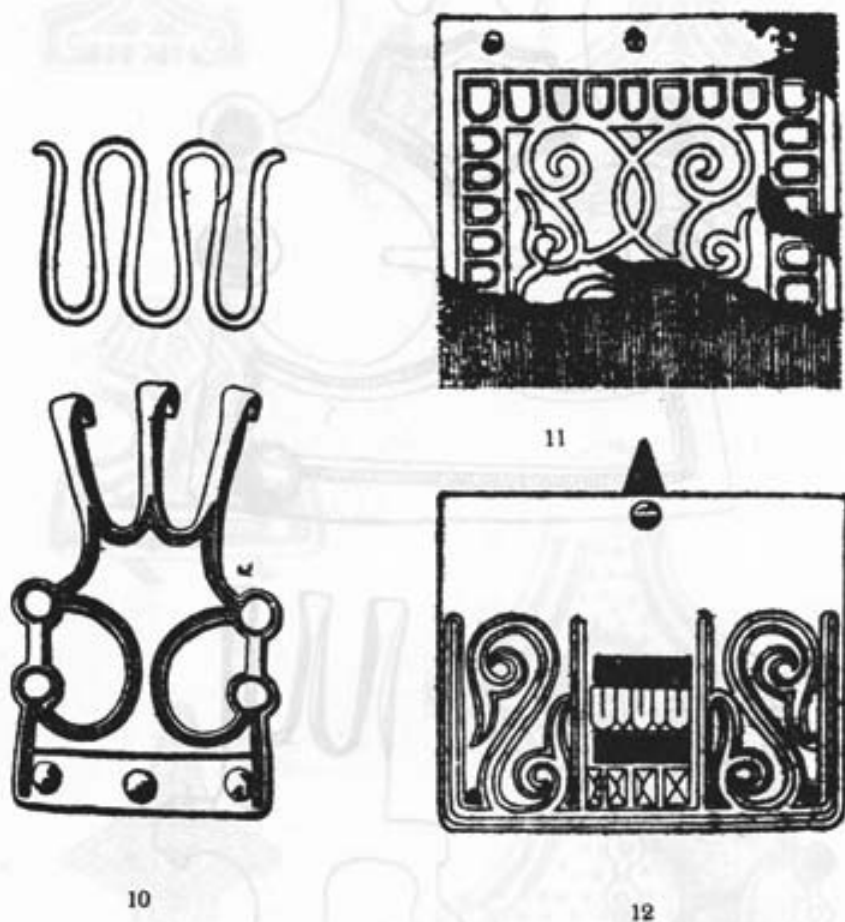


FIG. 3 — 10 - Fecho de cinturão, macho e fêmea da necrópole de Alcácer do Sal, segundo Vergílio Correia (1/2). 11 e 12 - Placas para fecho de cinturão em bronze com incrustações de prata, provenientes de Alcácer do Sal, segundo Vergílio Correia (1/2).

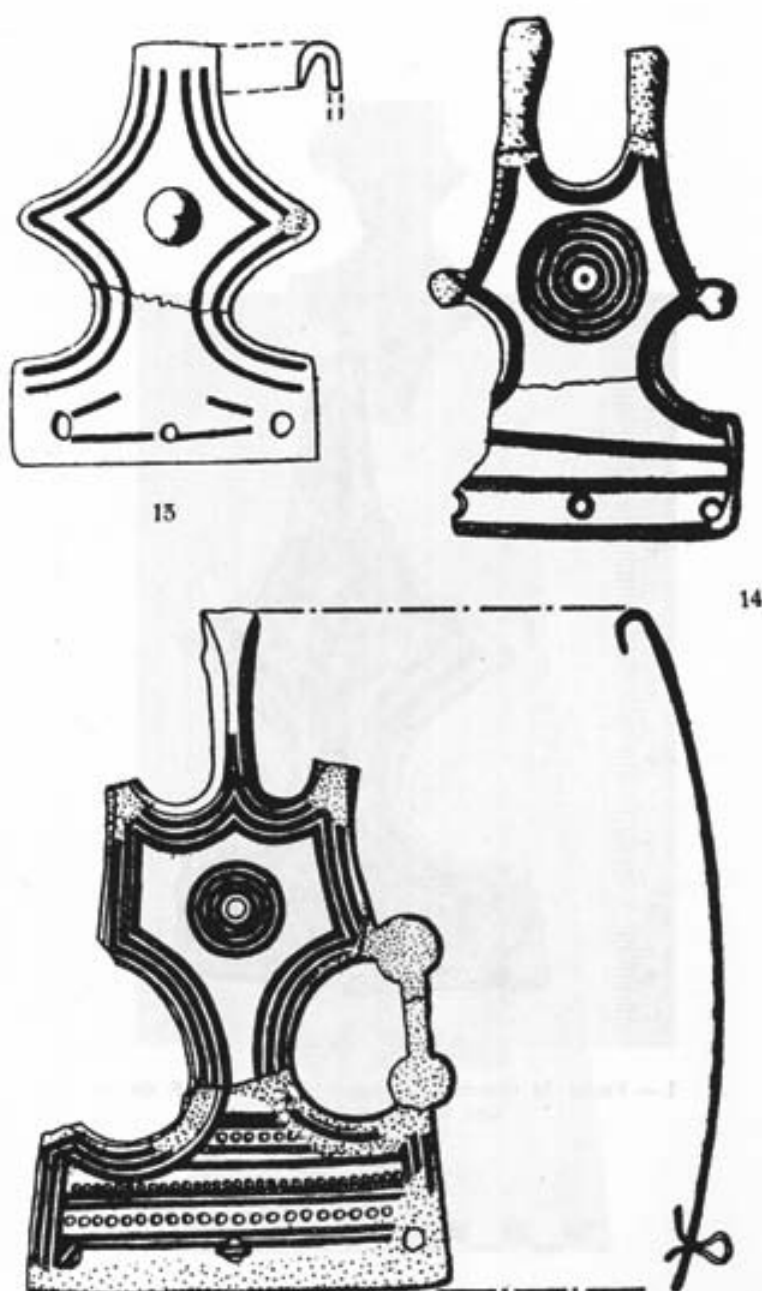


FIG. 4 — 13 - Fecho de cinturão com um gancho (necrópole de Can Canyis); 14 - Fecho de cinturão com dois ganchos (necrópole de Can Canyis); 15 - Fecho de cinturão com três ganchos (necrópole de Can Canyis). (Tamanho natural).



1 — Fecho de cinturão do Crasto (Tavarede). É do tipo de Acebuchal.



2 — Fecho do Cerro do Gatão (Ourique)  
e os dois da necrópole de Alcácer do Sal.



## OFIOLATRIA

Por

A. AUGUSTO TAVARES

### *Representações serpentiformes, porquê?*

É um facto constatado que se encontram figuras serpentiformes em citânias e castros ou em anónimas penedias do ocidente peninsular. Podem ver-se não apenas em gravuras sobre pedras e decorações de cerâmicas (1), mas também encontramos uma curiosa escultura de cabeça de ofídio em Sanfins (2). Costumam interpretar-se tais figuras como sendo manifestações do culto da serpente. Em abono da ofiolatria nos castros, vem a informação de Avieno, o poeta geógrafo, que nos legou o poema «Ora Maritima» baseado num antigo roteiro do litoral mediterrâneo e da Península Ibérica. Aí fala duma «invasão de serpentes que expulsaram do seu território os Oestremínios» (3). Parece dever entender-se que ele se refere à chegada à Península duma tribo celta que prestava culto à serpente. (4)

Nos períodos que se seguem, encontram-se também essas figurações ou elementos serpentiformes em cerâmicas ibéricas e até em cerâmicas romanas. A título de exemplo, refiro cerâmicas do castro de Guiões (5) e uma lucerna, no Museu Monográfico de Conímbriga, marcada na montra com o n.º 10, a qual tem representado um altar doméstico ladeado por duas serpentes.

Se recuarmos para períodos mais antigos, bem anteriores ao ferro, encontramos também muito provávelmente representações idênticas ou semelhantes, o que leva a afirmar que as manifestações ofiolátricas, no Ocidente Peninsular, são anteriores aos Celtas. No referido artigo de

Afonso do Paço, aduzem-se algumas provas para tal afirmação. De facto certas decorações nos dólmens, figuras onduladas de gravuras ou pinturas parecem sugerir tal interpretação. Talvez se possam entender do mesmo modo certas gravuras de pedra de cabeceira do dólmen de «Carapito I», escavado no Verão de 1966 por V. Leisner e L. Ribeiro, cuja publicação se espera (6). A. do Paço sugere idêntica interpretação para os quatro anéis de ouro em forma de espiral das Grutas de S. Pedro do Estoril (7), embora haja quem tenha modo diferente de ver as coisas.

Não pretendemos por agora fazer conjecturas sobre o significado religioso, mágico ou meramente decorativo das representações serpentiniformes. Constatamos a sua existência nestas regiões e somos levados a comparar com algo de semelhante que se verifica em povos da antiguidade, dos quais temos particulares informações (8).

No EGIPTO, aparece a serpente como animal sagrado, divindade masculina, mormente em Heliópolis, cidade do Baixo Egipto, não longe do Cairo. Aparece também a serpente como representação iconográfica da deusa Uto, divindade feminina, nas primeiras dinastias, no Baixo Egipto. Nem admira que se encontre a partir dos fins da 18.<sup>a</sup> dinastia, a representação duma serpente sobre o caule ou haste do lotus, como símbolo da realeza do norte e sul do Egipto, símbolo que tem atrás de si uma ideia mágica ou mesmo religiosa (9).

Entre os HITITAS, na Ásia Menor, encontramos uma série de baixos relevos, da segunda metade do séc. XVIII a. C., que representam o rei ou a rainha derramando uma libação diante dos diferentes deuses. Uma das esculturas da mesma procedência reproduz uma cena de luta entre o deus e a serpente, serpente que o deus fere com a lança (10).

Na MESOPOTÂMIA, há uma certa multiplicidade dos nomes divinos, embora se trate de aspectos diversos do grande princípio da fertilidade e fecundidade. Os seus emblemas frequentes são a espiga, o vaso das águas que jorram e a águia leontocéfala. E a glíptica dos cilindros-selos, ao representar as divindades da fertilidade, mostra corpos humanos donde nascem ramos e algumas vezes lá aparece a serpente.

Da terceira dinastia de Ur, vem-nos o cilindro-selo de Gudea. Mostra-nos esse príncipe a ser apresentado pelo seu deus protector, que era Ningizzida, «o senhor da árvore da vida», ao deus Ningirsu que era deus principal da sua cidade. O emblema deste deus é o das águas que jorram, várias vezes reptido, enquanto dos ombros de Ningizzida, ou seja «o senhor da árvore da vida» e protector do príncipe, saiem várias cabeças de serpente.

Em Jarmo, cidade mais antiga da Mesopotâmia, e que A. Parrot supõe ser a mais antiga do mundo, descobriram-se estatuetas da «deusa mãe», semelhantes a outras encontradas em Ur, estatuetas de deusas com cabeças de serpente, trazendo às vezes uma criança nos braços (11).

Entre os ASSÍRIOS, povo particularmente bem organizado no séc. VIII a. C., encontra-se o deus Nergal, designado pelo nome de «Sarafu» ou seja o mesmo que «Saraf», que quer dizer serpente venenosa, em Hebraico. Pode ver-se esse deus em duas representações geminadas, figurado por duas serpentes enroladas em volta de uma vara apoiada sobre uma esfera, estando pendente de cada lado uma cabeça (12).

Também na RELIGIÃO IRANIANA encontramos a representação da serpente. Tal religião é dominada pela ideia de dois princípios em conflito permanente na criação e história da humanidade, o espírito benéfico, Espanta Mainiu e o espírito destruidor que é Arimã. Ora este deus destruidor é representado sob os traços de um homem com cabeça de leão, tendo dois pares de asas e o corpo envolvido por uma serpente (13).

Não há dúvida de que todo o Médio Oriente está habituado a representações de serpentes, mas por agora interessa-nos mais fixar a nossa atenção nas regiões da Palestina, terras bíblicas por excelência. Escolhemos, para isso, apenas alguns exemplos:

TELEILAT-HASSUL é famosa estação arqueológica do Calcolítico palestinese (cerca de 4000 a. C.). É sítio curioso, situado no vale do Jordão a poucos quilómetros a noroeste do Mar Morto. Aí foram levadas a efeito escavações por A. Mallon de 1929 a 1934 e retomadas recentemente pelo Instituto Bíblico de Jerusalém, sob orientação de R. North. A oitava campanha é de 1960.

Lá foram encontrados fragmentos de cerâmica ornamentada com serpentes em relevo. Num dos casos, até acontece que a cabeça de uma ultrapassa nitidamente o bordo do vaso. Notam-se perfeitamente umas pequenas cavidades que pontuam os corpos das ditas serpentes, a imitarem os sinais da pele dos répteis (14).

Em Tel Aviv, J. Kaplan encontrou igualmente um fragmento de ossuário ornamentado com serpentes (15) e, mais recentemente ainda, J. Perrot encontrou, na necrópole calcólica de Ben Shemen, a 4 km a Leste de Lod, com data provável de 3200 a 3100 a. C., um vaso de cerâmica que servira de ossuário. Está decorado no bojo com uma corda marcada por incisões de que diz o distinto arqueólogo: «On pourrait y voir un serpent et faire un rapprochement avec les représentations bien connues de T. Hassul» (16).

Em Gezer, cerca de 25 km a sudeste da actual cidade de Tel Aviv, sítio notável do calcólico (assim preferem chamar, na Palestina, em vez de Eneolítico) e princípio do Bronze foi encontrado um belo exemplar em bronze. Em Bet-Shan foram encontrados vários exemplares numa espécie de terra-cota (17) e o mesmo se pode dizer de Taanak (18). Uma estela de Tel Beit Mirsim representa uma serpente enroscada a uma estátua provavelmente feminina, conhecida por deusa serpente. É já do Bronze com certeza e, como nos informa Albright, são do último Bronze placas de cerâmica onde estão impressas com molde de cerâmica ou de metal as figuras da deusa Astarte, em que se realçam as partes genitais, com verdadeira alusão à maternidade, tendo os braços levantados segurando hastes de açucena ou serpentes (19).

Em Hatzor, no norte da Galileia, o Prof. Ygaël Yadin encontrou, na campanha de escavações de 1956, junto dum santuário cananeu, um curioso estandarte cultural, da mesma época do Bronze. É uma placa de bronze com 15 centímetros de altura, com uma ponta para se fixar numa haste. A face tem a imagem da deusa serpente, a sustentar uma serpente em cada mão. Por cima da deusa, vê-se o seu emblema: um crescente e uma serpente estilizada. Junto desse santuário, estava um conjunto ritual, verdadeiramente considerável, com estelas, jarras, etc.

e esse estandarte que, de certo, era para ser levado em procissões, como supõe Yadin (20).

Mais recentemente ainda, fizeram-se escavações no lugar da piscina probática, em Jerusalém. O sítio escavado tem espólio do período helenista e do período romano. Estamos pois em épocas bem mais recentes. Também aí nos aparece uma estela dividida em duas partes, representando-se, numa, duas espigas de trigo e na outra, uma serpente que se enrola em seus anéis, junto de duas colunas caneladas (21).

Como vemos, as terras da Palestina estão muito habituadas às representações de serpentes. Antes mesmo de lá chegarem os Israelitas, que lá se fixaram por 1200 a. C., já os Cananeus gostavam de as representar. Há até boas razões para pensar que os Hebreus tenham querido imitá-los quando ofereceram actos de culto à serpente de bronze, que fora feita no tempo de Moisés, durante a caminhada do Êxodo para a Terra Prometida (séc. XIII a. C.) (22). Conservada no templo essa imagem da serpente, teve de ser destruída mais tarde pelo rei Ezequias, porque os Hebreus caíam na tentação de lhe oferecerem incenso (2 Re. 18, 4).

A mesma atitude da Bíblia, a condenar a serpente, mostra uma certa intenção de fustigar esse culto que permanecia constantemente entre os Cananeus e influenciava os filhos de Israel, habitantes dessas regiões.

### SERPENTES, PORQUÊ?

Pela documentação que nos chega, de escritos ou representações, do Egípto, Mesopotâmia e Siro-Palestina, vemos, que a serpente era símbolo de divindade ou de fertilidade ou de fecundidade. É caso para perguntarmos porquê? Quando encontramos figuras de homens, mulheres ou mesmo de irracionais em que se nota a preocupação de representações genitais, somos levados a ver nisso indícios mais ou menos claros de culto de fertilidade, mas, no caso da serpente, que ligação haverá com a vida ou com a fecundidade na transmissão da mesma vida?

Façamos prèviamente uma ligeira consideração. A magia que levou

certos primitivos a figurarem seres masculinos e femininos em representações genitais, deveria destinar-se a assegurar a protecção ou o controle de forças misteriosas que influíam na transmissão da vida. Mas a própria magia não pode admitir-se sem estar fundada numa ideia dum mundo que nos ultrapassa. Não se entende a magia sem uma metafísica. É este um pensamento dominante num recente livro do Prof. A. Leroi-Gourhan (23). Ora no caso das representações serpentiformes, bem poderemos ter, habitualmente, mais do que a representação mágica, um símbolo de uma ideia religiosa generalizada na antiguidade. Mais do que a representação iconográfica, quer dizer directa da deusa serpente, um símbolo duma poderosa e misteriosa força que suponho maléfica.

Embora no Egipto, ao que parece, se tenha adorado a próprio animal vivo, como encarnação de divindade ou se tenha figurado a serpente como representação iconográfica da divindade feminina Uto, embora na Assíria o deus Nergal fosse chamado «Sarrafu», «Serpente» ... isso não obsta a que vejamos a ideia, o conceito, que estará na génese de tais factos.

No antiquíssimo poema da Mesopotâmia, o Guilgamesh, fazem-se referências a mitos famosos. Eis um deles: relatam-se os grandes feitos de um antigo rei de Uruk, rei divinizado, que empreende uma longa viagem para encontrar um casal imortal, que escapou ao dilúvio, para lhe pedir o seu segredo, pois os deuses tinham concedido a esse casal a imortalidade. O casal revela a Guilgamesh a existência de uma planta que cresce no fundo das águas e dá a eterna juventude. Guilgamesh consegue apoderar-se dessa planta e trá-la alegremente para a sua cidade, mas enquanto voltava, eis que uma serpente lhe rouba o precioso tesouro que ele não vigiou bastante. Um fracasso de que o homem é o responsável. A humanidade continuaria portanto a morrer, porque a serpente má lhe roubou o segredo da imortalidade. A serpente a roubar a vida !...

Este poema famoso, sem ter semelhanças literárias que obriguem a ver na Bíblia uma dependência directa em relação a ele, supõe entretanto um fundo comum, um centro idêntico da mesma tradição, a per-

der-se na noite dos princípios da humanidade, a serpente símbolo do princípio do mal.

Vejamus a Bíblia, Gen. 3, Iss. O autor, em linguagem popular que reflecte a mentalidade da sua época, propõe-se uma tese religiosa mono-teísta. Ao falar da queda de Adão e Eva, diz que a serpente era o mais «astuto» de todos os animais. A palavra «arum» significa mais «sábio», num sentido favorável ou mais «astuto» num sentido desfavorável. Depende do contexto. De facto a sabedoria da serpente ou sob outro aspecto a prudência era famosa na antiguidade. No evangelho de S. Mateus, cap. 10, vers. 16, aparece o provérbio «prudentes como as serpentes». Era uma crença que provinha não tanto da observação das qualidades da serpente como da ideia geralmente aceite da sua natureza divina ou demoníaca, no dizer de A. Clamer (24).

No texto do Génesis, está o autor a afirmar que sob as aparências da serpente (se era real ou aparente não é claro no texto nem aqui interessa) estava o demónio, o poder do mal. As palavras da punição aí enunciada, chamando-lhe «maldita», «rastejarás e comerás a terra» não visam, como se vê pelo próprio texto e contexto, propriamente o ofídeo, mas sim o misterioso tentador que se dissimulava sob essa aparência. As expressões «caminhar sobre o ventre», «comer o pó», empregadas outras vezes na Bíblia, não referidas à serpente, designam uma profunda humilhação e um desprezo total. Aqui significam pois o desprezo e o ódio a esse poder do mal de que era símbolo a serpente que roubou a vida.

A remotíssima linguagem escrita que até nós chegou diz-nos isto. Não nos ajudará a entender os testemunhos não verbais das representações serpentiformes?...

Como vemos são frequentes as figuras de ofídeos não só nas nossas regiões como nestas do Médio Oriente, desde remotíssimas épocas. Encontramo-las pelo menos desde o calcólítico palestinense (4000 a. C.) e entre nós, provavelmente, desde o eneolítico. Aparecem também noutras partes do mundo, por ex. na região do Amazonas. Marcel F. Homet, no livro que intitulou «Os filhos do sol», referindo-se a descobertas arqueológicas no Amazonas, descreve pormenorizadamente a

chamada «Pedra Pintada», que mede 100 m por 30 m e tem de altura cerca de 30 m, com forma de elipsóide colossal, tendo entre os diversos símbolos aí representados, as serpentes.

Não sei se todas estas manifestações não se irão enraizar numa fonte de tradição comum, embora tratada diferentemente conforme os lugares.

Nessa hipótese, qual seria o sentido da ofiolatria? A serpente, símbolo dum princípio do mal, que roubou a vida, detentora da vida, poderia ter sido representada por temor, para afastar a sua má influência. Não vemos nós essa mesma ideia na religião iraniana — os dois princípios em permanente conflito e o princípio do mal, Arimã, a ser representado com a serpente? De alguma maneira, continuar-se-ia no maniqueísmo, na luta dos dois princípios, o do bem e o do mal.

Nos nossos dias, verifica-se coisa semelhante entre os Kurdos, tribo conflituosa do norte do Iraque. Quem escreve estas linhas foi testemunha ocular desse culto, ao ter a oportunidade, raríssima para os de fora da tribo, de entrar num templo dos adoradores do diabo, próximo das nascentes do rio Zab, não distante da fronteira Iraque-Irão. O temor leva-os a prestar culto ao diabo das maneiras mais estranhas, por exemplo, nem sequer ousando pronunciar-lhe o nome, para evitarem a sua má influência. Não teria sido ideia semelhante a que levou os primitivos a representarem a serpente? Era esse poderoso princípio do mal que se representava ameaçador sobre um sepulcro, como a dizer: «Perigo! Não tocar!», como sugere Perrot, a propósito dos osuários de Ben Shemen (25).

Suponho entretanto possível passar daí, desse aspecto do medo para o outro: a serpente, detentora da vida, porque a roubou, podia controlar e proteger a vida, dando uma certa imortalidade, pela procriação, pela fecundidade. Progredindo tal ideologia, nem admira que lhe tenham prestado culto, invocando o seu auxílio na cura de enfermidades, ideia que tomou corpo no culto do deus Esculápio dos Gregos, que tinha como distintivo a serpente. Seria depois introduzido entre os Romanos pelo ano 290 a. C., a seguir a uma peste, ficando a serpente associada ao deus da medicina.

### Conclusão:

O assunto tratado com algum cuidado, mas resumidamente, merece ser continuado, considerando não apenas a Arqueologia mas também a Etnografia. Permitirá com certeza mais claras elucidacões. Aqui pretendeu-se apresentar o seguinte:

1.º — Uma resenha não completa, mas elucidativa das representacões serpentiformes em diversas terras e povos da antiguidade, vendo-se que foi coisa generalizada.

2.º — Procurou ver-se a possível origem de tais representacões, à luz de textos de literaturas antiquíssimas, mormente babilónicas e bíblica, parecendo daí insinuar-se que o culto prestado à serpente seria por temor.

3.º — Admitiu-se a hipótese de, com o andar dos tempos, se começar a invocar a serpente, detentora da vida, pedindo protecção na transmissão da vida: procriação, fecundidade, saúde ...

4.º — Se em épocas recentes, as representacões serpentiformes poderão ser meramente decorativas, não foi assim em épocas remotas. Inicialmente tinham um verdadeiro sentido ofiolátrico.

### RÉSUMÉ

L'auteur fait un résumé historique sur les représentations serpentiformes. Il est d'opinion que non seulement l'Archéologie mais aussi l'Ethnographie pourront donner des éclaircissements sur ce thème. D'après lui de telles représentations auraient été exécutées, initialement, uniquement par crainte et c'est seulement plus tard, lorsque le serpent fut considéré comme détenteur de la vie et protecteur de sa transmission, qu'elles auraient assumé une signification que l'on peut qualifier de ophiolatrique. (F. A.)

### BIBLIOGRAFIA

- 1 — J. Neves dos Santos, Serpentes Geminadas em Suástica e figurações serpentiformes do Castro de Guifões, *Lucerna*, vol. II, 1963.
- 2 — A. do Paço, Citânia de Sanfins — Escultura de Ofídeo, *Lucerna*, vol. IV, Porto, 1964, 167-171. N. B. Este artigo aqui citado contém referências bibliográficas de interesse para o nosso estudo.

- 3 — A. Schulten Y. P. Bosch-Gimpera, *Fontes Hispaniae Antiquae*, I, Barcelona, 154-157.
- 4 — A. A. Mendes Correia, *Le Serpent, totem dans la Lusitanie Proto-historique*, *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, XV, 1928.
- 4a — Firmin Bouza-Brey y Trillo, *Grabados rupestres serpentiformes de Lugo y la ofiolatria en la Galicia y norte de Portugal*, *Congresso do Mundo Português*, I, Lisboa, 1940.
- 5 — J. Neves dos Santos, *Art. cit.*
- 6 — Só por ter tomado parte activa nesse trabalho de escavação é que me permito uma referência a tal dólmen, antes da publicação do seu estudo.
- 7 — V. Leisner, A. do Paço, L. Ribeiro, *Grutas artificiais de São Pedro do Estoril*, Lisboa, 1964.
- 8 — Citamos com frequência o livro « *Les Religions de L'Orient Ancien* » em tradução portuguesa: « *As Religiões do Antigo Oriente* », Ed. Flamboyant, S. Paulo, 1958. É obra dividida em três partes: Étienne Drioton, *A Religião Egípcia*; Georges Contenau, *As Religiões da Ásia Ocidental Antiga*; J. Duchesne-Guillemin, *A Religião Iraniana*. É citada aqui a tradução portuguesa, para maior facilidade de consulta, sendo designada pelas iniciais R. A. O. Para estudo mais completo das religiões do Antigo Oriente, é indicada nesse livro, mais abundante bibliografia.
- 9 — R. A. O., 19 e 22; H. Lesêtre, *Serpent d'Airain*, *Dict. de la Bible*, Paris, 1922.
- 10 — R. A. O., 70.
- 11 — R. A. O., 79-83.
- 12 — H. Lesêtre, *Art. cit.*
- 13 — R. A. O., 131.
- 14 — A. Mallon, *Teleilat Ghassoul I*, Roma, 1934; Étienne Six, *L'itinéraire de l'Exode*, *Bible et Terre Sainte*, XII, 1958, p. 11 e 12; R. North, *Ghassoul*, *Bible et Terre Sainte*, n.º 52, 1963.
- 15 — J. Kaplan, *The Archeology and History of Tel Aviv — Jaffa*, Tel-Aviv, 1961, p. 31, fig. 7.
- 16 — J. Perrot, *Les Ossuaires de Ben Shemen*, *Eretz-Israel*, vol. VIII, *Israel Exploration Society*, Jerusalem, 1967, p. 48.
- 17 — A. Rolla, *La Biblia di fronte alle ultime scoperte*, Roma, 1958, p. 198; H. Vincent, *Revue Biblique*, 1928, p. 137-138.
- 18 — H. Vincent, *Canaan*, 174-176; *Rev. Bibl.* 1928, 138.
- 19 — W. F. Albright, *The Archaeology of Palestine*, London, 1956, 96-97, fig. 20.
- 20 — M. Ygael Yadin, *Grandeur et Décadence de Hatsor*, *Bible et Terre Sainte*, VI, 1957.
- 21 — Antoine Duprez, *La Piscine Probatique*, *Bible et Terre Sainte*, 86, 1966, fig. II.
- 22 — A. Rolla, *Obra cit.*, 199.
- 23 — A. Leroi-Gourhan, *Préhistoire de l'art occidental*, Ed. Luien Mazenod, Paris, 1965; *La religion des cavernes: magie ou métaphisique*, em *Sciences et Avenir*, 228, 1966.
- 24 — A. Clamer, *Genèse*, *La Sainte Bible*, Paris, 1953, 134-154.
- 25 — J. Perrot, *art. cit.*

## NOTÍCIAS

### **A necrópole de tipo «tholos» de Santiago do Escoural**

Em 15 de Agosto de 1964, quando efectuávamos a segunda campanha de escavações da gruta do Escoural, chegou-nos ao conhecimento que alguns trabalhadores tinham achado, cerca de duas semanas antes, pedras gravadas, ossos e louças, ao preparar um forno para fazer carvão, no cabeço da Herdade da Sala fronteiro ao lado nascente da referida gruta, em lugar de que dista menos de duzentos metros.

Um desses camponeses, de nome António Salvador Caetano, contou-nos que, quando, com os companheiros, estava a cobrir de terra a lenha do forno, apareceram ossos e fragmentos de placas e de cerâmica e, também, seis placas inteiras e um pequeno vaso.

Observando, na mesma data, o local recolhemos à superfície, na periferia do forno, alguns desses restos e verificámos que a parte revolvida não

atingira profundidade superior a 30 centímetros.

Junto ao forno afloravam, na altura, cinco lajes pouco espessas, colocadas ao alto, de cutelo e a anunciar a planta arredondada, o que associado ao espólio descoberto, permitiu considerar a existência de uma construção tumular.

Como cada fornada de lenha, coberta de terra, leva cerca de 40 dias a transformar-se em carvão, adiámos para a última semana de Setembro seguinte o início do estudo deste monumento.

Procurámos recolher, entretanto, as placas e os vasos encontrados pelos trabalhadores mas só conseguimos obter duas dessas placas e fragmentos de um vaso, com fractura recente, abandonados em terreno próximo.

Logo que o carvão foi retirado e com autorização do proprietário da Herdade, iniciámos a crivagem das terras revolvidas e carbonizadas, onde se encontrou diverso espólio muito fracturado e algumas peças de sílex, demonstrando esta recolha de 26 de Setembro a 3 do mês seguinte.

Retiradas as terras remexidas, principiámos a escavação do local em 19 de Outubro de 1964.

Para esse efeito, marcou-se uma linha de referência, a partir de ponto fixado numa das lajes, na presumível área a retirar, assinalada, em parte, pelo contorno de algumas pedras e dividiu-se o terreno a escavar em talhões cujo lado menor, de 1 metro, se mediu na citada linha e o seguimento transversal alcançou as lajes que revestem o monumento.

Escavou-se, assim, talhão por talhão, a colherim e com trincha, e registando tridimensionalmente as peças em relação à cota zero fixada, com o auxílio de linhas laterais, divisórias dos talhões e perpendiculares à principal.

A exploração do monumento prolongou-se até ao Verão de 1966, sendo objecto de numerosas pequenas campanhas de 4 a 5 dias, quando as condições atmosféricas e os afazeres o permitiram.

Na escavação trabalhámos com dois operários, um para desmontar o terreno e outro incumbido de crivar as terras, enquanto procedíamos às medições em papel milimétrico e ao registo e embalagem das peças.

Não foi possível determinar estratigrafia, embora se fizessem observações com esse propósito, mas colheram-se amostras de terra, em todos os talhões e a diversa profundidade, com vista a análises granulométricas.

A utilização da superfície, em várias épocas, para forno de carvão endureceu o terreno, o que associado à circunstância de existir uma cobertura de

lajes abatida sobre a câmara tornou difícil a recolha das peças que se apresentavam, na maioria, bastante apertadas na terra.

O espólio antropológico, cujo estudo está a cargo do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, revelou-se bastante danificado e revolvido, não permitindo, até agora, conclusões seguras quanto à posição inicial dos esqueletos nem relação com os objectos com que apareceu muito misturado.

O facto do local ter servido para fornos de carvão obrigará à maior prudência na interpretação dos materiais carbonizados recolhidos, dos quais os retirados a maior profundidade vão ser presentes ao laboratório para efeitos de datação absoluta.

Explorámos a necrópole com subsídios da Fundação Calouste Gulbenkian e na qualidade de colaborador do Museu Nacional de Arqueologia, onde o respectivo espólio está depositado.

\*

Situada a meio da encosta de um outeiro a cerca de 200 metros da gruta da Herdade da Sala, freguesia de Santiago do Escoural, concelho de Montemor-o-Novo, esta necrópole de tipo «tholos» é constituída por câmara, corredor e átrio que a seguir se descrevem:

*Câmara:* Com 6,25 x 5,75 m de diâmetro, de planta quase circular e revestida de 30 lajes, colocadas verticalmente, que apresentam as seguintes dimensões médias: altura entre 1 m e 1,20 m; largura que regula por 0,50 m;

espessura que só em alguns casos excede 0,10 m. No interior encontraram-se 52 lajes, de configuração irregular, placóides, cujas medidas médias são  $1 \times 0,50 \times 0,10$  m, as quais estavam distribuídas por toda a câmara, a profundidades e em posições diversas, a cobrir a terra que continha a maior parte do espólio. Considerado o largo vão com cerca de 6 m de diâmetro e a irregularidade da forma das lajes existentes no interior da cripta, é possível admitir que tenha existido uma cobertura sustentada por estrutura mais leve, talvez de traves de madeira, sobre a qual as lajes estariam dispostas imbricadamente. Não apareceu qualquer abertura ao centro que justificasse a existência de um pilar. O fundo da câmara é formado pela rocha natural.

*Corredor:* Com a estrutura inicial bem conservada, tem 3,40 m de comprimento e apresenta junto à porta que dá para o átrio, e em grande parte do seu percurso, a largura de 0,65 m; para terminar à entrada da câmara com 0,40 m. Revestido por cinco lajes de cada lado, dispostas verticalmente, mostra no lado direito, quando se entra, a altura média de 0,50 m e no lado esquerdo a de 0,75 m. Esta diferença, destinada a compensar o desnível do terreno, originou a disposição um pouco oblíqua das lajes da sua cobertura. O corredor apresenta-se coberto por 5 lajes, uma das quais assente em outra maior, com intervalos entre si devido ao seu recorte irregular, admitindo-se que falte uma laje no es-

paço central de cerca de 0,50 m deixado a descoberto; as lajes da cobertura prolongam-se lateralmente, para além dos apoios, cerca de 0,25 m. O corredor termina por duas ombreiras a formar porta, com 1,10 m de altura e contorno irregular no sentido transversal, apresentando a do lado esquerdo, quando se entra, cerca de 0,25 m de largo e a do lado direito 0,25 m junto ao solo e 0,50 na extremidade superior.

*Átrio:* Tem 2,35 m de comprimento e a largura aumenta dos 0,70 m à entrada para 0,80 m junto à porta de acesso ao corredor. Encontra-se revestido por 5 lajes, colocadas verticalmente, de cada lado e que apresentam alturas variáveis e decrescentes, a partir da porta até à entrada, entre 1 m e 0,50 m.

A necrópole não mostra vestígios da colina tumular, está orientada para Sueste e revelou o seguinte espólio arqueológico:

#### *Cerâmica*

- 21,4 quilos fragmentos
- 1 placa com dois orifícios
- 1 possível pega
- 12 vasos inteiros
- 8 vasos partidos

#### *Cristal de rocha*

- 3 lâminas
- 51 lascas de restos de fabrico
- 33 núcleos

*Contas de colar — 1031*

- 12 bicónicas
- 1017 discóides
- 2 tubulares

*Peças em osso*

- 2 agulhas
- 2 fragmentos de agulhas
- 1 pequena placa

*Pedra polida*

- 1 enxó
- 1 escopro
- 5 fragmentos atípicos
- 1 machado

*Placas de xisto*

- 92 inteiras
- 58 incompletas
- 32 fragmentos
- 86 com 1 orifício
- 10 com 2 orifícios
- 14 sem orifício

*decoração predominante:*

- 10 com faixas em espinha
- 26 com faixas quebradas
- 11 com faixas em zig-zague
- 10 com faixas em rectângulos
- 100 com faixas de triângulos
- 2 com xadrez

*Pontas de seta — 347*

- 266 de base côncava
- 77 de base recta
- 4 pendunculadas

*Seixos rolados*

- 8 pequenos
- 2 fragmentos de grandes

*Silex*

- 1 alabarda e fragmento de outra
- 44 lâminas
- 24 micrólitos triangulares

•

As construções funerárias de tipo «tholos» exploradas em Portugal, a Sul do rio Tejo, são 26, com a que ora apresentamos, das quais 12 no Algarve, 10 no Baixo Alentejo e 4 no Alto Alentejo, que a seguir se enumeram:

*Algarve*

1. Castro Marim
2. Marcela (Vila Real de Santo António)
- 3-9. Alcalar, II a VII (Portimão)
- 10-11. Vidigal Velho, IX - X (Portimão)
12. Monte Velho (Portimão)

*Baixo Alentejo*

13. Nora Velha (Ourique)
14. Colos (Odemira)

15. A-dos-Tassos (Ourique)
16. Monte Velho (Ourique)
17. Cerro do Gatão (Ourique)
18. Malha Ferro (Ourique)
19. Monte das Pereiras, I (Beja)
20. Monte do Outeiro (Aljustrel)
21. Odivelas (Ferreira do Alentejo)
22. Lousal (Grândola)

#### *Alto Alentejo*

23. Farisoa (Reguengos de Monsaraz)
24. Comenda (Reguengos de Monsaraz)
25. Vale de Rodrigo (Évora)
26. Santiago do Escoural (Montemor-o-Novo)

Identificaram-se, ainda, possíveis monumentos deste tipo noutras regiões do Baixo Alentejo, como Barrancos e Messejana, que aguardam oportunidade de ser escavados.

A distribuição de tais necrópoles a Sul do Tejo está relacionada com as áreas onde existem jazigos de cobre, ouro e prata.

Na região de Alcalar há minas de cobre e de ouro (S. Estêvão e Montoito). As zonas do Baixo Alentejo em que se situam estes monumentos são, essencialmente, cupríferas (Aljustrel, Lousal, S. João de Deserto e Herdade do Montinho). A poucas centenas de metros do monumento do Escoural encontra-se uma mina de ouro e apenas a alguns quilómetros do mesmo local, mas em direcções diversas, conhecem-se uma mina de ouro e outra de prata.

A estrutura das construções, algum do seu característico espólio e a sua localização em regiões mineiras permitem-nos considerar que se trata de uma cultura que a partir do Sueste da Península se espalhou para o litoral algarvio e daí progrediu em direcção ao Norte, à procura de metais, alcançando como limite setentrional conhecido, a área de Santiago do Escoural.

Observam-se nestes monumentos os seguintes tipos de cobertura da câmara:

1. O de falsa cúpula, com aparelho miúdo desde o solo, a avançar sucessivamente para dentro, em fiadas de pequenas e delgadas lajes, até cobrir o vão superior (Alcalar II, IV - VII; Cerro do Gatão; A-dos-Tassos; Vidigal Velho IX - X).
2. Um tipo misto, com lajes e revestir a parte inferior da câmara e alvenaria miúda na parte superior a elevar a falsa cúpula (Vale de Rodrigo e Monte do Outeiro).
3. Um possível terceiro tipo representado por lajes, colocadas na vertical, a revestir a câmara, sem que se saiba com exactidão, o género de cobertura usado, embora as dimensões de certas criptas e o tamanho das lajes encontradas no interior de algumas delas nos leve a supor que eram tapadas, superiormente, com pedras apoiadas em estrutura mais leve, talvez de madeira (Alcalar III e VIII, Marcela, Malha Ferro, Nora, Lousal, Monte Velho de Ourique,

Monte das Pereiras, Colos, Farisoa, Comenda e Santiago do Escoural).

No espólio da necrópole de Santiago do Escoural evidenciam-se, pela representatividade, manifestada na variedade de formas e de decorações, as 150 placas de xisto ali recolhidas, das quais 92 inteiras e 58 incompletas, além de 32 fragmentos, cuja decoração e contorno são, em alguns casos, reconstituíveis.

Tal quantidade assume particular significado se considerarmos que o total das placas de xisto encontradas nos outros monumentos do mesmo tipo é, apenas, de 112. Além disso, surpreendeu-nos verificar que nunca foi descoberta quantidade tão elevada destas peças numa jazida, só se lhe aproximando e mesmo assim como achado classificado de excepcional, o conjunto da Anta Grande do Olival da Pega (Reguengos de Monsaraz) com 134 placas, das quais 74 inteiras ou reconstituíveis.

A existência de tão grande número de placas de xisto num monumento de nítida influência do Sueste peninsular, tanto na estrutura arquitectónica como em grande parte do seu espólio, nomeadamente nos perfis dos vasos e no recorte das pontas de seta, parece mostrar que os mineiros de Santiago do Escoural enriqueceram o seu formulário funerário em contacto com as populações das antas. Observa-se fenómeno inverso em regiões sem tradição megalítica acentuada, como o Baixo Alentejo, onde as populações das «tho-

loi» conservaram o hábito de reproduzir, com maior pureza, o espólio votivo, trazido do seu foco de origem.

O restante mobiliário do monumento do Escoural também sugere algumas reflexões.

Assim, a grossa placa de cerâmica, com dois orifícios, ali descoberta é idêntica a diversas encontradas em antas da região, enquanto que outra peça, também de barro cozido, lisa e em forma de «charuto» espalmado levemente e curvo, a terminar na parte superior, em duas pontas, parece-nos, embora com evidentes reservas, a pega de uma vasilha.

Por toda a câmara, e às vezes em grupos, devidamente assinalados no registo do papel milimétrico, apareceram inúmeras pontas de seta de sílex, xisto e cristal de rocha, em que muitas apresentam aletas na base, com tipos semelhantes aos de Los Millares e de Alcalar.

A maioria deste conjunto de 347 pontas de seta apresenta um retoque marginal extremamente delicado e que atinge o mais fino labor em algumas das fabricadas em cristal de rocha.

Também neste caso, a quantidade recolhida no Escoural é representativa e excede, largamente, o total das 102 pontas de seta aparecidas nos monumentos do mesmo tipo.

A cerâmica encontrada no monumento apresenta o seguinte estado de conservação:

- 12 vasos inteiros
- 8 vasos incompletos

21,4 quilos de fragmentos, muitos deles com possibilidades de reconstituir as formas.

Os perfis dos vasos variam, desde os de configuração esférica aos de paredes côncavas e fundo redondo, existindo, ainda, alguns de corpo cilíndrico e fundo arredondado e outros do tipo das taças de pequena altura.

A maioria dos vasos são lisos; um deles mostra um grupo de sulcos, dispostos paralelamente e interrompidos por traço vertical ao centro; outro tem uma decoração de duas filas de linhas circulares paralelas e incisas, colocadas lado a lado; um terceiro apresenta uma série de cordões dispostos verticalmente a espaços regulares e preenchidos por incisões sucessivas e paralelas. Há, ainda, 2 vasos com mamilos distribuídos simetricamente pelo bojo.

1031 contas de colar, predominantemente discóides, 44 lâminas de sílex, 24 micrólitos triangulares, uma alabarda, algumas peças trabalhadas em osso, núcleos de cristal de rocha e um numero insignificante de peças de pedra polida completam o espólio funerário do monumento de Santiago do Escoural.

A única datação absoluta, pelo carbono 14, em monumentos deste tipo, a Sul do Tejo, foi obtida em A-dos-Tassos, onde se registou a cronologia de 1800+200 a. C. (Lab. Saclay).

*Manuel Farinha dos Santos*

### **Concheiro mesolítico do Barranco da Moura, Grândola**

Ao fim de alguns meses de porfiadas pesquisas nos arredores de Grândola, conseguimos identificar (12-XI-1967), um concheiro mesolítico a cerca de 6 quilómetros, para Nordeste, daquela vila, no local conhecido pelo sugestivo topónimo de *Barranco da Moura*.

Esta estação pré-histórica situa-se em local sobranceiro a um vale seco, na propriedade do senhor dr. Luís André, residente em Grândola que, gentilmente, deu facilidades para efectuar o reconhecimento da superfície da jazida e as sondagens necessárias.

O concheiro do Barranco da Moura apresenta evidentes vestígios de intensa ocupação humana numa área de cinquenta por sessenta metros, formando um rectângulo, de configuração quase regular, com cerca de trezentos metros quadrados.

Além do que é possível observar nos inúmeros buracos dos formigueiros ali existentes (pequenos fragmentos de conchas e terra preta transportados pelas formigas das camadas interiores do terreno para a orla desses orifícios), em alguns lugares aflora a terra preta do concheiro, especialmente numa parte da periferia, em declive, onde aparecem, também, fragmentos de conchas, quantidade apreciável de peças de sílex, algumas com manifesto trabalho intencional característico da técnica mesolítica. Por outro lado, a su-

perfície da primeira camada, de terra castanha, está recamada de restos de fabrico de sílex à mistura com peças típicas fabricadas na mesma matéria-prima.

Na pequena sondagem a que procedemos, no interior da área do concheiro, obtivemos a seguinte leitura:

#### *Primeira camada*

De terra castanha, com 26 cm de espessura e contendo alguns núcleos e lamelas de sílex.

#### *Segunda camada*

De terra preta, a partir dos 26 cm de profundidade, contendo núcleos, micrólitos, lamelas e pequenas raspadeiras; neste estrato surgiu, aos 36 cm de fundo, uma camada de conchas de *Cardium edule* e como aos 42 cm as terras se apresentassem queimadas e aflorassem as pedras com vestígios de carbonização, de uma possível lazeira, não se considerou conveniente prosseguir a sondagem que foi devidamente coberta e assinalada.

*Manuel Farinha dos Santos*

### **Achados da Idade do Bronze em Ervidel (Aljustrel)**

Quando lavrava uns terrenos numa herdade pertencente ao lavrador José Matos Lampreia, situada nos subúrbios de Ervidel (Aljustrel), um trabalhador descobriu uma necrópole que, segundo o parecer do arqueólogo Dr. Fernando Nunes Ribeiro, pertence à idade do

bronze, portanto, 500 a 1000 anos antes de Cristo.

Na necrópole, situada junto a um velho moínho nos montes mais elevados dos arredores de Ervidel, foram descobertos, além de ossadas, um punhal em bronze e vários objectos de metal, cerâmica, em forma de jarro e de ânfora.

Já anteriormente haviam sido descobertos, em Ervidel, outros pequenos cemitérios da mesma remota época.

*Primeiro de Janeiro de 10-1-1967.*

### **Sepultura com um esqueleto e várias peças de cerâmica**

Na herdade do Outeiro dos Pintos, a cerca de 14 quilómetros do Vimieiro, quando um tractor procedia ao amanho das terras, foi acidentalmente descoberta uma sepultura, construída com tijolo e coberta por uma placa de mármore. Dentro encontrava-se um esqueleto e algumas peças de cerâmica.

*Notícias de Évora de 24-1-1967.*

### **Importantes vestígios romanos descobertos no Seminário de Santiago de Braga**

No decorrer de obras levadas a efeito no claustro do Seminário de Santiago de Braga apareceram, perto da superfície, fragmentos de colunas e de cerâmica e um artístico e grande capitel e, a mais de três metros de profundidade, uma construção rectangular em que o pavimento apresenta um mosaico com desenhos de peixes.

*O Comércio do Porto de 25-1-1967.*

### **Ruínas de um Zimbaué no Songo**

Foram localizadas as ruínas de um zimbaué, em pleno planalto do Songo, a cerca de 130 quilómetros de Tete, no sentido do nascente do rio Zambeze. Estas ruínas situam-se a 1300 metros de altitude e ocupam uma extensão de 80 metros quadrados.

*O Século de 1-2-1967.*

### **«Vila» Lusitano-Romana de Pisões (Beja)**

Na freguesia do Penedo Gordo, na herdade de Algramaça, no sítio denominado Pizões, integrado num conjunto das herdades de Almocreva, pertencentes à Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Almodovar Fernandes, foram descobertas várias ruínas de paredes e pavimentos de uma vila romana que foi ocupada até aos fins do século IV da nossa era.

O valioso achado arqueológico surgiu quando se efectuavam no local trabalhos de preparação de terras para a lavoura, com uma subsoladora.

As paredes já descobertas encontram-se revestidas de folhas de mármore, o que tudo indica tratar-se de uma construção grande. Aliás, os achados situam-se junto a um barranco, que se alarga numa extensão de um hectare de terreno, a duzentos metros de uma antiga represa ou barragem romana e muito perto do rio de Pizões.

O «Diário de Notícias» ouviu o Sr. Dr. Fernando Nunes Ribeiro, director do Arquivo de Beja e activo arqueólogo do distrito, que sobre a importante descoberta arqueológica informou que

no solo observado até agora foram encontradas duas espécies de mosaicos, uma em forma de formigão e outra com desenhos geométricos, a cores branca, azul-escuro e vermelha. Também segundo aquele arqueólogo, foram já retiradas do local várias pedras, algumas trabalhadas, e cunhais de paredes de muros grandes, os quais se encontram devidamente guardados.

A demonstrar que junto à vila — casa de campo romana com algumas dependências rústicas — existiram lagares, ali estão os cilindros de pedra encontrados, pesos de pedra redonda com entalhes onde entravam as varas de madeira que os faziam rodar para esmagar a azeitona.

Uma moeda de bronze do tempo do imperador romano Teodósio deu a data daquela estação arqueológica, ou seja, do século IV da nossa era.

Segundo informaram ao Sr. Dr. Fernando Nunes Ribeiro, a referida moeda foi encontrada junto a uma galeria subterrânea que conduz a uma sala com arcos, estando à entrada desta um esqueleto e um anel em bronze, da mesma época.

Para proteger os valiosos mosaicos, aquele arqueólogo mandou tapar o solo onde se encontraram, com terra apropriada, e comunicou o achado à Junta Nacional de Educação.

*Diário de Notícias de 21-2-1967.*

### **Povoado mesolítico em Angola**

O Dr. Miguel Ramos, perito da Junta de Investigações do Ultramar, encontrou na região de Capangombe,

no Sul de Angola, vestígios de habitações do mesolítico, que teriam sido utilizadas por homens de há dez mil anos — informa em Luanda o diário «O Comércio».

A 55 centímetros de profundidade, aquele investigador encontrou restos de fogueira e buracos onde estiveram implantadas estacas de habitações alongadas, muito diferentes das que hoje existem no distrito da Huila.

O povo de Capangombe, oito mil anos antes de Cristo, dedicava-se certamente à caça e à colheita de frutos — conforme as declarações do Dr. Miguel Ramos, mas desconhecia a agricultura por falta dos utensílios indispensáveis.

*Diário de Lisboa* de 8-3-1967.

### **Achados submarinos na zona do Cabo da Roca**

Segundo um porta-voz do Ministério da Marinha, este departamento vai proceder à prospecção dos valores arqueológicos submarinos que recentemente foram detectados na zona do Cabo da Roca.

Para isso, o Ministério da Marinha, mandou já interditar uma zona com uma milha de raio e centro num local submerso, denominado Lourçal, situado entre as praias do Guincho e da Adraga. A decisão foi tomada depois de o mergulhador José Borja ter descoberto canhões de bronze, possivelmente pertencentes a uma antiga nau que se teria ali afundado.

*Novidades* de 2-4-1967.

### **Descoberta de uma necrópole próximo de Valpaços**

No lugar de Água Revés o Sr. Manuel Trinta quando procedia a umas escavações, num seu olival, encontrou várias sepulturas de pedra contendo ossos humanos e moedas antigas.

As lajes que cobrem as sepulturas contêm inscrições, ignorando-se ainda o seu significado, esperando-se que os serviços oficiais iniciem as investigações adequadas.

*O Século* de 23-5-1967.

### **Materiais de construção Lusitano-Romanos encontrados em Boticas**

No lugar de Boticas (Barroselas), numa bouça à margem da estrada romana que ligava Viana a Braga, o correspondente do «Jornal de Notícias» naquela localidade encontrou tijolos e fragmentos de telhas que, na opinião de entendidos na matéria, eram de pavimentos e coberturas de casas da época romana.

*Jornal de Notícias* de 2-6-1967.

### **Ruínas Portuguesas do entreposto de Dambarare (1690)**

O matutino «Notícias», de Lourenço Marques, informa que o historiador Garlake, inspector-chefe da Comissão de Monumentos Históricos da Rodésia, localizou as ruínas do Entreposto Comercial Português de Dambarare, a 50 quilómetros de Salisbúria, o qual foi destruído pelos matabeles em 1690.

Acrescenta que no local foram encontrados restos de louças portuguesas e chinesas, um castiçal de bronze e paredes em tijolo maticado em perfeito estado de conservação.

Foi também descoberto um esqueleto que será recuperado pela arqueologia Margaret Garlake.

*Diário da Manhã de 19-6-1967.*

### **Pintura rupestre que parece representar um guerreiro português do século XVI**

Quando estudava cuidadosamente pinturas rupestres feitas pelos primitivos habitantes de África, numa gruta das montanhas Drakensberg (Dentes de Dragão) — uma enorme massa escavada que se ergue de um planalto a 4000 pés de altitude —, o arqueólogo e historiador sul-africano J. C. Simpson afirma ter encontrado, numa delas, a representação de um guerreiro português do século XVI.

Tratar-se-ia talvez — na opinião daquele estudioso — de um sobrevivente de qualquer dos naufrágios sofridos pelas naus portuguesas na costa do Natal e da Cafrária.

J. C. Simpson relaciona o achado com o naufrágio da nau «Santo Alberto», que se perdeu em 27 de Março de 1593, próximo da actual Umtata. A nau vinha de Cochim para Lisboa, quando uma tempestade a partiu em duas metades, havendo notícia de que um grupo de sobreviventes desse naufrágio, tendo por chefe Nuno Velho Pereira, que fora capitão de Sofala, teria atingido a gigantesca montanha dos

Drakensberg, nunca antes vista por olhos de europeus. O grupo prosseguira a marcha, a caminho da baía de Lourenço Marques, mas nas faldas da montanha ficara um homem exausto de frio e incapaz de caminhar. Sabe-se que o seu nome era Álvaro Ponte. Será de Álvaro Ponte a figura gravada na montanha?

*Diário de Notícias de 27-6-1967.*

### **Sepulturas de incineração descobertas na cidade do Porto**

Na avenida Marechal Gomes da Costa, do lado nascente, estão a ser feitas construções de grande vulto. E tais construções, quer por motivo do lançamento dos alicerces, quer porque em regra ficam com grandes caves, dão origem a grandes escavações. A estas se procedia anteontem num prédio que começa a ser construído um pouco antes do Largo do Rechincho e que vai ocupar terrenos que foram de prédios da antiga Rua das Águas e respectivos quintais, estes encostados ao muro da cerca do antigo convento dos Congregados, quando surgiu algo que constituiu surpresa. Era uma espécie de caixa em tijolo. Junto dela estava uma ânfora de cobre já em precário estado de conservação. Os trabalhos, no local, pararam, e foi pedida a presença do cônego Sr. Dr. Arlindo Ribeiro da Cunha, verdadeira autoridade em problemas de arqueologia e em todos os outros que digam respeito a antiguidades e escritor e investigador de renome. Sob a sua orientação e com todas as cautelas, prosse-

guiu a descoberta da caixa, e viu-se então que se tratava duma sepultura da época romana, dentro da qual se encontravam duas ânforas contendo cinzas, e envoltivas em carvão. Sabendo-se que os romanos utilizavam para sepulturas terrenos situados à margem das vias de comunicação e que na Braga romana existia naquele ponto uma viela, chegou-se à conclusão que as cinzas contidas nas ânforas, eram os restos de dois cadáveres incinerados no local, conclusão reforçada pela existência do carvão, e depois de incinerados sepultados dentro da caixa de tijolo.

*Comércio do Porto de 28-6-1967.*

### **Colunas de granito encontradas em Évora**

Nas obras de remodelação da filial do Banco Nacional Ultramarino, desta cidade, foram postas a descoberto, em escavações muito abaixo do nível do solo colunas de granito, de forma circular, com o comprimento de 2,40 m por 0,38 m de diâmetro.

As referidas colunas têm bases quadradas e pequenos capitéis circulares.

Não se procedeu ainda ao respectivo estudo, desconhecendo-se o seu valor histórico e arqueológico, mas parecem ser do tempo da dominação romana na Península.

As cinco colunas foram oferecidas ao município eborense, que vai promover a sua remoção para o seu Museu Regional.

*Diário de Lisboa de 20-7-1967.*

### **Aparecimento de uma torre quadrangular em Ponte de Lima**

Numas demolições que se estão a fazer em redor do Paço do Marquês, para um arranjo urbanístico, mandado executar pela Câmara Municipal de Ponte de Lima, apareceu uma velha torre, quadrangular, muito à semelhança da Torre de S. Paulo, esta a única que havia escapado às demolições do século passado, das 9 torres e 6 portas da antiquíssima praça de armas da nossa velha vila.

O castelo agora em princípio descoberto não tem ameias, não se sabendo ainda até que ponto chegam as suas fundações, o que tudo se espera verificar, estando a ser retirado o conteúdo do seu interior, pois estava aterrado e, possivelmente desfeito na parte superior, pois ali assentava uma casa, agora demolida.

*Diário do Minho de 3-8-1967.*

### **Achados arqueológicos na Sé de Évora**

Depois da electrificação dos lustres de Veneza, dos princípios do século XIX, e da restauração da talha do órgão quinhentista da Catedral, obra esta feita a expensas da Fundação Calouste Gulbenkian, que também custeou a restauração do famoso órgão na Holanda considerado o mais antigo da Europa, a Direcção dos Monumentos Nacionais está procedendo à restauração do pavimento do coro da Sé e da sua preciosa talha renascentista, da-

tada de 1562, bem como das Capelas de S. José e de Nossa Senhora da Boa Morte.

Nestas duas capelas das extremidades da cabeceira da Basílica Metropolitana, acaba de ser retirado o estuque setecentista, que cobria o granito das paredes, ficando a descoberto na primeira um belo túmulo gótico, com arca tumular sob arco-sólio, de D. Constança, grande benfeitora da Sé no século x<sup>v</sup>, semelhante aos que se encontram no exterior da Catedral, dos lados sul e poente; e, na segunda, a porta gótica que D. Afonso V mandou abrir para entrada na Sala Capitular, hoje Arquivo e Museu de Arte Sacra, obrigando a deslocar o túmulo de D. Vasco Martins de Melo (neto e homónimo do célebre alcaide de Évora que salvou o Mestre de Avis da morte tramada por D. Leonor Teles) para a parede fronteira, onde já existia um túmulo com arco-sólio românico, também agora posto a descoberto, mas já sem a respectiva arca tumular.

Retirado o soalho da Capela de S. José ficaram à vista algumas pedras tumulares, sendo uma gótica, de cavaleiro medieval e, na capela da Boa Morte, duas campas quinhentistas e uma medieval.

*A Defesa de 23-9-1967.*

### **Sepultura Lusitano-Romana em Faro**

Na Quinta dos Fumeiros, onde se anda a construir o Liceu Feminino, foi encontrada uma sepultura, com

toda a aparência de romana, havendo vestígios de mais.

Sob a direcção do Sr. Prof. Pinheiro e Rosa, auxiliado pelo fiscal das obras Sr. Manuel Viegas Guerreiro e pelos pedreiros Manuel Joaquim Guerreiro e António de Jesus, foi posta a descoberto para ser fotografada, encontrando-se parte do esqueleto dobrado e uma moeda.

*O Algarve de 24-9-1967.*

### **Estatueta com cerca de 1900 anos considerada única no Ocidente Europeu**

Junto da muralha do lado poente da velha Egitânia, hoje Idanha-a-Velha, no distrito de Castelo Branco, foi encontrada pelos arqueólogos D. Fernando de Almeida e O. Veiga Ferreira, em escavações ali efectuadas, em Outubro de 1965, uma pequena estatueta esculpida em azincho, representando um indivíduo do sexo masculino, como provam o penteado e a indumentária, segundo a opinião dos referidos cientistas.

Conjuntamente, foram achados vários objectos da mesma época, como cerâmicas de «terra sigillata», alfinetes para cabelo («acus crinalis»), anéis, uma roda de carro, sementes de frutos e restos de alimentos.

A todos os objectos encontrados é atribuída a idade de 1900 anos. A estatueta considera-se rara pelo menos em todo o Ocidente Europeu, onde jamais se encontrou outra semelhante. A nossa gravura apresenta-a em tamanho natural, depois de beneficiada no

Museu Monográfico de Reconstituição de Conímbriga. A região de Idanha-a-Velha é considerada arqueologicamente muito rica pois, tendo sido teatro de numerosas invasões, conheceu várias civilizações. Por ali passaram celtas, romanos, visigodos e foi assolada por suevos e alanos e mais tarde pelos árabes.

No século IV, foi diocese da Metrópole de Braga. No século VI, os visigodos erigiram a Sé, arruinada por longo tempo e hoje em reconstrução, bem como as muralhas. Ali nasceu o rei godo Wamba, cuja vida proporcionou a criação da «lenda do freixo» ainda hoje lembrada pelo povo. Mais tarde, já na posse dos cristãos, foi comenda da ordem dos Templários, de que foi mestre Gualdim Pais, reinando então D. Afonso Henriques. Ao longo dos tempos foi perdendo o seu antigo esplendor e importância estratégica e é agora uma pequena e modesta aldeia, isolada do Mundo e debruçada sobre o Pónsul. Desde há anos que se situa ali um campo de estudos arqueológicos.

*O Século* de 24-10-1967.

### **Ruínas do antigo Palácio da Inquisição**

Sob as ruínas do Teatro Nacional D. Maria II, cujas obras de reconstrução foram já iniciadas, encontram-se os restos do antigo Palácio da Inquisição.

Escadarias, barros, moedas antigas,

alvenarias que o tempo escondeu, surgem, agora sob a picareta do operário. Falando à imprensa, um técnico da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos esclareceu que a existência do Palácio da Inquisição era conhecida, havendo, inclusivamente, uma detalhada planta do local.

*ABC (Luanda)* de 25-10-1967.

### **Catacumba na Igreja de Santo António de Viana do Castelo**

Na igreja de Santo António, em Viana do Castelo, foi descoberta uma catacumba com várias sepulturas e ossadas. A entrada é feita por um alçapão, ao centro da capela-mor. São ainda bem visíveis várias pinturas.

Supõe-se que as ossadas pertençam aos frades que ocuparam o convento anexo, hoje enfermaria militar.

*Jornal de Notícias* de 27-10-1967.

### **Restos de uma povoação Lusitano-Romana em Elvas**

Na herdade do Paço do Concelho, um dos locais onde passa a conduta de água da Barragem do Caia, durante escavações, a que ali se procedeu, foram descobertas umas minas que se presume pertencerem a uma povoação romana. Entre os elementos postos a descoberto salientam-se várias colunas de granito, de regular tamanho e artisticamente trabalhadas.

*Diário do Norte* de 9-11-1967.

## BIBLIOGRAFIA

PEDRO DE PALOL — *Arqueologia Cristiana de la España romana*, ed. do Instituto Enrique Florez (C. S. I. C.), Madrid, Valladolid, 1967, XX+418 págs., 98 figs. no texto, CXV ests., V mapas. Preço 600 pts.

De há tempos que era esperado, com muito interesse, este trabalho monumental do Prof. Pedro de Palol. Falta aos estudiosos uma obra de conjunto sobre as manifestações artísticas até há pouco mal conhecidas, onde um investigador persistente e esclarecido ordenasse e comentasse, não só o abundante material que diariamente nos é dado apreciar sobre os últimos achados e investigações realizadas um pouco por toda a Península, mas também os integrasse no conjunto dos valores de há muito revelados. A ordenação referida não foi elaborada sob um critério unilateral, limitando-se o A. a alinhar o que andava disperso.

Estabelecido o período em que se desenrolou a Arq. Cristã, determina-lhe os limites, precisamente entre o séc. IV e o surto da Arte visigótica, no final

do séc. VI. Tendo por base o conhecimento da história da época para bem se poder compreender o ambiente por ele revelado e, com o ambiente, o espírito que o animou; bem integrado, pois, no período e no lugar em que viveu, mostra-nos o A. como essa base tinha um fundo peninsular forte, uma infra-estrutura que pôde permitir, sem grandes estragos, um largo assento romano. E sobre ambos, sobre o peninsular e sobre o romano foram proliferar, como é sabido e o A. demonstra, as Artes indispensáveis à nova religião.

O Cristianismo teve, a princípio, necessidades limitadas, dado o seu âmbito restrito; mas com a liberdade de cultos e a sua conseqüente expansão, serviu-se de todas as possibilidades que a Arte lhe podia dar, não só para a Arquitectura dos templos, como da sua decoração, fosse ela pintura, escultura, ou as mal chamadas Artes menores (a Arte não se mede a palmos).

Nasceu a Primeira Arte Cristã precisamente da integração do Cristianismo dentro do ambiente em que começou a dar largas à sua expansão; e o

Prof. Palol soube, neste seu livro, proporcionar-nos uma visão evolutiva das principais manifestações artísticas que mais interessa conhecer neste período, aliás preparatório de um novo mundo. O Paganismo ainda não estava extinto, se é que alguma vez o estará, e o Cristianismo, forte na sua doutrina, ainda não se encontrava tão bem estruturado que não permitisse surgirem, entre os seus adeptos, heresias de modalidades várias. Era um remexer constante que só iria tomar sentido e forma, na Península, depois da unificação religiosa e política no tempo de Recaredo, no final do séc. VI. Esse novo período é o chamado visigótico, ou da Segunda Arte Cristã; teve pouca duração, pois quando entrava na maturidade terminou cerce, com a invasão árabe, em 711.

O período da Primeira Arte Cristã tem preocupado, principalmente, os historiadores, desde longa data. Os arqueólogos, sobretudo nos últimos anos, têm-lhe dado farta contribuição; e justo é salientar o papel preponderante nela representado, em Espanha, pelo Prof. Palol.

O estudo da Alta Idade Média continua na ordem do dia e tem neste denso volume, largamente ilustrado, a sua melhor representação. Nos XIV capítulos que o compõem, o A. trata,

sucessivamente, dos templos paleocristãos, dos de transição para os hispano-visigodos, dos funerários, baptistérios, altares, mosaicos, motivos decorativos, necrópoles, artes menores. Conclui o A. por considerar a Arte funerária, onde se nota sempre a marca romana, como a mais antiga manifestação artística paleocristã hispânica. A Arte da Síria e da Palestina, com passagens por Bizâncio e Alexandria, exerceram influências artísticas manifestas no N. de África Cristã. Por sua vez, por Cartago passara um povo germânico, os Vândalos, e na Península ficaram povos da mesma origem; estreitaram-se, assim, as relações dos dois povos, aliás reforçados, ainda, no tempo das conquistas norte-africanas e peninsulares de Justiniano, que levaram o A. a propor a existência, não seguida unânimeamente por todos os historiadores, da formação de uma província artística paleo-cristã norte-africana.

Trata-se, pois, de um livro que já podemos considerar clássico por ser de consulta indispensável para quem pretender debruçar-se sobre uma época de tanto interesse para a História da Península. Auxiliam comodamente a sua consulta, índices geográfico, onomástico, de estampas, de gravuras e de mapas.

*D. Fernando de Almeida*

CATALOGUE DES INSCRIPTIONS LATINES  
DU MUSÉE LEITE DE VASCONCELOS

SCARLAT LAMBRINO

Professeur à l'Université de Lisbonne

(Continuation)

V

ALENTEJO

Sans n.° d'Inventaire. V. — Alentejo

38 — Autel en pierre calcaire grisâtre, qui est placé, dans le Musée, parmi les monuments de l'Alentejo; il doit donc provenir de cette région.



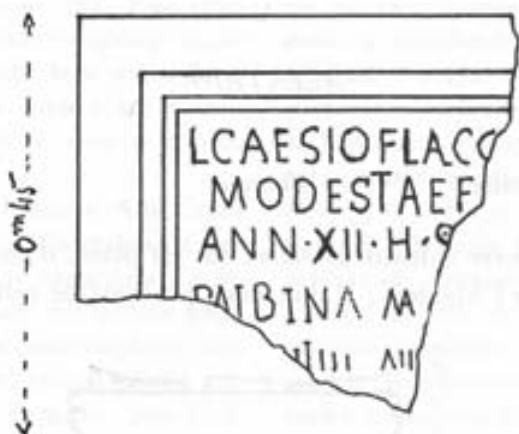
Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>68, largeur 0<sup>m</sup>37, épaisseur 0<sup>m</sup>38.

*Reburrus | Taxi (filius) Iovi Op | timo Ma | xumo | v(ovit) m(erito).*

*Inventaire E 6335. V. — Alentejo*

39 — Fragment d'une plaque en pierre calcaire, provenant de l'Alentejo (*Inventaire*).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>45, largeur 0<sup>m</sup>43, épaisseur 0<sup>m</sup>20; hauteur des lettres : 0<sup>m</sup>035-0<sup>m</sup>04.



*L(ucio) Caesio Flacc[o ... (nom de la mère) ...] | Modestae f(ilio)*  
*[.....] | ann(orum) XII, h(ic) s(itus) [e(st) .....] | Balbina ma-*  
*[ter? ..... | .....].*

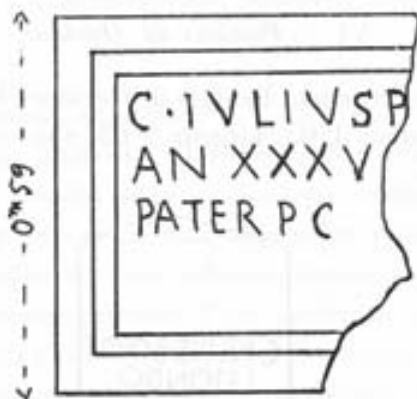
*Inventaire E 7093. V. — Alentejo*

40 — Fragment de plaque funéraire, provenant de l'Alentejo (*Inventaire*).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>59, largeur 0<sup>m</sup>51, épaisseur 0<sup>m</sup>11.

L. 3: la lettre se voit avec peine.

Hauteur des lettres: l. 1-2 0<sup>m</sup>055, l. 3 0<sup>m</sup>04.



*C(aius) lulius P(ublii) [f(ilius) .....] | an(norum) XXXV*  
*[... (nom du père) ...] | pater p(onendum) c(uravit).*

*Inventaire E 7094. V. — Alentejo*

41 — Fragment de plaque en marbre, provenant de l'Alentejo (*Inventaire*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>36, largeur 0<sup>m</sup>43, épaisseur 0<sup>m</sup>10; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>05.



*[.....P]roculus | [.....], h(ic) s(itus) e(st), S(it) t(ibi)*  
*t(erra) l(evis).*

## VI. — VIPASCA

*Inventaire E 6385.* VI. — Panóias de Ourique

- 42 — Stèle de schiste provenant Panóias de Ourique (*Leite de Vasconcelos*).  
Dimensions: hauteur 1<sup>m</sup>03, largeur 0<sup>m</sup>63, épaisseur 0<sup>m</sup>07.



E. HÜBNER, *CIL*, II, 5790. — J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, XIII (1908), p. 283-284.

*C. Iulius Bouti f(ilius) Letondo.*

*Inventaire 17 939.* VI. — Vipasca

- 43 — Plaque de bronze, découverte près d'Aljustrel (*M. J. de Campos*) et contenant une *lex metallis dicta* (*S. Riccobono*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>765 × 0<sup>m</sup>550 × 0<sup>m</sup>012; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>018 (l. 1), 0<sup>m</sup>006-0<sup>m</sup>007 (le reste).

R. CAGNAT, *Journal des Savants*, 1906, p. 441 et suiv., 671 et suiv.  
— M. J. DE CAMPOS, *Arch. Port.*, XII (1907), p. 220 (acquisitions du Musée du mois d'Août 1906). — E. CUQ, *Journ. des Sav.*, 1911, p. 294 ss., 346 ss. — SCHOENBAUER, *Beitr. zur Gesch. des Bergbaurechtes*, 1929, p. 3

ss., 36 ss. — S. RICCOBONO, *Fontes iuris Romani*, I, Leges, 1941, p. 498-502, n.° 104. — A. D'ORS, *Epigrafia Jurid. de la Esp. Romana*, 1953, p. 112-133, et p. 71-79 (bibliographie complète chez S. Riccobono et A. d'Ors).

... *Ulpio Aeliano suo salutem.* |

... *Aug. praesens numerato.* Qui ita non fecerit et convictus erit prius coxisse venam quam pretium sicut «su» supra scriptum est solvisse, pars occupatoris commissa esto et puteum universum proc(urator) metallorum | vendito. Is qui probaverit ante colonum venam coxisse quam pretium partis dimidiae ad fiscum pertinen ||<sup>5</sup> tis numerasse partem quartam accipito. Putei argentari ex forma ex erceri debent quae | hac lege continentur; quorum pretia secundum liberalitatem sacratissimi Imp. Hadriani Aug. obser | vabuntur ita ut ad eum pertineat proprietas partis quae ad fiscum pertinebit qui primus pretium puteo fecerit | et sestertia quattuor milia nummum fisco intulerit. Qui ex numero puteorum quinque unum | ad venam perduxerit in ceteris sicut supra scribitum est opus sine intermissione facito; ni ita fecerit alii ||<sup>10</sup> occupandi potestas esto. Qui post dies XXV praeparationi impensarum datis opus quidem | statim facere coeperit diebus autem continuis decem postea in opere cessaverit alii occupandi | [i]us esto. Puteum a fisco venditum continuis sex mensibus intermissum alii occupandi ius esto ita ut cum venae ex es proferentur ex more pars dimidia fisco salva sit. | [Occ]upatori puteorum socios quos volet habere liceto ita ut pro ea parte qua quis socius erit impensas ||<sup>15</sup> conferat. Qui ita non fecerit tum is qui impensas fecerit rationem impensarum factarum a se | continuo triduo in foro frequentissimo loco propositam habeto et per praecone[m] denuntiatio | sociis ut pro sua quisque portione impensas conferat. Qui non ita contulerit quive quid dolo | malo fecerit quominus conferat quove quem quosue ex sociis fallat, is eius putei partem ne | habeto eaque pars sociis sociorumve qui impensas fecerint esto. ||<sup>20</sup> [V]el ii (?) coloni qui impensam fecerint in eo puteo in quo plures socii fuerint repetendi a sociis quod | bona fide erogatum esse apparuerit ius esto. Colonis inter se eas quoque partes puteorum quas | a fisco emerint et pretium solverint vendere quanti quis potuerit liceto. Qui vendere suam partem quive emere volet aput proc(uratorem) qui metallis praecerit professionem dato; aliter emere aut vendere ne | liceto. Ei qui debitor fisci erit donare partem suam ne liceto.

*Venas quae al puteos prolatae ||<sup>38</sup> [i]acebunt ab ortu solis in occasum ii quorum erunt in officinas vehere debebunt; qui post occa | [s]um solis vel noctu venas a puteis sustulisse convictus erit HS nummos fisco inferre debeto. | [Ve]nae furem si servos erit procurator flagellis caedito et ea condicione vendito ut in perpetuis | vinculis sit neve in ullis metallis territorisve metallorum moretur; pretium servi ad dominum | pertineto; liberum procurator confiscato et finibus metallorum in perpetuum prohibeto. ||<sup>39</sup> Putei omnes diligenter fulti destinatique sunt proque putri materia colonus cuiusque putei no | vam et idoneam subicito. Pilas aut fulturas firmamenti causa relictas attingere aut | violare dolove malo quid facere quominus eae pilae fulturaeve perviae sint ne liceto. | [Q]ui puteum vitiasse labe factasse decapitasse aliutque quid dolomalo fecisse quominus puteus | firmus sit convictus erit, si servos erit flagellis arbitratu proc(uratoris) caesus ea condicione a domi ||<sup>40</sup> no veneat ne nin ullis metallis moretur; liberi bona proc(urator) in fiscum cogito et finibus ei metal | lorum in perpetuum interdicito. Qui puteos acraros aget a cuniculo qui aquam metallis | subducet recedito et non minus quam quinos denos pedes utroque lateri relinquito. | [Cu]niculum violare ne liceto. Proc(urator) explorandi novi metalli causa ternagum a cuniculo agere | permittito ita ut ternagus non plures latitudinis et altitudinis quam quaternos pedes habeat. ||<sup>41</sup> [V]enan intra quinos denos pedes ex utroque latere a cuniculo quaerere caedereve ne liceto. | [Q]ui aliter quit in ternagis fecisse convictus erit, servos flagellis arbitratu proc(uratoris) caesus ea condi | cione (a) domino veniet ne in ullis metallis moretur; liberi bona proc(urator) in fiscum cogito et fini | bus ei metallorum in perpetuum interdicito. Qui puteos argentarios (aget) a cuniculo qui | aquam metallis subducet recedito et non minus quam sexagenos pedes utraque latere relin ||<sup>42</sup> quito et eos puteos quos occupaverit adsignatosve acceperit in opere uti determinati erunt | habeto nec ultra procedito neve egbolas colligito neve ternagos ita agito extra fines putei adsignati | . . . . .*

## VLPIO·AELIANO·SVO·SALVTEAM

INCIPIT IN SVA MANTORVM ITANON FECERIT ET CONVICITUS ERIT FRIUS CORISSEVENAMQVAMPRETIVM SICVT SV  
 SVPRASCRITVM EST SOLVITSE PISOCCUPATORIS COMMISSE ESTO ET PVTEVMVNIVERSVM PROC·METALLORVM  
 VENDITIOISQVITROBIVERTITANTECOLONVNVENAMQVOSSE QVAMPRETIVAMPARTIS DIAMIDIAEAD FISCVMPERTINEM  
 5  
 8  
 TIS VNVERASSE PARTEM QVINTAM ACCIPITO PVTEI ARGENTARI EXFORMA EXERCERI DEBENT QVAE  
 HAC LEGE CONTINENTVR QVORVM PRETIASECVNDVM LIBERALITATEM SACRATISSIMI IMPH ADRIANIVG·OBSER  
 VAVNTVR ITAVT IN VAPERTINENTIA PROPRIETAS PARTIS QVAE AD FISCVMPERTINEBIT QUI PRIUS PRETIVAMPVTE OFICERIT  
 10  
 EST ESTERITIA QVANTVORVM IANVMVM FISCVMPERTINERIT QVIXNUMERO PVTEORVM QVINQVEVNVM  
 ADVENIAM PERONERIT INCETE RISSICVTSVTRASCRITVM EST OPVS SIN E INTERMISSIONE FELICITONI ITA FECERIT  
 OCCVPANDI POTESTAS ESTO QVIPOST DIES·XXV·PREPARATIONE IMPENSARVM DATIS OPVS QVIDEM  
 STATIM FACERE COEPERIT DIEBUS VTE MCONTINVIS DECEANOSTIE ANO PERECESSE VERIT ALIOCCVPANDI  
 IN SESTO PVTEVALA FISCO VENTIVMCONTINVISSE X MEN SIBVS INTERMISSVM ALIOCCVPANDI VVS  
 ESTO ITA VTCVMVENAE PRO·PROFERENTVR EX MORE PARSDIMIDIA FISCO SIVA SIT  
 15  
 ORIPVTEORVM·SOCIOS QVOSVOLET HABERE LICETO ITAVT PROEX PARTE QVAQVIS SOC INSERIT IMPENSAS  
 CONFERT QVITANON FECERIT VMSQVI IMPENSAS FECERIT RATIONEM IMPENSARVM FACTARVM ASE  
 CONTINVT IN DVIO INFOLOS RECQVENTISSIMO LOLO PROPOSITAM HABEAT ET PERPRECONEM DENVTIATO  
 SOCIIS VTPRO SVLQVIS QVE PORTIONE IN PENSAS CONFERT QVINONITACONTVLERIT QVIVICVID DOLO  
 XMO·FECERIT QVOMINVS CONFERT QVONEQVEM QVOSVEVS SOCIIS FALLAT IS EIVS PVTEI PARTEM NE  
 HABETO TAQVE PARS SOCII·SOCIORVMVT QUI IN PENSAS FECERINT ESTO  
 20  
 ILICOLONI QVINIMPENSAM FECERINT IN EO PVTEO IN QVO PLVRES SOCII EVERINT REPETENDI A SOCIIS QVO D  
 BONA FIDEEROGATVM ESSE PPARVERIT IN SESTO COLONIS INTERSE EAS QVOQVE PARTES PVTEORVM QVVS  
 AFISCO MERINT ET PRETIVM SOLVERINT VENDEAE QVANTIQVISPOTVERIT LICETO QVINDERESVAMPARTEM  
 QVIVENDEAREVOLET PVTE PROC·QVI METALLIS PRAEFERIT PROFESSIOHE M DATO ALITER EMERE AVTVENDEARE NE  
 25  
 LICETO EI QVI DEBITOR FISCI ENIT·DONARE PARTEM SVAM LICETO VENAS QVAE AD PVTEOS PROLATAE  
 INCIBENTV LABORTVSO LIS IN OCCVPM I QVORVM NVNTHI NOFFICINAS VEHERE DEBEVNT QUI POST OCCA  
 SVM SOLI SVELNOCTVVENAS PVTEIS SVTVLISSE CONVICITVS ERIT·NOFFICINAS VEHERE DEBEVNT QUI POST OCCA  
 VAE SVREM·SISERVOS·RIT·PROCVRATOR·FLAGELLIS·CREDITO ET A CONDICIONE VENTIVTI IN PERPETVVS  
 30  
 VTEIO ANNES·DI·LII·GENTERVLTIDESTINATI QVES VNTO·PROQVETVRI MATERIA COLONVS CVIVS QVE PVTEI NO  
 VMAETI·DONT·AN·SVBICITO PLSAVT VLTVRAS FIRMA MENTI CAVSARE LICITAS NTI INGERENT  
 VIOLARE DOLOVENALLO·QVI OFACERE QVOM NVSEAEPI·LAE·SVLTVRAVE FIRMA ET PERVINESINT NE LICETO  
 35  
 I PVTEVM VITIA SSE LABEFACIASSE DECAPITASSAE LVTVVEQVIT DOLO MALO FECI SSE QVOMINVS ISPVTEVS  
 FIRMA VSSIT·CONVICITVS ERIT·SISERVOS ERIT·FLAGELLIS·SVBTRATV·PROC·CAESVS EA CONDICIONE·ADOMI  
 NOV ENIT·NE IN VLLIS·METALLIS·MAORETV·LIBERI·BONA·PROC·INFISCVM COGITO ET FINIBVSEI METAL  
 40  
 LORVM·IN PERPETVVM INTERDICTO QVIPVTEOS·ARARI·OS·AGET·ACVN·ICVLOQVI·AQVAM·METALLIS  
 SVB DVCE·RECEDITO ET NON IN MVSVQVAMQVINOS DENOS PEDES VTROQUE LATERE RELI NQVITO  
 NICVVM VIO LAE NE LICETO PROC·EXPLORANDI NOVIMETALLI CAVSAT ERNA QVAMCVN ICVLO AGERE  
 PERMITTITO ITAVTE·N·AGV·S·H·ON·PLVRES·I·T·V·DI·NIS·ET·AL·T·V·D·INI·S·QV·AM·QV·TERN·OS·PED·ES·H·AB·E·A·T  
 45  
 I·N·AM·IN·TRA·QV·IN·OS·DEN·OS·PED·ES·EX·V·TRO·QUE·L·A·T·E·R·E·A·C·V·N·I·C·V·L·O·QV·A·R·E·R·E·C·N·E·D·E·R·I·V·E·N·E·L·I·C·E·T·O  
 VI ALITER QVIT INTERVAGIS·FECISSE·CONVICITVS ERIT·SERVOS·FLAGELLIS·SVBTRATV·PROC·CAESVS·EA·CON·DI·  
 CIONE·DO·MI·NO·V·EN·I·E·T·N·E·I·N·V·LL·I·S·M·E·T·A·L·L·I·S·M·A·O·R·E·T·V·L·I·B·E·R·I·B·O·N·A·P·R·O·C·I·N·F·I·S·C·V·M·C·O·G·I·T·O·E·T·F·I·N·I·  
 50  
 BVSEI·METALLORVM·IN·P·E·T·V·M·I·N·T·E·R·D·I·C·I·T·O·QVIPVTEOS·AR·G·E·N·T·A·R·I·O·S·A·C·V·N·I·C·V·L·O·QV·I  
 AQVAM·M·E·T·A·L·L·I·S·S·V·B·D·V·C·E·T·R·E·C·E·D·I·T·O·E·T·N·O·N·M·I·N·V·S·QV·A·M·S·E·X·A·G·E·N·O·S·P·E·D·E·S·V·T·R·O·QV·E·L·A·T·E·R·E·L·I·N·  
 55  
 QVITO·E·T·E·O·S·P·V·T·E·O·S·QV·O·S·O·C·C·V·P·A·V·E·R·I·T·A·D·S·I·G·N·A·T·O·S·V·E·L·C·E·P·E·R·I·T·I·N·O·P·E·R·E·V·T·I·D·E·T·E·R·M·I·N·A·T·E·R·V·N·T·  
 HABETO·N·E·C·V·T·R·A·P·R·O·C·E·D·I·T·O·N·E·V·E·C·B·O·L·A·S·C·O·L·L·I·G·I·T·O·N·E·V·E·T·E·R·N·A·C·O·S·I·T·A·G·I·T·O·E·X·T·R·A·F·I·N·E·S·P·V·T·E·I·N·D·I·S·G·N·A·T·I

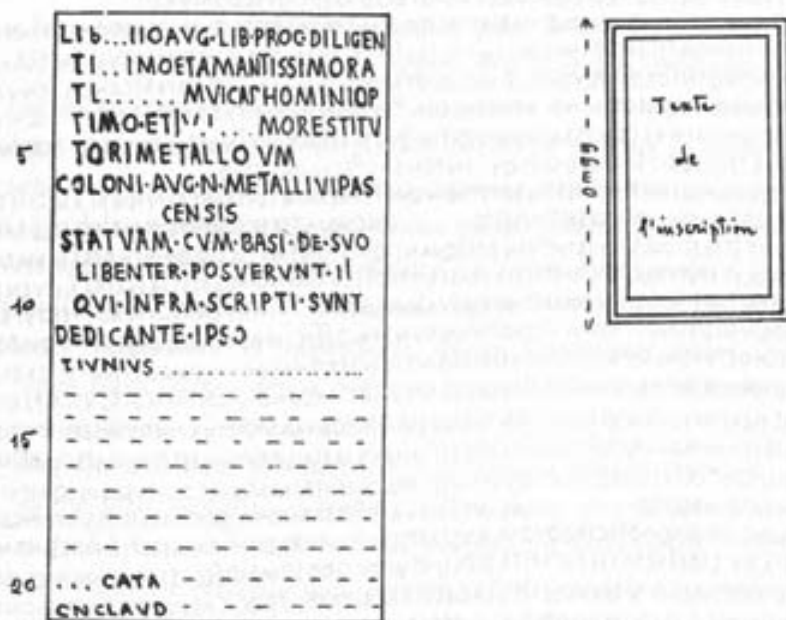


Inventaire E 6348. VI. — *Vipasca*

44 — Bloc en marbre découvert près de la mine d'Aljustrel (*Cuq, Alves Pereira*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>99, largeur 0<sup>m</sup>58, épaisseur 0<sup>m</sup>45.

E. CUQ, *Nouv. Revue Historique de Droit Franç. et Etr.*, 1908, p. 306-310. — F. ALVES PEREIRA, *ibidem*, p. 665 et suiv. — L. WICKERT, *Sitzungsber. der Preuss. Ak. der Wiss.*, 1931, p. 835-839.



Je donne ici l'excellente lecture de Wickert, que j'ai pu contrôler sur le marbre, avec quelques modifications aux lignes 1 et 13 :

LIB (? ou TIB?) . . . IIO, *Aug(usti) lib(erto), proc(uratori) diligen | ti[ss]imo et amantissimo, ra | ti[onalium]m vicar(io), homini op | timo et iu[stissi]mo, restitu ||<sup>9</sup> tori metallo[r]um, | coloni Aug(usti) n(ostri) me- talli Vipas | censis | statuam cum basi de suo | libenter posuerunt ii ||<sup>10</sup> qui*

*infra scripti suit | dedicante ipso. | T. Junius — — — | — — — — — |*  
 — — — — — ||<sup>13</sup> — — — — — | — — — — — | — — — — — | — — — — — |  
 — — — — — ||<sup>20</sup> [Dedi]cata — — — | Cn. Claud[io] — — — .

*Inventaire E 6290. VI. — Vipasca*

45 — Autel en granit bleu, découvert à Aljustrel, «dans le Val d'Occa sur le versant opposé à la mine d'Algaes» (*Burthe*, apud *Cuq*, p. 311).

Dimensions: hauteur 1<sup>m</sup>08, largeur 0<sup>m</sup>50, épaisseur 0<sup>m</sup>35.



E. CUQ, *Nouv. Rev. Hist. de Droit Franc. et Etr.*, XXXII (1908), p. 311-312. — M. J. DE CAMPOS, *Arch. Port.*, XV (1910) p. 245 (acquisitions du Musée du mois d'Août 1908).

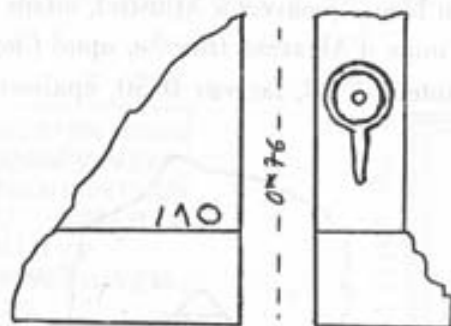
*D(is) M(anibus) S(acrum). | Modestianus | an(norum) p(lus) m(inus) X, | h(ic) s(itus) e(st). S(it) t(ibi) t(erra) l(evis). | P. Aelius Modes | tus filio pien | tissimo.*

## VII. — MYRTILIS

*Inventaire E 6340. VII. — Almodóvar*

46 — Fragment de stèle en marbre, provenant de Monte Longo (Almodóvar, Alentejo), dont l'inscription est presque complètement effacée.

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>76, largeur 0<sup>m</sup>44, épaisseur 0<sup>m</sup>21.

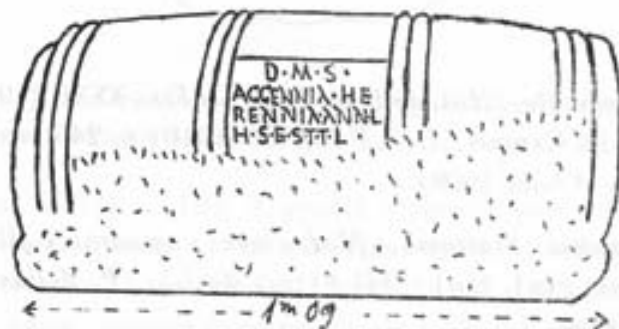


J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, XXIX (1934), p. 244-245, fig. 13.

[ . . . . issi ] mo.

*Inventaire E 6352. VII. — Myrtilis.*

47 — Monument funéraire en pierre calcaire, qui a la forme d'un tonneau, découvert dans les murailles du château de Mértola (*Leite de Vasconcelos et Hübner*).





L. 1: *Euremon*, nom grec.

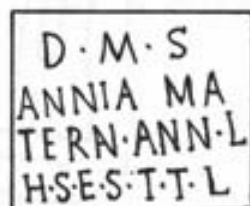
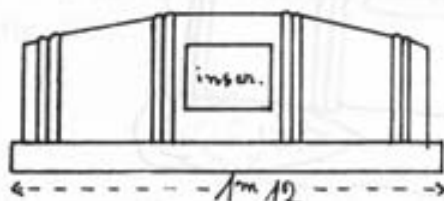
Les barres horizontales des lettres A, E, T, ont parfois complètement disparu; par exemple, l. 2: AEMERIII = *Aemerite*; l. 5-6: EIPIENTISSIMI = *et pientissime*.

*D(is) M(anibus) s(acrum). | Aem(ilius) Euremon | Sestiae Aemerit(a)e, | uxori merentis | sim(a)e et pientissi ||<sup>p</sup> m(a)e, quae vixit | ann(is) LVIII, | mens(ibus) III; | dieb(us) VIII, | posuit. ||<sup>19</sup> H(ic) s(ita) est. S(it) t(ibi) t(erra) l(evis).*

*Inventaire E 7092.* VII. — *Myrtilis*

49 — Monument funéraire en pierre calcaire, ayant la forme d'un tonneau et provenant, probablement, de Mértola (*Leite de Vasconcelos*: «suponho que veio de Mértola...»).

Dimensions: longueur 1<sup>m</sup>12, largeur 0<sup>m</sup>57, hauteur 0<sup>m</sup>45.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, XXVIII (1929), p. 220, n.° 15.

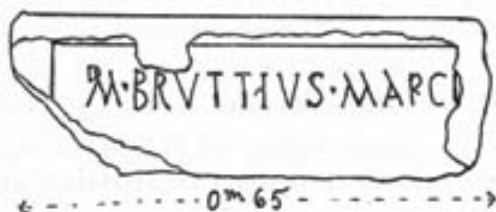
*D(is) M(anibus) s(acrum). | Annia Ma | terna ann(or)um L, | h(ic) s(ita) e(st). S(it) t(ibi) t(erra) l(evis).*

*Inventaire E 6203.* VII. — *Myrtilis*

50 — Bloc en pierre calcaire, découvert à Mértola, «no baluarte do Castello, com frente para SO, a segunda pedra a partir do ângulo pertencente à nona filada horizontal, contando de cima para baixo» (*Est. da Veiga, CIL*, II, et

*Inventaire*; Leite de Vasconcelos dit, par erreur, qu'elle provient d'Alandroal).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>34, largeur 0<sup>m</sup>65, épaisseur 0<sup>m</sup>24.



EST. DA VEIGA, *Memoria das antiguid. de Mértola*, 1880, p. 73-74.  
— E. HÜBNER, *CIL*, II, 5178, et *Ephem. Epigr.*, IX, p. 14. — J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, XXVIII (1929), p. 220, n.° 16, et XXIX (1934), p. 224, n.° 16.

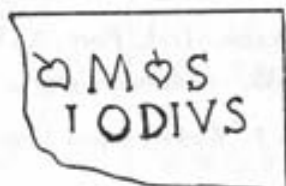
L. 1 : MARC, Veiga et *CIL*; MARCEL, *Ephem. Epigr.* (lecture de Leite de Vasconcelos), mais MARC, Leite de Vasconcelos, *Arch. Port.*, XXVIII. — Aujourd'hui, la barre verticale ne permet pas de voir si c'est un I ou un E.

*M(arcus) Bruttius Marc[ellus?]*.

*Sans N.° d'Inventaire.* VII. — *Myrtilis*

51 — Plaque de marbre, découverte à Mértola (*Leite de Vasconcelos*).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>09, largeur 0<sup>m</sup>15, épaisseur 0<sup>m</sup>035 ; hauteur des lettres ...



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, V (1900), p. 175. — E. HÜBNER, *Ephem. Epigr.*, IX, p. 15, n.° 6.

[D(is)] M(anibus) S(acrum). | [M.? C]lodius . . .

*Inventaire E 6404.* VII. — *Myrtilis*

52 — Stèle en pierre calcaire, provenant de Mértola (Leite de Vasconcelos, *Arch. Port.*, XXVIII).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>95, largeur 0<sup>m</sup>45, épaisseur 0<sup>m</sup>32.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, XXVIII (1929), p. 225-227, et XXIX (1934), p. 225, n.° 35. — *Année Epigr.*, 1933, n.° 24.

L. 3: TEXIT, lecture de L. Wickert (apud Leite de Vasconcelos, *Arch. Port.*, XXIX).

L. 5: *hospesque*, lecture de L. Wickert (apud Leite de Vasconcelos, *Arch. Port.*, XXIX).

L. 6: no[b]i[s], lecture de F. Rebelo Gonçalves (apud Leite de Vasconcelos, *Arch. Port.*, XXVIII, p. 226).

*L. Iulio Apto*

*Gallio, patronus.*

*Itala me genuit tellus Hispania texit.*

*Lustris quinque fui, sexta peremit hiemps;*

*Ignotus cunctis hospesque hac sede iacebam*

*O[m]nia qui no[b]i[s] hic dedit et tumulum.*

*Inventaire E 6355. VII. — Myrtilis*

53 — Cippe funéraire en pierre calcaire, provenant de l'Alentejo et peut-être de Mértola (*Leite de Vasconcelos*: «talvez vinda de Mértola»).

Dimensions: hauteur 1<sup>m</sup>14, largeur du corps 0<sup>m</sup>68, épaisseur du corps 0<sup>m</sup>38.

J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, XXVIII (1929), p. 215, n.° 4.



D	.	M	.	S
L	.	LIBVRNIVS	.	GAL
M	.	MATERNVS	.	ANN
X	III	.	L	.
M	.	V	.	S
P	.	A	.	T
E	.	R	.	E
S	.	T	.	T
L	.	.	.	.

*D(is) M(anibus) s(acrum). | L. Liburnius, Gal(eria tribu), | Maternus  
ann(orum) | XIII L. Liburnius | Mus, pater, filio pientis | simo. H(ic) s(itus)  
e(st). S(it) t(ibi) t(erra) l(evis).*

*Inventaire E 6353. VII. — Myrtilis*

54 — Bloc de granit, ayant la forme d'un tonneau et provenant de Mértola (*Inventaire*).

Dimensions: longueur 1<sup>m</sup>125, largeur 0<sup>m</sup>45, hauteur 0<sup>m</sup>47.



L. 3: la 1.<sup>re</sup> lettre semble bien être un M suivi d'un F, bien que cette dernière lettre ait l'apparence d'un H; mais la barre oblique d'en haut lui donne nettement le caractère d'un F.

*D(is) M(anibus) s(acrum). | Q(uintus) Memmius | M(arci) f(ilius)  
Iccio | . . . . .*

*Inventaire E 6351. VII. — Myrtilis*

55 — Monument funéraire en granit, ayant la forme d'un tonneau et qui a été trouvé dans les murailles du château de Mértola (*Leite de Vasconcelos*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>45, longueur 1<sup>m</sup>20, largeur 0<sup>m</sup>53.

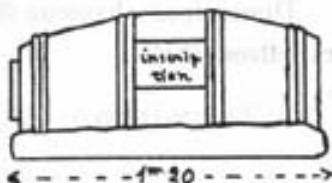
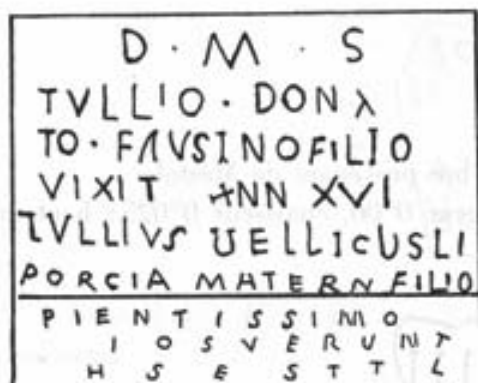
J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, III (1897), p. 290, n.° 2.  
— E. HÜBNER, *Ephem. Epigr.*, IX, p. 14, n.° 5.

L. 3: FAUSINO, au lieu de FAUSTINO;

L. 4: X représente un A; XVI, Leite de Vasconcelos, Hübner.

L. 5: TVLLIVC, Leite de Vasconcelos et Hübner; la pierre porte, à la fin du mot, un S couché: S. — A la fin de la ligne: LI = ET.

L. 6 à 9: les caractères sont plus petits et très irrégulièrement gravés.



*D(is) M(anibus) s(acrum). | Tullio Dona | to Faus(t)ino filio, | vixit ann(is) XVI, | Tullius Vellicus et | Porcia Matern(a) filio | pientissimo | posuerunt. | H(ic) s(itus) e(st). S(it) t(ibi) t(erra) l(evis).*

Armoire N.º 8. VII — Myrtilis

56 — Petite plaque en pierre calcaire provenant de «Mértola. Oferecida por F. Caciro & V. Dauphinet, em 2.VII.903» (indications écrites sur l'étiquette collée à la pierre).



Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>15, largeur 0<sup>m</sup>16, épaisseur 0<sup>m</sup>05.

*D(is) M(anibus) s(acrum). | Pub(lia) Lucina, | ann(orum) IIII, h(oc)  
s(ita) e(st) t(umulo). | S(it) t(ibi) t(erra) l(evis).*

### VII. — *Myrtilis*

57 — Fragment d'une plaque de marbre provenant de Mértola.

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>155, largeur 0<sup>m</sup>06, épaisseur 0<sup>m</sup>025 ; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>042.



..... [*ann(orum)*] *XIII* ... | ... *pa[ter]* ... | ... [*p(onendum)*]  
*c(uravit)*.

### VIII. — *SERPA*

(et ses environs)

*Inventaire E 6347.* VIII. — *Mina de S. Domingos*

58 — Plaque de schiste, très grossière, découvert dans la Mine de S. Domingos (*Inventaire*).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>36, largeur 0<sup>m</sup>35, épaisseur 0<sup>m</sup>07.

Gravure très grossière.

L. 2: la 1.<sup>re</sup> lettre peut être un L ou un A, la 2.<sup>e</sup> un P ou B (?), la 3.<sup>e</sup> un E ou un B.

L. 3: OMINTVBI, Inventaire; mais la pierre ne confirme pas cette lecture.

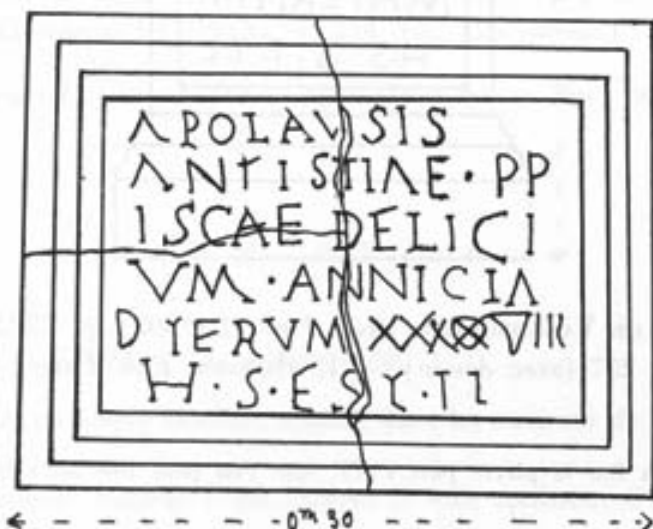


*Boutiu[s] | AP ... EL ... | ... DVTVBI | an(n)oro(m) XXV, | hic situs.*

*Inventaire E 7273. VIII — Pias (Serpa)*

59 — Plaque de marbre, provenant «de Pias, concelho de Serpa» (*Inventaire et Rosa Capeans*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>20, largeur 0<sup>m</sup>30, épaisseur 0<sup>m</sup>035.



MME. ROSA CAPEANS, *Congresso do Mundo Português*, I (1940), p. 556-559, avec 1 photographie.

L. 2: à la fin, on lit clairement PP, que l'ouvrier a gravé par erreur au lieu de PR.

*Apolausis, | Antistiae Pr | iscae delici- | um, Annicia | dierum  
XXXVIII, | h(ic) s(ita) e(st). S(it) t(ibi) t(erra) l(evis).*

*Inventaire E 6343. VIII. — Barrosas (Serpa)*

60 — Cipse en pierre calcaire provenant de la «cidade da Rosa, ao pé do monte de Braciaes, ...monte das Barrosas (Serpa)» (Leite de Vasconcelos, *Arch. Port.*, V).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>80, largeur 0<sup>m</sup>50, épaisseur 0<sup>m</sup>35.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, I (1895), p. 220, n.° 10, et V (1900), p. 237 (avec dessin). — E. HÜBNER, *Eph. Epigr.*, IX, p. 57, n.° 138.

L. 3: à la fin, la pierre port PITT, que l'on peut lire *pü(ssimo)* ou *pie(ntissimo)*.

..... ] | i L(ucii) f(ili) Maxi(mi) | ann [orum XXXIII, |  
 mater fi(l)io pii(ssimo). | H(ic) s(itus) [e(st)]. S(it) t(ibi) t(erra) l(evis).

*Inventaire 18 709.* VIII. — *Belmeque*

61 — Petit autel en grès, provenant de «Belmeque, concelho de Moura» (*Leite de Vasconcelos*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>213, largeur 0<sup>m</sup>171, épaisseur 0<sup>m</sup>111.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, V (1900), p. 231-236, et *Religiões da Lusitania*, III (1913), p. 274, fig. 126 (dessin).

*M(arcus) I(ulius) A(vitus) | p[osui]t ex vo | to Mer | cur[io].*

#### IX. — *PAX IULIA*

*Inventaire E 7268.* IX. — *Pax Iulia*

62 — Autel en pierre calcaire, apparu dans les environs de Beja (*Leite de Vasconcelos*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>80, largeur 0<sup>m</sup>385, épaisseur 0<sup>m</sup>19.

J. LEITE DE VASCONCELOS, *A mãi dos deuses*, dans *Broteria*, XX, avril 1935, p. 255-257, avec un dessin). — S. LAMBRINO, *Les divinités orientales en Lusitanie*, 1954, p. 9-11 (de l'extrait; avec un dessin) et fig. 3 (photogr.).



*M(atri) D(eum) s(acrum), | duo Irinaei, pater | et fil(ius), criobolati | natali suo. Sacer(dotibus) | L(ucio) Antistio Avito | G(aio) Antistit(io) Felicissimo.*

*Inventaire E 6354. IX. — Beja*

63 — Fragment de cippe en marbre blenâtre, provenant des environs de Beja (*Inventaire*).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>68, largeur 0<sup>m</sup>70, épaisseur 0<sup>m</sup>45.

L. 1 : au début, on lit AO ou MO ; — la lettre qui suit, S, est sûrement un F et non pas un E ; ensuite, on lit un A et puis un C qui pourrait passer pour un G, mais ce n'est pas sûr.

L. 5: la pierre porte clairement *oppoda*, mais l'accusatif *opp[i]da*, que nous sommes forcés d'admettre comme erreur du lapicide, ne donne pas un sens satisfaisant.



..... | AO (ou MO) ..SFACIDII ..... | sidera mundivaga  
l..... | creat omnia tellus indo | mitasque simul cantavit in | opp[i]da  
gentes.

#### IX. — Pax Iulia.

64 — Fragment d'une plaque en marbre, découvert «junto da estação de Beja, por ocasião de desaterros» (Leite de Vasconcelos, p. 165).



Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>20, largeur 0<sup>m</sup>18; hauteur des lettres: 0<sup>m</sup>035 (l. 1 et 2), 0<sup>m</sup>014 (l. 3).

J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, X (1905), p. 165-167; p. 381 (acquisitions du Musée du mois de février 1905).

L. 3, j'ai mis *s(ita)*; nous avons là, probablement, la tombe d'une femme, car, l. 2, avant *an(norum)* finissait le cognomen terminée en *a*.

..... *aro* .... | ..... *a an(norum)* ... | [*H(ic) s(ita)*] *e(st)*. *S(it) t(ibi) t(erra) l(evis)*.

*Inventaire E 7083. IX. — Crimeia*

65 — Fragment de plaque de schiste, découverte «na herdade da Crimeia (Alentejo)» (*Leite de Vasconcelos*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>45, largeur 0<sup>m</sup>23, épaisseur 0<sup>m</sup>09.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, V (1900), p. 170-171. — E. HÜBNER, *Ephem. Epigr.*, IX, p. 16, n.° 11. — J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, XXVIII (1929), p. 225, n.° 33 (où l'on donne comme n.° d'Inventaire 7099; en effet, aux n.°s 7083 et 7099 on décrit la même pierre).

.... | [*L*]uciu[s | *L*]icini[*u*] | *s Fusc* | *us, h(ic) s(itus)*.

*Inventaire E 6344.* IX. — *Ferreira do Alentejo.*

66 — Partie inférieure d'une épitaphe en marbre, provenant de «uma courela de terra de semeadura de cereais chamada dos Alpendres, anexa à herdade de Fonte Boa», à Ferreira do Alentejo (*Leite de Vasconcelos*).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>63, largeur 0<sup>m</sup>52, épaisseur 0<sup>m</sup>35.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, XII (1907), p. 70-72. — M. JOAQUIM DE CAMPOS, *ibid.*, p. 222.

L. 1: on lit un P, les traces d'un A et d'un F.

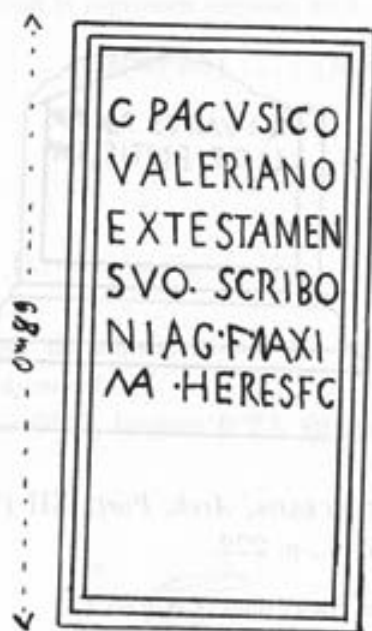
*Q. Iunius pa(ter) f[i] | lio pientissimo.*

X. — *MIROBRIGA**Inventaire E 7096.* X. — *Mirobriga*

67 — Bloc de pierre (calcaire), découvert dans le vieux château, près de la chapelle de S. Blaise à Santiago de Cacém (*CIL*). C'est une copie d'un original perdu (*Leite de Vasconcelos, Arch. Port.*, XIX).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>89, largeur 0<sup>m</sup>50, épaisseur 0<sup>m</sup>42.

E. HÜBNER, *CIL*, II, 27 — L. SAAVEDRA MACHADO, *Arch. Port.*, XXIV (1920), p. 248 (acquisitions du Musée: octobre 1913 à août 1917).  
— J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, XXVIII (1929), p. 225, n.° 31, et XIX (1914), p. 316, note.



*C. Pagusico | Valeriano | ex testament(o) | suo Scribo | nia C(ai) f(ilia)  
Maxi | ma, heres, f(aciendum) c(uravit).*

*Inventaire E 5319. X. — Sines*

68 — Cippe en marbre, découvert dans le château de Sines (*CIL*, et *Leite de Vasconcelos*).

Dimensions: hauteur 1<sup>m</sup>24, largeur 0<sup>m</sup>47, épaisseur 0<sup>m</sup>35.

E. HÜBNER, *CIL*, II, 30. — J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, XIX (1914), p. 322-323, fig. 57 et 58 (dessins).

*D(is) M(anibus) s(acrum). | Iulia C(ai) fil(ia) | Marcella | an(norum) XXX, | h(ic) s(ita) e(st). S(it) t(ibi) t(erra) l(evis).*



XI. — SALACIA

*Inventaire E 6329.* XI. — *Salacia*

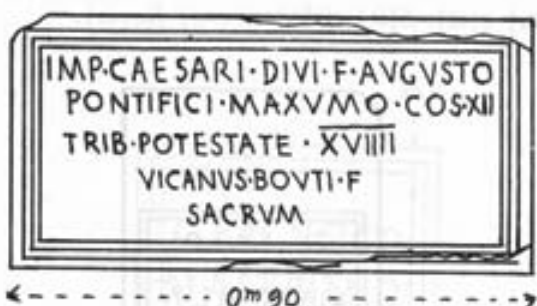
69 — Bloc de granit, provenant d'Alcácer do Sal (*CIL*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>445, largeur 0<sup>m</sup>90, épaisseur 0<sup>m</sup>31.

A. C. BORGES DE FIGUEIREDO, *Revista Archeologica*, II (1888), p. 69.  
— E. HÜBNER, *CIL*, II, 5182, et p. 1029. — J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusitania*, III (1913), p. 326, et *Arch. Port.*, XXVIII (1929), p. 225, n.º 32.

Date du monument: entre le 1er Juillet de l'année 5 et le 1er Juillet de l'année 4 av. J.-C.

*Imp(eratori) Caesari Divi f(ilio) Augusto, | pontifici maximo, co(n)-  
s(uli) XII, | trib(unicia) potestate XVIII, | Vicanus Bouti f(ilius)  
||<sup>s</sup> sacrum.*



*Inventaire E 6300. XI. — Salacia*

70 — Cippe en marbre, provenant de Alcácer do Sal où il servait de «pedestal a um candeeiro público» (*Leite de Vasconcelos*).

Dimensions : hauteur 1<sup>m</sup>88, largeur 0<sup>m</sup>54, épaisseur 0<sup>m</sup>29.



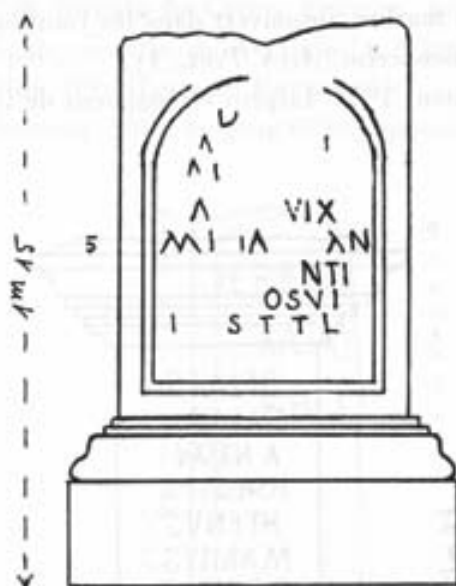
A. C. BORGES DE FIGUEIREDO, *Revista Archeol.*, II (1888), p. 70.  
 — J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, IV (1898), p. 105. — E. HÜBNER, *CIL*, II, 5183, et *Ephem. Epigr.*, IX, p. 15 (ad n.° 5183).

*Iunia Corinthia* | *an(norum) XVII, h(ic) s(ita) e(st), | s(it) t(ibi)*  
*t(erra) l(evis), | Satulla filiae.*

*Inventaire E 5013. XI. — S. Margarida do Sado*

71 — Autel funéraire en marbre, provenant de Santa Margarida do Sado (*Leite de Vasconcelos*).

Dimensions: hauteur 1<sup>m</sup>15, largeur 0<sup>m</sup>67, épaisseur 0<sup>m</sup>45.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, XIX (1914), p. 313-314.

La surface écrite est très endommagée. On y distingue des restes de lettres, dont les plus importants sont:

L. 1: partie inférieure d'un D.

L. 4: IXX, Leite de Vasconcelos: il les considère comme des chiffres, mais ce n'est qu'à la ligne suivante qu'on trouve *an(norum)*.

*D(is) [M(anibus)] | . A ... I .. | .. AI .... | . A ... VIX .. | MI  
 .. IA ... an(norum) | ... [fil(io)? pie]nti[s | simo p]osui[t. | H(ic)  
 s(itus) e(st)]. S(it) t(ibi) t(erra) l(evis).*

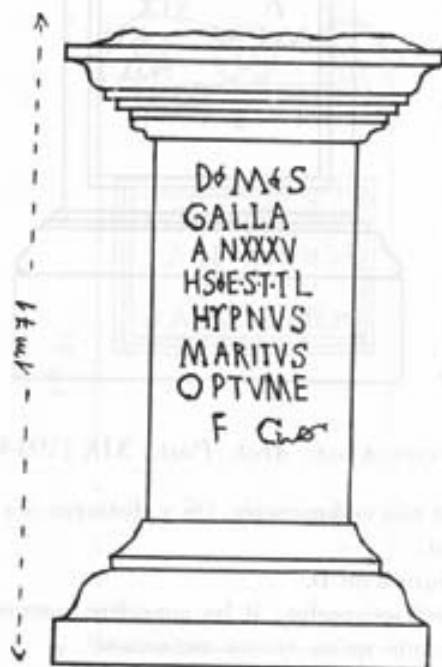
## XII. — CAETOBRIGA

(et ses environs)

*Inventaire N.º 21 524. XII. — Caetobriga*

72 — Beau cippe en marbre, découvert dans les fouilles de Tróia, près de Setúbal (*Leite de Vasconcelos, Arch. Port., I*).

Dimensions : hauteur 1<sup>m</sup>71, largeur et épaisseur de la base 0<sup>m</sup>95.



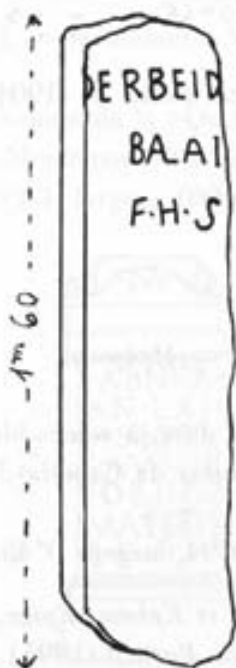
J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, I (1895), p. 54-58 et 221; *Religiões da Lusitania*, III (1913), p. 370-371, fig. 157 (photographie); *Arch. Port.*, XXVIII (1929), p. 52-60. — E. HÜBNER, *Ephem. Epigr.*, VIII, p. 357, n.° 5 (il la considère identique, peut-être, à *CIL*, II, 40).

*D(is) M(anibus) s(acrum). | Galla | an(norum) XXXV, | h(ic) s(ita)*  
*e(st). S(it) t(ibi) t(erra) l(evis). | Hypnus | maritus | optume | f(aciendum)*  
*c(uravit).*

*Inventaire E 6345.* XII. — Évora-Monte

73 — Stèle en schiste, découvert «no sítio do Pego da Ponte, junto do açude do moinho da Sr.ª D. Brígida do Carmo Pinheiro, na herdade de Marmeleiro, freg. de Vidigão, concelho de Arraiolos, a 5 km de Évora-Monte, na margem da ribeira de Têr» (*Leite de Vasconcelos*).

Dimensions: hauteur 1<sup>m</sup>60, largeur 0<sup>m</sup>33, épaisseur 0<sup>m</sup>15-0<sup>m</sup>35.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, X (1905), p. 198-199.

[...d]erbeid[.....] | Balai | f(i)lius), h(ic) s(itus) [e(st)].

*Inventaire E 6337.* XII. — *Viana do Alentejo*

74 — Piédestal en granit, provenant de Viana do Alentejo (*Alves Pereira, Arch. Port.*, IX).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>33, largeur 0<sup>m</sup>65, épaisseur 0<sup>m</sup>60.



F. ALVES PEREIRA, *Arch. Port.*, IX (1904), p. 288-290, fig. 13 (dessin), et X (1905), p. 24.

*Bono* | *reip(ublicae)* | *nato*.

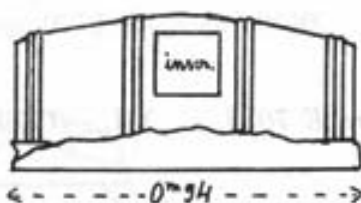
*Inventaire E 6341.* XII. — *Alcáçovas*

75 — Bloc en pierre calcaire dure, à veines bleuâtres, ayant la forme d'un tonneau et découvert «nas costas da Capella dos Reys» à Alcáçovas (*CIL*, II, 86).

Dimensions : longueur 0<sup>m</sup>94, largeur 0<sup>m</sup>45, hauteur 0<sup>m</sup>47.

E. HÜBNER, *CIL*, II, 86, et *Ephem. Epigr.*, VIII, p. 498, n.° 86. — J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, I (1895), p. 155; II (1896), p. 159;

IV (1898), p. 119-120; *Relig. da Lusitania*, III, p. 441-443, fig. 227. — S. LAMBRINO, *Inscriptions latines du Musée L. de Vasc.*, 1951, p. 26-27 (de l'entrait). ...



L. 2: LIMA, Hübner, CIL; LAMA, Leite de Vasconcelos (*Arch. Port.*, IV).  
L. 4: I·C·T·L·I·E·S, Hübner et Leite de Vasconcelos.

*D(is) M(anibus) s(acrum). | L(aelia) Ama(ta) | (vixit annis) XXXV | p(onendum) c(uravit) T(itus) Lae(lius) S(everus).*

*Inventaire E 7271. XII. — Montemor-o-Novo*

76 — Autel en marbre, provenant de la «Quinta de Santa Margarida, freg. de São Mateus, a 2 km de Montemor-o-Novo» (*Rosa Capeans*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>83, largeur 0<sup>m</sup>35, épaisseur 0<sup>m</sup>20.



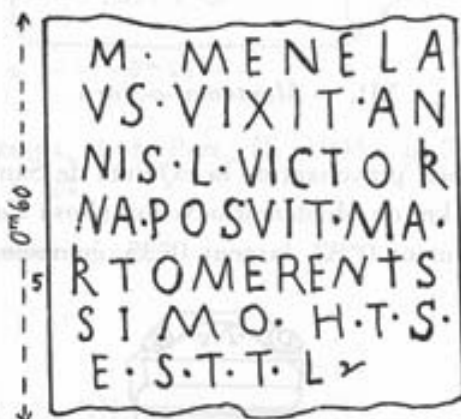
MME. ROSA CAPEANS, *Congresso do Mundo Português*, vol. I (1940), p. 553-556, avec 1 photographie.

*D(is) M(anibus) s(acrum). | Lab(eria) Nigra | an(norum) LXI, | h(ic) s(ita) e(st). S(it) t(ibi) t(erra) l(evis). | G(aius) Au(relius) Victorinus materter | e f(aciendum) c(uravit).*

*Inventaire E 7033. XII. — Coruche*

77 — Bloc en pierre calcaire, qui se trouvait dans la paroi extérieure d'un édifice appartenant à l'Irmandade da Sr.<sup>a</sup> do Castelo, à Coruche (*Leite de Vasconcelos*, p. 214). Sur le côté latéral gauche est sculpté un guttus, et sur le côté droit une patère.

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>60, largeur 0<sup>m</sup>50, épaisseur 0<sup>m</sup>20.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, XXVIII (1929), p. 214-215.

La pierre est brisée en haut et en bas; on ne peut pas dire s'il y avait une ligne de tente, en plus, au début.

*M(arcus) Menela | us vixit an | nis L, Victori | na posuit ma ||<sup>s</sup> rito merentis | simo. H(oc) t(umulo) s(itus) | e(st). S(it) t(ibi) t(erra) l(evis).*

## XIII. — TERENA, JUROMENHA, etc.

Inventaire E 6288. XIII. — Bencatel

78 — Autel funéraire en pierre calcaire, provenant de Bencatel (*Inventaire*).  
Dimensions : hauteur 1<sup>m</sup>20, largeur 0<sup>m</sup>52, épaisseur 0<sup>m</sup>40.



L. 1: il reste la boucle de D initial.

L. 3: au début, on voit la barre inférieure horizontale d'un ensuite VT, un espace libre et puis la courbure d'un C.

*D(is) M(anibus) s(acrum). | Anniae | [E]ut(y)chidi, | matri | [p]ientiss[i(mae)]. | H(ic) s(ita) e(st). S(it) t(ibi) t(erra) l(evis).*

Inventaire E 6302. XIII. — Bencatel

79 — Plaque de marbre, provenant de Bencatel (*Inventaire*) ; elle se trouvait fixée dans le mur de la maison du domaine appartenant à Thomas Sousa Menezes, qui est situé à Villares de Galharda près de Vila Viçosa (*Hübner*).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>55, largeur 0<sup>m</sup>72, épaisseur 0<sup>m</sup>12.

PINHO LEAL, *Portugal antigo e moderno*, XI (1886), p. 1135. — E. HÜBNER, *Ephem. Epigr.*, IX (1903), p. 17, n.° 16.



L. 6: FACENDVM, le lapicide a sauté l'I.

*Iulia Aviti f(ilia) Avita | an(norum) XX, h(ic) s(ita) e(st). S(it) t(ibi) t(erra) l(evis). | Turrania Maxsuma, mater, et Iulius | Maxsumus, pater, | fac(i)endum cura | verunt.*

*Inventaire E 6349. XIII. — Bencatel*

80 — Plaque en pierre calcaire, provenant des environs de Bencatel (*Inventaire*).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>38, largeur 0<sup>m</sup>45, épaisseur 0<sup>m</sup>08.



*Q(uintus) Romanus | Q(uinti) f(ilius), Gal(eria tribu), Tuscus | an-  
(norum) VII, Baebia | Boutia f(ilio) f(aciendum) c(uravit).*

Sans N.° d'Inventaire. XIII. — Juromenha

81 — Plaëue de bronze, découverte entre 1905 et 1906 dans le terrain environnant l'église de la Miséricorde à Juromenha (*Lambrino*, p. 6-7; (*Leite de Vasconcelos*, note).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>375, largeur 0<sup>m</sup>29 (en bas), épaisseur 0<sup>m</sup>004 (en haut).



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusitania*, III (1913), p. 168 et note. — S. LAMBRINO, *L. Fulcinius Trio, gouverneur de Lusitanie* (extr. de *l'Arch. Port.*, nouv. série I), 1953, 24 p.

L. 5: Q. I, lire *Q(uinti) f(ilius)*.

L. 12: Q. E, lire *Q(uinti) f(ilium)*.

*Ti(berio) Caesare V, L. Aelio Seiano | co(n)s(ulibus), | XII Kal(endas) Febr(uarias).* |

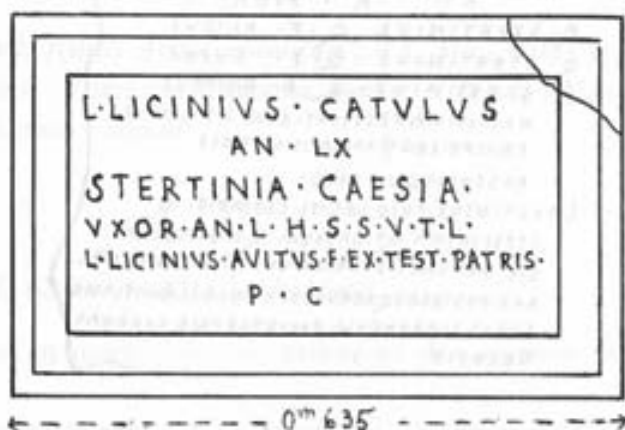
Q. Stertinus Q. f(ilius) Bassus, ||<sup>9</sup> Q. Stertinus Q. f(ilius) Rufus, |  
L. Stertinus Q. f(ilius) Rufinus | hospitium fecerunt cum L. Fulcinio  
| Trione, leg(ato) Ti(berii) Caesaris, liberis | posterisque eius.

||<sup>10</sup> L. Fulcinus Trio, leg(atus) Ti(berii) Caesaris, Q. | Stertinum Q.  
f(ilium) Bassum, Q. Stertinum | Q. f(ilium) Rufum, L. Stertinum Q. f(i-  
lium) Rufinum, libe | ros posterosq(ue) eorum in fidem clientelamq(ue) |  
suam, liberorum posterorumq(ue) suorum ||<sup>11</sup> recepit.

*Inventaire E 6304.* XIII. — *Juromenha*

82 — Plaque en marbre, découverte au nord du faubourg de S. Antonio de la ville de Juromenha, près du pont de la route qui mène à Elvas (*Ephen. Epigr.*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>40, largeur 0<sup>m</sup>635, épaisseur 0<sup>m</sup>065.



J. J. DA ROCHA ESPANCA, *Arch. Port.*, I (1895), p. 216-217. — F. FITA, *Bol. de la R. Acad. de la Historia*, XXVII (1895), p. 505-506. — J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, III (1897), p. 167, n.° 106. — E. HÜBNER, *Ephen. Epigr.*, VIII (1899), p. 358, n.° 7.

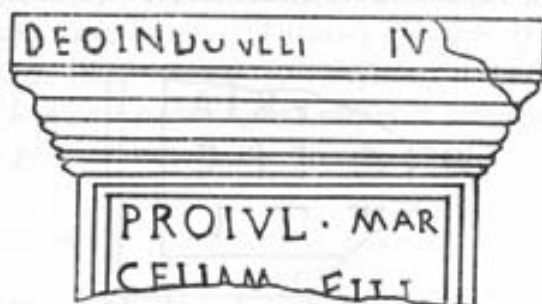
L(ucius) Licinius Catulus | an(norum) LX | Stertina Caesia, | uxor,  
an(norum) L, h(ic) s(iti sunt). S(it) v(obis) t(erra) l(evis). | L(ucius) Lici-  
nius Avitus, f(ilius), ex test(amento) patris | p(onendum) c(uravit).

XIII. — *Alandroal* <sup>(1)</sup>83 — J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, XXI (1916), p. 157 (dessin).XIII. — *Terena* <sup>(2)</sup>84 — Petit autel en pierre calcaire, provenant de Terena (*CIL*).Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>27, largeur 0<sup>m</sup>14; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>04.E. HÜBNER, *CIL*, II, 6333.

D·ILX  
ICME  
SIMC  
VER

XIV. — *S. MIGUEL DA MOTA**Sans N.° d'Inventaire.* XIV. — *S. Miguel da Mota*85 — Autel en marbre, qui se trouvait «no curral das cabras», près de la chapelle de S. Miguel da Mota (*da Rocha Espanca; Hübner*).Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>36, largeur 0<sup>m</sup>56, épaisseur 0<sup>m</sup>23; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>03 (l. 1) — 0<sup>m</sup>035 (O, V).J. J. DA ROCHA ESPANCA, *Bol. da Sociedade de Geogr.*, 1882, p. 287, n.° 21. — E. HÜBNER, *CIL*, II, 5204. — S. LAMBRINO, *Le dieu lusitanien*<sup>(1-2)</sup> Je n'ai pas encore retrouvé la pierre.

*Endovellicus*, dans *Bull. des Et. Portug.*, 1952, p. 123, note 2, fig. 23 (photogr.).



L. 3: après *FILL*, il n'y a rien de gravé.

*Deo Endovelli[co . . . .] lu[lia? . . . .] | pro lul(ia) Mar | cella M. fili | [a . . . . .].*

*Inventaire E 7778. XIV. — S. Miguel da Mota*

86 — Buste en marbre que l'on a entrainé du mur de la «capelinha do Senhor da Piedade», à S. Miguel da Mota (*da Rocha Espanca*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>32, largeur 0<sup>m</sup>27, épaisseur 0<sup>m</sup>20.



← - - - - 0<sup>m</sup>27 - - - - →

J. J. DA ROCHA ESPANCA, *Bol. da Soc. de Geogr.*, 1882, p. 288, n.º 24.  
 — E. HÜBNER, *CIL*, II, 5203. — J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusit.*, II, p. 123 et 137 (simples mention). — S. LAMBRINO, *Arch. Port.*, N. S., I (1951), p. 22-24 (de l'extrait; avec un dessin).

[Deo Endo]vellico [C. Vesidius . . . ?] | pro f(ilio) suo C(aio) Vesidio Fusco | v(otum) s(olvit) l(ibens) a(nimo).

*Inventaire E 7790.* XIV. — S. Miguel da Mota

87 — Plaque en pierre calcaire friable, provenant du sanctuaire d'Endovellicus de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Leite de Vasconcelos, Rel.*, II, 128). Le relief qui surmonte l'inscription représente le dieu lui-même (S. Lambrino, *Le dieu Endov.*, p. 117-120).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>89, largeur 0<sup>m</sup>49, épaisseur 0<sup>m</sup>15.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusit.*, II (1907), p. 128-130, fig. 10 (dessin), et p. 137-138; *Revue Archéol.*, II (1922), p. 133, fig. 1 (dessin) (= *Opusculos*, V (1938), p. 139, fig. 1, dessin). — S. LAMBRINO, *Arch. Port.*, N. S., I (1951), p. 24-25 (de l'extrait), n.º 15 (avec un dessin),

et *Le dieu lusitanien Endovellicus*, dans Bull. des Et. Portug., 1952, p. 102, n.° 34, et p. 117-118, fig. 6 (photographie).

*Deo Endoveli | co sacrum. Aedeolu(m) | C. S(ulpicius?) Apro v(o)-  
tum fecit.*

*Inventaire E 7909. XIV. — S. Miguel da Mota*

88 — Autel en pierre calcaire, qui se trouvait encastré dans le mur méridional de l'église des Agostinhos, à Vila Viçosa (*Pereira*), mais qui provenait de S. Miguel da Mota (*Rocha Espanca; Leite de Vasconcelos, Rel., II, p. 122*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>99, largeur 0<sup>m</sup>51 (base), épaisseur 0<sup>m</sup>26 (base).



G. PEREIRA, *A Renascença*, 1878, p. 42. — J. J. DA ROCHA ESPANCA, *Bol. da Soc. de Geogr.*, 1882, p. 277, n.° 9. — E. HÜBNER, *CIL*, II, 130,

et p. XXXVIII. — J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusit.*, II (1907), p. 122 (au sujet de *CIL*, II, 130). — S. LAMBRINO, *Le dieu lusitanien Endovellicus*, dans *Bull. Et. Portug.*, 1952, p. 100, n.° 20.

L. 2-3: CAIIIAE, lire CAELIAE; SCALLIAE, *CIL* II 130, e CALLIAE, *CIL*, II p. XXXVIII.

*Deo Endovel | lico sacrum. | Blandus Cae | liae Rufinae | servus | a(nimo) l(ibens) v(otum) s(olvit).*

*Inventaire E 7980. XIV. — S. Miguel da Mota*

89 — Piédestal en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, qui devait porter une statue d'Endovellicus (*Leite de Vasconcelos*, AP, I). Sur le côté latéral gauche est figurée une palme, sur celui de droite une couronne et sur la face postérieure un sanglier.

Dimensions: hauteur 1<sup>m</sup>09, largeur du corps 0<sup>m</sup>48, épaisseur du corps 0<sup>m</sup>33.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *O Dia*, n.° 846 du 25 mai 1890, col. 2; *Arch. Port.*, I (1895), p. 43-46 (avec 2 dessins); *Religiões da Lusit.*, II (1907), p. 126-128, fig. 1 et 2 (dessins), p. 136 et 315. — E. HÜBNER, *CIL*, II, 6266, et *Eph. Epigr.*, VIII (1899), p. 358. — S. LAMBRINO, *Le dieu lusitanien Endovellicus*, dans *Bull. des Et. Portug.*, 1952, p. 97, n.° 1, fig. 10, 12 et 13 (photogr.), et p. 112 et suiv., 120 et suiv.

*Deo | Endovellico | sacrum. | M. Fannius | Augurinus | merito hunc | deum sibi | propitiatum.*

*Inventaire E 431. XIV. — S. Miguel da Mota*

90 — Fragment d'un cippe en pierre calcaire provenant de S. Miguel da Mota (Leite de Vasconcelos, *Aurora do Cavado*).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>28, largeur 0<sup>m</sup>19.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Aurora do Cavado*, 1890 (= *Opusculos*, V, 1 (1938), p. 210, n.° 6), et *Religiões da Lusitânia*, II (1907), p. 134, fig. 18 (dessin). — E. HÜBNER, *CIL*, II, 6269 c.

L. 2: avant REST, il y a un point; il faudrait donc lire [...] Rest[itutus] (Leite de Vasconcelos).

*D(eo) E(ndovellico) s(acrum). | [I(ulius)?] Rest[itutus] ...*

*Inventaire E 7719.* XIV. — *S. Miguel da Mota*

91 — Fragment d'autel en pierre calcaire, provenant de S. Miguel da Mota (*Inventaire*). Sur les deux côtés latéraux sont sculptées des palmes.

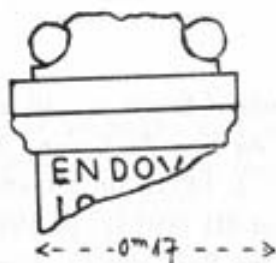
Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>64, largeur 0<sup>m</sup>39, épaisseur 0<sup>m</sup>14; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>025 (E) — 0,04 (D, T).

*Deo Endo | vellico | votum | Petroni | a Albilla se | . . . . .*

*Inventaire E 7721.* XIV. — *S. Miguel da Mota*

92 — Fragment d'une dédicace à Endovellicus, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Inventaire*). Marbre.

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>22, largeur 0<sup>m</sup>17, épaisseur 0<sup>m</sup>11; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>02.



J. J. DA ROCHA ESPANCA, *Bol. da Sociedade de Geogr.*, 1882, p. 288, n.º 22. — E. HÜBNER, *CIL*, II, 5209 a.

*Endov[ell] | ic[o] . . . . .*

*Inventaire E 7713. XIV. — S. Miguel da Mota*

93 — Autel en pierre calcaire, qui se trouvait «no curral das cabras», près de la chapelle de Saint Michel, à Vila Viçosa, mais qui provenait de S. Miguel da Mota (*CIL*, II, 5202).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>92, largeur 0<sup>m</sup>475, épaisseur 0<sup>m</sup>42.



G. PEREIRA, *Manuelinho d'Évora*, n.º 38, du 7 octobre 1881. — J. J. DA ROCHA ESPANCA, *Bol. da Soc. de Geogr.*, 1882, p. 286, n.º 19. — E. HÜBNER, *CIL*, II, 5202. — J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusitania*, II (1907), p. 121, et III (1913), p. 191. — S. LAMBRINO, *Le dieu lusitanien Endovellicus*, dans *Bull. des Et. Portug.*, 1452, p. 98, n.º 2, et

p. 107 et suiv., 139 et suiv.; *Arch. Port.*, N. S., I (1951), p. 19-22 (de l'extrait; avec un dessin).

L. 5: *lhybens=libens*, sur ce mot, voir S. Lambrino, *Arch. Port.*, I (1951), p. 20-22 (de l'extrait).

*Endovellico | aram | Antubellicus | Priscus iussu | ipsius lhybens | animo ponendam | curavit.*

Sans numéro d'Inventaire. XIV. — S. Miguel da Mota

94 — Petit autel en pierre calcaire, provenant de S. Miguel da Mota (*Leite de Vasconcelos*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>31, largeur 0<sup>m</sup>165, épaisseur 0<sup>m</sup>12.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia*, II (1907), p. 133, fig. 15 (dessin). — S. LAMBRINO, *Le dieu lusitanien Endovellicus*, dans *Bull. des Et. Portug.*, 1952, p. 101, n.º 25.

*Endovel | ico Iulia | Maxum | a.*

*Sans numéro d'Inventaire.* XIV. — *S. Miguel da Mota*

95 — Petit autel en pierre calcaire, provenant de *S. Miguel da Mota*.

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>29, largeur 0<sup>m</sup>155, épaisseur 0<sup>m</sup>09.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia*, II (1907), p. 130-131, fig. 12 (dessin). — S. LAMBRINO, *Le dieu lusitanien Endovellicus*, dans *Bull. des Et. Portugaises*, 1952, p. 100, n.° 16, et p. 117, 125.

*Endovellico* | *sacrum*. *L. T(erentius?) M(aximus?)* | *et T(erentia?)*  
*M(axima?) ex im* | *perato Averno a(nimo) l(ibentes) p(osuerunt)*.

*Inventaire E 7918.* XIV. — *S. Miguel da Mota*

96 — Petit autel en pierre calcaire, provenant de *S. Miguel da Mota*, près de Terena (*Inventaire*).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>33, largeur 0<sup>m</sup>17, épaisseur 0<sup>m</sup>11.

J. LEITE DE VASCONCELOS, *Aurora do Cavado*, 1890 (= *Opusculos*, V (1938), p. 208, n.° 2, et p. 212-213); *Religiões da Lusitânia*, II (1907), p. 132-133, fig. 14 (dessin). — E. HÜBNER, *CIL*, II 6267 a. — V. CORREIA, *História de Portugal*, I (1928), p. 249 (photographie). — S. LAMBRINO,

*Le dieu lusitanien Endovellicus, dans Bull. des Et. Portug., 1952, p. 102, n.° 33.*

*End(ovellico) sacr(um). | Pro vern | aclam | Treb(ia), Muse | ser(va),  
Q(uintus) L(icinius?) Ca | tullus | a(nimo) l(ibens) v(otum) s(olvit).*



*Inventaire E 7913. XIV. — S. Miguel da Mota.*

97 — Fragment de petit autel en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Inventaire*).

Dimensions: hauteur 0m24, largeur 0m17, épaisseur 0m10; hauteur des lettres 0m03 (l. 1) — 0m025 (l. 2-4).

J. LEITE DE VASCONCELOS, *Aurora do Cavado*, 1890 (= *Opusculos*, V, 1938, p. 209-210, n.º 4), et *Religiões da Lusitânia*, II (1907), p. 134, fig. 17. — E. HÜBNER, *CIL*, II, 6269 a.

*Endo | vellico | Valeriu[s] | C I I . . .*



*Inventaire E 7718. XIV. — S. Miguel da Mota*

98 — Autel en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Inventaire*).

Dimensions : hauteur 0m41, largeur 0m235, épaisseur 0m11.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia*, II (1907), p. 133, fig. 16 (dessin). — S. LAMBRINO, *Le dieu lusitanien Endovellicus*, dans *Bull. des Et. Portug.*, 1952, p. 101, n.° 28.

L. 3-4: *Sympaerontis*=*Symphorontis* (Συμφέρωντος).

*Endovell | ico Vitalis, | Messi Sym | paerontis f(ilius), | et servus | a(nimo) l(ibentes) p(osuerunt).*

*Inventaire E 7716. XIV. — S. Miguel da Mota*

99 — Autel en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Inventaire*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>46, largeur 0<sup>m</sup>24, épaisseur 0<sup>m</sup>14.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia*, II (1907), p. 132, fig. 13 (dessin). — S. LAMBRINO, *Le dieu lusitanien Endovellicus*, dans *Bull. des Et. Portug.*, 1952, p. 101, n.° 29.

*Endovo | lico ex v(oto) M(arcus) Liviu[s] | Severus | a(nimo) l(ibens) [r(otum) s(olvit)]*

*Inventaire E 7917.* XIV. — *S. Miguel da Mota*

100 — Cipse en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (Leite de Vasconcelos, *Aurora do Cavado*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>43, largeur 0<sup>m</sup>17, épaisseur 0<sup>m</sup>12.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Aurora do Cavado*, 1890 (= *Opusculos*, V, 1, 1938, p. 211, n.° 7), et *Religiões da Lusitânia*, II (1907), p. 134-135, fig. 20 (dessin). — S. LAMBRINO, *Le dieu lusitanien Endovellicus*, dans *Bull. des Et. Portug.*, 1952, p. 101, n.° 30, et p. 140.

[End]ovollico Iu[l] | ia Anu[s] | relictum | a maio | ribus | a(nimo) l(ibens) p(osuit).

*Inventaire E 7714.* XIV. — *S. Miguel da Mota*

101 — Piédestal en marbre d'une statue en bronze, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Inventaire*, Leite de Vasconcelos, *O Dia*).

Dimensions: hauteur 1<sup>m</sup>22, largeur 0<sup>m</sup>73, épaisseur 0<sup>m</sup>45.

J. LEITE DE VASCONCELOS, *O Dia*, n.° 846 du 25 mai 1890, col. 2 (= *Opusculos*, V, 1, 1938, p. 201). — ANONYME, *Bol. de la R. Acad. de la Hist.*, XVII (1890), p. 245, n.° 1. — E. HÜBNER, *CIL*, II, 6267.

— S. LAMBRINO, *Le dieu lusitanien Endovellicus*, dans *Bull. des Et. Portug.*, 1952, p. 101, n.° 31.

L. 4: V · S · L · M, *CIL* II 6267 (inexact).

*Endovoli | co sacrum. | Helvia Avita | v(otum) a(nimo) l(ibens) s(olvit).*



*Inventaire E 7851. XIV. — S. Miguel da Mota*

102 — Piédestal en marbre d'une statue en bronze, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena, qui se trouvait encastré «na capelinha do Senhor da Piedade, na parede exterior», à Vila Viçosa (*da Rocha; Hübner*). Sur la surface supérieure on voit une excavation en forme de pied où était fixée la statue en bronze.

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>61, largeur et épaisseur 0<sup>m</sup>89.

G. PEREIRA, *Manuelinho d'Évora*, n.º 38 du 7 oct. 1881. — J. J. DA ROCHA ESPANCA, *Bol. da Soc. de Geogr.*, 1882, p. 289, n.º 25. — E. HÜBNER, *CIL*, II, 5208. — S. LAMBRINO, *Le dieu lusitanien Endovellicus*, dans *Bull. des Et. Portug.*, 1952, p. 98, n.º 4, fig. 2 (photogr.), et p. 106, 107, 138 et 140.

*Endovollico | sacrum. | M(arcus) Vibius Bassus | et M(arcus) Vibius Avitus f(ecerunt).*



*Inventaire E 7710. XIV. — S. Miguel da Mota*

103 — Cippe en marbre, qui se trouva encastré «na parede meridional da igreja dos Agostinhos», à Vila Viçosa (*Pereira*), mais qui provenait de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Leite de Vasconcelos et Inventaire*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>97, largeur 0<sup>m</sup>505, épaisseur 0<sup>m</sup>26.

G. PEREIRA, *A Renascença*, 1878, p. 42. — J. J. DA ROCHA ESPANCA, *Bol. da Soc. de Geogr.*, 1882, p. 277, n.º 10. — E. HÜBNER, *CIL*, II, 142, et p. XXXIX. — J. LEITE DE VASCONCELOS, *Relig. da Lusitânia*, II (1907), p. 122. — S. LAMBRINO, *Le dieu lusitanien Endovellicus*, dans *Bull. des Et. Portug.*, 1952, p. 99, n.º 9.

L. 1: ENOBELICO, *Anon. Taur.* apud Hübner, p. XXXIX (lecture erronée).

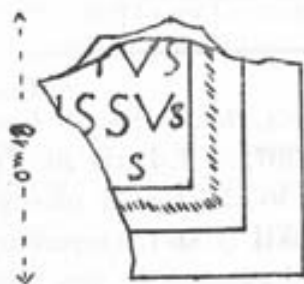
*Enobolico | Tusca | Olia, | Tauri f(ilia), | pro Quinto | Statorio | Tauro,*  
*m(arito), | v(otum) a(nimo) l(ibens) s(olvit).*



#### XIV. — S. Miguel da Mota

104 — Fragment de plaque en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena.

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>18, largeur 0<sup>m</sup>19, épaisseur 0<sup>m</sup>07 ; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>035.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia*, II (1907), p. 134 et 137, fig. 19 (dessin).

..... | .... ius | .... issus | [a(nimo) l(ibens) v(otum)]  
s(olvit).

*Inventaire E 7711. XIV. — S. Miguel da Mota*

105 — Autel en marbre, qui se trouvait «nas ruínas da ermida de S. Miguel, próximo de Alandroal» (*da Rocha, Hübner*). Sur chacun des deux côtés latéraux est figuré un génie ailé, portant une torche allumée.

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>95, largeur 0<sup>m</sup>48, épaisseur 0<sup>m</sup>38.



J. J. DA ROCHA ESPANCA, *Bol. da Soc. de Geogr.*, 1882, p. 286, n.º 18. — E. HÜBNER, *CIL*, II, 5207. — J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia*, II (1907), p. 136-137, fig. 21 (dessin: génie). — M. JOAQUIM DE CAMPOS, *Arch. Port.*, XII (1907), (acquisitions du Musée pendant le mois d'avril 1907). — S. LAMBRINO, *Le dieu lusitanien Endovellicus*, dans

*Bull. des Et. Portug.*, 1952, p. 99, n.° 10, fig. 16 (photogr.), et p. 124, 136, 140, 145.

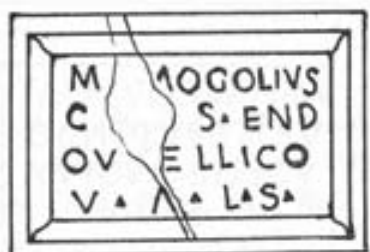
L. 9: V · A · C · S, Leite de Vasconcelos (lecture inexacte).

*M(arcus) L(icianus?) Ni | gellio | deo Endo | vellico | sacrum pr(o) | salutem | L(icianiae?) Marcian(ae) | filiae sue | v(otum) a(nimo) l(ibens) s(olvit).*

*Inventaire E 7826. XIV. — S. Miguel da Mota*

106 — Plaque en marbre, découverte à S. Miguel da Mota, près de Terena (*Leite de Vasconcelos*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>31, largeur 0<sup>m</sup>38, épaisseur 0<sup>m</sup>08 (? la pierre est fixée dans une boîte).



← - - - - 0<sup>m</sup>38 - - - - →

J. LEITE DE VASCONCELOS, *Aurora do Cavado*, 1890 (= *Opusculos*, V, 1 (1938), p. 210, n.° 5): l'inscription complète. — E. HÜBNER, *CIL*, II, 6267 b: l'inscription incomplète.

L. 2: pour C.....S, Leite de Vasconcelos propose: *C(ai) [f(ilius), d(eo)] s(ancto)*; je crois plutôt qu'il faut lire: *C[rispus]s* ou *C[aru]s*.

*M(arcus) Mogolius | C[aru?]s End | ovellico | v(otum) a(nimo) l(ibens) s(olvit).*

*Inventaire E 7712. XIV. — S. Miguel da Mota*

107 — Autel en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Inventaire; Leite de Vasconcelos*).

Dimensions: hauteur 1<sup>m</sup>04, largeur 0<sup>m</sup>52, épaisseur 0<sup>m</sup>35.

J. LEITE DE VASCONCELOS, *O Dia*, n.° 846 du 25 mai 1890, col. 2 (= *Opusculos*, V, 1, 1938, p. 202). — ANONYME, *Bol. de la R. Acad. de la Historia*, XVII (1890), p. 245, n.° 4. — E. HÜBNER, *CIL*, II, 6268. — S. LAMBRINO, *Le dieu lusitanien Endovellicus*, dans *Bull. des Et. Portug.*, p. 98, n.° 5, et p. 106.

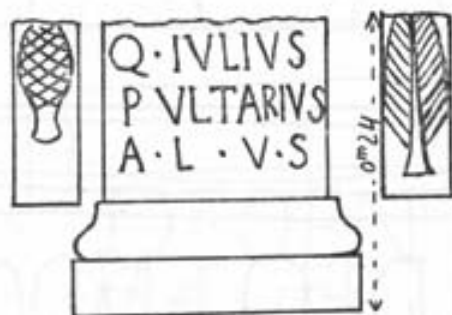
*M(arcus) Pompeius Sat | urninus Endo | vollico votum | s(olvit).*



Sans N.° d'Inventaire. XIV. — S. Miguel da Mota

108 — Fragment de petite stèle en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Leite de Vasconcelos*). Sur les côtés latéraux sont figurées une palme et une pomme de pin.

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>24, largeur 0<sup>m</sup>21, épaisseur 0<sup>m</sup>11 ; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>028 (l. 1-2) — 0<sup>m</sup>025 (l. 3).



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Revista de Arqueologia*, III (1934), p. 193-194 (avec un dessin). — *Année Epigraphique*, 1936, n.° 105. — S. LAMBRINO, *Le dieu lusitanien Endovellicus*, dans *Bull. des Et. Portug.*, 1952, p. 99, n.° 12, fig. 14 et 15 (photogr.), et p. 123.

..... | *Q*(uintus) *I*ulius | *P*ultarius | *a*(nimo) *l*(ibens) *v*(otum) *s*(olvit).

Inventaire E 7728. XIV. — S. Miguel da Mota

109 — Fragment supérieur d'une petite *ara* en pierre calcaire provenant de S. Miguel da Mota (*Inventaire*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>33, largeur 0<sup>m</sup>29, épaisseur 0<sup>m</sup>145; hauteur des lettres: 0<sup>m</sup>05 (l. 1) — 0<sup>m</sup>04 (l. 2).

L. 3, à la fin, on voit les restes d'un V et d'un S (ou C?).

*Deo Endo | vellico | ..... us (ou ... uc) | .....*



*Inventaire E 7920. XIV.—S. Miguel da Mota*

110 — Partie supérieure d'un autel en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Inventaire; Hübner*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>28, largeur 0<sup>m</sup>17, épaisseur 0<sup>m</sup>09.

E. HÜBNER, *CIL*, II, n.° 6329.

L. 3: COCAAIC, Hübner.

L. 4: C·RT, Hübner; la pierre présente clairement un C suivi d'un point triangulaire (?), mais cette lettre pourrait être un G, ensuite un R et la partie supérieure d'un I.

*Deo En | doveli | co Camar(ius) ou C(aius) Amar(edius?) | C·RI  
ou GRI .....*



*Inventaire E 7736. XIV. — S. Miguel da Mota*

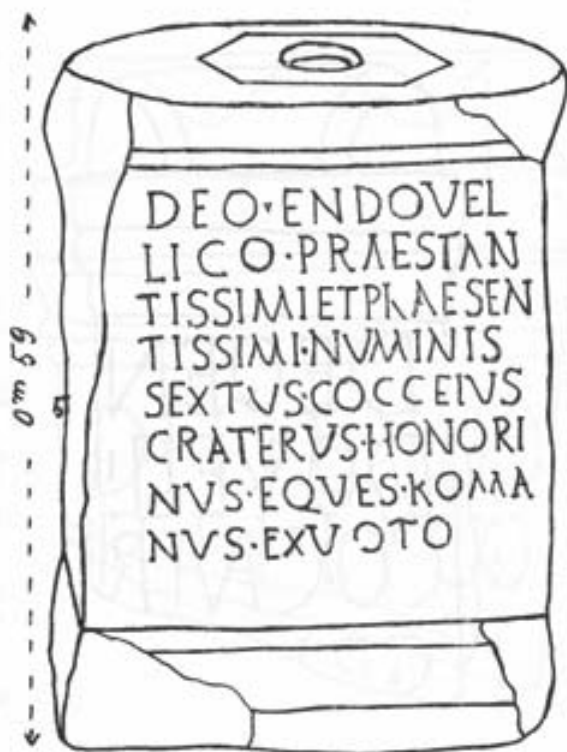
111 — Autel en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (Hübner; Espanca).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>59, largeur 0<sup>m</sup>44, épaisseur 0<sup>m</sup>37.

E. HÜBNER, *CIL*, II, n.° 131 et p. XXXVIII. — J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia*, II (1905), p. 139-141. — J. J. DA ROCHA ESPANCA, *Boletim da Soc. de Geogr.*, Lisboa, 1882, p. 273, n.° 2. — S.

LAMBRINO, *Le dieu lusitanien Endovellicus*, dans *Bull. des Et. Portug.*, 1952, p. 98, n.° 6.

*Deo Endovel | lico, praestan | tissimi et praesen | tissimi numinis, |  
Sextus Cocceius | Craterus Honori | nus, eques Roma | nus, ex voto.*



*Inventaire E 7741. XIV. — S. Miguel da Mota*

112 — Plaque en pierre calcaire rosée, brisée en plusieurs morceaux, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Inventaire*).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>56, largeur 0<sup>m</sup>56, épaisseur 0<sup>m</sup>065 ; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>05.

S. LAMBRINO, *Le dieu lusitanien Endovellicus*, dans le *Bull. des Et. Portug.*, 1952, p. 100, n.° 21.

*Deo Indovelli | co sacrum ex | responsum | ..... e (?) Caius Iu | [lius  
Se]ptimi | [nus ....] OLE | [liben]s feci.*



*Inventaire E 7729.* XIV. — S. Miguel da Mota

113 — Autel en marbre provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (Pereira; Leite de Vasconcelos).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>31, largeur 0<sup>m</sup>23, épaisseur 0<sup>m</sup>11; hauteur des lettres: 0<sup>m</sup>02 (l. 1-4) — 0<sup>m</sup>015 (l. 5).

G. PEREIRA, *Manuelinho d'Évora*, n.° 38, 7 oct. 1881. — J. J. DA ROCHA ESPANCA, *Bol. da Soc. de Geogr.*, 1882, p. 287, n.° 20. — E. HÜBNER, *CIL*, II, n.° 5206. — J. LEITE DE VASCONCELOS, *Rev. de Arqueol.*, II (1934-1936), p. 193; *Année Epigr.*, 1936, n.° 104. — S. LAMBRINO, *Le dieu lusitanien Endovellicus*, dans le *Bull. des Et. Portug.*, 1952, p. 101, n.° 22.

L. 3: au début, une barre verticale surmontée d'une autre, horizontale, dont on voit l'extrémité de droite: très probablement, un T. — A la fin, APIR que l'on doit lire *Aper*.

*Deo Endovel | lico sacrum. | T. Fannius Aper | animo libens | votum posuit.*



*Inventaire E 7843. XIV. — S. Miguel da Mota*

114 — Bloc rectangulaire en pierre calcaire, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena, mais qui fut transporté, au XVI<sup>e</sup> siècle, par Théodose Ier, duc de Bragança, à Vila Viçosa et encastré dans le mur méridional de l'église «dos Agostinhos» (*Leite de Vasconcelos; Pereira*).

Dimensions: 0<sup>m</sup>35 de hauteur, 0<sup>m</sup>61 de largeur, 0<sup>m</sup>27 d'épaisseur.

E. HÜBNER, *CIL*, II, n.° 136 et p. XXXVIII. — G. PEREIRA, *A Renascença*, 1878, p. 42. — J. J. DA ROCHA ESPANCA, *Bol. da Soc. de Geogr.*, 1882, p. 276, n.° 5. — J. LEITE DE VASCONCELOS, *Relig. da Lusit.*, II, p. 112 et 122. — S. LAMBRINO, *Bull. des Ét. Portug.*, 1952, p. 99, n.° 8.

L. 3: YBAS. presque tous les éditeurs.

*Deo Endovellico sac(rum). | Iunia Eliana voto succe(pto), | Elvia Ylias,  
mater, filie | sue votum susceptum | animo libens posuit.*



*Inventaire E 7715. XIV. — S. Miguel da Mota*

115 — Autel en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Leite de Vasconcelos*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>82, largeur 0<sup>m</sup>55, épaisseur 0<sup>m</sup>28.

J. LEITE DE VASCONCELOS, *O Dia*, n.° 824, 25 mai 1890, col. 3; *Boletim de la R. Acad. de la Hist.*, XVII, 1890, p. 246, n.° 5. — E. HÜBNER, *CIL*, II, n.° 6265. — S. LAMBRINO, *Le dieu lusitanien Endovellicus*, dans le *Bull. des Et. Portug.*, 1952, p. 100, n.° 14.

*Deo sancto | Endovellico | Ann(ia), Q(uiti) f(ilia), Mariana | pro  
Pompeia Prisca | ex rensponu | a(nimo) l(ibens) p(osuit).*



*Inventaire E 7916. XIV. — S. Miguel da Mota*

116 — Autel en marbre, provenant de São Miguel da Mota, près de Terena (*Leite de Vasconcelos*). A la surface supérieure, il y a un trou rond (diam. 0<sup>m</sup>04). L'autel est formé de deux fragments, que Leite de Vasconcelos a réunis.

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>465, largeur du corps en bas 0<sup>m</sup>16, épaisseur du corps 0<sup>m</sup>12.

J. LEITE DE VASCONCELOS, *Aurora do Cávado*, 1890 (= *Opusculos*, V, 1938, p. 208, n.° 3). — E. HÜBNER, *CIL*, II, n.° 6269 b.

*Deo san | cto Ind | ovellic | o [Iu]liu[s? Ae] | lianu[s | v(otum)  
s(olvit) l(ibens) m(erito)?].*



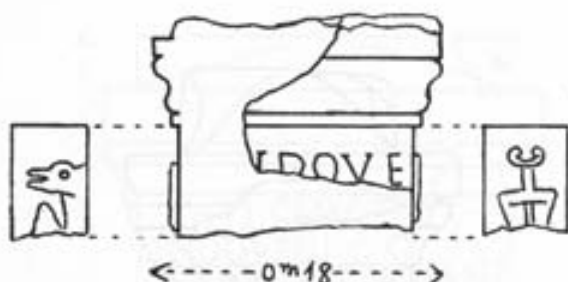
*Inventaire E 7800. XIV. — S. Miguel da Mota*

117 — Partie supérieure d'un petit autel en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Inventaire*).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>17, largeur 0<sup>m</sup>18, épaisseur 0<sup>m</sup>12 ; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>025.

On voit, au début de la ligne, la barre verticale de droite d'un N.

[En]dove | [llico] . . . . .



*Inventaire E 7942. XIV. — S. Miguel da Mota*

118 — Partie supérieur d'un petit autel en marbre, provenant de S Miguel da Mota, près de Terena (*Inventaire*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>14, largeur 0<sup>m</sup>15, épaisseur 0<sup>m</sup>055; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>02.

*Endove[l] | lic[o] . . . . .*



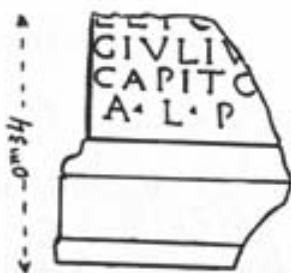
*Inventaire E 7887. XIV. — S. Miguel da Mota*

119 — Partie inférieure d'un autel en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Inventaire*).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>34, largeur 0<sup>m</sup>295, épaisseur 0<sup>m</sup>165 ; hauteur des lettres : 0<sup>m</sup>037.

L. 1 : on voit encore les parties inférieures des lettres LLIC.

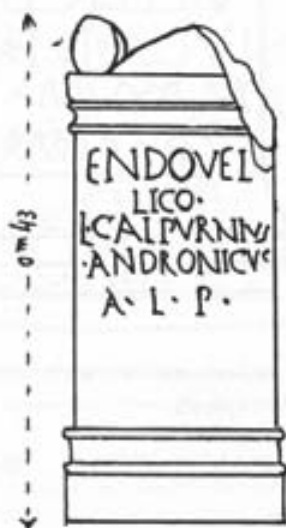
[Endove] | Ilic[o] | C. Iuliu[s] | Capito | a(nimo) l(ibens) p(osuit).



Inventaire E 7919. XIV. — S. Miguel da Mota

120 — Autel en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (Leite de Vasconcelos).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>43, largeur 0<sup>m</sup>18, épaisseur 0<sup>m</sup>075.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Aurora do Cávado*, 1890 (= *Opusculos*, V, 1938, p. 207, n.° 1). — E. HÜBNER, *CIL*, II, 6265 a. — S. LAMBRINO, *Le dieu lusitanien Endovellicus*, 1952, p. 13, n.° 27 (extrait du *Bull. des Ét. Portug.*, 1952).

*Endovel | lico | L. Calpurnius | Andronicus | a(nimo) l(ibens) p(osuit).*

*Inventaire E 7768. XIV. — S. Miguel da Mota*

121 — Autel en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Inventaire*).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>56, largeur 0<sup>m</sup>275, épaisseur 0<sup>m</sup>205.



L. 2: les lettres LI sont reliées par un trait horizontal, mais ce n'est qu'un accident ou bien une erreur du lapicide.

*Endo | vellico | Iulia, P(ublii) f(ilia), | Maxuma | v(otum) s(olvit) l(ibens) a(nimo).*

*Inventaire E 7758.* XIV. — *S. Miguel da Mota*

122 — Fragment en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Inventaire*).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>20, largeur 0<sup>m</sup>14, épaisseur 0<sup>m</sup>05 ; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>04.

*End[ovellico] | sac[rum] | .....*

*Inventaire E 7779.* XIV. — *S. Miguel da Mota*

123 — Partie inférieure d'un autel en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Inventaire*).



Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>235, largeur 0<sup>m</sup>23, épaisseur 0<sup>m</sup>14; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>025.

[*Endovellico* | *sac*]rum | [*L.? Ca*]lpurnius | *Doretianus*.

*Inventaire E 7844.* XIV. — *S. Miguel da Mota*

124 — Bloc en marbre provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Inventaire*).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>25, largeur 0<sup>m</sup>58, épaisseur 0<sup>m</sup>34; hauteur des lettres : 0<sup>m</sup>06.



L. 2: au début de la ligne, on voit la partie supérieure de deux S.

[*En*]dovellico *sacr*(um) | [*C. (?) Iuliu*]s *Saturninus* [*e*]x | [*voto*] . . . .

*Inventaire E 7773.* XIV. — *S. Miguel da Mota*

125 — Moitié supérieure d'autel en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Inventaire*).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>21, largeur 0<sup>m</sup>16, épaisseur 0<sup>m</sup>10; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>017 — 0<sup>m</sup>018.

[E]ndovellico | sacrum | S(ulpicia?) Romula | ..... ent ....



*Inventaire E 7836. XIV. — S. Miguel da Mota*

126 — Bloc en marbre provenant de S. Miguel da Mota et qui était encastré dans le mur de droite de l'église de Boa-Nova, près de Terena, du côté de l'autel (*da Camara Manoel*).

E. HÜBNER, *CIL*, II, n.° 141 et p. 807. — G. PEREIRA, *Manuelinho d'Évora*, n.° 38, du 7 octobre 1881. — J. J. DA ROCHA ESPANCA, *Bol. da Soc. de Geogr.*, 1882, p. 278, n.° 15. — J. LEITE DE VASCONCELOS, *Relig.*

*da Lusit.*, II, p. 122-123. — C. DA CAMARA MANOEL, *Arch. Port.*, X (1905), p. 340. — S. LAMBRINO, *Bull. des Et. Portug.*, 1952, p. 100, n.° 17.

*Endovel | lico sacrum | Terentia, C(aii) f(ilia) | . . . . . statua(m) . . . .*



*Inventaire E 7770. XIV. — S. Miguel da Mota*

127 — Cippe en marbre provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Leite de Vasconcelos*, p. 112), et qui a été transporté, au XVI<sup>e</sup> siècle, par Théodose Ier, duc de Bragança, à Vila Viçosa, où il a été encastré dans le mur méridional de l'église des «Agostinhos» (*Leite de Vasconcelos*, p. 122; *Pereira*).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>77, largeur 0<sup>m</sup>36, épaisseur 0<sup>m</sup>25.

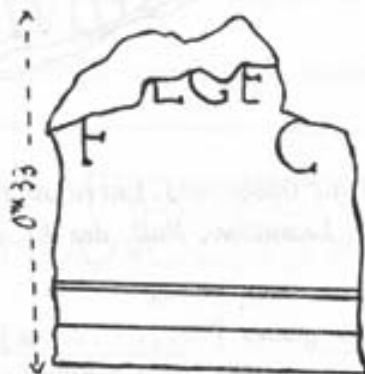
E. HÜBNER, *CIL*, II, n.° 138 et p. XXXIX. — G. PEREIRA, *A Renascença*, 1878, p. 42. — J. J. DA ROCHA ESPANCA, *Bol. da Soc. de Geogr.*, 1882, p. 277, n.° 11. — J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusit.*, II (1905), p. 112, 122, 142. — S. LAMBRINO, *Bull. des Et. Portug.*, 1952, p. 100, n.° 15.

*Endovelli | co sacrum | ex relegione, | iussu numinis, | Pomponia |  
Marcella | a(nimo) l(ibens) p(osuit).*



*Inventaire E 7865. XIV. — S. Miguel da Mota*

128 — Fragment de plaque en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Inventaire*).



Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>33, largeur 0<sup>m</sup>27, épaisseur 0<sup>m</sup>04; hauteur des lettres: 0<sup>m</sup>045.

[ . . . . . Ma]lge[inus? . . . . ] | f(aciendum) c(uravit).

*Inventaire.* XIV. — S. Miguel da Mota.

129 — Plaque en marbre provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Leite de Vasconcelos*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>26, largeur 0<sup>m</sup>27, épaisseur 0<sup>m</sup>06; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>03 — 0<sup>m</sup>035.



E. HÜBNER, *CIL*, II, n.° 6333. — J. LEITE DE VASCONCELOS, *Relig. da Lusit.*, II, p. 135. — S. LAMBRINO, *Bull. des Et. Portug.*, 1952, p. 102, n.° 35.

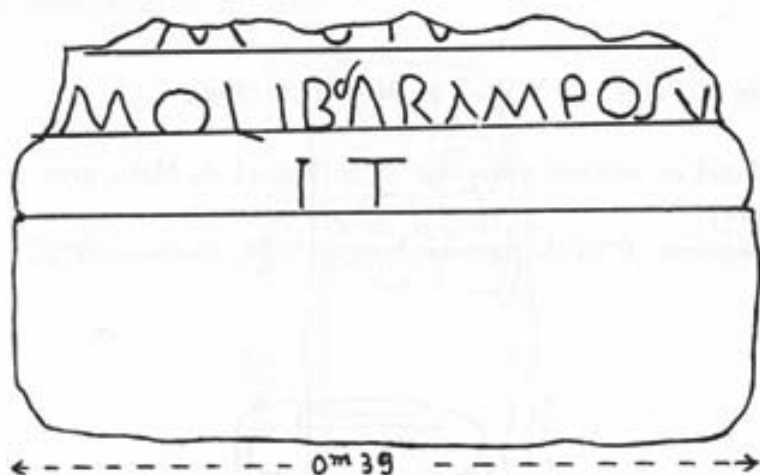
[ . . . . . fa?]ma per gentes [ . . . . . | . . . . . m]ihi roganti a[? . . . . | . . . . .] Il cuncta viri [ . . . . . | . . . . . ]p(?) redund[a . . . ? . .].

*Inventaire E 7854. XIV.—S. Miguel da Mota*

130 — Partie inférieure d'un autel en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Inventaire*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>23, largeur 0<sup>m</sup>39, épaisseur 0<sup>m</sup>145; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>028.

..... m . oiu . . . . [ani] | mo lib(ens) aram posu | it.

*Inventaire E 7835. XIV.—S. Miguel da Mota*

131 — Base de statue provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Leite de Vasconcelos*); marbre.

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>36, largeur 0<sup>m</sup>73, épaisseur 0<sup>m</sup>70.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *O Dia*, n.° 846, du 25 mai 1890, col. 2; *Bol. de la R. Acad. de la História*, XVII (1890), p. 245, n.° 3. — E. HÜBNER, *CIL*, II, n.° 6269. — S. LAMBRINO, *Bull des Et. Portug.*, 1952, p. 99, n.° 11.

*P. Sempronius Celer | Endovollico v(otum) | s(olvit) l(ibens) a(nimo).*

*Inventaire E 7709. XIV. — S. Miguel da Mota*

132 — Autel en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Inventaire*).

Dimensions: 0<sup>m</sup>57 de hauteur, largeur 0<sup>m</sup>38, épaisseur 0<sup>m</sup>27.



L. 1, au début, on lit clairement TULLIA.

*Tullia, C(aii) f(ilia), | Modesta | Endovellico | votum l(ibens) s(olvit).*

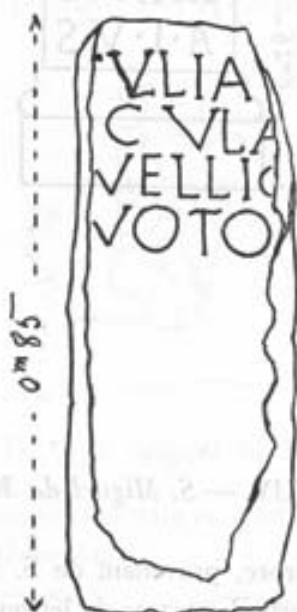
*Inventaire E 7727.* XIV. — *S. Miguel da Mota*

133 — Fragment d'un autel en marbre, provenant de *S. Miguel da Mota*, près de *Terena (Espanca)*.

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>85, largeur 0<sup>m</sup>26, épaisseur 0<sup>m</sup>51; hauteur des lettres: 0<sup>m</sup>055.

J. J. DA ROCHA ESPANCA, *Bol. da Soc. de Geogr.*, 1882, p. 285, n.° 17.

— E. HÜBNER, *CIL*, II, n.° 5205.



L. 1: IVLIA, lecture d'*Espanca* (cf. *CIL*). Pourtant, V représente V et L en ligature et, au début de la ligne, on voit l'extrémité de droite de la barre horizontale d'un T.

[T]ullia [C. (?) f. Pro] | cula [Endo] | vellic[o ex] | voto . . . .

*Inventaire E 7881.* XIV. — *S. Miguel da Mota*

134 — Partie inférieure d'un petit autel en marbre provenant de *S. Miguel da Mota*, près de *Terena (Inventaire)*.

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>26; largeur de la base 0<sup>m</sup>24; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>04; épaisseur de l'autel 0<sup>m</sup>15.

L. 1: lire [Pac]cianus, [Mar]cianus, ou un autre nom semblable.

[..... Pac?]cianus | a(nimo) l(ibens) v(otum) s(olvit).



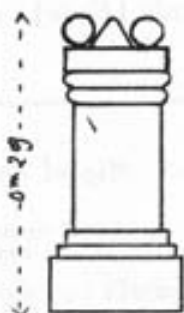
*Inventaire E 7915.*

XIV. — *S. Miguel da Mota*

135 — Petit autel en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Inventaire*). Il porte des traces de lettres.

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>29, largeur de la base 0<sup>m</sup>13, épaisseur 0<sup>m</sup>07.

V.....



Sans N.° d'Inventaire. XIV. — S. Miguel da Mota

136 — Fragment en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena.

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>32, largeur 0<sup>m</sup>24, épaisseur 0<sup>m</sup>20; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>055 — 0<sup>m</sup>060.

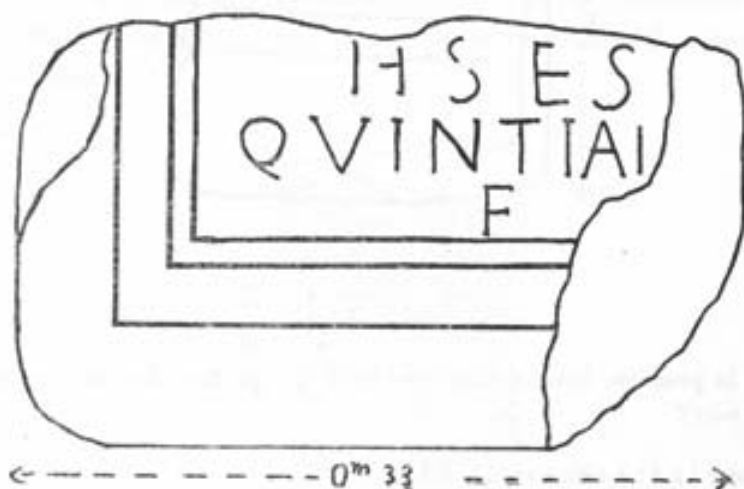
Ce monument est probablement identique à celui que mentionne J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões da Lusitânia*, II, p. 142.

Deo [Endovel] | lico [sacrum] | ex r[esp(onso)], | C. VI[pius? ...]  
| AM....



Inventaire E 7893. XIV. — S. Miguel da Mota

137 — Fragment de monument funéraire en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Inventaire*).



Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>19, largeur 0<sup>m</sup>33, épaisseur 0<sup>m</sup>075; hauteur des lettres: 0<sup>m</sup>028.

..... | *h(ic) s(itus) e(st). S(it) [t(ibi) t(erra) l(evis)]. | Quintia ...*  
 ..... | *f(aciendum) [c(uravit)].*

*Inventaire E 7799. XIV. — S. Miguel da Mota*

138 — Partie inférieure d'un petit autel funéraire en marbre, provenant de S. Miguel da Mota, près de Terena (*Inventaire*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>17, largeur 0<sup>m</sup>165, épaisseur 0<sup>m</sup>075; hauteur des lettres: 0<sup>m</sup>020 — 0<sup>m</sup>025.



L. 1: la première lettre semble être un D ou un B. — Ensuite, on voit un F ou un P: *puer*?

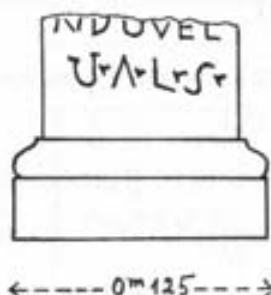
.... *pue | r (?) anno(rum) XX.*

*Inventaire E 7956. XIV. — S. Miguel da Mota*

139 — Partie inférieure d'un autel en marbre, provenant de S. Miguel da Mota (*Inventaire*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>12. largeur 0<sup>m</sup>125, épaisseur 0<sup>m</sup>055; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>015.

... [Deo E]ndovel(lico) | v(otum) a(nimo) l(ibens) s(olvit).

*Inventaire E 7888. XIV — S. Miguel da Mota*

140 — Partie supérieure d'une colonnette en marbre, provenant de S. Miguel da Mota (*Inventaire*), que devait servir de piédestal à une statuette d'Endovellicus.



Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>23, largeur 0<sup>m</sup>14, épaisseur 0<sup>m</sup>12; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>02.

*Hermes . . . . (nom du dédicant; les autres lignes sont illigibles).*

*Inventaire E 7935. XIV. — S. Miguel da Mota*

141 — Fragment d'une plaque de marbre provenant de S. Miguel da Mota (*Inventaire*).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>27, largeur 0<sup>m</sup>14, épaisseur 0<sup>m</sup>05; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>03 (M) — 0<sup>m</sup>045 (E).

E. HÜBNER, *CIL*, II, n.º 6332 (il l'attribue à Terena).

L. 3-4: on pourrait lire [*piis*]simo . . . | . . . . [Se]ver[us] . . .



XV. — SILVEIRONA

*Inventaire E 6585. XV. — S. Vitória do Ameixial*

142 — Bloc en pierre calcaire, découvert dans les fouilles de Santa Vitória do Ameixial, «fora do mosaico; arrancado em frente da igreja» (*Inventaire; Saavedra Machado*).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>67, largeur 0<sup>m</sup>41, épaisseur 0<sup>m</sup>35.

L. SAAVEDRA MACHADO, *Arch. Port.*, XXIV (1920), p. 266 (acquisitions du Musée : octobre 1913 à août 1917).

*Bono | reip(ublicae) | natus.*



XVI. — Environs d'ELVAS

*Inventaire E 6342.* XVI. — *Terrugem (Elvas)*

143 — Colonne en pierre calcaire, découverte «na herdade de Alcobaça, freg. de Terrugem, concelho de Elvas, perto da antiga estrada de Lisboa e Badajoz (*Leite de Vasconcelos*).

Dimensions : hauteur 1<sup>m</sup>12, diamètre 0<sup>m</sup>23.

J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, XIX (1914), p. 249.

L. 8: OM, Leite de Vasconcelos; dans son commentaire, il admet l'absence de *P(assuum)*, comme on voit dans *CIL* II 4883, 4888, etc. Cependant, la pierre a conservé un I, qui est la barre verticale de P.

L. 8-10: *m(ilia) p(assuum) XXXXXXV = 96 km 102*, Leite de Vasconcelos.

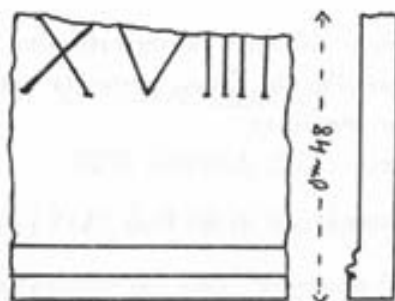
*Do(minis) n(ostris) | I(m)p(eratoribus duobus) | Dioc | leti ||<sup>3</sup> ano e | t  
max | imian | o. M(ilia) p(assuum) | XXXXXX ||<sup>10</sup> V.*



*Inventaire E 57\*.* XVI. — *Oguela*

144 — Fragment en marbre qui a été découvert au labour dans la Tapada da Pombinha, près de Senhora da Enxára, aux environs d'Oguela (*Leite de Vasconcelos*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>48, largeur 0<sup>m</sup>45, épaisseur 0<sup>m</sup>065; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>115.



\* La pierre porte ce numéro, mais l'Inventaire décrit un autre objet sous ce numéro.

J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, XXI, 1916, p. 191-192.

..... | XVIII .....

XVII. — *Environs D'AVIS*

*Inventaire E 5299.* XVII. — *Fronteira (Alentejo)*

145 — Autel funéraire en pierre calcaire, découvert «no «monte» (herdade) de Val-Paredes, conc. de Fronteira» (*Leite de Vasconcelos*).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>52, largeur 0<sup>m</sup>175, épaisseur 0<sup>m</sup>105.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, XXI (1916), p. 318-319; XXVIII (1929), p. 219, n.° 14; XXIX (1934), p. 224, n.° 14.

L. 4: F, c'est-à-dire un F sans barre horizontale médiane.

*Maxu* | *mus* | *Severi* | *f(i)lius*), *an(norum) XX*, | *h(ic) s(itus) e(st)*.  
*S(it) t(ibi) t(erra) l(evis)*. | *P(ater) m(ater) f(aciendum) c(uraverunt)*.

## Inventaire E 5297. XVII. — Avis

146 — Monument funéraire en marbre, provenant de la «Herdade da Defesa dos Barros, concelho de Avis (Alentejo)»; sur le côté droit, une colombe qui picore un arbre.

Dimensions: hauteur 1<sup>m</sup>, largeur 0<sup>m</sup>52, épaisseur 0<sup>m</sup>33.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, XXI (1916), p. 316-319; cf. aussi, *Religiões da Lusit.*, p. 445-446.

L. 2: CAL, Leite propose *Cal(idia)* ou un autre; on peut penser à *Calventia*, ou plutôt à *Calpurnia*, nom plus fréquent dans la région.

*D(is) M(anibus) s(acrum)*. | *Cal(purnia) Hegesistrate | ann(orum) | XVII,* | *S(it) t(ibi) t(erra) l(evis)*. | *C(alpurnius) Alexan | der pat(er)*.

*Inventaire E 6356. XVII. — Ervedal (Avis)*

147 — Autel en marbre, provenant d'Ervedal, concelho d'Avis (Alentejo).  
(*Leite de Vasconcelos*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>50, largeur 0<sup>m</sup>37.

J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, XII (1912), p. 286, et *Religiões da Lusitânia*, III, p. 620-621, fig. 334.

*Fontan[o] | sacrum. | Threptus C. Appulei | Silonis servus l(ibens)  
a(nimo), | ob aquas inventas.*

*Inventaire E 6291. XVII. — Ponte de Sor*

148 — Colonne milliaire de granit, découverte en 1910 près de Ponte de Sor, «à saída para Val de Açor, numa propriedade do Sr. Joaquim Vaz Monteiro» (*Leite de Vasconcelos, Arch. Port.*, XIX).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>67, diamètres 0<sup>m</sup>30 et 0<sup>m</sup>35.

J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, XV (1910), p. 247-248, et XIX (1914), p. 249-250.

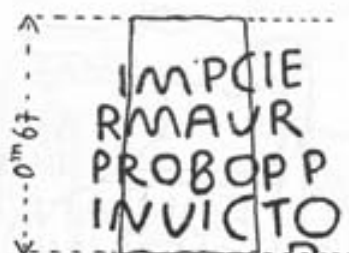
L. 1: CIE, erreur du lapicide, pour CAE.

L. 3: PP, autre erreur du lapicide, pour PF.

L. 5: on voit les extrémités supérieures d'un V et d'un P.

Date de l'inscription: 276-282 ap. J.-C.

*Imp(eratori) C[a]e[sa] | r(i) M(arco) Aur(elio) | Probo p(io)  
[f(elici)] | invicto ||<sup>s</sup> [A]u[g(usto)] p(ontifici) [m(aximo)] | . . . . .*



XVIII. — ARAMENHA (*Marvão*)  
(et ses environs)

*Inventaire E 7267.* XVIII. — Aramenha

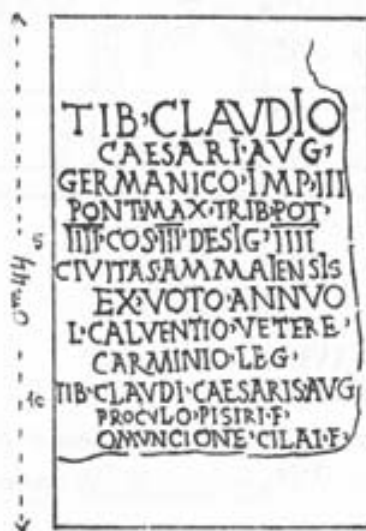
149 — Petit bloc en marbre, provenant de la freguesia de Aramenha, concelho de Marvão, où elle a été découverte dans la quinta de António de Azevedo Coelho Corsino Caldeira (*Leite de Vasconcelos*, p. 5-6).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>44, largeur 0<sup>m</sup>29, épaisseur 0<sup>m</sup>18.

J. LEITE DE VASCONCELOS, *Ethnos*, I (1935), p. 5-9. — E. JALHAY, *Broteria*, 1947, fasc. du 6 déc., p. 20-22 (de l'extrait).

Date de l'inscription: 43 à 45 ap. J.-C., Leite de Vasconcelos et Jalhay.

*Tib(erio) Claudio | Caesari Aug(usto) | Germanico, imp(eratori) III, | pont(ifici) max(imo) trib(unicia) pot(estate) ||<sup>3</sup> IIII, co(n)s(uli) III, de- sig(nato) IIII, | civitas Ammaiensis | ex voto annuo, | L(ucio) Calventio Vetere | Carminio, leg(ato) ||<sup>10</sup> Tib(erii) Claudii | Caesaris Aug(usti), | Proculo Pisiri f(ilio), Omuncione Cilai f(ilio).*



*Inventaire E 7089. XVIII. — Aramenha*

150 — Autel de granit, provenant d'Aramenha (*V. Correia, Jalhay*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>82, largeur 0<sup>m</sup>65, épaisseur 0<sup>m</sup>43.

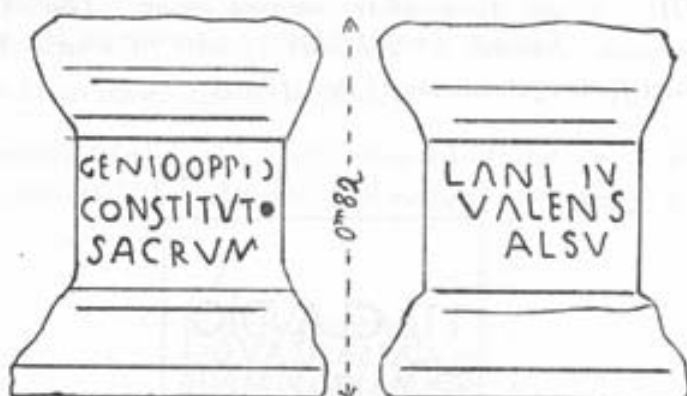
V. CORREIA, *História de Portugal*, I (1928), p. 245 (photographie).

— E. JALHAY, *Brateria*, 1947 fasc. du 6 déc., p. 19 (de l'extrait), n.° 15 (face seule).

Face: Jalhay propose, sans aucun fondement, la lecture: *O[siris] constitut(oris)*.

Face: *Genio oppid[i] | constitut[i] | sacrum.*

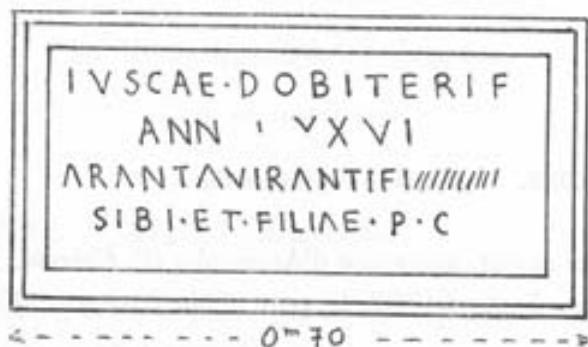
Revers: *L(ucius) An[n]iu[s] | Valens | a(nimo) l(ibens) s(olvit) v(otum).*



*Inventaire E 6954. XVIII. — Aramenha*

151 — Plaque en marbre, provenant d'Aramenha (*Inventaire*).

Dimensions: hauteur 0<sup>m</sup>36, largeur 0<sup>m</sup>70, épaisseur 0<sup>m</sup>09.



L. 1: au début, on voit une barre verticale qui n'appartient pas à un F; c'est donc un T.

*Tuscae Dobiteri f(iliae) | ann(or)um XXVI | Aranta Viranti fi[lia . . . ] | sibi et filiae p(onendum) c(uravit).*

*Inventaire E 7045.* XVIII. — *Fortios (Crato)*

152 — Stèle en granit, qui est apparue dans le voisinage de Fortios, concelho de Portalegre, mais «o sítio do achado deve pertencer à freguesia dos Mártires( concelho do Crato (Leite de Vasconcelos, *Arch. Port.*, XXVIII).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>84, largeur 0<sup>m</sup>44, épaisseur 0<sup>m</sup>17.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, XXVIII (1929), p. 217, n.º 8, et XXIX (1934), p. 224, n.º 8.

*Cilea* | *Cada* | *ri f(ilia)* | *ann(orum) XII* | . . . .

*Inventaire E 3435 et E 7090.* XVIII. — *Fortios*

153 -- Bloc de granit, découvert près du cimetière de la «freguesia dos Fortios, concelho de Portalegre» (*Inventaire E 3435*; par contre, la pierre porte le N.º E 7090, rédigé en 1931, c'est-à-dire vingt ans après le premier, et qui donne des indications inexactes).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>84, largeur 0<sup>m</sup>43, épaisseur 0<sup>m</sup>22; hauteur des lettres 0<sup>m</sup>07 (l. 1 à 3) — 0<sup>m</sup>06 (l. 4).

L. 1 : . . . . *uggo* . . . ., ou bien . . . . *ucco* . . . .

L. 2 : au début, on voit nettement la barre horizontale de l'L de *Helviorum*.

[...] uggo [...] | He]lviorum | [li]b(erto), an(norum) III [...] |  
h(ic)] s(itus) e(st). S(it) t(ibi) t(erra) l(evis).



Sans N.° d'Inventaire. XVIII. — NISA

154 — Autel en granit, découvert dans la «Tapada dos Paianes, entre a vila de Nisa e o lugar de Póvoa e Meadas» (Leite de Vasconcelos).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>55, largeur 0<sup>m</sup>30, épaisseur 0<sup>m</sup>26.



J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, XXIX (1934), p. 178-179.  
— *Année Epigraphique*, 1934, n.° 21.

P(ublius) Carmin[i] | us Macer | ex voto.

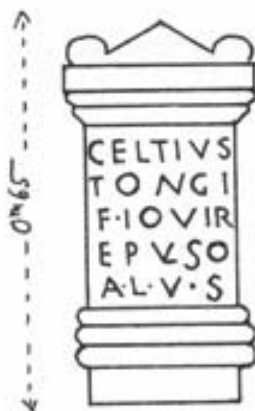
Sans N.° d'Inventaire. XVIII. — *Montalvão (Nisa)*

155 — Autel en granit, qui se trouvait encastré dans la paroi d'un casebre da herdade de Pero Galego, freguesia de Montalvão, concelho de Nisa (*Leite de Vasconcelos*).

Dimensions : hauteur 0<sup>m</sup>65, largeur 0<sup>m</sup>26, épaisseur 0<sup>m</sup>23.

J. LEITE DE VASCONCELOS, *Arch. Port.*, XXIX (1931), p. 183.

*Celtius | Tongi | f(i)lius | Iovi R | epulso(ri) | a(n)imo l(ibens) v(otum) s(olvit).*



(A suivre)

100  
 THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
 DIVISION OF THE PHYSICAL SCIENCES  
 DEPARTMENT OF CHEMISTRY  
 5708 SOUTH CAMPUS DRIVE  
 CHICAGO, ILLINOIS 60637



1. L. J. ...  
 2. ...  
 3. ...

# ÍNDICES

Organizados

Por

MARGARIDA RIBEIRO

•

FERNANDO PORTUGAL



## Índice onomástico

- ABD ALLAH — 45.  
ACCENNIA HERENIA — 133.  
AEMILIUS EUREMON — 134.  
AFONSO HENRIQUES (REI) — 120.  
AFONSO V. (REI) — 119.  
AGUILHÓ (J. CABRÉ) — 86, 86 (n. 7), 89.  
ALANOS — 120.  
ALBRIGHT (W. F.) — 100, 106.  
ALMAGRO (MARTIN) — 87 (n. 12).  
ALMEIDA (D. FERNANDO DE) — 5, 7, 24, 57, 60  
(n. 1), 81, 119, 122.  
ANDRÉ (Luís) — 113.  
ANGUERA (S. VILASECA) — 87 (n. 10, 13), 89.  
ANNIA — 157.  
ANNIA MATERNA — 134.  
ANNIA QUINTI — 188.  
ANNICIA — 142, 143.  
ANTISTIA PRISCA — 142.  
ANTUBELLICUS PRISCUS — 168, 169.  
ÁRABES — 120.  
ARANTA VIRANTI — 214.  
ARIMĀ — 99.  
ASTARTE — 100.  
ATAÍDE (A.) — 21.  
AUGUSTO (BISPO) — 212.  
AUGUSTO (ÍMP.) — 57-58, 150.  
AUGUSTUS — 130.  
AVIENO — 97.  
AVITA — 158.  
BAEBIA BOUTIA — 159.  
BALBINA — 124.  
BASSUS — 160.  
BATSCH — 59, 60.  
BLANDUS — 165.  
BONSOR (GEORGE) — 89.  
BORJA (JOSÉ) — 116.  
BOSCH GIMPERA (P.) — 87, 106.  
BRUGUIÈRE — 37.  
BURTHE — 131.  
C. IULIUS BOUTI — 126.  
C. IULIUS CAPITO — 191.  
C. (?) IULIUS SATURNIUS — 194.  
CACIRO (F.) — 139.  
CADAVAL (MADAME LA MARQUISE DE) — 21, 24,  
26.  
CAETANO (ANTÓNIO SALVADOR) — 107.  
CAGNAT (R.) — 126.  
CAIO VESIDIO FUSCO — 163.  
CAIUS AMAREDIUS (?) — 183.  
CAIUS IULIUS SEPTUMINUS — 185.  
CAIUS LULIUS — 125.  
CALDEIRA (ANTÓNIO DE AZEVEDO COELHO COR-  
SINO) — 212.  
CALIDIA — 210.  
CALPURNIA HEGESISTRATE — 210.  
CALPURNIUS ALEXANDER — 210.  
CALVENTIA — 210.  
CÂMARA MANUEL (C. DA) — 195, 196.  
CAMARIUS AMAREDIUS (?) — 183.  
CAMPOS (M. JOAQUIM DE) — 126, 131, 147, 178.

- CAPEANS (ROSA) — 141, 142, 155, 156.  
 CAPITO (C. IULIUS) — 191.  
 CARVALHO (HERCULANO DE) — 49.  
 CASELES (J. MARIA SOLÉ) — 87 (n. 10, 13).  
 CASTRO (D. LUÍS DE) — 49.  
 CELTAS — 97, 120.  
 CELTIUS TONGI — 217.  
 CERRALBO (MARQUÊS DE) — 89.  
 CILEA CADARI — 215.  
 CLAMER (A.) — 103, 106.  
 GLADIUS — 131.  
 CLODIUS — 136.  
 CONSTANÇA (RAINHA) — 119.  
 CONTENAU (GEORGES) — 106.  
 CORREIA (VIRGÍLIO) — 84 (n. 5), 92, 170, 213.  
 COSTA (F. A. PEREIRA DA) — 20, 37, 38.  
 CRATERUS HONORINUS — 184.  
 CRISTO — 116.  
 CUNHA (CÓNEGO ARLINDO RIBEIRO DA) — 117.  
 CUQ (E.) — 126, 130, 131.  
 DAUPHINET (V.) — 139.  
 DELIBRIAS (G.) — 40.  
 DIOCLETIANO (IMP.) — 208.  
 DRAP — 37, 38.  
 DRIOTON (ÉTIENNE) — 106.  
 DUCHESNE — GUILLEMIN (J.) — 106.  
 DUPREZ (ANTOINE) — 106.  
 ELVIA YLIAS — 187.  
 ENDOVELLICUS — 162, 163, 164, 165, 166, 167,  
 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176,  
 177, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186,  
 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195,  
 196, 197, 199, 200, 201, 203, 205.  
 ESCULÁPIO — 104.  
 ESPANCA (J. J. DA ROCHA) — 160, 161, 162,  
 163, 164, 168, 175, 176, 178, 183, 185, 186,  
 195, 196, 201.  
 ESPANTA MAINU — 99.  
 ESTÁCIO DA VEIGA — 134, 135.  
 EUREMON — 134.  
 ÉVORA (MANUELINHO) — 176, 185.  
 EYDOUX — 37.  
 EZEQUIAS — 101.  
 FARINHA DOS SANTOS (MANUEL) — 15, (n. 7),  
 113, 114.  
 FAUSINO — 139.  
 FAUSTINO — 139.  
 FEREMBACH (D.) — 34, 40.  
 FERNANDES (CAROLINA ALMODOVAR) — 115.  
 FERREIRA DA SILVA — 44.  
 FIGUEIREDO (A. C. BORGES) — 149, 151.  
 FITA (F.) — 160.  
 FONTANUS — 211.  
 FRANÇA (J. CAMARATE) — 65, 79.  
 FRELJEIRO (A. BLANCO) — 89.  
 FREIRE DE ANDRADE (R.) — 13, (n. 4), 15  
 (n. 6), 81 (n. 1), 86 (n. 8).  
 GAIUS — 144.  
 GAIUS AURELIUS VICTORINUS — 156.  
 GALERIA — 138, 159.  
 GALLA — 153.  
 GALLIO — 136, 137.  
 GARLAKE — 116.  
 GARLAKE (MARGARET) — 117.  
 GENIUS — 214.  
 GOMEZ (HELENA LOSADA) — 87 (n. 11).  
 GONÇALVES (F. REBELO) — 137.  
 GRAY — 37.  
 GUDEA (PRÍNCIPE) — 99.  
 GÜEL (MANÉ) — 87 (n. 10, 13).  
 GUERREIRO (MANUEL JOAQUIM) — 119.  
 GUERREIRO (MANUEL VIEGAS) — 119.  
 GUILGAMESH — 102.  
 HELENO (MANUEL) — 7, 9, 82 (n. 4).  
 HELVIA AVITA — 175.  
 HERMES — 205, 206.  
 HITITAS — 98.  
 HOMET (MARCEL F.) — 103.  
 HÜBNER (E.) — 126, 132, 133, 135, 136, 138,  
 139, 142, 146, 148, 149, 151, 153, 154, 155,  
 157, 158, 160, 161, 163, 164, 166, 168, 170,  
 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180,  
 182, 183, 185, 187, 188, 192, 195, 196, 198,  
 200, 201, 206.  
 HYPNUS — 153.  
 ICCIO — 138.  
 IEO — 130.  
 IULIA — 192.  
 IULA AVITI — 158.  
 IULIA CAI — 149.  
 IULIA MARCELLA — 162.  
 IULIA MAXUMA — 169.  
 IULIUS (?) AELIANUS — 189.  
 IULIUS MAXSUMUS — 158.  
 IULIUS RESTITUTUS — 166.  
 IUNIA CORINTHIA — 150, 151.  
 IUNIA ELIANA — 187.  
 IUNIUS — 147.  
 JALHAY (E.) — 212, 213.  
 JEFFREYS — 37, 38.

- JESUS (ANTÓNIO DE) — 119.  
 JUNIA ELIANA — 187.  
 JUSTINIANO (IMP.) — 122.  
 KAPLAN (J.) — 100, 106.  
 KOSSACK (G.) — 89 (n. 14).  
 KURDOS — 104.  
 L. AELIO SELANO — 159.  
 L. CALPURNIUS ANDRONICUS — 192.  
 L. (?) CALPURNIUS DORETIANUS — 194.  
 L. FULCINIUS TRIO — 159, 160.  
 L. IULIO APTO — 136, 137.  
 L. LIBURNIUS — 137, 138.  
 L. LIBURNIUS MUS — 137, 138.  
 LABERIA NIGRA — 156.  
 LAELIA AMATA — 155.  
 LAMARCK — 36, 37, 38.  
 LAMAS — 44.  
 LAMBRINO (SCARLAT) — 5, 123, 144, 155, 159,  
 161, 163, 165, 166, 168, 169, 170, 173, 174,  
 175, 176, 178, 180, 181, 184, 185, 186, 187,  
 192, 196, 198, 200.  
 LAMPREIA (JOSÉ MATOS) — 114.  
 LEISNER (VERA) — 11 (n. 1), 98, 106.  
 LEITE DE VASCONCELOS (J.) — 7, 44, 123, 126,  
 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 142,  
 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151,  
 153, 154, 155, 156, 159, 160, 161, 163, 164,  
 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174,  
 176, 178, 179, 180, 181, 183, 185, 186, 187,  
 188, 191, 192, 195, 196, 198, 200, 203, 207,  
 208, 209, 210, 211, 212, 215, 216, 217.  
 LEONOR TELES — 119.  
 LEROI-GOURHAN (A.) — 102, 106.  
 LESÈTRE (H.) — 106.  
 LINNE — 36, 37, 38.  
 LOUIS (M.) — 87, (n. 9).  
 LUCIO CAESIO FLACCO — 124.  
 LUCIO CALVENTIO — 213.  
 LUCIUS — 143, 144.  
 LUCIUS ANNIUS — 214.  
 LUCIUS LICINIUS AVITUS — 160.  
 LUCIUS LICINIUS CATULUS — 160.  
 LUCIUS LICINIUS FUSCUS — 146.  
 M. FANNIUS AUGURINUS — 166.  
 MALGENIUS (?) — 198.  
 MALLON (A.) — 99, 106.  
 MANES — 131, 133, 136, 138, 139, 140, 149,  
 153, 155, 156, 157, 210.  
 MARCELLA — 149.  
 MARCIANUS — 202.  
 MARCO AURÉLIO (IMP.) — 212.  
 MARCUS BRUTTIUS — 135.  
 MARCUS IULIUS AVITUS — 143.  
 MARCUS LICINIUS (?) NIGELLIO — 179.  
 MARCUS LIVIUS SEVERUS — 173.  
 MARCUS MENELA — 156.  
 MARCUS MOCOLIUS CARUS (?) — 179.  
 MARCUS POMPEIUS SATURNINUS — 180.  
 MARCUS VIRIUS AVITUS — 176.  
 MARCUS VIRIUS BASSUS — 176.  
 MARIA II (RAINHA) — 120.  
 MARIANA — 188.  
 MARINHO (JOSÉ R.) — 5, 43.  
 MARQUES DA COSTA (A. L.) — 11, 11 (n. 2).  
 MARTINEZ (FRANCISCO) — 88.  
 MARTINS (CONSELHEIRO) — 44.  
 MARTYN — 37.  
 MATABELES — 116.  
 MATER — 144.  
 MAXIMUS — 143.  
 MAXIMIANO (IMP.) — 208.  
 MAXUMA — 192.  
 MAXUMUS — 209.  
 MELO (D. VASCO MARTINS DE) — 119.  
 MENDES (ANTÓNIO) — 11, 12, 13, 15, 17.  
 MENDES CORREIA (A. A.) — 21, 24, 26, 32,  
 39, 106.  
 MENESES (THOMÁS SOUSA) — 157.  
 MERCURIUS — 143.  
 MIRABEAU (POMPEU DE) — 44.  
 MODESTA — 124, 200.  
 MODESTIANUS — 131.  
 MONTAGU — 37.  
 MONTEIRO (JOAQUIM VAZ) — 211.  
 MORELET — 37, 38.  
 MÜLLER — 37, 38.  
 NENCAL — 99, 102.  
 NINGIRSO — 99.  
 NINGIZZIDA — 99.  
 NORTH (R.) — 99, 106.  
 NOSSA SENHORA DA BOA MORTE — 119.  
 NOSSA SENHORA DO CASTELO — 156.  
 OESTREMÍNIOS — 97.  
 OKEN — 38.  
 OLIVEIRA (F. DE PAULA E) — 19, 21.  
 OMUNCIONE CILAI — 213.  
 ORS (A. D') — 127.  
 OSIRIS — 213.  
 P. AELIUS MODES — 131.  
 P. SEMPRONIUS CELER — 200.

- PAÇO (AFONSO DO) — 90, 105, 106.  
 PAIS (GUALDIN) — 120.  
 PALOL (PEDRO DE) — 121, 122.  
 PARCIANUS — 202.  
 PARROT (A.) — 99.  
 PAYRAUDEAU — 37.  
 PELLICER (M.) — 89.  
 PENNANT — 37, 38.  
 PERDIGÃO (JACINTO) — 17 (n. 9).  
 PEREIRA (BENJAMIM ENES) — 55 (n. 4).  
 PEREIRA (F. ALVES) — 130, 154, 164, 168.  
 PEREIRA (G.) — 164, 168, 176, 185, 186, 195, 196.  
 PEREIRA (NUNO VELHO) — 117.  
 PERROT (J.) — 100, 104, 106 (n. 16).  
 PETRONIA ALBILLA — 167.  
 PINHEIRO (BRÍGIDA DO CARMO) — 153.  
 PINHO LEAL — 158.  
 POMPEIA PRISCA — 188.  
 POMFONIA MARCELLA — 197.  
 PONTE (ÁLVARO) — 117.  
 PORCIA — 139.  
 PORTUGAL (FERNANDO) — 5, 219.  
 PRIETO Y VIVES — 45, 46.  
 PROCULO PESIRI — 213.  
 PROCULUS — 125.  
 PUBLIA LUCINA — 140.  
 PUBLIUS CARMINIUS — 216.  
 PULTNEY — 36, 37, 38.  
 Q. STERTINIUS — 160.  
 QUADRADO (E.) — 81, 81 (n. 2), 86, 86 (n. 6).  
 QUINTO STATORIO TAUBO — 177.  
 QUINTUS IULIUS PULTARIUS — 181.  
 QUINTUS LICINIUS (?) CATULLUS — 171.  
 QUINTUS MEMMIUS — 138.  
 QUINTUS ROMANIUS — 159.  
 RAMOS (MIGUEL) — 115, 116.  
 REBURRIUS — 123.  
 RECAREDO (REI) — 122.  
 RIBEIRO (CARLOS) — 11, 20, 32.  
 RIBEIRO (FERNANDO NUNES) — 114, 115.  
 RIBEIRO (L.) — 98, 106.  
 RIBEIRO (MARGARIDA) — 5, 49, 219.  
 RICCOBONO (S.) — 126, 127.  
 RICH (A.) — 59.  
 ROCHA (A. DOS SANTOS) — 81, 81 (n. 3).  
 ROCHE (ABBÉ J.) — 5, 19, 39, 40, 41.  
 ROLLA (A.) — 106.  
 ROMANOS — 120.  
 ROSA (PINHEIRO E) — 119.  
 ROSSMASSLER — 37, 38.  
 RUFINUS — 160.  
 RUFUS — 160.  
 S. BRÁS — 147.  
 S. JOSÉ — 119.  
 S. MATEUS — 103.  
 S. PAULO — 118.  
 SAAVEDRA MACHADO (L.) — 148, 206, 207.  
 SANTO ALBERTO — 117.  
 SANTO ANTÓNIO — 120.  
 SANTOS (J. NEVES DOS) — 105, 106.  
 SANTOS JÚNIOR (J. R. DOS) — 21.  
 SARAF — 99.  
 SARRAFU — 99, 102.  
 SCHOENBAUER — 126.  
 SCHÜLE (GUILHERME) — 89.  
 SCHULTEN (A.) — 106.  
 SENHOR DA PIEDADE — 162, 175.  
 SERPA PINTO (R.) — 21.  
 SERRALHEIRO (A.) — 15 (n. 6).  
 SEVERUS — 206.  
 SEXTUS COCCCIUS — 184.  
 SILONIS — 211.  
 SILVA (A. R. PINTO DA) — 59, 63.  
 SIMPSON (J. C.) — 117.  
 SIX (ÉTIENNE) — 106 (n. 14).  
 SPENGLER — 36, 37, 38.  
 STERTINIA CAESIA — 160.  
 SUEVOS — 120.  
 SULPICIA (?) ROMULA — 195.  
 SYMPAERONTIS — 173.  
 T. FANNIUS — 186.  
 T. JUNIUS — 131.  
 TAPPANEL (J.) — 87 (n. 9), 89 (n. 14).  
 TAMIM — 43, 44, 45, 46, 47, 48.  
 TAVARES (A. AUGUSTO) — 5, 97.  
 TEODÓSIO (IMP.) — 115.  
 TEODÓSIO I (DUQUE) — 186, 196.  
 TERENTIA — 196.  
 TIBREPTUS C. APPULEI — 211.  
 TIBERIUS CLAUDIUS (IMP.) — 159, 160, 213.  
 TRILLO (FIRMIN BOUZA BREY Y) — 106 (n. 4 a).  
 TRINTA (MANUEL) — 116.  
 TULLIA — 200.  
 TULLIA C. (?) PROCULA — 201.  
 TULLIO DONATO FAUSTINO — 139.  
 TURRANIA MAXSUMA — 158.  
 TUSCA DOBITERI — 214.  
 TUSCA OLIA — 177.  
 TUSCUS — 159.

- TITUS LAELIUS SEVERUS — 155.  
URUK (REI) — 102.  
UTO — 98, 102.  
VALEMIUS — 172.  
VÁNDALOS — 122.  
VARGAS (MANUEL FRANCISCO DE) — 43, 44, 45, 47.  
VEIGA FERREIRA (O. DA) — 5, 11 (n. 1), 13 (n. 4), 15 (n. 6), 17 (n.8), 19, 39, 57, 60 (n. 1), 65, 81, 81 (n. 1), 86 (n. 8), 119.  
VIANA (ABEL) — 13 (n. 4), 15 (n. 6), 81 (n. 1), 86 (n. 8).  
VICTORINA — 156.  
VIEIRA DE SÁ — 44.  
VILASECA (S.) — Vid. Anguera.  
VINCENT (H.) — 106 (n. 18).  
VISIGODOS — 120.  
VIVES Y ESCUDERO — 44, 45, 46.  
WAMBRA (REI) — 120.  
WICKERT (L.) — 130, 136.  
YADIN (YGAËL) — 100, 101, 106.  
ZBYSZEWSKI (G.) — 5, 11 (n. 1), 15 (n. 6), 39, 65, 79.  
ZOLLO — 58.



## Índice geográfico

### ACEBUCHAL

Tipo de fecho hallstático, 86.

### A-DOS-TASSOS

*Tholos*, 16.

Monumento de falsa cúpula com aparelho miúdo, 111.

Registo da cronologia absoluta do mesmo, 113.

### AFRICA

Estudo de pinturas rupestres, 117.

Influências orientais na arte cristã, 122.

### AGUA REVÊS

Descoberta de uma necrópole, 116.

### AGULLANA

Tipo de fivela hallstática, 86.

### ALANDROAL

Errada proveniência de uma inscrição funerária, 135.

Proveniência de uma inscrição latina, 161.

Localização da ermida de S. Miguel, 178.

### ALCÁ CER DO SAL

Objectos desta necrópole, 82.

Placas e fechos de cinturão, 82.

Fechos hallstáticos inéditos, 83, 84, 84 (n. 5).

Tipos de fechos hallstáticos, 87.

Datação dos fechos, 88.

Necessidade de um estudo pormenorizado dos espólios desta necrópole, 89.

Bloco de granito com inscrição funerária, 149.

Cipo de mármore com inscrição funerária, 150-151.

### ALCAÇOVAS

Construções designadas por eiras, 54, 54 (n. 3).

Bloco de granito em forma de tonel, 154-155.

### ALCALAR

Construções funerárias de tipo *tholos*, 16, 110.

Minas de cobre e de ouro, 111.

Pontas de seta com aletas na base, 112.

### ALCOBAÇA

Levantamentos geológicos, 65, 79.

Localização de Cós, 65.

### ALENTEJO

Eiras, 49, 52, 54.

Inscrições latinas, 123-125.

- Localização de Almodôvar e de Monte Longo, 132.  
 Proveniência de um cipo funerário de calcário, 137.  
 Localização da Herdade da Crimeia, 146.  
 Localização de Fronteira, 209.  
 Localização de Avis, 210.  
 Localização de Ervedal, 211.
- ALEXANDRIA**
- Influência na arte cristã do Norte de África, 122.
- ALGARES**
- Referência à mina e localização de Vale de Oca, 131.
- ALGARVE**
- Eiras, 49.  
 Construções funerárias de tipo *tholos*, 110.
- ALICANTE**
- Localização de sepulturas exploradas, 88.
- ALJUSTREL**
- Tholos* do Monte do Outeiro, 13.  
 Referência bibliográfica, 13 (n. 4).  
 Localização de Monte do Outeiro, 111.  
 Distribuição geográfica de necrópoles relacionadas com zonas cupríferas, 111.  
 Localização de Ervidel, 114.  
 Placa de bronze contendo a *lex metallis dicta*, 126-130.  
 Bloco de mármore com inscrição funerária, 130.  
 Ara de granito azul com inscrição funerária, 131.
- ALMERIA — ALMIZARAQUE**
- Referência ao povo mineiro desta região, 17.
- ALMOCREVA**
- Localização do lugar de Pinões, 115.
- ALMODÓVAR**
- Eiras, 50 (n. 1), 53.  
 Localização de Pé-de-Boi, 53.  
 Fragmento de estela de mármore, 132.
- Localização de Monte Longo, 132.
- ALTO ALENTEJO**
- Cultura Dolmênica, 13.  
 Referência a *tholoi*, 15.  
 Construções funerárias de tipo *tholos*, 110, 111.
- ALTEA**
- Sepultura explorada, 88.
- ALVITO**
- Eiras, 54.
- AMAZONAS**
- Representações serpentiformes, 103.
- AMPÚRIAS**
- Localização da necrópole de Muralla, 87, 88.
- ANDALUS**
- Região hispânica sob domínio árabe, 43.
- ANGELES**
- Localização da necrópole de La Pave, 87.
- ANGOLA**
- Povoado mesolítico de Capangombe, 115.  
 Localização de Capangombe, 116.
- ANGUILLAR DE ANGUITA**
- Necrópole castelhana pos-hallstática, 87.
- ARAGÃO**
- Tipo de fecho da bacia do Douro, 86.
- ARAMENHA**
- Inscrições latinas, 212-217.  
 Bloco de mármore com inscrição, 212-213.  
 Ara de granito com inscrição, 213-214.  
 Placa de mármore com inscrição, 214.
- AREIA (RIO DA)**
- Localização de Rebolim, 65.  
 Limite de difusão de indústrias paleolíticas, 65.

## AREIAS, S. VICENTE

Calco, 54 (Fig. 4), 55.

## ARRAIÓLOS

Localização de Vidigão, 153.

## ASSÍRIA

Divindades do culto ofiolátrico, 102.

## ATALAYA DE CORTES DE NAVARRA

Tipo de fecho de cinturão hallstático, 87.  
Jazidas, 88.

## AUDE

Localização da necrópole hallstática de Fleury, 87.

Localização de Maillac e da necrópole hallstática de Grand Bassin II, 86.

## AVENIDA MARECHAL GOMES DA COSTA (PORTO)

Descoberta de sepulturas de incineração, 117.

## AVIS

Sistema de rega, 50.

Inscrições latinas, 209-212.

Monumento de mármore com inscrição funerária, 210.

Localização da Herdade da Defesa dos Barros, 210.

Localização de Ervedal, 211.

## BADAJOZ

Referência à antiga estrada Lisboa — Badajoz, 207.

## BAIXO ALENTEJO

*Tholoi*, 13, 15, 17, 81.

Arqueologia megalítica, 15 (n. 6).

Construções funerárias de tipo *tholos*, 110, 111.

Relação destes monumentos com a existência de zonas cupríferas, 111.

Tradição do foco de origem verificada no espólio votivo das *tholoi*, 112.

## BANYERES

Localização da necrópole de Can Canys, 87 (n. 10).

## BARCELOS

Localização de Galegos — S. Martinho, 52 (Fig. 3).

Localização de Arcias, 54 (Fig. 4), 55.

Exemplos de ciras, 54, 55.

## BARRANCO DA MOURA

Concheiro mesolítico, 113.

## BARRANCOS

Referência a *tholoi*, 16 (Fig. 2), 17.

Possível existência de monumentos de tipo *tholos*, 111.

## BARROSELAS

Localização do Lugar de Boticas, 116.

## BAVIERA (SUL)

Cultura hallstática, 88.

## BEIRA ALTA

Eiras, 54.

## BEJA

Achado de moedas hispano-árabes, 45.

Localização do Monte das Pereiras, 111.

Localização de Pizões, 115.

Ara de calcário com inscrição funerária, 143.

Fragmento de cipo de mármore azulado, 144.

Fragmento de placa funerária, 145.

## BELMEQUE

Ara com inscrição funerária, 143.

## BENCATEL

Ara funerária, 157.

Placas com inscrições funerárias, 157-158, 158-159.

## BEN SHEMEN

Necrópole calcolítica palestinese, 100, 104, 106 (n. 16).

## BET-SHAN

Exemplares serpentiformes de terracota, 100.

## BETIS

Colónias agrícolas pré-romanas, 89.

## BICADA

Tipo de eira, 50 (Fig. 1), 53, 54.

## BIZANCIO

Influência na arte cristã do Norte de África, 122.

## BOTICAS

Descoberta de materiais lusitano-romanos, 116.

## BRAGA

Descoberta de vestígios romanos, 114.

Localização da Lugar de Boticas, 116.

Referência à época romana, 118, 120.

## BRAGANÇA

Referência ao Duque D. Teodósio I, 186.

## BUENACHE DE ALARCÓN (CUENCA)

Necrópole hispânica da Idade do Ferro, 87, 87 (n. 11).

## BURGOS

Localização de Crasto de Lara de Los Infantes, 87.

## CABANELAS

Eiras, 54 (n. 3).

## CABEÇO DA AMOREIRA

Concheiro, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 30, 32, 40, 41.

Fauna, 36-37.

Indústria pré-histórica, 39.

## CABEÇO DA ARRUDA

Concheiro, 19, 20, 21, 26, 27, 29, 30, 32, 34, 35, 37-38, 41.

Evolução da utensilagem, 36.

Fauna, 37-38.

## CABO DA ROCA

Achados submarinos 116.

## CABRERA DE MATARÓ

Sepultura explorada, 88.

## CAETOBRIÇA

Inscrições latinas, 152-156.

## CAFRARIA

Naufrágios sofridos pelas naus portuguesas, 117.

## CAIA (RIO)

Referência à Herdade do Paço do Concelho e à Barragem, 120.

## CAN CANYS

Necrópole hispânica da Idade do Ferro, 87, 87 (n. 10, 13).

Sepulturas exploradas, 88.

## CANIZARES

Tipo de fecho de cinturão, 87.

Sepulturas exploradas nesta necrópole, 88.

## CAPANGOMBE

Povoado mesolítico, 115.

Cronologia deste povoado, 116.

Tipo de economia do mesmo povoado, 116.

## CARABIAS

Tipo de fecho de cinturão, 87.

## CARAPITO I

Gravuras de pedra da cabeceira de um dólmen, 98.

## CARMONA

Referência a fechos, tipo Acebuchal, 86.

## CARTAGO

Referência aos Vândalos, 122.

## CASAL DO PARDO

Grutas artificiais, 11 (n. 1).

## CASERES

Localização de Gessera, 88.

## CASTELO BRANCO

Localização de Idanha-a-Velha, 119.

## CASTRO DE GUIFÕES

Cerâmica, 97.

Figurações serpentiformes, 105 (n. 1).

## CASTRO MARIM

Referência a *tholos*, 11, 12, 12 (Fig. 1), 13, 16 (Fig. 2), 17.

Distribuição geográfica de construções de tipo *tholos*, 110.

## CATALUNHA

Localização de sepulturas exploradas, 88.  
Referência a um tipo de fecho da hácia do Douro, 86.

## CAYLA

Tipo de fecho de cinturão, 86.

## CERRO DO GATÃO

*Tholoi*, 16.

Fechos hallstáticos, 82.

Distribuição geográfica de construções de tipo *tholos*, 16, 111.

## «CIDADE DA ROSA»

Cipo com inscrição funerária, 142.

## COCHIM

Rota da nau «Santo Alberto», 117.

## COIMBRA

Fecho hallstático de Alcácer do Sal, 84 (n. 5).

## COLL DEL MORO DE SERRA D'ALMORE

Sepultura explorada, 88.

Estudo de uma jazida pós-hallstática, 89.

## COLOS

*Tholos*, 16.

Distribuição geográfica de construções de tipo *tholos*, 110, 112.

Tipologia do aparelho destes monumentos, 112.

## COMENDA

*Tholos*, 16.

Construções funerárias de tipo *tholos*, 111, 112.

Tipologia do aparelho destes monumentos, 112.

## CONIMBRIGA

Referência ao Museu Monográfico, 120.

## CORNO DE LAUZO

Tipo de fecho de cinturão, 88.

## CORUCHE

Proveniência de uma inscrição funerária, 156.

Localização do edifício em cuja parede exterior se encontrava a dita inscrição, 156.

Referência à Irmandade de Nossa Senhora do Castelo, 156.

## CÓS

Localização de Tojeira, 65.

## COURELA DOS ALPENDRES

Fragmento de epitáfio, 147.

## COVA (LUGAR DA)

Referência a um *calco*, 52 (Fig. 3), 55.

## CRASTO DE LARA DE LOS INFANTES (BURGOS)

Tipo de fecho de cinturão hallstático, 87.

Necrópole castelhana pós-hallstática, 87.

## CASTRO DE TAVAREDE

Fechos hallstáticos, 81, 82, 82 (n. 4).

Referência bibliográfica, 81 (n. 3).

Tipologia dos fechos desta estação, 85, 86.

## CRATO

Localização de Fortios, 215.

Referência à Freguesia dos Mártires, 215.

## CUENCA

- Localização de Canizares, 87.
- Localização de Buenache de Alarcón, 87.

## DAMBARARE

- Ruínas do Entrepósito Comercial Português, 116.

## DENTES DE DRAGÃO

- Referência às pinturas de uma gruta, 117.

## DRAKENSBERG

- Referência às pinturas de uma gruta, 117.
- Referência a Nuno Velho Pereira, 117.

## DOURO

- Fecho hallstático, 86.

## EGIPTO

- Culto da serpente, 98, 101, 102.

## EGITANIA

- Descoberta de um poço lusitano-romano, 57.
- Descoberta de uma estatueta de azincho e de outros objectos e materiais, 119.

## ELVAS

- Restos de uma povoação lusitano-romana, 120.
- Localização da área ao norte de Santo António (Juromenha), 160.
- Inscrições latinas, 207-209.
- Localização de Terrugem, 207.

## ERVEDAL

- Ara de mármore com inscrição latina, 211.

## ERVIDEL

- Achados, 114.

## ESPANHA

- Papel preponderante no estudo da Primeira Arte Cristã, 122.

## ESPIRITO SANTO

- Localização do Lugar de Bicada, 50 (Fig. 1), 53.

## ESTREMOZ

- Localização de S. Lourenço, 51 (Fig. 2), 53.

## EUROPA

- Cultura de Hallstat, 86.
- Referência ao órgão da Sé de Évora, 118.
- Referência a uma estatueta de azincho, única no Ocidente 119.

## ÉVORA

- Localização de Vale Rodrigo, 111.
- Descoberta de colunas de granito, 118.
- Achados arqueológicos na Sé Catedral, 118-119.
- Referência ao alcaide D. Vasco Martins de Melo, 119.
- Referência bibliográfica, 168, 176, 185, 195.

## ÉVORA-MONTE

- Inscrição funerária, 153.
- Localização de Pego da Ponte, 153.

## FARO

- Descoberta de uma sepultura de aparência romana e de outras 119.

## FARISOA

- Tholoi* 16 (Fig. 2).
- Distribuição geográfica de construções de tipo *tholos*, 16, 111.
- Tipologia do aparelho destes monumentos, 112.

## FERREIRA DO ALENTEJO

- Localização de Odivelas, 111.
- Localização da Courela dos Alpendres e da Herdade da Fonte Boa, 147.

## FIGUEIRA DA FOZ

- Localização do Crasto de Tavadre, 81.

## FLEURY

- Necrópole hallstática, 87.

## FONTE DA BURRA

- Foz da Ribeira de Muge, 19.

## FONTE DO PADRE PEDRO

Concheiro, 19, 20, 21.

## FORTIOS

Fragmento de estela de granito com inscrição, 215.

Bloco de granito com inscrição, 215.

## FRANÇA (SUL DA)

Zona de expansão do fecho hallstático, 88.

## FREGUESIA DOS MARTIRES

Descoberta de uma estela de granito com inscrição latina, 215.

## FRONTEIRA

Sistema de rega, 50.

Ara de calcário com inscrição funerária, 209.

Localização do Monte ou Herdade de Val-Paredes, 209.

## FUENTE LASEPINA

Sepulturas hallstáticas, 88.

## GALEGOS, S. MARTINHO

*Calcos*, 52 (Fig. 3), 55.

## GALILEIA

Localização de Hatzor, 100.

## GESSERA

Fechos hallstáticos, 88.

## GEZER

Serpente de bronze, 100.

## GLÓRIA DO RIBATEJO

Tipo de eira, 51.

## GRANADA

Referência a 'Abd Allâh, 45.

Localização de Illora, 86.

Referência bibliográfica, 89.

## GRAND BASSIN II

Fechos de cinturão, 86, 87, 88.

## GRANDOLA

Localização de Lousal, 111.

Localização de Barranco da Moura, 113.

Residência do Sr. Luís André, 113.

## GRIEGOS

Fivela hallstática, 86.

Fechos de cinturão, 87, 88.

## GUADIANA

Via importante no início das explorações mineiras, 17.

## HALLSTAT

Idade do Ferro do centro da Europa, 86.

Tipo característico de fecho, 88.

## HATZOR

Placa de bronze representando a deusa serpente, 100.

## HELIÓPOLIS

Ofiolatria, 98.

## HERDADE DA ALCOBAÇA

Descoberta de um marco miliário, 207-208.

## HERDADE DE ALGRAMAÇA

*Villa* lusitano-romana, 115.

## HERDADE DA CRIMEIA

Proveniência de um fragmento de placa funerária, 146.

## HERDADE DA FONTE BOA

Localização da Courela dos Alpendres, 147.

## HERDADE DO MARMELEIRO

Localização de Pego da Ponte, 153.

## HERDADE DO MONTENEGRO

Cerâmica, 15.

*Tholos*, 15.

## HERDADE DO MONTINHO

Distribuição geográfica de necrópoles relacionadas com zonas cupríferas, 111.

## HERDADE DO PAÇO DO CONCELHO

Descoberta de restos de uma povoação lusitano-romana, 120.

## HERDADE DO PERO GALEGO

Descoberta de uma ara de granito com inscrição latina, 217.

## HERDADE DOS PINTOS

Sepultura com esqueleto e várias peças de cerâmica, 114.

## HERDADE DA SALA

Descoberta de uma necrópole de tipo *tholos*, 107.

Características desta necrópole, 108.

## HERDADE DE VAL-PAREDES

Descoberta de uma ara de calcário com inscrição funerária, 209.

## HIGES

Fechos de cinturão, 87.

## HOLANDA

Referência ao restauro do órgão da Sé de Évora, 118.

## IDANHA-A-VELHA

Poço lusitano-romano, 57.

Descoberta de uma estatueta de azincho e de outros objectos e materiais, 119.

Referência à riqueza arqueológica desta antiga cidade, 120.

Referência às várias invasões e civilizações, 120.

## ILLORA

Tipo de fecho de cinturão, 86.

## IRAQUE

Referência aos Kurdos, 104.

## JARMO

Estatuetas da *deusa mãe*, 99.

## JERUSALÉM

Instituto Bíblico, 99.

Piscina probática, 101.

## JORDÃO

Estação calcolítica de Teleilat-Hassul, 99.

## JUROMENHA

Inscrições latinas, 157, 159-161.

Proveniência de uma placa de bronze com inscrição latina, 159-160.

Proveniência de uma placa funerária de mármore, 160.

Localização de Santo António, 160.

## LAGOS (RIO DE)

Localização de Rebolim, 65.

Límite de dispersão de indústrias paleolíticas, 65.

## LANGUEDOC

Fechos de cinturão romboidais, 86.

Fechos de tipo alargado, 88.

## LARGO DO RECHINCHO (PORTO)

Descoberta de sepulturas de incineração, 117.

## LISBOA

Rota da nau «Santo Alberto», 117.

Referência à antiga estrada Lisboa-Badajoz, 207.

## LOD

Localização da necrópole de Ben Shemen, 100.

## LOULÉ

Tipo de eira, 53.

## LOURENÇO MARQUES

Referência ao matutino *Notícias*, 116.

Referência a um grupo de sobreviventes da nau «Santo Alberto», 117.

## LOURIÇAL

Centro submerso de uma zona interdita com uma milha de raio, 116.

Achados submarinos, 116.

## LOUSAL

- Tholoi*, 16.  
Tipologia do aparelho de monumentos de falsa cúpula, 111.

## LUANDA

- Referência ao diário *O Comércio*, 116.  
Citação do jornal *ABC*, 120.

## LUSITANIA

- Referência a divindades orientais, 144.  
Referência ao governador *L. Fulcinus Trio*, 159, 160.

## MADINA MĀLAQA

- Dinar do ano 476, 45.

## MADRID

- Citação bibliográfica, 121.

## MAILLAC-AUDE

- Localização da necrópole de Grand Basin II, 86.

## MÁLAGA

- Dinares de Tamim, 43, 45, 48.

## MALHA FERRO

- Tholos*, 16.  
Tipologia do aparelho de monumentos de falsa cúpula, 111.

## MAR MORTO

- Localização da estação calcolítica de Teiilat-Hassul, 99.

## MARCELA

- Tholos*, 16.  
Distribuição geográfica de construções de tipo *tholos*, 110.

## MARVÃO

- Localização de Aramenha, 212.

## MERCADERA

- Fechos de cinturoão duplos de vários ganchos, 87.

## MÉRTOLA

- Referência ao Conselheiro Manuel Francisco de Vargas, 43.  
Eiras, 50 (Fig. 1), 53.  
Monumento funerário em forma de tonel descoberto nas muralhas, 132.  
Monumentos em forma de tonel, provavelmente desta vila, 133, 134.  
Bloco de calcário com inscrição funerária, 134, 135.  
Descoberta de um fragmento de placa com inscrição funerária, 135.  
Proveniência de um estela com inscrição funerária, 136.  
Provável proveniência de um cipo com inscrição funerária, 137.  
Proveniência de um bloco de granito em forma de tonel, 138.  
Proveniência de placas funerárias com inscrições, 139-140.

## MESOPOTAMIA

- Ofiolatria, 98, 101.  
Antiguidade de Jarmo, 99.  
Mitos referidos no poema *Guilgamesh*, 102.

## MESSEJANA

- Monumentos, 16.  
Provável existência de monumentos de tipo *tholos*, 111.

## MILLARES (LOS)

- Tipos semelhantes de pontas de seta, 112.

## MINA DE S. DOMINGOS

- Descoberta de uma placa de xisto com inscrição funerária, 140.

## MINHO

- Construções derivadas ou afins dos tipos elementares de eiras, 54.

## MIROBRIGA

- Inscrições latinas, 147-149.

## MOITA DO SEBASTIÃO

- Concheiros, 19, 20, 21, 32.  
Sepultura e ritual funerário, 30.

- Cronologia da estação, 32.  
Fauna, 38.
- MOLAR (EL)**  
Fechos hallstáticos de três ganchos, 88.  
Sepulturas exploradas, 88.
- MONDEGO**  
Área de difusão do fecho hallstático do tipo de Acebuchal, 86.
- MONTALVÃO**  
Ara de granito com inscrição latina, 217.
- MONTE DAS BARROSAS**  
Localização da «cidade da Rosa», 142.
- MONTE DE BRACIAES**  
Localização da «cidade da Rosa», 142.
- MONTE LONGO**  
Proveniência de um fragmento de estela de mármore, 132.
- MONTE DO OUTEIRO**  
*Tholos*, 13, 16.  
Distribuição geográfica de construções de tipo *tholos*, 111.
- MONTE DO PANAÇAS**  
Tipo de eira, 51 (Fig. 2), 53.
- MONTE DAS PEREIRAS**  
*Tholos*, 16.  
Distribuição geográfica de construções de tipo *tholos*, 16, 111.  
Tipologia do aparelho destes monumentos, 111-112.
- MONTE DE VAL-PAREDES**  
Descoberta de uma ara de calcário com inscrição funerária, 209.
- MONTE VELHO**  
*Tholos*, 16.  
Distribuição geográfica de construções de tipo *tholos*, 16, 110.  
Tipologia do aparelho destas construções, 111.
- MONTEAGUIO DE LAS VICARIAS**  
Fechos de cinturão, 87.  
Necrópoles pós-hallstáticas, 87.
- MONTEMOR-O-NOVO**  
Localização da Herdade da Sala, 108.  
Localização de Santiago do Escoural, 15, 111.
- MONTOITO**  
Distribuição geográfica de necrópoles relacionadas com zonas mineiras, 111.
- MOURA**  
Localização de Belmeque, 143.
- MUGE**  
Concheiros, 19-38.  
Localização do concheiro da Fonte de Padre Pedro, 20.  
Morfologia dos concheiros, 30.  
Cultura dos concheiros, 34.  
Necessidade de novas escavações, 36.
- MURALLA**  
Fechos de cinturão de dois ganchos, 87.  
Fechos de cinturão de três ganchos, 88.
- MYRTILIS**  
Inscrições latinas, 132-140.
- NATAL**  
Naufrágios sofridos pelas naus portuguesas, 117.
- NAVARRA**  
Difusão geográfica do fecho de cinturão do tipo de Acebuchal, 86.
- NISA**  
Ara de granito com inscrição latina, 216-217.  
Localização da Tapada dos Paianes, 216.  
Localização de Montalvão, 217.
- NORA VELHA**  
*Tholos*, 16.

Distribuição geográfica de construções de tipo *tholos*, 16, 110.  
 Tipologia do aparelho destas construções, 111.

## ODEMIRA

Localização de Colos, 110.

## ODIVELAS

*Tholos*, 16.  
 Distribuição geográfica de construções de tipo *tholos*, 16, 111.

## OGUELA

Fragmento de mármore com inscrição latina, 208.  
 Localização de Senhora da Enxara, 208.

## OLIVAL DA PEGA

Referência às placas de xisto da Anta Grande, 112.

## OLMEDA

Fechos de cinturão de três ganchos, 87.

## OURIQUE

Monumento de tipo *tholos*, 81.  
 Localização de Cerro do Gatão, 82.  
 Comparação e cronologia de fechos de cinturão do tipo de Acebuchal, 85-86.  
 Localização de Nora Velha, 110.  
 Tipologia do aparelho de monumentos de falsa cúpula, 111.

## PALÈNCIA

Localização de La Atalaya de Cortes de Navarra, 88.

## PALESTINA

Ofiolatria, 99, 101.  
 Preferência pela nomenclatura *colcolítico*, 100.  
 Influência na arte cristã do Norte de África, 122.

## PALMELA

Escavações nas grutas artificiais, 11.  
 Localização de Casal do Pardo, 11 (n. 1).

## PANÓIAS DE OURIQUE

Estela de xisto com inscrição latina, 126.

## PARAJÓN

Fechos de cinturão, 88.

## PARELADA

Fechos de cinturão, 88.

## PAVE

Fechos de cinturão da necrópole, 87.

## PAX IULIA

Inscrições latinas, 143-147.  
 Proveniência de uma ara de calcário com inscrição funerária, 143.  
 Proveniência de um fragmento de placa funerária, 145.

## PÉ-DE-BOI

Eiras, 53.

## PEGO DA PONTE

Descoberta de uma estela de xisto com inscrição funerária, 153.

## PENEDO GORDO

Localização do lugar de Pizões, 115.

## PENINSULA IBÉRICA

Raridade dos fechos de cinturão dos tipos de Alcácer do Sal, 87.  
 Fechos romboidais de cinturão, 88.  
 Roteiro marítimo, 97.  
 Localização do foco de origem de construções de tipo *tholos*, 11.  
 Referência à dominação romana, 118.  
 Crítica de uma obra de arqueologia cristã, 121.  
 Cristianismo, 122.  
 Fixação de povos germânicos, 122.

## PIAS

Placa com inscrição funerária, 141, 142.

## PIZOES

*Villa lusitano-romana*, 115.

## PONSUL (RIO)

Localização de Idanha-a-Velha, 120.

## PONTE DE LIMA

Aparecimento de uma torre quadrada, 118.

## PONTE DE SOR

Fragmento de miliário, 211.

Localização de Vale de Açor, 211.

## PORTALEGRE

Localização de Fortios, 215.

## PORTIMÃO

Localização de Monte Velho, 110.

## PORTO

Sepulturas de incineração, 117-118.

## PORTUGAL

Cronologia dos fechos de tipo hallstático, 88.

Introdução por via marítima do fecho de cinturão de tipo alargado e de um só gancho, 89.

Gravados serpentiformes, 106 (n. 4).

Construções de tipo *tholos*, 110.

## PÓVOA E MEADAS

Localização da Tapada dos Paianes, 216.

## PRAIA DA ADRAGA

Localização de Lourçal, 116.

## PRAIA DO GUINCHO

Localização de Lourçal, 116.

## REBOLIM

Dispersão de indústrias paleolíticas, 65.

## REGUENGOS DE MONSARAZ

Eiras, 53.

Localização de Farisoa, 111.

Localização da Anta Grande do Olival da Pega, 112.

## RIBATEJO

Localização de Muge, 19.

Referência a eiras, 49, 51.

## RUA DAS AGUAS (PORTO)

Descoberta de sepulturas de incineração, 117.

## S. JOÃO DO DESERTO

Distribuição geográfica de necrópoles relacionadas com zonas cupríferas, 111.

## S. LOURENÇO

Localização do Monte do Panaças, 51 (Fig. 2), 53.

## S. MIGUEL DA MOTA

Inscrições latinas, 161-206.

Aras dedicadas a *Endovellicus*, 161-162, 164-167-173, 178, 180-195, 200, 201, 205.

Busto dedicado a *Endovellicus*, 162-163.

Fragmento de relevo representando *Endovellicus*, 163.

Pedestais de estátuas de *Endovellicus*, 165, 205.

Cipos com inscrições, 166, 174, 176, 196.

Pedestais de estátuas de bronze, 174, 175.

Placas de mármore com inscrições, 177, 179, 184-185, 197, 198, 206.

Fragmento de estela com esculturas e inscrição, 181.

Fragmentos de vários monumentos com inscrição, 186-187, 193, 194, 195, 199, 201-202, 203.

Base de uma estátua, 199.

Aras de mármore, 202, 204.

Fragmento de coluna, 205.

## S. PEDRO DO ESTORIL

Anéis de ouro, 98.

Referência bibliográfica, 106. (n. 7).

## SADO

Distribuição do fecho de cinturão do tipo de Acebuchal, 86.

## SALACIA

- Inscrições latinas, 149-152.  
 Proveniência de um bloco de granito com inscrição funerária, 149-150.  
 Proveniência de um cipo de mármore com inscrição funerária, 150-151.

## SALISBÓRIA

- Localização das ruínas do Entreposto Comercial Português de Dambarare, 116.

## SANFINS

- Cabeça de ofídio, 97, 105 (n. 2).

## SANTA COMBA

- Construções idênticas a eiras, 54, 55.

## SANTA CRUZ DE MOYA

- Fechos de cinturão de três ganchos, 88.

## SANTA MARGARIDA DO SADO

- Proveniência de uma ara de mármore com inscrição funerária, 151.

## SANTA VITÓRIA DO AMEIXIAL

- Bloco de calcário com inscrição latina, 206-207.

## SANTIAGO DO CACÉM

- Cópia de um bloco de calcário com inscrição, 147.  
 Localização da Capela de S. Brás, 147.

## SANTIAGO DO ESCOURAL

- Tholos*, 15 (Fig. 2).  
 Existência de uma necrópole de tipo *tholos*, 107.  
 Localização da Herdade da Sala, 108.  
 Integração da necrópole no conjunto geográfico conhecido, 111.  
 Tipologia do aparelho desta construção, 112.  
 Discriminação do espólio deste monumento, 113.

## SANTO ANTÓNIO

- Proveniência de uma placa de mármore com inscrição funerária, 160.

## SANTO ESTEVO

- Distribuição geográfica de necrópoles relacionadas com zonas mineiras, 111.

## SENHORA DA ENXARA

- Localização da Tapada da Pombinha, 208.

## SERPA

- Inscrições latinas, 140-143.  
 Localização de Pias, 141.  
 Localização do Monte das Barrosas, 142.

## SERRA DE S. BARNABÉ

- Eiras, 53.

## SETÓBAL

- Estações pré-históricas, 11.  
 Localização de Tróia, 152.

## SEVILHA

- Dinares dos Abádidas, 45.  
 Fechos de cinturão do tipo de Acebuchal, 86.

## SILVEIRONA

- Inscrições latinas, 206-297.

## SINES

- Descoberta de um cipo de mármore, 148.

## SÍRIA

- Influência na arte cristã do Norte de África, 122.

## SOFALA

- Referência a Nuno Velho Pereira, 117.

## SONGO

- Ruínas de um zimbaué, 115.

## SORIA

- Localização de Monteaguio de Las Vicarias, 87.

## SUDESTE ESPANHOL

- Tholoi*, 15.

## TAANAK

- Ofiolatria, 100.  
Representações serpentiformes de terracota, 100.

## TAPADA DOS PAIANES

- Descoberta de uma ara de granito com inscrição latina, 216.

## TAPADA DA POMBINHA

- Descoberta de um fragmento de mármore com inscrição latina, 208.

## TARRAGONA

- Localização de Can Canys, 87.

## TAVAREDE

- Fecho de cinturão de um gancho, 82, 88.  
Descoberta de um fecho do mesmo tipo de Tavarede, 82 (n. 4).  
Cronologia dos materiais do Castro, 86, 88.

## TEJO (RIO)

- Localização de Moita do Sebastião, 19.  
Construções de tipo *tholos* localizadas a Sul deste rio, 110.  
Relação destas necrópoles com áreas mineiras, 111.  
Datação absoluta de um destes monumentos, 113.

## TEL-AVIV

- Ofiolatria, 100.  
Fragmento de ossuário ornamentado com serpentes, 100.

## TEL BEIT MIRSIM

- Ofiolatria, 100.  
Estela representando uma serpente enroscada a uma estátua, 100.

## TELEILAT-HASSUL

- Estação calcólica, 99.  
Ofiolatria, 99-100.

## TERENA

- Inscrições latinas, 157-159, 161.

- Localização de S. Miguel da Mota, 163, 167, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204.  
Localização da Igreja de Boa-Nova, 195.  
Referência a um fragmento de mármore com inscrição latina 206.

## TERRUGEM

- Miliário, 207-208.  
Localização da Herdade de Alcobça, 207.

## TERUEL

- Localização de Griegos, 87, 88.

## TETE

- Localização do planalto do Songo, 115.

## TOJEIRA

- Estação paleolítica, 65-79.

## TOMADIAS

- Calco*, 54 (Fig. 4), 55.

## TOSAL REDÓ

- Cronologia dos fechos de cinturão deste tipo, 86.

## TRÓIA

- Proveniência de um cipo com inscrição funerária, 152.

## ULLASTRET

- Fechos de cinturão, 88.

## UMTATA

- Naufrágio da nau «Santo Alberto», 117.

## UR

- Cilindro-selo de Gudea, 99.

## VAIAMONTE

- Fecho de cinturão do tipo de Tavarede, 82 (n. 4).  
Distribuição geográfica dos fechos de tipo de Acebuchal, 86.

## VALE DE AÇOR

Descoberta de um fragmento de marco miliário, 211.

## VALE DE OCA

Descoberta de uma ara de granito azul com inscrição funerária, 131.

## VALE DE RODRIGO

Monumento de tipo *tholos*, 16.  
Distribuição geográfica de construção de tipo *tholos*, 16, 111.

## VALDENOVILLOS

Fechos de cinturão duplos de vários ganchos, 87.

## VALÊNCIA

Fechos de cinturão do tipo de Acebuchal, 86.

## VALLADOLID

Referência bibliográfica, 121.

## VALPAÇOS

Localização de uma necrópole, 116.

## VENEZA

Lustres do séc. XIX, 118.

## VIANA DO ALENTEJO

Proveniência de um pedestal com inscrição latina, 154.

## VIANA DO CASTELO

Localização do Lugar de Boticas, 116.  
Descoberta de uma catacumba, 120.

## VIDIGAL VELHO

Distribuição geográfica de construções de tipo *tholos*, 110.

Tipologia do aparelho destes monumentos 111.

## VIDIGÃO

Localização de Pego da Ponte e da Herdade do Marmeleiro, 153.

## VILA NOVA DE FOZ COA

Localização de Santa Comba, 54.  
*Preseiras*, 55.

## VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Localização de Marcela, 110.

## VILA VERDE

Construções semelhantes a eiras, 54.

## VILA VIÇOSA

Localização de Vilares de Galharda, 157.  
Localização da Igreja dos Agostinhos, 164, 176, 186, 196.  
Referência a uma ara dedicada ao deus Endovélico, 168.  
Localização da Capela de S. Miguel, 168.  
Localização da Capela do Senhor da Piedade, 175.  
Inscrições latinas levadas de S. Miguel da Mota no séc. XVI, 186, 196.

## VILARES DE GALHARDA

Proveniência de uma inscrição funerária, 157.

## VIMIEIRO

Localização da Herdade dos Pintos, 114.

## VIPASCA

Inscrições latinas, 126-131.

## ZAB (RIO)

Ofiolatria, 104.  
Templo dos adoradores do diabo, 104.

## ZAMBEZE (RIO)

Localização das ruínas de um zimbaué, 115.



## Índice de assuntos

### PRÉ-HISTÓRIA

#### PALEOLÍTICO — 65-73.

- Acheulense superior — 67-68, 78.
- Bifaces cordiformes — 67.
- Discos mousteroides — 69-70.
- Estação de superfície — 65-79.
- Instrumentos de sílex — 66, 69-71.
- Lâminas — 70, 71, 72.
- Lasca clactoniense de jaspe — 68.
- Lascas — 66, 68, 70, 71, 72, 73.
- Machada biface — 69.
- Mousterio-tayacense — 69-71, 78.
- Núcleo poliédrico — 69.
- Raspadores — 68, 70, 71, 72.
- Tayacense antigo — 66, 77.
- Tayacense médio — 66, 78.

#### ESTAÇÃO DA TOJEIRA — 65-79.

- Descobridor — 65.
- Indústrias e peças recolhidas — 65-79.
- Situação — 65.

#### MESOLÍTICO — 19-41, 113, 114, 115, 116.

- Caça e recolção de frutos — 116.
- Carvão — 26.
- Conchas de *Cardium edule* — 114.
- Inumação — 30, 34.
- Micrólitos — 114.
- Núcleos e lamelas de sílex — 114.
- Peças de sílex de técnica mesolítica — 113, 114.

#### Povoado — 115.

- Prospecções, sondagens e escavações — 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 30, 34.
- Raspadeiras — 114.
- Ritual funerário — 30, 34.
- Sepulturas — 22, 23, 30.
- Vestígios de habitações — 22, 23, 24, 116.

#### CONCHEIRO DO BARRANCO DA MOURA — 113-114.

- Data da descoberta — 113.
- Resultado da leitura das camadas — 114.
- Situação, área e configuração — 113.
- Vestígios de carbonização — 114.
- Vestígios de intensa ocupação humana — 113-114.

#### CONCHEIRO DE MUGE — 19-41.

- Aves — 38.
- Bibliografia — 39-41.
- Características e área — 19-20.
- Concheiros mais antigos — 32.
- Cronologias e processos de datação — 32, 34, 36.
- Data do despovoamento do Cabeço da Arruda — 34.
- Datações sistemáticas (1964) — 32.
- Espólio, 13-15.
- Fauna malacológica — 36, 37, 38.
- História da ocupação e sua evolução — 26, 28, 30, 34.
- Importância da tradição das indústrias paleolíticas — 36.

- Localização — 19-20.  
 Localização cronológica do concheiro do Cabeço da Arruda — 36.  
 Mamíferos — 37-38.  
 Morfologia — 30.  
 Peixes — 37, 38.  
 Problema do destino dos ocupantes do Cabeço da Arruda — 36.  
 Problemas científicos por esclarecer — 34, 36.  
 Resultados das escavações depois de 1952 — 34.  
 Temperatura do Atlântico na época do povoamento dos concheiros — 34.
- NEOLÍTICO — 97, 98.  
 Anéis de ouro — 98.  
 Dólmenes — 98.  
 Grutas — 98.  
 Manifestações ofiolátricas no Ocidente Peninsular — 97-98.  
 Pinturas — 98.
- ENEOLÍTICO — 11-17, 107-113.  
 Agulhas de osso — 110.  
 Alabardas — 110, 113.  
 Cerâmica — 15, 100, 107, 109, 112, 113.  
 Contas — 110, 113.  
 Cristal de rocha — 109, 112.  
 Difusão da cultura do Sudeste espanhol — 15, 112.  
 Escavações — 99.  
 Estação arqueológica — 99, 100.  
 Fragmento de vaso semi-esférico — 15.  
 Instrumentos de cobre — 13.  
 Instrumentos de osso — 113.  
 Instrumentos de pedra polida — 110, 113.  
 Instrumentos de quartzo — 13.  
 Instrumentos de sílex — 110.  
 Jazigos de cobre — 111.  
 Jazigos de ouro — 111.  
 Jazigos de prata — 111.  
 Lâmina de cobre sem retoque — 13.  
 Lâminas — 13, 109, 110, 113.  
 Lascas — 13, 109.  
 Micrólitos triangulares — 110, 113.  
 Mineiros — 17, 112.  
 Mó — 13.  
 Necrópole — 100.  
 Núcleos de cristal de rocha — 109, 113.  
 Ofiolatria — 100, 103.
- Ossos humanos — 15, 107, 108.  
 Peças de sílex — 107.  
 Pedras gravadas — 107.  
 Placa de cerâmica — 109, 112.  
 Placas — 15, 107, 109, 110, 112.  
 Pontas de seta — 110, 112.  
 Representações serpentiformes — 100, 103.  
 Seixos rolados — 110.
- NECRÓPOLE DE SANTIAGO DO ESCOURAL — 107-113.  
 Análises granulométricas — 108.  
 Datação absoluta (C-14) — 113.  
 Descoberta — 108.  
 Espólio — 109-110, 112-113.  
 Influência do Sueste peninsular — 112.  
 Método de escavação e exploração — 108.  
 Situação, tipologia e área — 108-109.
- THOLOI — 11-17, 81, 107-113.  
 Área de difusão a Sul do Tejo — 16, 110, 111.  
 Estrutura — 111.  
 Ponto de irradiação — 111.  
 Tipologia da cobertura e do aparelho — 111-112.
- NEO-ENEOLÍTICO — 73-77, 78-79.  
 Blocos de sílex — 74, 75.  
 Calote de sílex — 73, 78-79.  
 Lascas — 75, 76, 77, 78.  
 Núcleos — 74, 75, 78.  
 Poliedro de jaspé — 74, 79.  
 Prisma de sílex — 75.
- PROTO-HISTÓRIA
- ÉPOCA DO BRONZE — 100, 101, 114.  
 Atributos emblemáticos da deusa Astarte — 100.  
 Cemitérios — 114.  
 Cerâmica — 100, 114.  
 Estandarte — 100, 101.  
 Estelas — 100.  
 Necrópole — 114.  
 Ofiolatria — 100.  
 Ossadas — 114.  
 Placa de bronze com a imagem da deusa Astarte — 100.  
 Placas de cerâmica com figuras impressas com molde — 100.  
 Procissões — 101.

Punhal de bronze — 114.  
 Representações serpentiformes — 100.  
 Santuário cananeu — 100-101.

ÉPOCA DO FERRO — 81-95, 97.  
 Adornos de vidro — 83.  
 Agulhas — 83.  
 Alfinetes para cabelo — 83.  
 Anéis espiralados — 83.  
 Anel com escaravelho — 85.  
 Argolas — 85.  
 Arrecadas — 83.  
 Botões terminais de torques — 83.  
 Braceletes — 83.  
 Cabeça de ofídio — 97.  
 Castros — 82, 86, 97.  
 Cemitério — 84.  
 Cerâmica — 83, 85, 88.  
 Contas de vidro — 83.  
 Correntes — 85.  
 Distribuição geográfica dos fechos do tipo de Acebuchal — 86.  
 Enxadas — 85.  
 Escudo — 85.  
 Espadas de antenas — 85, 88.  
 Facas ou adagas — 83.  
 Falcatas — 85, 88.  
 Fecho romboidal de um só gancho — 82, 82 (n. 4).  
 Fechos duplos de quatro e seis ganchos — 87.  
 Fechos inéditos — 84.  
 Fechos e placas de cinturão — 81-95.  
 Fibulas — 83, 85, 88.  
 Furadores — 83.  
 Fusaíolas ornamentadas — 83.  
 Influência púnico-fenícias — 86.  
 Lanças de alvado — 83, 85.  
 Lanças com nervura central — 85.  
 Machados — 85.  
 Necrópole — 82, 84.  
 Objectos de cobre, bronze e ferro — 83, 85.  
 Ofiolatria — 97.  
 Peças constitutivas de um cinturão — 84 (n. 5).  
 Pendentes — 83, 85.  
 Pesos de rede — 83.  
 Pesos de tear — 83.  
 Picos e picões — 85.  
 Pingentes de vidro — 83.  
 Placa de bronze — 82.  
 Punhais — 83, 85.

Roda — 85.  
 Tribo celta — 97.  
 Utensílios de osso — 83.  
 Vasilhas de vidro — 83.  
 Vasos de tipo grego — 85.  
 Vasos de tipo ibérico — 83, 85.  
 Vasos de tipo *oxybaphon* — 85, 88.  
 Vasos de tipo púnico-fenício — 83.

FECHOS E PLACAS DE ALCÁCER DO SAL — 82, 83, 84, 84 (n. 5), 85-89, 91, 92, 95.  
 Análise comparativa — 85-88.  
 Bibliografia — 89.  
 Características — 84.  
 Chegada por via marítima — 89.  
 Conclusões — 88-89.  
 Datação — 87, 88.  
 Dimensões — 84.  
 Distribuição geográfica deste tipo de fechos — 86, 87, 88.  
 Origem — 88.  
 Semelhança com fechos do Languedoc — 86-87.  
 Sua identidade com fechos espanhóis — 87-88.  
 Sua raridade na Península — 87.  
 Tipo sub-retangular e sub-triangular de 3 ganchos — 84.

## PERÍODO ROMANO

Alfinetes para o cabelo — 58, 60, 62, 119.  
 Alimentos — 62-63, 119.  
 Altar doméstico — 97.  
 Anéis — 58, 61, 115, 119.  
 Anel de azinho — 58, 61.  
 Anfora de cobre — 117.  
 Ara de mármore — 202-203.  
 Aras com inscrições — 123, 131, 143, 151, 153, 157, 161-162, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 178, 180, 181-182, 182-183, 185-186, 187-188, 188-189, 189-190, 190-191, 192, 193, 194-195, 198, 200, 201, 210, 211, 213.  
 Atributo de Esculápio — 104.  
 Barragem — 115.  
 Base de uma estátua de *Endovellicus* — 199.  
 Bloco de granito com inscrição funerária — 149.  
 Blocos de calcário com inscrições — 134-135, 147-148, 156, 186-187, 206.

- Blocos de granito em forma de tonel — 138, 155-156, 215.  
 Blocos de mármore com inscrições — 130, 194, 195, 212.  
 Capitel — 114.  
 Cerâmica — 57, 58, 61, 97, 114.  
 Cetárias — 63.  
 Cilindros de pedra — 115.  
 Cipos com inscrições — 137, 142, 144, 150-151, 152, 176-177, 196.  
 Colunas de granito — 118, 120.  
 Cristianismo — 121, 122.  
 Cunhais de paredes — 115.  
 Dados cronológicos — 58, 62, 104.  
 Data provável da romanização do culto de Esculápio — 104.  
 Deuses e divindades — 104, 131, 133, 134, 138, 139, 143, 144, 149, 152, 153, 156, 157, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 203, 205, 210, 211.  
 Diferente leitura de parte de uma inscrição de *Vipasca* — 130.  
 Diferente leitura de parte de várias inscrições — 136, 137, 139, 177, 179, 182-183, 207, 210, 213-214.  
 Escavações — 57.  
 Escravos — 130, 171, 216.  
 Esqueletos — 115, 119.  
 Estátua de bronze — 174.  
 Estatueta de azinhu — 58, 60, 60 (n. 1), 62, 119.  
 Estela de calcário com inscrição — 136.  
 Estela de granito com inscrição — 215.  
 Estrada — 116.  
 Fauna — 59, 63.  
 Figurações serpentiformes — 97.  
 Flora — 59-60, 62, 63.  
 Fragmento de cipo dedicado a *Endovellicus* — 166.  
 Fragmento de monumento funerário — 203.  
 Fragmento de relevo — 163.  
 Fragmentos de colunas — 114, 205.  
 Fragmentos de estelas com inscrições — 132, 181.  
 Fragmentos de placas com inscrições — 124, 125, 135, 145, 146, 177, 197, 206.  
 Galeria subterrânea — 115.  
 Génio alado — 178.  
 Governador da Lusitânia — 159, 160.  
*Hospitium* — 160.  
*Imbrices* — 57, 58, 61.  
 Inscrições — 123-217.  
 Javali — 165.  
 Lagares — 115.  
 Letras gravadas a fogo — 58.  
*Lex metallis* — 126-129.  
 Limites cronológicos da Primeira Arte Cristã — 121, 122.  
 Marca de oleiro — 58.  
 Materiais de construção — 116.  
 Miliários — 207-208, 211-212.  
 Minas de água — 120.  
 Moedas — 115, 119.  
 Monumentos de calcário em forma de tonel — 132, 133, 134.  
 Mosaicos — 114, 115.  
 Muralha — 57, 62.  
 Onomástico grego — 134, 173.  
 Pedestais de estátuas de bronze — 174, 175.  
 Pedestais de estátuas de *Endovellicus* — 165, 205.  
 Pedestal de granito com inscrição — 154.  
 Peixe — 59, 63.  
 Pesos — 58, 61, 115.  
 Pesos de lagar — 115.  
 Placa de azinhu — 58.  
 Placas de bronze com inscrições — 126-130, 159-160.  
 Placas de pedra com inscrições — 141-142, 157-158, 158-159, 160, 163-164, 179, 184-185, 197, 198, 206, 214.  
 Poço — 57-63.  
*Poculum* — 58, 61.  
 Representação da palma, da coroa e da pinha — 165, 167, 181.  
 Representação da pomba — 210.  
 Restos de uma povoação — 120.  
 Roda de carro — 58, 61-62, 119.  
 Ruínas — 114.  
 Sementes — 59-60, 62, 63.  
 Sepulturas — 117-118, 119.  
*Tegulae* — 57, 58, 61, 116.  
 Templos paleocristãos — 122.  
*Terra sigillata* — 58, 61, 62, 119.  
 Tijolos — 116.  
 Tribo *Galeria* — 138, 159.

Vasos e utensílios representados nos monumentos funerários — 132, 156.

Vestígios romanos — 114, 119.

*Villa* lusitano-romana do séc. IV — 115.

**POÇO DE IDANHA-AVELHA** — 57-63.

Características da terra exumada — 57, 58.

Conclusões — 62-63.

Corte — 57.

Dados cronológicos — 57-58, 61, 62.

Fauna — 59.

Objectos encontrados — 58, 60-62.

Peixe — 59, 63.

Sementes — 59-60, 62, 63.

Tipo de rocha — 57, 58.

## PERÍODO VISIGÓTICO

Lenda do freixo — 120.

Limites cronológicos do surto e final da arte visigótica — 121, 122.

Sé de Idanha-a-Velha — 120.

## PERÍODO ÁRABE

Colecção de moedas batidas na Península Ibérica — 43, 44.

Dinares dos Abáididas de Sevilha — 45-46.

Invasão árabe — 122.

Moedas hispano-árabicas — 45-46.

Moedas de Tamim — 44-45, 47.

Soldo bilingue — 46.

**DINAR INÉDITO DE TAMIM** — 43-48.

Descrição — 46.

Dimensões e peso — 47.

Título real de Tamim — 46.

## IDADE MÉDIA

Campa — 119.

Comenda da Ordem dos Templários — 120.

Pedras tumulares — 119.

Túmulo com arco-sólio românico — 119.

Túmulo gótico de D. Constança — 119.

## IDADE MODERNA

Barros — 120.

Campas quincentistas — 119.

Gruta de Drakensberg — 117.

Moedas — 120.

Naufrágio da nau «Santo Alberto» — 117.

Planta do local onde existiu o Palácio da Inquisição — 120.

Pintura de um provável guerreiro português — 117.

Ruínas do Palácio da Inquisição — 120.

Sobrevivente de um naufrágio — 117.

Talha renascentista da Sé de Évora — 118-119.

## IDADE CONTEMPORÂNEA

Anexo da habitação rural — 52.

*Calco* — 54, 55.

Campo de Estudos Arqueológicos — 120.

Debulha à rédea — 52.

*Loca* — 54, 54 (n. 3).

*Preseira* — 54, 55.

**EIRAS** — 49-55.

Construções derivadas ou afins — 54, 54 (n. 3), 55.

Técnica de preparação ou construção — 49-53.

Tipos coetâneos — 52-53.

## DIVERSOS

*Árvore da vida* — 99.

Canhões de bronze — 116.

Capela dos Reis (Alcáçovas) — 154.

Capela de S. Brás (Santiago do Cacém) — 147.

Capela de S. Miguel (Vila Viçosa) — 168.

Castelo de Ponte de Lima — 118.

Castiçal de bronze — 117.

Catacumba — 120.

Cena mitológica hitita — 98.

Cerâmica — 114.

Cilindros-selos — 98, 99.

Deuses e divindades — 98, 99, 100, 101, 102, 103-104.

Emblemas mesopotâmicos — 98.

Entrepósito Comercial Português de Dambaré — 116.

Ermida de S. Miguel — 178.

Estela — 101.

Gliptica mesopotâmica — 98.

Guerreiro português do séc. XVI — 117.

Igreja de Boa-Nova — 195.

Igreja dos Agostinhos (Vila Viçosa) — 164, 176, 186.

Igreja da Misericórdia de Juromenha — 159.  
 Inscricões — 116.  
 Louças chinesas — 117.  
 Louças portuguesas — 117.  
 Moedas — 116.  
 Necrópole — 116.  
 Ofiolatria egípcia — 98.  
 Ossos — 114, 116, 117, 120.  
*Pedra Pintada* amazónica — 103-104.  
 Pinturas — 98, 117, 120.  
 Poema mesopotâmico — 102.  
 Princípio ideológico da religião iraniana — 99, 104.  
 Representações serpentiformes — 98, 99, 101, 102, 103-104.  
 Ruínas — 115, 117.  
 Sepulturas — 114, 116, 120.  
 Símbolo da realeza egípcia — 98.  
 Tijolo maticado — 117.  
 Torre de S. Paulo — 118.  
 Vivência do culto da serpente até à época bíblica — 97-101.  
 Zimbaué — 115.

#### OFIOLATRIA — 97-105.

Antiguidade da ofiolatria — 103.  
 Conclusões — 105.  
 Culto da fertilidade e da vida — 101-102, 105.  
 Difusão geográfica da ofiolatria — 97-104.  
 Hipótese da transferência do culto para um fim propiciatório, 104, 105.  
 Magia e metafísica, 102.  
 Manifestações ofiolátricas no Ocidente Peninsular, 97, 98.  
 Maniqueísmo, 104.  
 Necessidade da contribuição da Enografia, 105.  
 Provável origem do primitivo culto, 105.  
 Simbolismo maléfico da serpente colhido na tradição 102-103, 104.  
 Simbolismo da serpente, 101, 102, 103, 104.  
 Textos literários informativos — 102, 103, 105.

#### CONGRESSOS

Congrès (VII) International des Sciences Pré-historiques et Protohistoriques — 41.  
 Congrès (I<sup>er</sup>) National D'Archéologie — 24.  
 Congresso (IV) Internacional de Ciências Pre-históricas y Protohistóricas — 39.

Congresso do Mundo Português — 142.  
 Congresso (I) Nacional de Arqueologia — 15 (n. 6).  
 Congresso (VI) Nacional de Arqueologia — 89.

#### INSTITUIÇÕES

Academia das Ciências de Lisboa — 39, 79.  
 Académie des Sciences de Paris — 40.  
 Archivo Español de Arqueologia — 87 (n. 12).  
 Arquivo de Beja — 115.  
 Arquivo e Museu de Arte Sacra — 119.  
 Asociación Española para el Progreso de las Ciências — 89.  
 Banco Nacional Ultramarino — 118.  
 Câmara Municipal de Ponte de Lima — 118.  
 Centro de Estudos de Etnologia Peninsular — 39.  
 Comissão de Monumentos Históricos da Rodésia — 116.  
 Commission des Fouilles et Missions Archéologiques — 26.  
 Convento dos Congregados — 117.  
 Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais — 118, 120.  
 Direction Générale des Affaires Culturelles et Techniques — 26.  
 Fundação Calouste Gulbenkian — 108, 118.  
 Institut de Hautes Etudes Marocaines — 39.  
 Instituto de Alta Cultura — 22, 24, 26, 39, 40.  
 Instituto de Antropologia da Universidade do Porto — 21, 108.  
 Instituto Bíblico de Jerusalém — 99.  
 Instituto Enrique Florez — 121.  
 Junta de Investigações do Ultramar — 115.  
 Junta Nacional de Educação — 115.  
 Laboratoire d'Electronique Physique du Centre d'Études Nucléaires de Saclay — 32.  
 Liceu Feminino de Faro — 119.  
 Ministério da Marinha — 116.  
 Museu de Alcácer do Sal — 84 (n. 5).  
 Museu do Carmo — 44.  
 Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos 123, 126, 131, 148, 155, 207.  
 Museu Monográfico de Conímbriga — 97, 120.  
 Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos) — 7, 82, 82 (n. 4), 84 (n. 5).  
 Museu Regional de Évora — 118.  
 Museu dos Serviços Geológicos de Portugal — 11, 13 (n. 5), 15, 17, 24.

Ordem dos Templários — 120.  
 Seminário de Santiago de Braga — 114.  
 Serviços Geológicos de Portugal — 17 (n. 9),  
 22, 26, 30, 39, 40, 41.  
 Sociedade Geológica de Portugal — 39, 40.  
 Societé Préhistorique Française — 40.  
 Teatro Nacional de D. Maria II — 120.  
 Universidade de Lisboa — 123.

## JORNAIS

*ABC* — 120.  
*Algarve (O)* — 119.  
*Aurora do Cávado* — 166, 170, 172, 174, 188,  
 192.  
*Comércio (O)* — 116.  
*Comércio do Porto (O)* — 114, 118.  
*Defesa (A)* — 119.  
*Dia (O)* — 174, 187, 200.  
*Diário de Lisboa* — 116, 118.  
*Diário da Manhã* — 117.  
*Diário do Minho* — 118.  
*Diário do Norte* — 120.

*Diário de Notícias* — 115, 117.  
*Jornal de Notícias* — 116, 120.  
*Manuelinho d'Évora* — 168, 176, 185, 195.  
*Notícias* — 116.  
*Notícias de Évora* — 114.  
*Novidades* — 116.  
*Primeiro de Janeiro* — 114.  
*Século (O)* — 115, 116, 120.

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

11 (n. 1, 2), 13 (n. 4), 15 (n. 6), 17 (n. 8),  
 39-41, 43, 44, 45, 47, 53 (n. 2), 55 (n. 4),  
 60 (n. 1), 61, 79, 81 (n. 1-3), 84 (n. 5),  
 86 (n. 6-8), 87 (n. 9-13), 89 (n. 14), 105  
 (n. 1, 2), 106 (n. 3-25), 121, 126, 127, 130,  
 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139,  
 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 151, 153,  
 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163,  
 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173,  
 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183,  
 184, 185, 186, 187, 188, 192, 195-196, 198,  
 200, 201, 203, 207, 209, 210, 211, 212, 213,  
 215, 216, 217.



## Índice de gravuras

Prof. Doutor Manuel Heleno ... .. .	9
Planta e corte da <i>tholos</i> de Castro Marim — Fig. 1 ... .. .	12
Construções funerárias do tipo <i>tholos</i> exploradas em Portugal, a Sul do rio Tejo ... .. .	14
Mapa do Sul de Portugal com indicação dos monumentos de falsa cúpula descobertos até o presente — Fig. 2 ... .. .	16
Carte des environs de Muge avec l'indication de l'emplacement des amas coquilliers — Fig. 1 ... .. .	21
Moita do Sebastião. <i>Plan des fouilles</i> — Fig. 2 ... .. .	23
Cabeço da Amoreira. <i>Plan des fouilles</i> — Fig. 3 ... .. .	25
Cabeço da Arruda. <i>Plan des fouilles</i> — Fig. 4 ... .. .	27
Moita do Sebastião (1952). <i>Coupe stratigraphique 1</i> ... .. .	29
Cabeço da Arruda (1964). <i>Coupe stratigraphique selon l'axe longitudinal du gisement</i> ... .. .	29
Moita do Sebastião (1953). <i>Fosse-cuisine n.º 86</i> ... .. .	31
Moita do Sebastião (1953). <i>Fosse n.º 66 creusée dans le sable de la terrasse</i> ... .. .	31
Moita do Sebastião (1953). <i>Grupe de sépultures</i> ... .. .	33
Moita do Sebastião (1954). <i>Foyer établi sur le sable de la terrasse</i> ... .. .	33
Moita do Sebastião (1952). <i>Crâne n.º III</i> ... .. .	35
Cabeço da Arruda (1964). <i>Sépultures</i> ... .. .	35
Anverso e Reverso do Dinar batido em Málaga ... .. .	46
Anverso e Reverso de um numisma de Tamim ... .. .	48
Eira de Bicada (Espírito Santo-Mértola) — Fig. 1 ... .. .	50
Eira do Monte do Panaças (S. Lourenço-Estremoz) — Fig. 2 ... .. .	51
<i>Calco</i> do Lugar da Cova (Galegos, S. Martinho-Barcelos) — Fig. 3 ... .. .	52
<i>Calco</i> do Lugar de Tomadías (Areias, S. Vicente — Barcelos), construído acima do nível do solo — Fig. 4 ... .. .	54
Paléolithique de Tojeira (Pl. I) ... .. .	79-81
Paléolithique de Tojeira (Pl. II) ... .. .	79-81
Paléolithique de Tojeira (Pl. III) ... .. .	79-81
Fechos de cinturão — Fig. 1 ... .. .	90
Fechos de cinturão — Fig. 2 ... .. .	91
Fechos e placas de cinturão — Fig. 3 ... .. .	92

Fechos de cinturão—Fig. 4 ... ..	93
Fecho de cinturão do Crasto (Tavarede) ... ..	94
Fecho do Cerro do Gatão (Ourique) e dois da necrópole de Alcácer do Sal ... ..	95
Ara de calcário com inscrição (Alentejo) ... ..	123
Fragmento de placa com resto de inscrição (Alentejo) ... ..	124
Fragmento de placa com resto de inscrição (Alentejo) ... ..	125
Fragmento de placa com resto de inscrição (Alentejo) ... ..	125
Estela de xisto com inscrição (Panóias de Ourique) ... ..	126
Bloco de mármore com inscrição (Aljustrel) ... ..	130
Fragmento de ara com inscrição (Aljustrel) ... ..	131
Fragmento de estela de mármore com resto de inscrição (Almodôvar) ... ..	132
Monumento funerário em forma de tonel (Mértola) ... ..	132
Monumento funerário em forma de tonel (Mértola) ... ..	133
Monumento funerário em forma de tonel (Mértola) ... ..	134
Bloco de calcário com resto de inscrição (Mértola) ... ..	135
Fragmento de placa com resto de inscrição (Mértola) ... ..	135
Estela de calcário com inscrição (Mértola) ... ..	136
Cipo de calcário com inscrição (Alentejo) ... ..	137
Monumento funerário em forma de tonel (Mértola) ... ..	138
Monumento funerário em forma de tonel (Mértola) ... ..	139
Placa de calcário com inscrição (Mértola) ... ..	139
Fragmento de placa com resto de inscrição (Mértola) ... ..	140
Placa de xisto com inscrição (Mina de S. Domingos) ... ..	141
Placa de mármore com inscrição (Pias) ... ..	141
Cipo de calcário com inscrição (Barrosas) ... ..	142
Fragmento de ara com resto de inscrição (Belmeque) ... ..	143
Ara de calcário com inscrição (Beja) ... ..	144
Fragmento de cipo com resto de inscrição (Beja) ... ..	145
Fragmento de placa com resto de inscrição (Beja) ... ..	145
Fragmento de placa com resto de inscrição (Alentejo) ... ..	146
Parte inferior de um epitáfio (Ferreira do Alentejo) ... ..	147
Bloco de calcário com inscrição (Santiago do Cacém) ... ..	148
Cipo de mármore com inscrição (Sines) ... ..	149
Bloco de granito com inscrição (Alcácer do Sal) ... ..	150
Cipo de mármore com inscrição (Alcácer do Sal) ... ..	150
Ara de mármore com vestígios de inscrição (Santa Margarida do Sado) ... ..	151
Cipo de mármore com inscrição (Tróia) ... ..	152
Estela de xisto com inscrição (Évora-Monte) ... ..	153
Pedestal de granito com inscrição (Viana do Alentejo) ... ..	154
Monumento funerário em forma de tonel (Alcáçovas) ... ..	155
Ara de mármore com inscrição (Montemor-o-Novo) ... ..	155
Bloco de calcário com inscrição (Coruche) ... ..	156
Ara de calcário com inscrição (Bencatel) ... ..	157
Placa de mármore com inscrição (Bencatel) ... ..	158
Placa de calcário com inscrição (Bencatel) ... ..	158
Placa de bronze com inscrição (Juromenha) ... ..	159
Placa de mármore com inscrição (Juromenha) ... ..	160
Fragmento de placa com resto de inscrição (Alandroal) ... ..	161
Fragmento de ara com resto de inscrição (S. Miguel da Mota) ... ..	162
Busto de mármore com inscrição (S. Miguel da Mota) ... ..	162

Placa de calcário do santuário de <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	163
Ara de calcário com inscrição (S. Miguel da Mota) ... ..	164
Pedestal de mármore dedicado a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	165
Fragmento de cipo com resto de inscrição (S. Miguel da Mota) ... ..	166
Fragmento de ara dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	167
Fragmento de ara dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	167
Ara de calcário dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	168
Ara de calcário dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	169
Ara de calcário dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	170
Ara de calcário dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	171
Fragmento de ara com resto de inscrição (S. Miguel da Mota) ... ..	172
Fragmento de ara dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	172
Ara de mármore dedicada a <i>Endovellicus</i> ... ..	173
Cipo de mármore dedicado a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	174
Pedestal de mármore de uma estátua de <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	175
Pedestal de mármore de uma estátua de <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	176
Cipo de mármore dedicado a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	177
Fragmento de placa com resto de inscrição (S. Miguel da Mota) ... ..	177
Ara de mármore dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	178
Placa de mármore dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	179
Ara de mármore dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	180
Fragmento de estela com resto de inscrição (S. Miguel da Mota) ... ..	181
Fragmento de ara dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	182
Parte de uma ara dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	183
Ara de mármore dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	184
Fragmentos de placa dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	185
Fragmentos de ara dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	186
Bloco de calcário dedicado a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	187
Ara de mármore dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	188
Ara de mármore dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	189
Parte superior de uma ara dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	190
Parte superior de uma ara dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	190
Parte inferior de uma ara dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	191
Ara de mármore dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	191
Ara de mármore dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	192
Fragmento de mármore com resto de inscrição (S. Miguel da Mota) ... ..	193
Parte inferior de uma ara dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	193
Fragmento de calcário com resto de inscrição dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	194
Parte superior de uma ara dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	195
Fragmento de mármore com inscrição dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	196
Cipo de mármore dedicado a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	197
Fragmento de mármore com resto de inscrição (S. Miguel da Mota) ... ..	197
Fragmento de mármore com resto de inscrição (S. Miguel da Mota) ... ..	198
Parte inferior de uma ara com resto de inscrição (S. Miguel da Mota) ... ..	199
Base de uma estátua com inscrição dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	199
Ara de mármore dedicada a <i>Endovellicus</i> (S. Miguel da Mota) ... ..	200
Fragmento de ara com resto de inscrição (S. Miguel da Mota) ... ..	201
Parte inferior de uma ara com resto de inscrição (S. Miguel da Mota) ... ..	202
Ara de mármore (S. Miguel da Mota) ... ..	202

Fragmento de mármore com resto de inscrição (S. Miguel da Mota) ... .. .	203
Fragmento de monumento funerário com resto de inscrição (S. Miguel da Mota) ... .. .	203
Parte inferior de uma ara com resto de inscrição (S. Miguel da Mota) ... .. .	204
Parte inferior de uma ara de mármore com resto de inscrição (S. Miguel da Mota) ... .. .	205
Parte superior de uma coluna de mármore com inscrição (S. Miguel da Mota) ... .. .	205
Fragmento de placa de mármore com resto de inscrição (S. Miguel da Mota) ... .. .	206
Bloco de calcário com resto de inscrição (Santa Vitória do Ameixial) ... .. .	207
Marco miliário (Terrugem — Elvas) ... .. .	208
Fragmento de mármore com resto de inscrição (Oguela) ... .. .	208
Ara de calcário com inscrição funerária (Fronteira) ... .. .	209
Ara de mármore com inscrição (Avis) ... .. .	210
Ara de mármore dedicada a <i>Fontanus</i> (Ervedal) ... .. .	211
Fragmento de marco miliário (Ponte de Sor) ... .. .	212
Bloco de mármore com inscrição (Aramenha) ... .. .	213
Ara de granito com duas inscrições (Aramenha) ... .. .	214
Placa de mármore com inscrição (Aramenha) ... .. .	214
Fragmento de estela de granito com inscrição (Fortios) ... .. .	215
Bloco de granito com inscrição (Fortios) ... .. .	216
Ara de granito com inscrição (Nisa) ... .. .	216
Ara de granito com inscrição (Montalvão) ... .. .	217

## Errata

PÁG.	LINHA	ONDE SE LÊ	DEVE LER-SE
54	8	(s. m. pl.)	(s. f. pl.)
58	18	<i>poculus</i>	<i>poculum</i>
61	1	<i>Poculus</i>	<i>Poculum</i>
63	12	Igeditânia	Igeditânia (Egitânia)
83	26	Pêsos de rede	Pesos de rede
83	27	Pêsos de tear	Pesos de tear
87	16	Península	Península
87	n. 13	S. Vilaseca Auguera	S. Vilaseca Anguera
100	18	terra-cota	terracota
106	1	Schulten Y Bosch-Gimpera	Schulten y Bosch-Gimpera
117	7, col. 1	arqueologia	arqueóloga
119	12, col. 1	XV	XIV
120	26, col. 1	Pönsul	Ponsul
144	8	blenâtre	bleuâtre
157	13	Villares de	Vilares de
159	4	Plaèue	Plaque
160	2	Q. f <i>Ilins</i>	Q. f <i>ilias</i> )
208	2	<i>Maxsimian/o</i>	<i>Maximian/o</i>
211	11	Val de Açor	Vale de Açor
213	11	<i>Brateria</i>	<i>Brotéria</i>